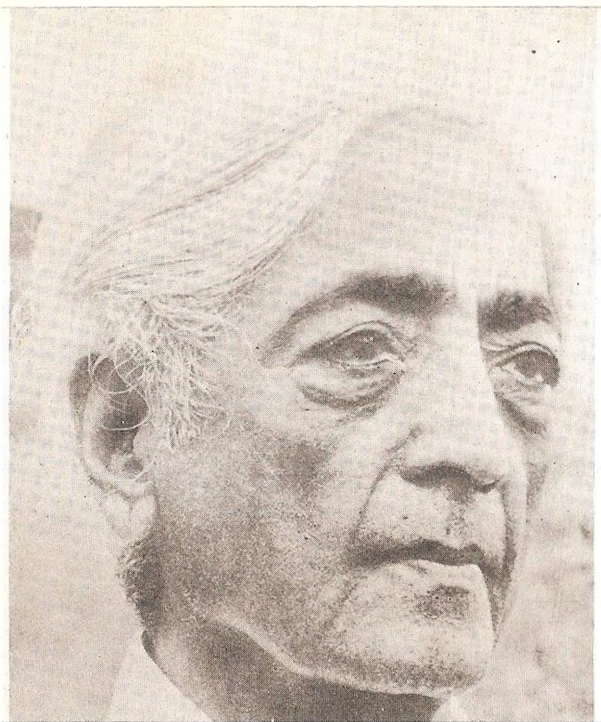
KRISHNAMURTI

O PASSO DECISIVO

O PASSO DECISIVO

KRISHNAMURTI

CULTRIX

KRISHNAMURTI

Em O Passo Decisivo, que reúne uma série de conferências feitas por Krishnamurti na Europa, o grande pensador contemporâneo, mantendo-se fiel ao seu ideário básico — o indivíduo deve libertar-se das peias dos sistemas, religiões e ideologias estabelecidos e cuidar de descobrir-se a si mesmo e ao mundo que o cerca em sua realidade essencial — aborda questões da maior importância, tais como: a ação criadora, o viver sem conflito, a libertação do temor, a renovação mental, o ver as coisas como são, o descobrimento do verdadeiro, o autoconhecimento, a serenidade espiritual etc.

J. KRISHNAMURTI

O PASSO DECISIVO

Tradução
de
Hugo Veloso

EDITORA CULTRIX
SÃO PAULO

SUMÁRIO

LONDRES — I

A Mente Nova

Convém termos desde já uma noção bem clara da finalidade destas reuniões. Não devem elas degenerar, de modo nenhum, em mera troca intelectual de palavras e idéias ou exposição de pontos de vista pessoais. Não estamos tratando de idéias, porquanto as idéias são unicamente a expressão de nosso próprio condicionamento, nossas próprias limitações. Discutir a respeito de idéias, sobre quem tem razão e quem não a tem, é coisa completamente fútil. Tratemos, antes, de explorar juntos os nossos problemas. Em vez de ficarmos inativos, como os assistentes de uma competição esportiva, tomemos parte ativa, cada um de nós, nestas discussões, para vermos se podemos penetrar profundamente os nossos problemas, não apenas os individuais, mas também os coletivos. Penso que há possibilidade de ultrapassarmos os murmúrios, as "tagarelices" da mente, ultrapassarmos todas as exigências e influências mundanas e descobrirmos por nós mesmos o que é verdadeiro. E com esse descobrimento do verdadeiro estaremos aptos a enfrentar, a ficar com os numerosos problemas que atormentam cada um de nós.

Assim sendo, procuremos investigar inteligentemente, com calma e cautela, a fim de apreendermos o integral significado da vida, de nossa existência — sua finalidade. E creio que só teremos essa possibilidade se formos honestos com nós mesmos, e isso é bastante difícil. Em nossa investigação, devemos desnudar a nós mesmos e não a outrem, de modo que, com nossa própria inteligência, nosso próprio exato pensar, possamos penetrar até encontrarmos algo de real valia.

Quase todos nós sabemos, não apenas da leitura dos jornais, mas também de nossa própria experiência direta, que uma estupenda transformação se está processando no mundo. Não estou pensando na transformação consistente em passar de um estado para outro, porém na rapidez com que está ocorrendo a transformação, não apenas em nossa vida pessoal, mas também na vida coletiva, na vida nacional de todos os povos do mundo.

Em primeiro lugar, as máquinas estão fazendo maravilhas. Sob muitos aspectos, os cérebros ou computadores eletrônicos estão operando com muito mais exatidão e rapidez do que nós, entes humanos. E já se estão estudando meios de produzir máquinas que acionarão outras máquinas, sem nenhuma interferência do homem. Vai-se, assim, eliminando gradualmente o homem. Funcionam essas máquinas com base nos mesmos princípios da mente humana, do cérebro humano. Talvez chegue o tempo em que poderão compor música, escrever poemas, pintar quadros — assim como se ensinou o macaco a pintar figuras, etc. Observa-se uma extraordinária onda remodeladora, e o mundo nunca mais tornará a ser para nós o que antes foi. Penso que todos aqui estamos bem cônscios disso. Mas nenhuma certeza tenho sobre se estamos cônscios de nossa relação individual com todo esse "processo"; pois consideramos o saber coisa imensamente importante. Adoramos o saber — mas as máquinas são capazes de muito mais vasto saber... Este é um aspecto do problema.

Em seguida, constata-se a existência de todos os tipos de comunismo, fascismo, etc. Observa-se pobreza descomunal, esmagadora, degradante, na Ásia, e entes humanos a buscarem um sistema para resolver este problema. Mas o problema permanece sem solução, por causa de nossos pontos de vista limitados, nacionalistas, e porque cada país, cada sistema quer dominar os demais.

Parece-me, por conseguinte, que para enfrentarmos todos esses problemas de um ponto de vista diferente, se torna necessária a revolução fundamental; não uma revolução comunista, socialista, americana ou chinesa: uma revolução interior, uma mente completamente renovada. Este, parece-me, é o problema que nos deve interessar — e não a bomba atômica, ou a viagem à lua, ou o dar meia-dúzia de voltas ao redor da Terra dentro de um foguete; o macaco já fez isso, e outras pessoas e mais outras o farão. Positivamente, para se enfrentar a vida como totalidade, com todos os seus incidentes e acidentes,

necessita-se de uma mente de todo diferente; não da chamada mente religiosa, produto da crença organizada, oriental ou ocidental: esta só serve para perpetuar a divisão e criar cada vez mais superstição e temor. Todas as absurdas divisões e limitações — pertencer a este ou àquele grupo, ingressar nesta ou naquela sociedade, seguir determinada forma de crença ou determinado padrão de ação — nada disso poderá resolver nossos imensos problemas.

Acho que só teremos possibilidade de atender a esses problemas quando ingressarmos num estado que não seja mero produto da experiência, porquanto a experiência é sempre limitada, sempre colorida, sempre contida nos limites do tempo. Temos de averiguar por nós mesmos — não achais? — se é possível ultrapassarmos as fronteiras da mente, a barreira do tempo, e descobrirmos o imenso significado da morte — e isso significa, realmente, descobrir o que é viver. Para tanto, sem dúvida, é absolutamente necessária uma mente nova — não uma mentalidade inglesa, indiana, russa ou americana, porém uma mentalidade capaz de apreender o significado do todo, capaz de demolir o nacionalismo, os condicionamentos, os valores, e transcender as palavras que a escravizam.

Eis o que é, para mim, o verdadeiro problema, o verdadeiro desafio. Gostaria de investigar junto convosco, inteligentemente, precisamente, sem sentimentalismos e sem parábolas, descobrir se há meios ou se nenhum meio existe de adquirirmos uma mente nova. Existe caminho, método, sistema de disciplina capaz de conduzir-nos a ela? Ou todos os métodos, disciplinas, sistemas e idéias têm de ser abandonados, abolidos, para que a mente se possa tornar nova, jovem, "inocente"?

Como sabeis, na Índia, aquele velho país tão cheio de tradições e infelizmente tão populoso, tem havido numerosos instrutores que estabeleceram o que é certo e o que é errado, que método se deve seguir, como meditar, o que pensar e o que não pensar; e dessa maneira todos se vêem agrilhoados, aprisionados em diferentes padrões de pensamento. E também aqui, no Ocidente, o mesmo "processo" se observa. Não queremos transformar-nos. Todos, com mais ou menos tenacidade, estamos em busca da segurança, em tudo o que fazemos; segurança na família, nas relações, nas idéias. Queremos ter certeza, e esse desejo de certeza gera temor, e o temor cria "a culpa" e a ansiedade. Se nos examinamos interiormente, podemos

ver quão intensamente tememos quase tudo e como está sempre presente a sombra da "culpa". Na Índia, cingir uma tanga limpa faz uma pessoa sentir-se "culpada"; tomar uma refeição completa faz a pessoa sentir-se "culpada" — pois há tanta pobreza, tanta sordidez e miséria por toda a parte! Aqui a situação não é tão má, porque o Estado cuida do bem-estar social, e há trabalho e um alto grau de segurança; mas há outras formas de "culpa" e ansiedade. Sabemos de tudo isso, mas, infelizmente, não sabemos como libertar-nos de todos esses horríveis fatores limitativos; não sabemos como sacudi-los de nós completamente, para que nossa mente torne a ser nova, "inocente", jovem. Por certo, só a mente que se renova pode perceber, observar, descobrir se existe uma realidade, se existe Deus, se existe algo além de todas as palavras, frases e condicionamentos.

Considerando, pois, tudo isso, que se deve fazer? E se há algo que cumpre fazer, que é esse algo e em que direção ele se encontra? Não sei se o que estou dizendo tem alguma significação para vós. Para mim, trata-se de coisa muito séria; "sério", não no sentido de "fazer uma cara solene", mas no sentido de sermos ardorosos, impetuosos, diretos. E se sentis também essa necessidade de uma mente nova, investiguemos onde começar e o que cumpre fazer.

APARTE: A mente parece estar sempre a dar voltas, sem nunca ultrapassar as próprias limitações.

KRISHNAMURTI: Vamos investigar um pouco esta questão, já que não desejamos que esta seja apenas uma reunião de "perguntas e respostas"? Em primeiro lugar, antes de dizermos que a mente anda "a dar voltas" não é necessário descobrirmos o conteúdo total da mente, averiguarmos o que entendemos por "mente"? Ora, como responder a uma pergunta desta natureza? Qual o "processo" que começa a funcionar quando se faz tal pergunta? Tende a bondade de observar a vossa própria mente, sem aguardar resposta minha. Eu fiz uma pergunta: Que é a mente? Como reagis, e que é "reagir"? Como observais uma coisa qualquer? Como observais uma árvore? Lançais-lhe um rápido olhar superficial, ou observais o tronco, os ramos, as folhas, as flores, os frutos: a totalidade da árvore? Como se observa uma coisa totalmente? Espero não estar tornando a questão abstrata demais, mas acho necessário examiná-la bem. Quando fazemos a pergunta: "Que é a mente?" — como reagis a este desafio? De

que centro, de que *fundo* (*background*) observais? E para observar uma coisa inteiramente, de maneira nova, totalmente, que fazeis?

APARTE: É preciso observar com percepção total.

KRISHNAMURTI: E que se entende por "percepção total"? Compreendeis? Notai, por favor, que não estou cavilando, mas será recomendável não fazermos uso de termos substitutos. Prossigamos juntos, um bocadinho. Que se entende por "observar", "ver", "perceber"? Quando digo que vejo uma coisa com toda a clareza, que significa isso? Significa que não vemos a coisa apenas fisicamente, com os olhos, mas também que ultrapassamos os limites das palavras, não é verdade? Vejo que o nacionalismo é uma estúpida modalidade de "emocionalismo", destituída de racionalidade e de sentido. Vejo-o — *eu*, não vós. Primeiro, há o percebimento imediato de sua falsidade e, em seguida, dou as explicações: como separa as pessoas, sua natureza venenosa, quanto é destrutivo um indivíduo dizer-se indiano, inglês, alemão ou o que quer que seja. Ninguém mo precisa dizer, nem tenho necessidade de raciocinar a esse respeito, chegar a uma conclusão por meio de dedução ou indução. Percebo tudo isso num relance, com percepção imediata, exatamente como quando vejo que pertencer a qualquer religião organizada significa uma existência em extremo corruptora e destrutiva?

Ora, que é essa capacidade de *ver? Vejo* a totalidade da mente? Não os segmentos da mente, a parte intelectual, a parte emotiva, a parte que conserva e utiliza o conhecimento, a parte que é ambiciosa e contradiz a si própria não desejando ser ambiciosa, etc., etc. Percebo a coisa em sua totalidade, ou fico à espera de que alguém ma indique?

Seria muito interessante e lucrativo — se me permitis esta expressão comercial — se pudéssemos, cada um de nós, descobrir o que se entende por *ver*. Ora, eu não preciso que ninguém me diga que estou com fome. Sei que tenho fome. Nenhuma descrição, por mais eloqüente que seja, me pode dar a experiência da fome. Ora, podemos ter a experiência direta da mente como totalidade? E quando tendes a experiência de qualquer coisa como totalidade, *de onde* vem essa experiência?

Desejais experimentar "a totalidade da mente", não? Desejais experimentar o estado em que se verifica o sentimento total da vida,

o sentimento total do desapego a uma dada coisa. Mas, como sabereis o que é "a totalidade da mente"? A experiência está sempre em relação com o *conhecido*, não é verdade? E se nunca experimentastes a totalidade da mente, como a conhecereis? Percebeis o problema? Por favor, não concordeis, apenas, porquanto isso encerra uma porção de coisas.

Quando viajamos de avião de um ponto para outro, trinta ou quarenta mil pés abaixo de nós se estende a terra; e, sobrevoando o Paquistão, o Irão, o Oriente Médio, a ilha de Creta, a Itália, a França, a Inglaterra, a América etc., sabemos que tudo está separado pelas divisões artificiais criadas pelo homem, mas existe o sentimento da totalidade da Terra, desta Terra inteira, tão extraordinariamente bela!

Ora, para sentirmos a qualidade dessa totalidade, podemos experimentá-la em termos do que já conhecemos? Ou trata-se de coisa que não pode ser experimentada em termos de reconhecimento?

Talvez eu esteja entrando rapidamente demais na questão, e, pois, perguntemos mais uma vez a nós mesmos: Que é a mente? Examinemo-la, descubramo-la.

A mente é a capacidade de reconhecer, de acumular conhecimentos na forma de memória; é o resultado de séculos de esforço humano, experiência, conflito, e das presentes experiências individuais em relação ao passado e ao futuro; é a capacidade de planejar, de comunicar, de sentir, de pensar, racional ou irracionalmente. Existe a mente de sentimentos mansos, quietos, serenos, e também a mente brutal, cruel, "superior", arrogante, vã; a mente em estado de autocontradição, solicitada em diferentes sentidos. Esta é a mente de quem diz: "sou inglês", ou "americano" ou "indiano". Existe a mente inconsciente, o profundo reservatório coletivo, hereditário; e há a mente superficial, educada de acordo com uma certa técnica, um certo código de conduta, de ação, de conhecimento. Esta é a mente que busca, que deseja a permanência, a segurança; a mente que vive da esperança, mas só conhece a frustração, fracasso, desespero; a mente que pode lembrar-se, rememorar; a mente muito dextra e exata; a mente que sabe o que é amar e desejar ser amado.

Tudo isso, por certo, constitui a totalidade, não? Essa é a mente que vós e eu possuímos — e os animais também, embora em menor escala. E há, ainda, a mente que diz que precisa transcender tudo isso,

alcançar um certo ponto, experimentar uma totalidade, um estado atemporal, imensurável.

Tudo isso, pois, constitui a mente. Conhecemo-la por segmentos quando sentimos ciúme, raiva, ódio; ou conhecemo-la na autocontradição; ou por meio de sonhos, sugestões ou intuições provenientes do passado. Tudo isso constitui a mente. É a mente que diz: "Sou a alma", "sou o *Atman*", o "eu superior", isto, aquilo e aquilo outro... A mente que se acha aprisionada dentro dos limites do tempo — pois tudo isso se relaciona com o tempo. A mente escrava das palavras, assim como os ingleses são escravos das palavras "Rainha", "Cristo"; e os hindus, escravos de sua própria coleção de palavras; e os chineses e os comunistas, escravos das suas, e assim por diante.

Agora, percebendo tudo isso, como proceder? Que é, com efeito, a mente?

Consideremos a questão de maneira diferente. Vós vedes, senhores, que se necessita de mudança; mas mudança calculada não é mudança nenhuma. A mudança que visa a um certo resultado, por meio de exercício, disciplina, controle, impiedosa dominação, é, meramente, a continuação da mesma coisa sob disfarce diferente. E a mudança progressiva, evolutiva, disso já tratamos e é assunto liquidado. A única mudança verdadeira é a mudança radical, imediata. Como pode a mente alcançar essa mudança, depois de se tornar livre de seu condicionamento, suas brutalidades, suas ações estúpidas, seus temores, sua "culpa", suas ansiedades e, portanto, tornar-se nova? Digo que isso é possível, mas não pelo processo analítico, a investigação, o exame etc. Digo que é possível "limpar a lousa" de um só golpe, instantaneamente. Não traduzais isto como "graça de Deus"; não digais: "Isso pode ser possível a outro, mas não a mim" — porque, assim, não estamos enfrentando o problema, porém evitando-o. Eis por que eu disse no começo que necessitamos de um pensar muito claro e muito preciso, de implacável investigação.

APARTE: Essa eliminação instantânea... nela, decerto, não pode haver pensamento de nenhuma espécie.

KRISHNAMURTI: Mas como pode ela ser feita, qual a ação necessária? Compreendeis, senhores, o que quero dizer? Sabeis muito bem o que está acontecendo no mundo — talvez melhor do que eu, pois não costumo ler jornais nem estudá-los; mas viajo muito e vejo muita

gente, pessoas "importantes" e pessoas "insignificantes", e *escuto*. Sabeis que há necessidade de uma tremenda revolução interior, para fazer frente ao desafio deste mundo caótico e conturbado. Digo que ela é possível e desejo, se permitis — sem interromper vosso exame — continuar a investigar nesta direção. Promover uma transformação radical — não é este o vosso problema, quer sejais jovens, quer sejais velhos? Assim, como empreender este trabalho?

APARTE: Isto está parecendo algo que estamos tentando "pegar", mas não podemos...

KRISHNAMURTI: Quando tentamos "pegar", quando tentamos capturar uma coisa, não há dúvida de que já a estamos traduzindo em termos do velho. Senhor, não deveis ver claramente se este problema vos concerne? Se eu vos estou impondo o problema, tem de haver necessariamente um estado de contradição entre vós e mim. Não estou impondo o problema; apenas o estou enunciando. Se não o vedes, cabe-nos examiná-lo. Mas, se o vedes, ele é então vosso problema, e não meu. Então, vós e eu estamos em relação; estamos em contato um com outro, procurando uma solução. E se o problema não vos concerne, digo-vos então: "Por que não?" — Vede, por favor, o que se passa no mundo: uma crescente tendência para a "exteriorização"... as coisas exteriores a se tornarem cada vez mais importantes... voa até à Lua, ver quem chega lá primeiro... quantas infantilidades se estão tornando hoje em dia de tremenda importância! Assim, se este problema atinge a todos nós, como a ele devemos aplicar-nos?

APARTE: Só podemos responder que não sabemos.

KRISHNAMURTI: Quando dizemos "Não sei", que queremos dizer?

APARTE: Eu quero dizer isso, exatamente.

KRISHNAMURTI: Não, desculpai-me, não quereis dizer isso. Deixai-me esclarecer melhor, porquanto há diferentes estados de "saber" e "não saber". Se vos fazem uma pergunta familiar, sabeis responder imediatamente, não? Porque estais familiarizado com ela, vossa resposta é instantânea. Se a pergunta é mais complicada, precisais de certo tempo para responder; e a demora entre a pergunta e a resposta é o "processo" de pensamento, não é? Esse pensar é uma consulta à memória, para encontrar a resposta. Isto é óbvio; não estou falando

de coisa complicada, pois isso é muito simples. Depois, se vos é feita outra pergunta mais complicada ainda e à qual momentaneamente não sabeis que resposta dar, dizeis: "Não sei"; mas ficais em expectativa, esperando descobrir a resposta no arquivo de vossa memória ou por informação de outra pessoa. Assim, ao dizerdes "Não sei", isso significa que estais esperando, que estais na expectativa de descobrir a resposta. Agora, um minuto. Podeis dizer honestamente "Não sei" — sem isso significar expectativa nem consulta à memória? Temos, pois, dois estados, quando se pergunta como pode tornar-se existente uma mente nova: Podeis responder "não sei", significando que esperais que eu vo-lo diga; ou de fato não sabeis e, por conseguinte, não há expectativa nem desejo de experimentar algo; e esta pode ser a coisa essencial.

Voltemos um pouco atrás, pois acho importante compreender o que se entende por *perceber, ver, observar.* Como vemos realmente uma coisa?

Aparte: Parece-me que só podemos ver através de palavras.

Krishnamurti: Vós compreendeis através de palavras? Naturalmente nós nos servimos de palavras para fins de comunicação, para que possais falar comigo e eu falar convosco; mas isto não significa escravização à palavra. Percebeis como estamos escravizados às palavras? As palavras "inglês", "russo", "Deus", "amor" — não somos escravos delas? E se sois escravos de palavras, como podeis compreender uma coisa total, não contida numa palavra? Se sou escravo da palavra "amor" — palavra de que tanto temos abusado e tanto temos corrompido — posso compreender a natureza total do amor, que há de ser necessariamente uma coisa extraordinária? Todo o universo está contido no significado desta palavra.

Mas, infelizmente, somos escravos das palavras e estamos tentando alcançar algo que se acha além dos limites verbais. Extirpar, destroçar as palavras e ficar livre delas — isso dá invulgar percebimento, vitalidade, vigor. E é necessário tempo para nos libertarmos das palavras? Dizeis "preciso refletir primeiro" ou "preciso exercitar o percebimento" ou "vou ler Bertrand Russel"? Ou vedes deveras que a mente escrava da palavra é incapaz de olhar, de observar, sentir, ver? — e esta própria clareza, esta própria verdade não destrói a escravidão?

PERGUNTA: Poder-se-ia ver, por um instante, e logo a mente interferir?

KRISHNAMURTI: Vedes, por um instante, que o nacionalismo é venenoso e, logo a seguir, nele recaís?

Percebemos realmente que somos escravos das palavras? O comunista é escravo das palavras "Marx", "Stalin", etc. E o chamado cristão é escravo do símbolo, da Cruz, e do respectivo jogo sutil de palavras. Ide a Roma, ide a qualquer parte do mundo, e o que se encontra é sempre a palavra.

E talvez sejamos também escravos da palavra "mente". Adoramos a mente, e nossa educação consiste apenas em cultivá-la. E, por certo, o que estamos tentando descobrir é a totalidade de alguma coisa que não é a palavra: o sentimento que abarca a totalidade, sem a barreira das palavras.

2 de maio de 1961.

LONDRES — II

Ação Criadora

Em nossa última reunião, estivemos dizendo que se torna necessária uma grande revolução, não só em virtude da terrível situação mundial, mas também porque é indispensável que a mente humana seja livre para descobrir o que é verdadeiro. Parece-me de essencial importância que se crie uma mente nova, mente não limitada pela nacionalidade, pelas religiões organizadas, pela crença, por um dado dogma ou pelas limitações da experiência. Urge, por certo, fazer nascer um estado criador — não a mera capacidade de inventar, de pintar, de escrever, etc.; *criador* num sentido muito mais profundo e amplo. Indagamos como seria possível promover uma tal revolução e qual a ação necessária. E espero possamos prosseguir nesta mesma ordem de investigação.

Já se tem tentado, não é verdade? — aderindo a diferentes grupos, freqüentando várias escolas de pensamento e de imitação — descobrir o que cumpre fazer. Sentimos esta necessidade de descobrir o que impende fazer, não apenas em nossa vida diária; desejamos também saber se há um modo de ação — tomada esta palavra num sentido muito mais amplo — de natureza total, não apenas num dado momento. Parece-me bastante óbvio que a maioria de nós anseia por descobrir o que se deve fazer; e talvez seja por esta razão que aqui estais, pois pertenceis a tantos grupos, corporações e sociedades religiosas: desejais descobrir o que se deve pensar e o que se deve fazer.

Para mim, o problema não é este, absolutamente. A exigência de "o que fazer", a exigência de uma norma de conduta, determinada maneira de vida, é, na realidade, muito prejudicial à ação. Implica

um sistema para seguir, dia a dia, até se alcançar determinado alvo, determinado "estado de ser". Vivendo, como vivemos, neste mundo insano, caótico, impiedoso, procuramos, em meio a toda esta confusão, uma norma de ação que não crie novos problemas. E creio que para se compreender esta matéria profundamente é necessário compreender o esforço, o conflito e a contradição.

Vivemos, em geral, num estado de autocontradição, tanto coletiva como individualmente. Não quero fazer asserções absolutas, mas acho que é mais ou menos exata a asserção de que muito raramente conhecemos momentos livres de conflito, de contradição interior. Não conhecemos um estado mental perfeitamente tranqüilo, em que essa tranqüilidade, por si só, é ação. Em maioria, vivemos em contradição, e dessa contradição resulta conflito. E interessa-nos saber como nos libertarmos desse conflito, não só exteriormente, mas também interiormente. Se, partindo daqui, pudermos prosseguir nossa investigação, talvez consigamos encontrar a ação que não é mera reação.

Para a maioria de nós, toda ação é reação. E é possível agirmos sem ser em reação e, conseqüentemente, sem criarmos contradição em nós mesmos? Espero que me esteja fazendo claro. Gostaria que examinássemos juntos esta questão, penetrando-a completamente. Porque, para mim, o conflito, em qualquer forma que seja, é — expressando-o delicadamente — prejudicial à penetração, à compreensão. Somos criados, educados no conflito e na competição; toda a nossa sociedade aquisitiva se baseia nisso. É possível, pois, a mente libertar-se do conflito e, em conseqüência, esclarecer todo esse processo de autocontradição? Talvez possamos examinar este ponto com inteligência, para alcançarmos aquela mente que se acha num estado de revolução e compreendermos, assim, o que é atuar sem os efeitos condicionadores da experiência e do conhecimento.

PERGUNTA: Isso não seria agir sem pensar?

KRISHNAMURTI: Isso (agir sem pensar) seria algo caótico, não achais? Talvez seja preferível examinarmos primeiramente o processo do pensar, o mecanismo do pensar. Permiti-me, pois, perguntar: Que é pensar?

APARTE: Eu diria que pensar é uma reação nervosa a algo que se experimentou. Não podemos reagir ao que não experimentamos.

Krishnamurti: Ora, há máquinas que pensam: os cérebros eletrônicos, os computadores. Nosso pensar se processa de maneira semelhante? É ele reação da memória, que são as experiências armazenadas, individuais e coletivas; reação à qual se junta a reação nervosa? Pergunto-vos: Que é pensar? Antes de responder, não deveis estar cônscio do processo, do mecanismo que opera no responder? No intervalo entre a pergunta e a resposta está em movimento o "processo" pensante, não é exato? O desafio constituído pela pergunta põe em ação o mecanismo do pensamento e vem então a reação. Não é assim mesmo? Se vos perguntam qual é vossa religião ou nacionalidade, vós respondeis — não é verdade? — em conformidade com vossa educação, vossa criação, de acordo com vossa crença ou não-crença. Ora, de que fundo (*background*) procede a vossa resposta?

Aparte: Da memória.

Krishnamurti: Exatamente, não é? Se nasci em certo lugar e lá fui educado, moldado pela sociedade, pela tradição de que vivo, tenho então um certo reservatório de experiências, lembranças, e minha reação a qualquer desafio procede desse fundo. Eis o mecanismo, eis o que chamamos "pensar". De acordo com essa experiência, herdada ou adquirida, eu vivo e atuo. Meu pensar, portanto, é sempre muito limitado; por conseguinte, não há liberdade no pensar.

Pergunta: Não é possível um homem ter pensamento criador: por exemplo, fazer novas descobertas na ciência ou na Matemática? O pensar é todo ele resultado de condicionamento?

Krishnamurti: Quando descobrimos realmente alguma coisa? Quando percebemos algo novo, subjetiva ou objetivamente?

Aparte: Eu diria: quando se esgotaram os meios conhecidos.

Krishnamurti: Examinemos isso. Tenho um problema de Matemática e trabalho para o resolver; ataco-o de muitas e diferentes maneiras, até ficar exausto; deixo-o então de lado e eis que na manhã seguinte, ou em dado momento posterior, a solução se apresenta subitamente. Assim, depois de a mente ocupar-se amplamente com o problema, e de abandoná-lo por não encontrar a solução, sobrevém uma certa quietude em relação ao problema e, posteriormente, a solução vem por si.

PERGUNTA: Direis que isso não é pensar?

KRISHNAMURTI: Estamos investigando, não? Há muitas coisas aí compreendidas. O pensar não se acha num único nível mental; é preciso também considerar o todo inconsciente. Estamos investigando o que é pensar. E vemos que nosso pensar procede, pela maior parte, de nosso fundo de memória, experiência, conhecimento etc. E há momentos em que, num rápido clarão, percebemos uma dada coisa aparentemente não relacionada com o passado; e isso que vemos pode ser falso ou pode ser verdadeiro, conforme a maneira como o traduzimos, e conforme o nosso *fundo*. Quando a mente superficial está tranqüila, pode haver descobrimento, entendido como uma nova invenção ou uma idéia nova; mas todos os descobrimentos novos são da mesma natureza? Pois temos de considerar a mente em sua totalidade, não achais? — não só a mente superficial, mas também a mente inconsciente.

Pela maior parte do tempo funcionamos num nível superficial, não é verdade? As atividades a que nos entregamos são muito superficiais: não exigem a reação integral de nosso ser total. É óbvio que toda a nossa educação e todo o nosso cabedal mental (*background*) estão ajustados para a reação superficial; vivemos na superfície da mente. Mas existe também a mente inconsciente, profunda e inexplorada, a qual está sempre fornecendo alusões, avisos, sonhos etc.; e estas coisas, por sua vez, são traduzidas pela mente consciente segundo o seu condicionamento. E a consciência inteira não está condicionada? O inconsciente, decerto, é o reservatório das memórias raciais: recordações, reflexões, tradições, memórias, todos os conhecimentos acumulados do homem. Mas a mente consciente, a mente superficial é educada para as técnicas do mundo moderno. Por isso, evidentemente, existe uma contradição entre o inconsciente e o consciente. A mente consciente pode ser educada para não ter crença em Deus, para ser ateísta, comunista ou o que quer que seja, mas o inconsciente foi exercitado durante séculos na crença; e quando sobrevém a crise, o inconsciente reage muito mais fortemente do que a mente consciente. Sabeis disso muito bem, não? Vemos, pois, que a totalidade da consciência, não apenas a parte superficial, mas também a parte inconsciente, está condicionada; e qualquer reação oriunda do inconsciente não é fator de libertação. Pensai nisso, por favor, e investigai junto comigo; não vos limiteis a concordar ou discordar. Se um matemá-

tico tem um problema e, depois de investigá-lo, de estudá-lo, o resolve sem a ajuda do pensamento, constitui esta solução coisa totalmente nova, não nascida, não resultante do inconsciente?

PERGUNTA: Se procede do inconsciente, então é coisa velha; não é realmente nova, é?

KRISHNAMURTI: Se permitis dizê-lo, temos de ser muito cautelosos, para não ficarmos no terreno da especulação pura e simples. Ou falamos por compreensão direta, depois de investigarmos toda a matéria, ou, ainda, podemos estar simplesmente repetindo o que alguém disse ou o que lemos. Se pudermos, por ora, ou mesmo para sempre, pôr de parte tudo o que outros disseram — os iogues, os *swamis*, os analistas, os psicólogos, e quem mais seja — estaremos então capacitados para descobrir por nós mesmos, diretamente, se é possível a consciência total libertar-se do condicionamento. Se não é possível, então o que se pode fazer é só continuarmos o velho trabalho de aperfeiçoar a consciência total — torná-la mais digna, melhor, mais nobre etc. Isto é o mesmo que viver numa prisão a decorar-lhe as paredes. Não importa se o intelecto foi "banhado" pelos comunistas, os católicos, os protestantes, os anglicanos ou outra seita qualquer... tudo é a mesma coisa. E é realmente importante, de vital importância, considerarmos se é possível ultrapassar a consciência limitada e condicionada; se a mente pode ficar livre, no sentido mais profundo desta palavra. Há quem diga que a mente, sendo resultado do tempo e do ambiente, permanecerá necessariamente escrava dessas influências; mas nós estamos perguntando se podemos transcender a mente, o tempo.

PERGUNTA: Como seria possível tal coisa?

KRISHNAMURTI: Estamos examinando o problema inteiro, não? Ou a mente é capaz de libertar-se de todas as influências e, por conseguinte, de todos os ambientes passados, presentes e futuros, ou isso não é possível. Os comunistas não o crêem possível, tampouco o crêem os católicos ou qualquer dentre as pessoas religiosas. Falam a respeito de liberdade, mas não crêem nela, pois quem deles discorda é considerado herético — excomungado, queimado vivo, liquidado etc. É possível, pois, manifestar-se uma ação não procedente da esfera da consciência, da limitação, do condicionamento? Percebeis a questão, senhores?

APARTE: A experiência da maioria nos mostra que isso não é possível, mas ao mesmo tempo pressentimos essa possibilidade, mas não sabemos como consegui-lo.

APARTE: Eu sinto que não é possível.

KRISHNAMURTI: Estais só esperando que eu diga alguma coisa? Ora, eu não sei até que ponto penetrastes por vós mesmos nesta questão.

APARTE: Tenho certeza de que a mente consciente pode ser livre, mas a mente inconsciente parece-me um problema tremendo.

KRISHNAMURTI: É possível, mediante análise, penetrar passo a passo no inconsciente, esclarecê-lo e, assim, transcendê-lo? É possível?

Ora, o inconsciente é um "processo" positivo, não? E podeis abeirar-vos de um processo positivo com uma exigência positiva? Tanto o consciente como o inconsciente estão sujeitos à mesma limitação, pois não? A mente consciente tem seus motivos próprios para desejar investigar o inconsciente. O motivo existe: ela quer ser livre. O motivo é positivo; e o inconsciente não é uma coisa vaga, é também positivo. Mas, embora o inconsciente seja positivo — com todas as suas alusões, avisos, sonhos etc. — não conheceis diretamente o seu conteúdo; não sabeis o que ele é realmente. Pode, pois, a mente consciente investigar uma coisa que desconhece? Por favor, não ponhais isso de lado; é assunto muito importante. A análise, feita por outro ou por vós mesmo, poderá revelar todo o conteúdo dessa coisa chamada *inconsciente*, a qual desconheceis totalmente?

APARTE: O inconsciente parece-me vasto demais.

KRISHNAMURTI: Não, não vos limiteis a dizer que ele é vasto demais; pois, nesse caso, não estais dando atenção à verdadeira questão: estais escapando por uma tangente. Parece que nunca examinastes bem o processo do pensar. Existe pensamento sem a palavra, a imagem, a idéia, o símbolo? Pois o símbolo se encontra também no inconsciente, tal como no consciente, não é verdade? E o processo de investigar o inconsciente por meio de análise me parece falho. Desejo sugerir-vos um caminho certo: o percebimento direto.

Em primeiro lugar, deve ficar bem claro para nós que todo pensar é mecânico. Pensar é reação da memória, reação do conhecimento, da experiência; e todo pensar proveniente desse fundo é condi-

cionado. Por conseguinte, o pensamento nunca pode ser livre: é sempre mecânico.

APARTE: Sim, percebo isso.

KRISHNAMURTI: Que entendeis, ao dizerdes: "Percebo"? Vede, por favor, isto é muito importante.

APARTE: Algo, dentro em mim, me faz percebê-lo.

KRISHNAMURTI: Quer dizer, então, que "algo dentro em vós" vos faz também perceber que deveis ser nacionalista, não é verdade? *Algo* vos faz crer que existe Deus, que deveis ter uma religião. Se dependeis de "algo" que vos fala "de dentro", estais então também sujeito a ter ilusões, não? Assim, que entendeis por "Percebo"? Se digo que o nacionalismo é um veneno, percebeis a verdade desta asserção?

APARTE: Ela é óbvia.

KRISHNAMURTI: E quando digo que ter qualquer crença, pertencer a qualquer sociedade, qualquer religião organizada, é prejudicial ao descobrimento, percebeis também isto?

APARTE: Não muito claramente, porque pertenço a um grupo que trabalha para as Nações Unidas, e acho que isso é uma boa coisa.

APARTE: Ele queria dizer "nações desunidas".

KRISHNAMURTI: Desunidas, não há dúvida; mas estamo-nos afastando da matéria. Dissestes muito claramente que percebeis que o nacionalismo é um veneno. Vós todos concordastes. Mas, inconscientemente, sois todos nacionalistas, não é verdade? Sentis-vos inglês, francês, ou o que quer que seja. Esse sentimento existe, profundamente arraigado, não? E dizeis não perceber com a mesma clareza que a crença é destrutiva do descobrimento. Mas considerai a coisa desta maneira: Desejo descobrir se existe Deus. Desejo realmente descobrir por mim mesmo se Ele existe ou não. Portanto, preciso, em primeiro lugar, eliminar tanto do consciente como do inconsciente todos os conceitos relativos a Deus, não? Para descobri-lo realmente, tenho primeiro de arrancar todas as raízes da *cultura* em que fui criado, educado; não deve haver abrigo nem refúgio, onde eu ache

que estou prestando bons serviços. Uma vez que minha intenção é descobrir, devo livrar-me sem dó nem piedade de tudo quanto aceitei, de modo que fique completamente desabrigado, física, verbal, intelectual ou emocionalmente; então, já não pertenço a coisa alguma.

Iniciamos esta investigação com a questão relativa ao que se deve fazer neste mundo insano. Uma nova maneira de considerar a vida, uma mentalidade inteiramente nova — isso é necessário; e esse novo "caminho" deve resultar de uma revolução completa, de uma total abjuração do passado. E o passado é tanto o inconsciente como o consciente. Assim, pertencer a qualquer grupo organizado de pensamento é coisa venenosa.

E todo esforço que façamos para sermos *novos* pertence também ao passado, não é verdade? Porque toda a atual estrutura da sociedade se assenta na aquisição, que significa esforço. Todo o processo baseado no "devo ser isto" ou "não devo ser aquilo" implica esforço, conflito; percebo isso. E quando digo "percebo", quero dizer que o percebo realmente e não emocional, sentimental, intelectual ou verbalmente. Vejo-o, assim como estou vendo este microfone. E o próprio percebimento do fato eliminou completamente aquele condicionamento. Não sei se vos estou comunicando alguma coisa. Por favor, não vos limiteis a concordar comigo. Isto não é um entretenimento social. Porque, se o estais vendo pela mesma maneira, estais então livres de tudo, completamente, instantaneamente.

APARTE: Sentimo-nos agrilhoados ao nosso condicionamento, em virtude de nossos deveres para com a sociedade e a família.

KRISHNAMURTI: Diz este cavalheiro, com toda a razão, que estamos agrilhoados pelos nossos deveres para com a família, a sociedade, nosso emprego, nossa pátria, a religião em que fomos criados, etc. etc. É assim que, quando nos vemos frente a frente com a necessidade de termos uma mente de todo nova, contrapomos a família, a sociedade, ao fato. E, por essa razão, há conflito entre o fato e aquilo que concebeis como vosso dever, não é? E é assim que, para fugir desse conflito, um homem ingressa num mosteiro, torna-se monge, ou isola-se interiormente; constrói um hábito em torno de si e aí fica vivendo. Ora, senhores, quando empregais as palavras "dever", "responsabilidade", estais-vos pondo em oposição à liberdade. Mas, se percebesseis o fato sobre o qual estivemos falando, teríeis então

uma maneira de agir completamente diferente, em relação a vossa família e à sociedade.

Como vedes, estou voltando à questão da ação e talvez forçando um pouco as conclusões. É bem de ver que todos desejamos "fazer alguma coisa" de nossa vida. Conheço pessoas, pelo mundo inteiro, que se disciplinaram rigorosamente, por desejarem descobrir o que é correto fazer. Essas pessoas se isolaram, renunciaram a tudo, obedeceram a preceitos religiosos e fizeram esforços tremendos; e o resultado final é que são entes humanos mortos, estiolados. Foi o constante esforço para ser alguma coisa, tornar-se alguma coisa, que os destruiu. E quando pomos a sociedade e a família em oposição à liberdade, o que fazemos é apenas introduzir o fator de conflito. E eu vos digo: não introduzais o elemento de conflito. Vede a verdade aí existente, e esse próprio percebimento se encarregará das relações. Como disse, para a maioria de nós ação é puramente reação. Eu vos lisonjeio, e vós reagis; ou vos insulto, e reagis. Nossa ação é sempre reação. E eu estou falando a respeito de coisa diferente, da ação que não é reação, porém ação total. Isto não é nenhuma idéia singular, extravagante, fantástica, de minha própria cabeça. Mas, se observásseis diretamente a coisa, na sua totalidade, se observásseis o mundo, as pessoas, estudando-as, olhando-as realmente — os grandes, os pequenos, os chamados santos e os chamados pecadores — veríeis que todos edificaram suas vidas no conflito, na luta, na repressão e no temor, e veríeis os horrores que daí resultam. Para ficardes livres de tudo isso, tendes de primeiramente vê-lo.

Aparte: Há tanto condicionamento inconsciente!

Krishnamurti: Considerai isso, por favor. Todos vivemos em nossa mente consciente, superficial, e como podeis clarear todas as camadas, todas as seções do inconsciente, sem perder uma única? É possível a mente consciente penetrar em algo inconsciente, oculto? Ora, sem dúvida, o que posso fazer é só observar, permanecer completamente desperto, vigilante, o dia inteiro — quando trabalho, quando descanso, quando passeio, quando falo — para que tenha uma noite sem sonhos.

Começamos falando sobre uma revolução que não é resultado de cálculo e pensamento; porque o pensamento é mecânico, o pensamento é reação. O comunismo é reação ao capitalismo; se eu abandonar o catolicismo e me tornar outra coisa, isso é ainda uma reação.

Mas, se percebo a verdade de que pertencer a qualquer coisa, crer em qualquer coisa significa estar apegado a uma certa forma de segurança e impedindo, por conseqüência, o percebimento do que é verdadeiro, não há então conflito, nem esforço.

Estou vendo, pois, que a ação que é reação, não é ação, de modo nenhum. Desejo descobrir o que é a liberdade. Percebo a imperiosa e urgente necessidade de ter uma mente nova, e não sei o que faça para ter. Assim, fico preocupado acerca do que "devo fazer"; por conseguinte, estou dando toda a importância ao que "devo fazer" e não à mente nova. "O que devo fazer" tornou-se, pois, de suma importância, e rogo: "Tende a bondade de mo dizer" — e deste modo cria-se a autoridade, a coisa mais perniciosa deste mundo.

Assim sendo, podemos perceber interiormente, *ver* este fato real: que toda ação é reação; que toda ação nasce do impulso para realizar, alcançar, tornar-se algo, chegar a alguma parte? Posso perceber este fato realmente, sem introduzir "o que devo fazer", "minha família", "meu emprego" e outras coisas que tais? Porque, se a mente percebe o fato, sem traduzi-lo nos termos do *velho*, há então percepção imediata; compreender-se-á então a ação que não é reação; e essa compreensão é uma qualidade essencial da mente nova.

4 de maio de 1961.

LONDRES — III

Viver sem Conflito

Estivemos falando sobre a necessidade de termos uma mente nova, fresca. Em toda parte aonde vamos encontramos tremenda desordem, sofrimento em grande escala, físico e moral, infinita confusão. E, parece-me, em vez de tratarmos de resolver o problema do sofrimento e da confusão, estamos mais interessados em fugir dele — em busca da Lua, de entretenimentos, de ilusões várias. Mas, o que quer que façamos, continuam existentes o sofrimento e a confusão e, para livrar-nos dessas condições, é-nos necessário, penso eu, uma mente nova, viçosa.

Desejo, pois, continuar do ponto em que paramos e considerar se é possível vivermos neste mundo sem conflito. Porque, quer-me parecer, uma mente invadida pelo conflito está embotada, é medíocre. Todos nos achamos em conflito, desta ou daquela natureza, em níveis diferentes e de diferentes formas. E, ou nós nos conformamos com ele, ou tratamos ansiosamente de refugiar-nos em entretenimentos, reformas sociais e nas coisas que as igrejas e as religiões oferecem, com seus rituais, suas misteriosas palavras, suas crenças e dogmas — românticas formas de consolação. E, à medida que vamos envelhecendo e as fugas se tornando cada vez mais habituais e constantes, nossa mente se torna mais e mais embotada, lerda, estúpida. Isso é um fato ocorrente com a maioria de nós. Poderá haver momentos em que, apesar de todos os sofrimentos causados pelo conflito, as nuvens se abrem, deixando-nos ver algo, muito claramente, que nos desperta um sentimento de tranqüilidade, profundeza; mas raramente isso acontece.

Acho que precisamos investigar esta questão profundamente — tarefa bem difícil. Não se trata apenas de examinar umas poucas idéias; trata-se, antes, de penetrarmos mui profundamente em nós mesmos, para vermos se é possível extirpar o conflito em todas as suas formas. Requer-se uma mente ardorosa, penetrante, mente que não se deixe prender na rede das palavras. Infelizmente, tendemos a prestar atenção apenas a certas palavras, frases e idéias; limitamo-nos a deslizar sobre a superfície das coisas. E, provavelmente, tal é a razão por que vimos assistir a estas conferências, ano por ano, e o resultado final se torna um tanto estúpido; porque ficamos apenas a trocar idéias sem jamais penetrarmos a matéria profunda e diretamente, para extirparmos deveras o conflito.

Penso, portanto, que devemos restringir-nos nesta manhã a ver se é verdadeiramente possível — não teórica ou verbalmente — compreender deveras a natureza do conflito e, dessa investigação, sairmos renovados, rejuvenescidos, purificados. A mente purificada, "inocente", nunca se acha em conflito; está num estado de ação. Uma mente em ação, em movimento, sempre a renovar-se, nunca se achará em conflito. Só aquela que encerra contradição está perpetuamente em luta.

Por favor, enquanto falo, não vos limiteis a ouvir minhas palavras, porquanto as palavras só têm significado superficial. Pois estou certo de que, se examinardes a vós mesmos, encontrareis muitas contradições. Assim, tende a bondade de acompanhar-me atentamente, "experimentando" durante o percurso, porque, então, ao concluírmos o nosso exame, talvez alcanceis um sentimento de clareza, um sentimento de libertação da terrível opressão do conflito.

Vimos aceitando o conflito desde a infância. No setor educativo, todas as escolas do mundo estão criando bases de conflito e há a luta constante para emularmos com os que são mais talentosos que nós. E ao nos tornarmos mais velhos começamos a seguir o exemplo, o líder, a autoridade, o ideal; e surge, assim, a separação entre o que *deveria ser* e o que realmente *é*, e, daí, a contradição. Temos não apenas o conflito exterior, mundano, a competição, os ideais, a ambição, o perpétuo impulso, na moderna vida social, a nos tornarmos inteligentes, mais belos; imitação não só de nossos semelhantes, mas também de Jesus, de Deus; imitação não só da moda, mas também da virtude. De tudo isso resultam, exteriormente, guerras entre os

povos, as raças, as nações e os estadistas. E se um homem repudia tudo isso, por demasiado estúpido, volta-se para o seu interior, onde novo problema se apresenta — o de alcançar a paz, a tranqüilidade, a felicidade, Deus, o amor, o céu. A busca interior é uma reação à busca exterior, sendo, por conseguinte, o mesmo movimento — movimento semelhante ao vaivém das marés. São estes óbvios fatos psicológicos; e se nos tornamos cônscios de tudo isso, não há mais discutir a seu respeito: é *o fato*. Poder-se-á argumentar sobre a possibilidade de transcender tudo isso; mas o fato real é que existe conflito interior e exteriormente, de onde se origina um espírito de espantosa brutalidade, uma eficiência cruel. O movimento exterior poderá produzir um certo progresso, prosperidade, mas pode-se ver o que está acontecendo no mundo: tanta prosperidade e menos, cada vez menos, liberdade. Isso se pode observar muito claramente na América: lá existe esta grande prosperidade, mas o espírito pioneiro, o espírito de liberdade vai desaparecendo gradualmente. Interiormente, também, quanto mais intenso o conflito, tanto maior o impulso para a atividade; e surgem assim os "beneméritos", os reformadores, os chamados "santos" e os intelectuais, autores de livros e mais livros, etc. etc. Quanto maior a tensão do conflito, tanto mais ela se expressa por meio da capacidade.

Sabemos de tudo isso, todos sentimos o "puxão" em diferentes direções. Conhecemos o impulso da ambição. E onde há ambição, não há amor em forma nenhuma, não há compaixão, piedade ou afeição. E a fuga ao conflito, seja conflito entre duas pessoas, seja entre nações — e não importa se nosso refúgio é Deus, a bebida, o nacionalismo, a conta bancária — a fuga nos afunda mais e mais no ilusório sentimento de segurança. Nossa mente se nutre de mitos, especulações.

Cresce, assim, o conflito e desse estado resulta ação que, por sua vez, produz mais contradição ainda. E ficamos a debater-nos nesse torvelinho de luta. Estou apenas expressando em palavras o que realmente está acontecendo. Tal é a sina de todos. Podemos ver diretamente que a mente está sempre tentando fugir, por meio da repressão, da disciplina — sempre advogada pelos santos, em todo o mundo e, de feito, tudo submetendo a seu controle. E, se não é a disciplina o nosso meio de fuga, é então uma certa atividade: reforma social, reforma política, estudo de cursos especiais, fomento

da fraternidade — conheceis todas essas atividades, essa agitação, esse impulso para fazer algo em relação com alguma coisa.

O que sabemos é apenas que nossa ação cria mais misérias, mais perversão, mais ilusão e sofrimento, interior e exteriormente. Todo estado de relação, no começo tão novo, tão original, degenera em algo feio, estúpido ou venenoso. Todos, sem dúvida, conhecemos esse processo dual de amor e de ódio. E rogamos aos deuses os meios de ocultá-lo... e, infelizmente, os deuses nos atendem, pois não faltam meios de fuga.

Eis o quadro que se nos depara: uma idéia, um ideal, e a ação resultante, visando a concretizar essa idéia. A mente cria a idéia e em seguida procura agir, a fim de realizá-la. Está assim criado um intervalo, sobre o qual procuramos tenazmente lançar uma ponte. E nunca o conseguimos, porquanto a idéia é estática, criamo-la firme, fixa; a ação, entretanto, tem de ser necessariamente variada, mutável, em constante movimento, conforme as exigências da vida. Por isso, há conflito perene.

E embora cônscios de todas essas tremendas tensões e violentas exigências, nunca perguntamos a nós mesmos se é possível viver neste mundo sem conflito. É possível? No meu sentir, só é criadora a mente em que não existe um só movimento de conflito. Não me refiro à ação criadora dos poetas, dos pintores, dos arquitetos etc. Estes poderão possuir certos dons, certas capacidades; poderão ocasionalmente vislumbrar algo, num rápido clarão, e expressá-lo no mármore, num poema, num monumento arquitetônico; mas não são verdadeiramente criadores, porque continuam em guerra, com si mesmos e com o mundo; são impulsionados por suas ambições, seus ciúmes, suas irritações e rancores, tal como nós outros. Mas, para encontrar Deus — ou o nome que preferirdes — para descobrir realmente se tal entidade existe, a mente deve estar de todo livre de conflito. Isso exige enorme esforço; e, talvez, os mais velhos dentre nós já estão acabados, fora de combate. Podemos estar assim, ou talvez não.

Não sei se já vistes as pinturas das cavernas de Dordogne, velhas de dezessete mil anos. As cores são muito vivas, porque os ventos e as chuvas nunca as atingiram. Representam essas figuras o homem em luta com animais, cavalos, touros de graciosos chifres; e são representações cheias de extraordinário movimento. Mas... a mesma luta, sempre.

A questão, pois, é: Que devemos fazer em relação a tudo isso? E tendes de resolver este problema, porque sois vós quem sofre, quem está em conflito. Não podeis ficar a esperar descansadamente que outra pessoa o resolva. E isso, afinal, nada tem que ver com a idade, não depende de se a pessoa é velha ou nova.

Enunciando diferentemente o problema: viver é agir. Não se pode viver sem ação. Cada gesto, cada idéia, cada onda de pensamento é ação; e toda ação dá origem a uma reação, e dessa reação resulta mais ação. Assim, todas as nossas ações são reações; e estamos aprisionados nisso. Ora, é possível vivermos com ação em extraordinária abundância e sem raízes nenhumas no conflito? Eis a questão, que espero vos esteja clara.

APARTE: Suponho que isso acontece ocasionalmente a cada um de nós; vem e vai independentemente de nossa vontade, como o vento entre as árvores ou as folhas mortas levadas pelo vento.

KRISHNAMURTI: Quer dizer, isso acontece casualmente e fica-nos sua lembrança, despertando o desejo de repetição — e temos assim, de novo, conflito. Percebeis? Tenho uma experiência que me deleita: contemplando uma bela nuvem, um rosto bonito, um doce sorriso; e essa experiência deixa-me uma impressão de prazer, de alegria — êxtase. Desejo vê-la repetir-se, e começa o conflito. Tende a bondade de seguir isso, completamente, e vereis algo por vós mesmo.

APARTE: O conflito começa com o desejar.

KRISHNAMURTI: De fato? Que mal há em desejar algo belo?

APARTE: Desejar a repetição, quero dizer.

KRISHNAMURTI: Um momento, senhor. Todo desejo é de repetição. Não haveria desejo de uma coisa, se não a tivéssemos provado antes, sem uma lembrança prévia. Todo desejar representa reconhecimento de uma coisa antes conhecida.

APARTE: E se se trata de desejar Deus?

KRISHNAMURTI: É a mesma coisa, não? Desejar uma mulher, um filho, apreciar um belo poente, ou desejar Deus, e desejar a repetição da experiência — tudo é a mesma coisa, não? Parece que não estais percebendo o aspecto mais importante da questão.

APARTE: É a resistência ao desejar que cria a contradição.

KRISHNAMURTI: O desejar gera conflito, e qualquer espécie de resistência gera conflito; mas é este o problema? O perpétuo clamor do artista provém de ter ele conhecido esse ocasional vislumbre da beleza e desejar segurá-lo; e, assim, ele luta, entrega-se às mulheres, à bebida etc. E nós fazemos a mesma coisa; vivemos no passado, nos "dias felizes que se foram", os rostos lembrados, nossas memórias, e todas as coisas que desejamos recordar. Há o desejo, e a resistência a esse desejo; mas é este o problema? Todos os santos disseram: "Eliminai o desejo"; mandam-nos voltar-lhe as costas, asfixiá-lo, controlá-lo, não nos deixarmos apaixonar. Mas é este o problema que nos interessa?

APARTE: Acho que não compreendo o desejo.

KRISHNAMURTI: É esse o problema? Vede, senhores, quando tendes uma experiência e desejais repeti-la, continuá-la, não criastes um problema? Quer resistais, quer cedais, não criastes um problema? Criamos o problema de como manter um determinado estado, não é certo? Ora, que é um problema? Problema, por certo, é tudo aquilo que eu não compreendi. Compreendida uma coisa, o problema deixou de existir. Para um mecânico, um desarranjo num motor não constitui problema real: ele sabe o que deve fazer. Nós aqui não sabemos o que devemos fazer, e esse "não saber" é um problema. Não podemos destruir o desejo, pois isso seria terrível, estúpido; seria assumir a vulgaridade do santo — perdoai-me, se vos choco. E a resistência é uma forma de repressão. Certo?

E que há para compreender no desejo? Não muita coisa. Sabeis o que são desejos e como eles nascem; e conheceis também a resistência, e como nasce: de nossa educação, nossas tradições, nosso cabedal mental (*background*), a atitude do dizer "isto é certo e aquilo errado", o sentimento de que devo ser respeitável a todo custo e que minha respeitabilidade deve ser reconhecida pela sociedade. Conheceis tudo isso.

Podemos agora passar adiante? Que é um problema, que é que cria o problema?

APARTE: A lembrança da experiência.

KRISHNAMURTI: Não se pode eliminar a experiência, pode-se? Isso significaria morrer, fechar os olhos à vida, tornar-se insensível. Viver

é experiência. Mas a experiência deixa-nos o seu resíduo, como memória — a cicatriz da memória. Estais-me seguindo? O problema, pois, é a memória e não o desejo ou a resistência. Pode, então, a mente viver num "estado de experimentar", sem que fique resíduo, isto é, memória?

Podeis compreender isso verbalmente, mas trata-se de coisa realmente extraordinária e que deve ser investigada; mas para tanto requer-se excepcional vitalidade e energia. Não pode a mente fugir à experiência, entretanto todos tentamos furtar-nos a uma experiência vital; reforçamos as paredes da crença; recusamo-nos a ver que o mundo é uma *unidade*, que a Terra é vossa e minha; dividimo-la em britânica, européia, indiana, russa; e quedamo-nos, paralisados, no interior dessas muralhas. Repelimos, com efeito, a experiência porque não desejamos mudanças; cultivamos a memória, adicionando-lhe em vez de subtrair-lhe.

O problema, portanto, é este: Pode a mente receber uma coisa sem que esta deixe marca? Não podeis dizer que isso é possível ou impossível. Pensai, por favor. Porque só a mente que experimenta, vê, olha, vibra, está viva. Não está viva a mente que leva a carga de memórias seculares, a que chamamos conhecimento, tradições. Entretanto, não podemos suprimir o conhecimento; ele precisa existir, senão não saberemos voltar para casa. Mas pode-se viver sem a interferência do passado?

APARTE: O problema é que, para impedirmos a memória de deixar-nos marca na mente, precisamos possuir extraordinário interesse em cada uma de nossas experiências.

KRISHNAMURTI: Por favor, senhor, atentai no que acabais de dizer: "precisamos". Esse "precisamos" já lançou na mente o germe do conflito, não?

APARTE: Talvez eu devesse perguntar: Como criar esse interesse?

KRISHNAMURTI: Para termos uma resposta correta, temos de fazer uma pergunta correta. Esta pergunta é correta?

APARTE: Seria mais correto perguntar: Por que não estou interessado?

KRISHNAMURTI: Ora, isto é como tirar o tom correto de um violino. Só se pode tirar o tom correto quando a corda está na tensão correta.

Estais fazendo esta pergunta com a tensão correta? *Tensão correta;* não, estado de conflito. Se considerardes bem, encontrareis vós mesmo a resposta. Talvez a própria pergunta que estais fazendo vos esteja impedindo de descobrir diretamente. Percebeis? Vou expressá-lo de maneira diferente.

Percebo realmente, visualmente, o conflito existente no mundo e em mim mesmo. Há contradição interna e externa. E o esforço para fazer alguma coisa a esse respeito: tornar-me pacífico, evitar todo sofrimento — implica conflito. Isso, fora de qualquer dúvida, é o fato. Estais percebendo? E o desejar fazer alguma coisa contra o fato é a reação de procurar fugir-lhe, repudiá-lo, resistir-lhe, transcendê-lo. Correto? Portanto, o desejo, a ânsia, o impulso para fazer alguma coisa em relação ao fato é que é o problema. Mas, se o fato existe e percebeis que nada podeis fazer contra ele, o próprio fato vos dá então a resposta. Existe, então, problema?

7 de maio de 1961.

LONDRES — IV

O Medo

Estivemos falando a respeito da mente nova, e estou certo de que ela não pode ser produzida pela vontade, em qualquer forma que seja, nem por qualquer desejo, intenção, ou pensamento deliberado. Mas parece-me que, se pudermos compreender os vários fatores que impedem o nascimento desse estado, talvez possamos, então, descobrir por nós mesmos a natureza da mente nova. Desejo, pois, apreciar junto convosco uma questão que poderá ser um tanto complicada, mas espero que possamos examiná-la a pleno e, se necessário, prosseguiremos nisso da próxima vez.

Não sei se já perguntastes a vós mesmos porque existe esse impulso inelutável a aderir a uma dada escola de pensamento, pertencer a alguma coisa, identificar-se com uma idéia, adotar um dado sistema de ação. Uma pessoa adere, digamos, ao comunismo, identificando-se completamente com seus ideais, suas atividades. Pode-se ver porque assim procede: porque tem esperanças numa utópia final etc. etc. Mas esta me parece apenas uma explicação superficial. Penso existe uma razão psicológica muito mais profunda pela qual cada um de nós deseja pertencer a alguma coisa — uma pessoa, um grupo, certas idéias e ideais. E talvez seja possível examinarmos a natureza intrínseca desse impulso. Que é ele, precisamente?

Penso que, em primeiro lugar, está o desejo de agir. Desejamos promover uma certa espécie de reforma, transformar o mundo de acordo com um certo padrão. Existe o sentimento de que devemos fazer alguma coisa juntos, que há necessidade de ação cooperativa. E, em certos níveis — melhoramento das estradas, promoção de melhores

condições sanitárias etc. — talvez seja necessário aderirmos a uma certa idéia. Mas, se investigamos com mais profundeza, começaremos a descobrir que existe esse impulso a nos identificarmos com uma certa coisa porque aspiramos a um sentimento de segurança, de garantia.

Todos conhecemos muitas pessoas que se filiam a determinado partido político, ou determinado sistema de ação, ou certo grupo de pensamento religioso. Passado certo tempo, essas pessoas começam a descobrir que a causa que abraçaram não lhes convém e, assim, a abandonam e passam-se para outra.

Acho importante averiguar porque existe esse impulso. Porque é que aderimos a uma coisa ou pessoa? Se investigarmos isso, abriremos a porta do problema do medo.

A mente, por certo, está sempre em busca da segurança, da permanência. Busca a permanência nas relações com a esposa, o marido, os filhos, uma idéia, no conhecimento e na experiência. E quanto mais experiência temos, quanto mais conhecimento acumulamos, maior se torna o sentimento de segurança. E permita-se-me dizer agora que ouvir as palavras que estamos dizendo é uma coisa, e coisa muito diferente é *experimentar* o que estas palavras significam. Estou apenas descrevendo a natureza de nossa mente; e para a pessoa que não está cônscia de seus próprios pensamentos e atividades, essa descrição se torna muito superficial. Mas se, penetrando as palavras, a pessoa começa a compreender a si mesma, percebe que na realidade está em busca de segurança e o que esta busca implica, isso, sem dúvida, tem extraordinário significado. Deixar-se satisfazer apenas com palavras e explicações, como o faz a maioria de nós, parece-me extremamente fútil. Nenhum homem que sente fome se satisfaz com a palavra "comida".

Assim, podemos examinar esta questão do medo, mas sem interesse no que devemos fazer contra ele? Mais tarde, poderemos tratar deste ponto, ou talvez nem seja isso necessário. Por que surge o medo? E por que está a mente sempre a buscar segurança, não apenas fisicamente, exteriormente, mas também interiormente?

Estamos falando de "exterior" e "interior"; mas, para mim, há só um movimento, que se expressa ora exteriormente, ora interiormente. É um movimento de vaivém, como o da maré. Não existem coisas tais como mundo exterior e mundo interior, e esta separação

dos dois cria divisão, conflito. Mas, para compreender a "maré" interior, o movimento interior, precisamos compreender também o movimento que se dirige para fora. E se estamos cônscios das coisas externas e não há reação a elas, na forma de resistência, defesa ou fuga, pode-se então ver que o mesmo movimento se torna interior, profundo; mas a mente só poderá segui-lo, se não houver divisão nenhuma.

Se refletimos um pouco a esse respeito, podemos ver que as pessoas ditas religiosas separam o exterior e o interior; a atividade exterior é considerada como muito superficial, desnecessária e mesmo má, e a interior considerada muito significativa. Por isso, há conflito — questão que estivemos examinando, há dias, com certa profundeza. Estamos agora investigando a questão do medo, não só o medo causado pelos eventos exteriores, mas também pelas interiores exigências e compulsões, e pela perpétua busca de certeza. Toda experiência, evidentemente, é uma busca de certeza. Uma experiência de prazer leva-nos a desejar mais prazer, e este *mais* é o impulso para pôr-nos em segurança em nosso prazer. Se amamos alguém, queremos ter toda a certeza de que esse amor é correspondido, e procuramos firmar um estado de relação que — assim esperamos, pelo menos — seja permanente. Toda a nossa sociedade se baseia nesta qualidade de relações. Mas existe coisa permanente? Existe, de fato? O amor é permanente? Nosso desejo constante é tornar permanentes as sensações, não é verdade? Considere-se a questão da virtude. O cultivo da virtude, o desejo de ser permanentemente virtuoso é, essencialmente, desejo de estar em segurança. E a virtude pode ser permanente? Por favor, senhor, não aceneis apenas com a cabeça, concordando, mas *segui* isso interiormente, em vós mesmos.

Digamos: uma pessoa sente cólera, ou sente que lhe falta bondade, compaixão, afeição. Pelo cultivo do oposto da cólera, pelo cultivo da tolerância, espera ela produzir um estado de virtude, sendo assim a virtude meramente um "artigo" adequado a nossa conveniência, um meio para um certo fim. Mas a virtude, a bondade, por certo não são cultiváveis, absolutamente. A bondade, tal como a humildade, só pode manifestar-se quando há atenção completa, não visando a nenhum ganho. Considere-se a questão de ser amado ou de amar. É possível a mente ambiciosa amar ou ser amada? O funcionário que deseja tornar-se chefe, o chamado "santo que aspira a

realizar Deus", são ambiciosos, porque estão interessados no próprio aperfeiçoamento; e a mente deles, é óbvio, não pode conhecer o amor. A mente desejosa de compreender a natureza da palavra "amor" deve, sem dúvida, estar totalmente livre daquele desejo de segurança, pois assim nos tornamos essencialmente vulneráveis, sensíveis. É possível, pois, nos tornarmos verdadeiramente livres do medo?

Desejamos ter segurança neste mundo, materialmente, e desejamos estar seguros em nossa respeitabilidade, em nossas idéias; desejamos ser informados sobre o que será de nós após a morte; e podereis observar, se o quiserdes, que nossa mente está sempre e sempre cultivando esse desejo de certeza. Mas não vejo como possa a mente ficar livre do medo e das respectivas frustrações, quando está a buscar segurança. Evidentemente, há necessidade de um certo grau de segurança física: precisamos saber de onde nos virá a próxima refeição, ter um lugar onde dormir, ter roupas, etc. etc.; e qualquer sociedade razoavelmente justa procura prover estas condições. Talvez, dentro de uns cinqüenta anos haverá no mundo inteiro uma certa forma de segurança. Oxalá assim seja, mas não é isso que nos interessa neste momento. Nós desejamos segurança tanto em nossas ações como interiormente; e não é esta a causa do medo?

O medo sempre nos acompanha, não é verdade? Medo do escuro, medo dos outros, medo da opinião pública, medo de perdermos a saúde, de perdermos nossas capacidades, medo de não sermos ninguém neste mundo monstruoso, aquisitivo, agressivo; medo de não alcançarmos o objetivo, de não "realizarmos" um estado de suprema felicidade, bem-aventurança, Deus, ou o que quer que seja. E também, naturalmente, há o medo fundamental à morte. Não estamos tratando da morte, por ora, porém apenas tentando *ver*, descobrir o medo. Sem dúvida, o medo está sempre em relação com alguma coisa. Não existe medo sozinho, *per se*. Há dúzias de manifestações de medo, todas em relação com alguma coisa. E é possível ficar-se só, completamente? É possível a mente ficar de todo só, sem isolar-se, sem edificar muralhas, torres de marfim, ao redor de si? A mente está só, quando já não busca segurança. E pode ela libertar-se totalmente do medo?

Note-se que o medo supõe o tempo. Vamos examinar isso. O tempo — ontem, hoje e amanhã — é um fator de medo. Estou envelhecendo e a morte me espera, desde agora e por todos os dias vin-

douros. E o pensamento relativo à morte é pensamento de medo. Haveria medo à morte, ao fim, se não houvesse pensamento referente ao amanhã, ao futuro? Não concordeis comigo, por favor. Concordar com uma explicação não tem valor. Se examinastes verdadeiramente, diretamente, esta questão do medo, deveis ter encontrado a questão do tempo, que compreende não só o amanhã, mas também o passado, o qual significa — não achais? — experiência. Pode a mente ficar tão *só*, tão desligada do passado e do futuro, que não esteja encerrada de modo nenhum na esfera do tempo?

A mente busca segurança, identificando-se com uma idéia, crença, determinada norma de ação, pertencendo a um grupo, ao cristianismo, ao hinduísmo, ao budismo, a *isto* ou *àquilo* — e tudo isso é o contrário de *estar só*. Quase todos temos horror a estar sós. A seguir, temos o conflito proveniente da contradição, e a raiz desta contradição é a ânsia de preenchimento. Há, pois, essa ânsia constante de preenchimento, de ser, de "vir a ser" algo permanente; e apresenta-se, assim, a questão do tempo. Eis todos os fatores do medo; e acho que não há necessidade de pormenorizarmos mais.

Ora, depois de vermos a totalidade do quadro, de o sentirmos totalmente, surge a questão: Pode a mente abandonar o medo, de todo? Isso significa, com efeito — se assim podemos dizer sem ser mal compreendidos — pode a mente estar *só*, não relacionada? Haverá uma solitude que não seja mero oposto do conflito, da contradição criada pelas relações? Eu creio que nesta solitude se encontra o verdadeiro estado de relação, e não na outra. No "estar só" não existe medo.

Afinal, há séculos que o homem se ocupa com o problema do medo, e ainda não estamos livres dele. E o medo, em suas formas extremas, leva a diferentes manifestações de neurose, etc. Ora, a questão é se vós e eu, percebendo tudo isso, podemos ficar total e instantaneamente livres do medo — mas não pelo hipnotizar-nos a nós mesmos, dizendo: "Agora estou livre do medo" — porque isso é puro absurdo. O percebimento da totalidade do medo significa, essencialmente, um estado de "não ser".

APARTE: Parece-me que tenho medo de me ver forçado a viver em certas circunstâncias, como, por exemplo, morar numa grande cidade ou trabalhar numa fábrica onde nada existe que eu possa amar ou considerar valioso.

Krishnamurti: Como procedereis em tal caso, senhor? Digamos que eu tenho de trabalhar da manhã à noite num pequeno escritório, aqui em Londres, com um chefe desagradável. A ida diária para o trabalho, de ônibus ou pelo "metrô", a incessante rotina, o contato constante com pessoas que aborrecem e atormentam — todas essas detestáveis condições... Que devo fazer? As circunstâncias me estão forçando. Tenho responsabilidades: minha mulher, meus filhos, minha mãe etc. Não posso afastar-me, fugir para um mosteiro; e isso seria outra coisa horrorosa: a rotina de erguer-se às duas da madrugada, recitar as mesmas e velhas orações para as mesmas e velhas divindades etc. Neste mundo de rotina, monotonia e sordidez, tudo fazemos para fugir, todos perguntamos: "que posso fazer para livrar-me disso?"

Em primeiro lugar, nós somos educados erroneamente — nunca somos educados para amar aquilo que fazemos. Assim, vendo-nos presos na rede, sem possibilidade de fuga, perguntamos: Que devo fazer? Não é exato, senhores? Fugir para o sentimentalismo, para crenças, igrejas, organizações, idéias utópicas, é evidentemente absurdo. Percebo a futilidade dessa fuga e, portanto, abandono-a. Já não há a tentação de fugir e fico em presença do fato, o fato duro e brutal. Que devo fazer? Dizei-mo, senhores!

Aparte: Por certo, nada podeis fazer.

Krishnamurti: Senhores, já "vivemos com alguma coisa" sem resistência nenhuma? Já "vivi" com minha cólera, sem resistência? — o que não é a mesma coisa que aceitá-la, pois isso significaria apenas a continuação dela. "Viver" com a cólera, conhecer-lhe a natureza íntima; "viver" com a inveja, sem procurar dominá-la, reprimi-la ou transformá-la... já tentastes isto? Já tentastes alguma vez "viver" com algo realmente belo, um quadro, uma bela paisagem, uma montanha majestosa com soberbo panorama? E que acontece se viveis com essa coisa? Depressa vos acostumais com ela, não é verdade? Vendo-a pela primeira vez, ela vos comunica um certo sentimento de desafogo, de percepção, com o qual vos habituais; passados dias, ele se desvanece. Vede os camponeses, em todas as partes do mundo, que vivem rodeados de maravilhosos cenários; acostumaram-se com eles. E a esqualidez das cidades de todo o mundo, a sordidez, a podridão, a fealdade, a crueldade, a tremenda brutalidade... com tudo isso nos acostumamos também. "Viver" com o belo ou com o feio,

sem se acostumar — isso requer espantosa energia, não? Não se deixar acabrunhar pelo feio nem embotar pelo belo, e ser capaz de "viver" com ambos, requer extraordinária sensibilidade e energia. E isso é possível? Por favor, senhores, refleti um pouco sobre isso.

O problema da energia é muito complicado. O alimento não dá a energia a que me estou referindo. Dá uma certa qualidade de energia; mas o "viver" com uma coisa, o "viver" com o amor exige energia de qualidade completamente diferente. E como se adquire essa energia que constitui, essencialmente, a natureza da mente nova? Ela se adquire, por certo, quando não existe medo, quando não existe conflito, quando não desejamos ser algo, quando vivemos totalmente, anonimamente.

Mas, que bem se faz falando sobre essas coisas? Elas supõem um extraordinário percebimento da busca de segurança, exterior e interiormente. E os mais de nós já estamos muito cansados, muito velhos, obrigados a viver no passado, em nossa ocupação, ou em alguma escura masmorra de nosso ser. Assim, que fazer?

Voltemos à nossa primeira pergunta. Pode a mente libertar-se, instantaneamente, de toda ânsia e exigência de segurança? Pode-se viver num estado de completa incerteza, sem enlouquecer, no mínimo que seja?

APARTE: Se uma pessoa gosta muito de seu trabalho, também aí há medo?

KRISHNAMURTI: Há, sim, senhor, porque há o risco de perder a capacidade para esse trabalho. A capacidade, senhor, é uma coisa terrível porque nos proporciona um esplêndido meio de fuga. Se um homem é bom pintor, bom orador, se tem a capacidade de coordenar palavras, escrever, se é competente engenheiro, ou possui um talento qualquer, isso lhe dá um extraordinário sentimento de segurança, confiança em si, neste mundo de competição e aquisição. E, se não tem confiança em suas aptidões, sente-se totalmente perdido. Mas, sem dúvida, para encontrar Deus — ou o nome que lhe quiserdes dar — a mente deve estar de todo vazia, não? Deve estar livre do conhecimento, da experiência, da capacidade e, por conseguinte, livre do medo, inteiramente purificada (*innocent*), fresca, jovem.

APARTE: Isso parece que seria o fim de mim mesmo, tal como me conheço.

KRISHNAMURTI: Sim, senhor, justamente. Não sei se já tentastes viver um dia inteiro tão completamente que não houvesse nem ontem nem amanhã. Isso requer muita compreensão do passado. O passado não é apenas a palavra, a língua, o pensamento, mas também o retrospecto do ontem e suas raízes que se cravam no presente.

Alijar completamente o passado — as iniquidades cometidas, as inverdades proferidas, as ofensas e danos causados — abandonar todos os prazeres, dores e lembranças. Não sei se já tentastes isso, se já tentastes arredar-vos do passado. E ninguém pode arredar-se dele, se há mágoas ou prazeres nas coisas lembradas. Experimentai isso, de quando em quando, não porque vo-lo estou dizendo ou porque espereis daí alguma recompensa ou maravilhosa experiência, pois isso seria mera troca, barganha. Mas para a mente, resultado do tempo, constitui uma coisa deveras extraordinária, estar completamente livre do tempo.

APARTE: O hábito constitui uma parte considerável disso de que estais falando, não?

KRISHNAMURTI: Temos de averiguar isso, não? Não estou aqui apenas para responder a perguntas: estamos investigando. Vemos a mente sempre ocupada. Com a maioria de nós, é isso que se passa. Acha-se a mente ocupada em ensinar, cuidando das crianças, da casa, do emprego; ocupada com suas próprias vaidades e virtudes... sabeis com quantas coisas ela vive ocupada. E ocupação supõe hábito. Ora, porque tem de estar ocupada? Quer ocupada com o sexo, quer com Deus, quer com a virtude — tudo é a mesma coisa. Não há ocupação nobre ou ignóbil. Não é assim? Não sei se percebeis isso realmente. A mera substituição da ocupação não constitui libertação da ocupação. Ora, porque tem a mente de estar ocupada?

APARTE: Isso pode ser um meio de fuga.

KRISHNAMURTI: Sim, senhor, não há dúvida que é um meio de fuga; mas as explicações não nos podem levar muito longe. Ide um pouco mais longe, senhor. Penetrai mais.

APARTE: É por medo, não? Por avidez também, talvez.

KRISHNAMURTI: Podemos prosseguir indefinidamente, adicionando explicações e mais explicações: fuga, medo, avidez. E qual o resul-

tado? Não me estou mostrando intransigente, rude ou indelicado. Mas já demos explicações e, contudo, a mente não ficou livre da ocupação.

APARTE: Porque a mente é ocupação.

KRISHNAMURTI: Dizeis que a mente é ocupação; e isso significa — não é verdade? — que a mente que não está ocupada, que não está ativa, pensando, funcionando, indagando, respondendo, desafiando (pois tudo isso são manifestações da mente) não é mente. Isso é exato? A palavra "porta" não é *a porta*, e a palavra "mente" não é *a mente*. A mente "se realiza" na ocupação? Ou existe uma mente que diz: "Estou ocupada"?

Desejo averiguar porque a mente persiste ocupada. Porque dizemos que, se a mente não está ocupada, ativa, buscando, defendendo, nutrindo ansiedades, medo, culpa, não é mente? Se não existem todas essas coisas, não existe mente?

APARTE: Essas coisas são a mente, num certo nível, não constituem a mente total.

KRISHNAMURTI: Ansiedade, culpa, medo, reações — é só isso que conhecemos, não? E que é a totalidade da mente, como a conhecemos? A totalidade da mente, como a conhecemos, são o inconsciente e o consciente. Voltemos um pouco atrás. Por que está ocupada a mente? E que aconteceria se a mente não estivesse ocupada?

APARTE: Se a mente não está ocupada, há atenção profunda.

KRISHNAMURTI: Não digais "se", que é especulação. Como vedes, não estamos penetrando devidamente a questão.

APARTE: A mente está sempre reagindo a estímulos vários. É esse o processo de "estar ocupada".

KRISHNAMURTI: Sem dúvida, senhor, sem dúvida nenhuma. Já alguma vez experimentastes ficar sem pensamento algum? Pois todo pensamento é ocupação com uma ou outra coisa.

APARTE: Isso é impossível, porque, se a mente está vazia, nada se pode experimentar.

KRISHNAMURTI: Não, não, senhor! Aqui também não se trata de nenhum "se"; e não empreguei "experimentar" nesse sentido. Nós

vivemos enredados nas palavras. Já vos aconteceu alguma vez ter cessado o pensamento? Não, "ter terminado um pensamento" porque saístes a seu encontro dispostos a liquidá-lo; não é isso o que quero dizer. Mas, quando há pensamento, há ocupação. O pensamento põe a funcionar o hábito. Já olhastes para uma coisa, sem pensamento? Não me refiro a um estado de vazio, e, sim, a um estado em que estais presente com todo o vosso ser, e plenamente atento. Já olhastes para alguma coisa nesse estado em que não existe pensamento? Já olhastes para uma flor, sem dizerdes o seu nome, sem dizerdes quanto é bela, que linda a sua cor etc.? Sabeis quanto a mente "tagarela". Já olhastes para alguma coisa, sem julgamento, sem avaliação?

Se pudéssemos "olhar" o medo sem resistência, sem aceitá-lo ou condená-lo ou julgá-lo, observando simplesmente a sua presença em nós e "vivendo com ele", isso seria então medo? Mas o "viver com ele" exige imensa energia, para que a mente preste completa atenção.

Suponhamos que alguém me diga: "Sois um homem muito arrogante". Muitas pessoas me dizem coisas — que sou *isto*, que sou *aquilo*. Cada declaração que fazem, eu "vivo com ela". Relevai-me falar rapidamente sobre minha pessoa: Eu "vivo com ela", não lhe resisto; não digo que é certa nem que é errada. E o "viver com ela" requer atenção, para ver se é verdadeira. Atenção é energia. Atenção, energia, é o universo inteiro; mas não é disso que estamos tratando agora. Pode-se "viver com a coisa", não desfigurá-la; não dizer: "Já me disseram isto antes", "Eu não sou assim" ou "Eu sou assim e preciso mudar". Entendeis? Não é possível viver com o agradável e o desagradável; viver com o sofrimento — seja uma dor de dentes ou outra espécie de sofrimento — viver com o medo, sem se tornar desequilibrado? Gostamos de viver com as coisas agradáveis, as experiências deleitáveis que tivemos. São coisas mortas e idas, mas queremos "viver com elas", e, assim, ficamos vivendo apenas com uma lembrança morta. Com o sofrimento não queremos viver, desejamos achar uma saída... Mas não é possível viver com ambas as coisas, sem pedir solução, sem pedir resposta, e sem nos pormos a dormir em relação a elas?

Vede: isto é meditação.

9 de maio de 1961.

LONDRES — V

Libertação do Temor

Da última vez estivemos falando a respeito do medo e sobre se é possível a mente libertar-se dele, completamente e não parcialmente, gradualmente: lançá-lo fora, inteiramente. Gostaria de continuar a investigar esta questão nesta tarde.

Nossa mente é influenciada, em todos os sentidos, pelos livros que lemos, a alimentação que tomamos, o clima, a tradição, e por inumeráveis desafios e reações. Todas essas impressões constituem o condicionamento da mente. Somos o resultado de influências: as que são chamadas "boas" e as que são chamadas "más", as superficiais e as profundas, impensadas, irreconhecidas, desconhecidas. Mas, em geral, não estamos cônscios desse fato. Com a expressão "influências desconhecidas" não me estou referindo a nenhuma coisa misteriosa. De fato, quando viajo num ônibus ou no caminho de ferro subterrâneo, não estou cônscio dos ruídos, dos anúncios, da propaganda dos jornais e dos discursos dos políticos, não estou cônscio de nada do que se está passando. No entanto, nós somos moldados por essas coisas; e quando começamos a notá-lo, isso nos parece algo aterrador, perturbador. A questão, pois, é se a mente é capaz de tornar-se realmente livre da influência — tanto das influências inconscientes como das conscientes. Todos sabemos que, na América, se não me engano, andaram experimentando um método de propaganda, nos cinemas, no rádio e noutros lugares, método consistente em dizer as coisas com tanta rapidez que a mente consciente não as percebe, mas são percebidas pelo inconsciente; a impressão fica gravada. Deu-se-lhe o nome de "propaganda subliminal" e, por felicidade, o governo a sustou. Mas,

infelizmente, embora sustada numa de suas formas, todos somos escravos dessa propaganda inconsciente, "subliminal". Passamo-la adiante a nossos filhos, de geração para geração, e permanecemos aprisionados na estrutura da influência.

Não estamos fazendo propaganda aqui: que isto nos fique bem claro. Para mim, qualquer forma de influência é destrutiva do que é verdadeiro. Se se deseja que a mente se torne livre para descobrir o incognoscível, aquilo que se não pode medir, que não pode ser "juntado" pela mente humana, temos então de penetrar através de todas essas influências. O medo tem suas raízes na marca gravada pelo tempo; e a bondade não pode florescer no campo do medo. Assim, pode-se investigar a influência — a influência da palavra, da palavra "comunista", da palavra "crença" e da palavra "descrença" — para se descobrir diretamente se a mente pode libertar-se da palavra, do símbolo?

Acho importante investigar esse ponto; mas estou incerto sobre o que entendemos por "investigação". Como investigamos? De que maneira penetramos as coisas? Que supõe a investigação? Observais conscientemente o medo, as várias formas de influência, o efeito hipnótico da palavra; olhais as coisas conscientemente, deliberadamente? E quando as olhais dessa maneira, elas vos revelam algo? Ou há outra maneira de ver, de olhar, de investigar? Pelo exercício da vontade, a ânsia, o desejo, a compulsão a investigar, a buscar, podeis esclarecer-vos a respeito do medo? Podeis descobrir todas as suas implicações? Podeis acumular conhecimento a respeito dele, a pouco e pouco, página por página, capítulo por capítulo? Ou pode-se compreendê-lo em sua totalidade, imediatamente? Existem dois modos de investigar, não? Não sei se já pensastes sobre isto. Há o chamado processo positivo, pelo qual nos aplicamos deliberadamente a investigar cada manifestação do medo, pela observação de cada passo, cada palavra, com o perceber cada movimento do pensar. E tal processo é extremamente destrutivo, não achais? — pois é uma constante dissecação de nós mesmos, com o fim de descobrirmos o que desejamos. Esse é o processo analítico, introspectivo.

Existe outro método de investigação? Notai, por favor, que não estou procurando levar-vos a pensar numa certa direção, como o fazem os propagandistas. Mas podemos ver diretamente o que é verdadeiro e o que é falso, sem estarmos sujeitos a nenhuma influên-

cia, nenhuma orientação verbal? Podemos ver a verdade no falso, e como verdadeiro o que é verdadeiro? A questão é esta: Pode o processo analítico de investigação libertar a mente de toda e qualquer forma de medo? E é possível mesmo ficar-se livre do temor? Fisicamente, há o medo autoprotetório, quando, por exemplo, deparamos com uma serpente, um cão raivoso, um ônibus que avança para nós a toda velocidade. Este medo autoprotetório é são, naturalmente. Mas todas as outras formas de reação protetória baseiam-se no medo. E pode a mente, pelo processo positivo de investigação, esclarecer todas as complicações, todo o mecanismo do medo?

Deve ficar bem claro, antes de prosseguirmos, que não se trata aqui de aceitar ou rejeitar o que se está dizendo. Não estamos investigando na base de argumentação; estamos tentando ver o fato real. Quando se vê um fato, não há necessidade de discutir ou de deixar-se convencer a seu respeito.

A questão, pois, é esta: Pelo exame introspectivo, pelo exercício da vontade, mediante esforço, pode a mente libertar-se, esclarecer as causas do medo e dele libertar-se?

Tendes tentado, por certo, disciplinar-vos contra o medo ou procurado racionalizá-lo — o medo do escuro, medo do que os outros digam de vós, medo de mil-e-uma coisas. Todos nós já experimentamos a disciplina e, no entanto, o temor continua existente. A resistência não pode eliminá-lo. Assim sendo, se o processo positivo — se me é permitida esta expressão, pois a palavra "analítico" não é suficientemente descritiva — se o processo positivo é ineficaz para a libertação da mente, existe outro caminho?

Não estou empregando a palavra "caminho", no sentido de movimento gradual de um ponto para outro, implicando, portanto, distância daqui até lá. É no chamado método positivo que existe "gradualidade", o intervalo de adiamento, o "tempo intermediário", o "chegarei oportunamente", o "isso há de ser conquistado mais cedo ou mais tarde", etc. Nesse processo existe sempre um intervalo entre o fato — *o que é* — e a idéia — o que *deveria ser.* Esse método, para mim, não libertará a mente de modo nenhum, porquanto implica o tempo, que se torna então de suma importância. A meu ver, o tempo supõe medo. Se não houvesse amanhã nem ontem, e todas as influências de ontem levando-nos, através de hoje, para amanhã — o que implica não só tempo cronológico, mas também tempo psicológico,

ou seja, a vontade de alcançar, de chegar, de conquistar — não existiria medo, porque, então, só há o movimento vivo, o intervalo onde o tempo não existe.

Assim, o chamado método positivo — investigação positiva, atividade positiva — é, essencialmente, uma prolongação do medo. Não sei se isto está bem compreendido — não as simples palavras que estou dizendo, que não são importantes, porém o fato real.

Ora, se o processo positivo não constitui o fator libertador, qual é então esse fator? Mas, primeiro cumpre compreender que a investigação desse fator libertador não representa meramente uma reação do processo positivo. Isso precisa ser percebido com toda a clareza. Esperai, por favor, um minuto apenas, e *olhai* bem. Estou pensando em voz alta. Não pensei nisso de antemão. Precisamos dar tempo uns aos outros, para *olhar*.

Pode-se ver que a espécie de investigação que denominamos "método positivo" não liberta a mente do temor, porquanto conserva o tempo: o tempo, como o amanhã moldado pelas influências do passado, atuando através do presente. Por favor, não vos limiteis a aceitar isso: *vede-o*. Se virdes a verdade ou a falsidade aí contida, então vossa ulterior investigação não será uma simples reação ao processo positivo.

Sabeis o que entendo por "reação". Não gosto do cristianismo por uma dúzia de razões, e por isso me torno budista. Não gosto do sistema capitalista, porque não posso adquirir uma fortuna imensa ou por outra razão qualquer; assim, em reação, torno-me fascista, comunista, o que quer que seja. Se sou medroso, trato de cultivar a coragem; mas isso é ainda *reação* e, portanto, continua dentro da mesma esfera do tempo.

E vemos, assim, surgir um fato: que quando se vê uma coisa como falsa — e isso não é reação — torna-se existente um novo processo... não um processo, um novo germe.

Não sei se me estou fazendo claro. Em primeiro lugar, para ver que uma coisa é falsa ou que uma coisa é verdadeira, necessita-se de uma mente muito vigilante: mente de todo livre de qualquer *motivo*.

Percebemos agora o que entendemos por processo analítico; e se se lhe percebe a falsidade ou a verdade, ou se se percebe a verdade contida no falso — como trataremos, então, do problema do medo?

Se aquele método não representa o verdadeiro caminho, cumpre-nos então voltar-lhe as costas inteiramente, não é verdade? O voltar-lhe as costas não é uma reação; não tem nenhum *motivo*; é, simplesmente, que o percebestes como falso e, portanto, o abandonastes. Não sei se compreendestes bem isso. Acho importantíssimo compreendê-lo, porque, então, estais cortando as próprias raízes do esforço e da vontade.

Ora, qual o estado da mente que abandonou o processo analítico com todas as suas implicações? Por favor, não vos limiteis a ouvir minhas palavras, mas *olhai* para vossa própria mente.

APARTE: A mente está completamente incerta.

KRISHNAMURTI: Senhor, não respondais, por favor! Não lhe deis, por enquanto, expressão verbal. Tende a bondade de esperar! Não o expresseis, nem sequer para vós mesmos, porquanto se trata de coisa inteiramente nova, entendeis? Por conseguinte, ainda não tendes palavras para representá-la. Se já tendes estas palavras, ainda não estais *olhando verdadeiramente*.

É este o estado de revolução, não achais? — a revolta que não é reação, a revolta que nos afasta de toda tradição referente a "como ser livre", "como alcançar", "como chegar". Não sei se estais apreendendo isso. Mudemos de assunto por um instante; deixemos aquilo momentaneamente "em ebulição".

Em geral, sabemos o que significa sentir-se ansioso, sentir-se "culpado"... vestir roupas limpas, quando há milhões no Oriente que nada têm para vestir; tomar uma substancial refeição, enquanto milhões padecem fome. Talvez, porque viveis numa comunidade onde tendes segurança, do ventre materno ao túmulo, não conheçais esse sentimento. Só há a "culpa" coletiva da raça; a "culpa" da família — o nome, o nome importante e o nome insignificante; a "culpa" dos VIP's [1] e a dos que não são ninguém; e a "culpa" do indivíduo, as coisas que fizemos incorretamente, as coisas que dissemos e pensamos, o desespero que tudo isso desperta. E, por causa desse desespero, praticamos os atos mais estranhos. Andamos numa roda vida, aderindo a *isto* e *àquilo*, tornando-nos *isto* e rejeitando *aquilo*, sempre

---

(1) VIP: iniciais de "*very important persons*" (pessoas muito importantes). (N. do T.)

esperançosos de eliminar o desespero interior. E o desespero, por sua vez, tem suas raízes no medo. O desespero gera muitas filosofias; e por causa dele passamos por muitas mortes. Não me estou fazendo dramático ou romântico. Esse é o estado comum pelo qual todos passam, intensamente ou superficialmente, quando, por exemplo, ligamos o rádio, abrimos um livro, vamos ao cinema, à igreja, ou assistimos a um desfile. Se for muito profundo, a pessoa "perde o pé", tornando-se neurótica ou aderindo a um dos novos e "modernos" movimentos intelectuais.

É isso o que está acontecendo em todo o mundo. Negamos Deus, as igrejas perderam sua significação, a autoridade do sacerdote desvaneceu-se. Quanto mais a pessoa reflete, tanto mais purifica sua mente de todos esses absurdos.

É necessário, pois, *estudar* o medo, comprender o temor. Entendeis? É necessário *descobrir*. Porque não existe apenas o medo à morte, o medo das coisas que fizemos e das coisas que não fizemos, mas existe também o desespero, a ansiedade, e a "culpa", nascidos do medo. Tudo são manifestações do medo. Assim, para que a mente não se despedace ou deteriore, para que permaneça ativa, rica, ela tem de eliminar o temor. Enquanto não o fizermos, acho que não poderemos saber o que significa amar e o que significa ter paz — não a paz política, etc. e tal, porém um genuíno sentimento de tranqüilidade interior, inatingível pelo tempo, incorruptível; esse sentimento nenhuma relação tem com aquela coisa chamada paz, construída pela mente humana.

É, portanto, imperioso que a mente se liberte do medo, porque só a mente livre pode descobrir se algo existe *além*. Algo que se pode chamar a Verdade, Deus — ou o nome que preferirdes: aquilo que o homem vem buscando há séculos, há milênios.

11 de maio de 1961.

LONDRES — VI

Das Influências Condicionantes

Estivemos falando a respeito da total libertação do medo; e, evidentemente, é necessário estar-se livre dele, porquanto o medo cria inúmeras ilusões, inúmeras formas de automistificação. Sob o domínio, consciente ou inconsciente, do medo, jamais descobriremos o que é verdadeiro ou que é falso. Se não estamos livres do temor, a virtude pouco significa. E eu gostaria de averiguar junto convosco o que é virtude, se tal coisa existe realmente ou se é simplesmente uma convenção social, sem nenhuma relação com a realidade. Cumpre abeirar-nos desta matéria compreendendo a necessidade de a mente estar livre do medo. Quando nenhum medo existe, existe virtude? Moralidade e virtude são puras convenções sociais, sujeitas a alterar-se periodicamente? Para a maioria de nós, a virtude é uma qualidade, um padrão moral resultante de resistência, conflito; mas eu sinto que a virtude, se pudermos descobrir-lhe o verdadeiro significado, deve ser coisa muito diferente.

Podemos varrer para o lado toda a moralidade social, a qual é mais ou menos necessária — assim como o é ter o seu quarto bem arrumado, vestir roupas limpas etc.; mas, independentemente dessas coisas, virtude ou moralidade é, em geral, uma capa de respeitabilidade. A mente que se ajusta, a mente que obedece, que segue a autoridade, a convenção, não é, por certo, uma mente livre; é uma mente vulgar, estreita, limitada. Cabe-nos, pois, indagar se a mente pode libertar-se de todas as formas de imitação. E para compreender esse problema, temos de eliminar de nossa mente o medo, em qualquer forma que seja. A moralidade social se baseia essencialmente na autoridade e na

imitação. Assim, consideremos por ora se a mente pode compreender as limitações próprias da imitação, do ajustamento a determinado padrão. E se é possível a mente descondicionar-se.

Parece-me que a bondade, a florescência da bondade, nunca se verificará enquanto a mente for apenas "respeitável", adaptada ao padrão social, a certo padrão ideológico ou religioso, quer imposto de fora, quer interiormente cultivado. Resulta daí a questão: Por que é que o homem segue? Por que segue não apenas o padrão social mas também o padrão que estabeleceu para si próprio, pela experiência, pela constante repetição de certas idéias, certas normas de conduta? Temos a autoridade do livro, a autoridade do que se diz sabedor, a autoridade da igreja e a autoridade da Lei; e onde traçar a linha que indica quando não se pode *seguir* e quando se deve *seguir?*

O seguir a Lei é evidentemente necessário, pois cumpre "conservar a direita" ou "a esquerda", na estrada (conforme o país em que que nos achamos) etc.; mas, quando se torna a autoridade prejudicial, um verdadeiro mal?

Examinando bem esta matéria, pode-se ver que a maioria de nós busca o poder. Social, política, econômica, religiosamente, estamos em busca de poder; o poder que o saber, a técnica, conferem; o extraordinário poder que um homem sente possuir quando tem perfeito controle do próprio corpo: o poder que o ascetismo dá. Tudo isso, por certo, é processo imitativo; significa ajustamento a um padrão, com o fim de adquirir um certo poder, uma certa posição, vitalidade. Assim, parece-me que, se não compreendemos toda a anatomia do poder, a ânsia, o desejo dele, nunca poderá a mente encontrar-se naquele estado de humildade, que não é a humildade inventada pelo homem.

Ora, por que é que o homem segue? Por que seguis a mim, o orador — se me estais seguindo? Estais-me *seguindo*, ou estais prestando atenção, *escutando*? Estes são dois estados completamente diferentes, não? Seguis, quando vosso desejo é realizar, alcançar ou ganhar algo que julgais este orador pode oferecer. Mas, se o orador de fato está oferecendo alguma coisa, ele é então um propagandista, e não um investigador da verdade. E se estais seguindo alguém, isso indica claramente que tendes medo, que estais incerto: desejais ser encorajado, ser informado sobre como alcançar, ser bem sucedido.

Mas se, ao contrário, *escutais* realmente — e isso é muito diferente de seguir a autoridade ou buscar o poder — estais então *escutando* para descobrir o que é verdadeiro e o que é falso, e esse descobrimento não depende de opinião nem de saber. Ora, como descobris o que é falso e o que é verdadeiro, se estais *escutando*? É bem óbvio que se a mente está apenas argumentando, interiormente ou com uma pessoa que está expondo certas idéias, não está descobrindo o que é verdadeiro ou falso. O indivíduo não está escutando, absolutamente, quando esse escutar apenas provoca uma reação em conformidade com seu saber, sua experiência, opinião, educação, isto é, seu condicionamento. Não escuta, igualmente, ao forcejar por descobrir o que outra está dizendo, porque então seu interesse está inteiramente absorvido pelo esforço. Mas se todos esses estados puderem ser postos de parte, existirá, então, o estado de *escuta*, que é atenção.

Atenção não é, de modo nenhum, a mesma coisa que concentração. Concentração significa obrigar a mente a focar determinado ponto, pelo processo de *exclusão*. A atenção, ao contrário, é *inclusão total*. Há atenção, quando não apenas estais escutando o orador, mas também a música que estão tocando na igreja vizinha, e os ruídos do tráfego, lá fora — quando a mente está de todo atenta, sem nenhum limite e, portanto, sem nenhum centro. Está ela, então, *escutando* e, portanto, vendo o que é verdadeiro e o que é falso, imediatamente, sem reação alguma, sem o emprego de qualquer forma de dedução, indução, ou outro artifício qualquer. Ela está escutando realmente e há, por conseguinte, nesse próprio ato de escutar, revolução, transformação fundamental.

Essa atenção, para mim, é virtude; só nessa atenção floresce a bondade simples, a bondade que não é produto da educação, da sociedade e de todos os atavios intelectuais criados pela influência. E, talvez, essa atenção é também amor. O amor não é virtude — a virtude que conhecemos. E onde existe esse amor, não existe pecado; o homem pode então fazer o que quer; está fora do alcance dos tentáculos da sociedade e de todos os horrores da respeitabilidade.

Assim, deve o homem descobrir por si mesmo por que segue, por que aceita essa tirania da autoridade — autoridade do sacerdote, autoridade da palavra impressa, da Bíblia, das Escrituras indianas etc. etc. Pode-se rejeitar completamente a autoridade da sociedade?

Não me refiro à renúncia dos *beatniks* [1] mundanos; esta é mera reação. Mas, pode-se realmente perceber que esse ajustamento exterior a um padrão é fútil e de efeitos destrutivos para a mente que deseja descobrir o que é verdadeiro, o que é real? E, se se rejeita a autoridade externa, é igualmente possível rejeitar a autoridade interna, a autoridade da experiência? Pode-se renunciar à experiência? Em regra, a experiência é "guia do saber". Dizemos: "Sei por experiência", ou "A experiência me indica que devo fazer isto"; a experiência se torna, assim, nossa autoridade interna. E esta é, talvez, muito mais destrutiva, muito mais maligna do que a autoridade externa. É a autoridade de nosso condicionamento, o qual nos conduz a ilusões de todas as formas. O cristão tem visões do Cristo, e o hinduísta tem visões de seus próprios deuses — cada um em virtude de seu próprio condicionamento. E pelo próprio fato de ter tais visões, de *experimentar* tais ilusões, ele se torna altamente respeitado, "um santo".

Ora, pode a mente eliminar todo o seu secular condicionamento? Afinal de contas, condicionamento é produto do passado. As reações, os conhecimentos, as crenças, as tradições de muitos milhares de dias passados concorreram para moldar a mente. E pode-se eliminar tudo isso? Deveis pensar nisso seriamente, em lugar de afastardes de vós a questão, dizendo "Não é possível", ou "Se é possível, como poderei fazê-lo?" O "como" não existe. "Como" implica tempo intermediário; e a mente para a qual é importante o tempo intermediário está em verdade adiando. Pode-se pensar que, embora se possa "banhar" a mente para torná-la comunista, capitalista ou o que quer que seja — e isso significa apenas uma diferente forma de condicionamento — é impossível estar-se livre de todos os condicionamentos. Não sei se percebeis bem isso. Não sei se estais cônscios de vosso condicionamento, o que ele implica, e se há, ou não, possibilidade de libertação. O condicionamento é a própria raiz do medo; e onde existe medo, aí não há virtude.

Para se penetrar profundamente nesta questão requer-se muita inteligência, e por inteligência entendo a compreensão libertadora de toda e qualquer influência. A influência é a causa do condiciona-

---

(1) *Beatniks*: seita de "intelectualistas" (Califórnia) — pretensos cultores do Budismo-Zen. (N. do T.)

mento. Fostes criados para crer em Deus, em Cristo, para repetir certas coisas todos os dias; ao passo que na Índia se despreza tudo isso, porquanto, lá, eles foram criados com seus próprios santos e deuses. A questão, pois, é esta: Pode a mente, depois de influenciada por tantos séculos pelo peso esmagador da tradição, desfazer-se desta completamente e sem esforço algum? Podeis sair daí, dessa estrutura, tão facilmente como podeis sair deste salão? E esse *fundo* (*bakground*) não é a própria mente? A história da mente é a mente. Não sei se isto está para vós bem claro.

A mente é o próprio *fundo* (*background*). A mente é tradição. Ela resulta do tempo. E reconhecendo a inutilidade de suas atividades, diz, por fim, que existe "a graça de Deus", que é preciso esperar, aceitar, receber — e isso é outra forma de influência. Essa mente não é uma mente inteligente.

Que fazer, então? Estou certo de que já examinastes bem isso. Deveis tê-lo experimentado: não aceitar, não confiar na autoridade, não se deixar influenciar. Deveis ter chegado à compreensão de que a mente, ela própria, nada pode fazer. Ela é escrava de si própria; criou seu próprio condicionamento; e toda reação a esse condicionamento o fortalece mais ainda. Todo movimento, todo pensamento, toda ação que se verifica no interior da mente continua dentro da limitada esfera de seus próprios valores. Se já penetramos até este ponto, não teoricamente, não intelectual ou verbalmente, porém de modo real, que acontece então? Espero compreendais o resultado disso. O resultado é que, para a mente que deseja compreender o que é verdadeiro e saber se existe o imensurável, o "indenominável", toda espécie de autoridade deve cessar — tanto a autoridade da Lei como a autoridade da experiência. Mas isso não significa "conduzir o carro pelo lado errado da estrada": significa que a mente rejeita a autoridade de toda experiência, que é conhecimento, que é a palavra, e rejeita todas as sutilíssimas formas de influência, o "esperar para receber", todas as expectativas. A mente é então deveras inteligente.

Penetrar em si mesmo tão profundamente, tão cabalmente, é trabalho dificílimo. Para nos aplicarmos a qualquer coisa requer-se energia, *não esforço*. E se chegamos até esse ponto, resta ainda alguma coisa da mente, tal como a conhecemos? E não é necessário alcançar esse estado? Porque, sem dúvida, ele é o único estado criador. Escrever um poema, pintar um quadro, construir um edifício, etc. — isto

por certo não pode ser chamado ação criadora, no verdadeiro sentido da palavra.

Sente-se que a criação, a coisa que chamamos Deus, ou a Verdade, ou como quiserdes chamá-la, não é apenas para uns poucos eleitos. Não é apenas para os indivíduos dotados de certa capacidade, certo dom, tal um Miguel Ângelo ou Beethoven, ou os modernos poetas, arquitetos e artistas. Eu sinto que ela está ao alcance de todos — esse extraordinário sentimento da imensidade, de algo que não conhece obstáculos nem fronteiras, que não pode ser medido pela mente ou expresso em palavras. Sinto que a criação está ao alcance de todos. Porém, não é um resultado. Ela nasce, penso, quando a mente começa pelo que está mais próximo, ou seja por si própria — e não quando busca o que está mais remoto, o inimaginável, o desconhecido. O autoconhecimento, conhecimento de nosso "eu", significa abri-lo, examiná-lo, ver o que ele é — e, não, buscar algo fora de nós. A mente é de fato uma coisa extraordinária. Como a conhecemos, ela é resultado do tempo; e o tempo é autoridade — a autoridade do bom e do mau, do que se deve fazer e do que não se deve fazer, da tradição, das influências, do condicionamento.

Pode, pois, a vossa mente — não vos falo individualmente — descobrir todo o seu condicionamento, tanto o consciente como o inconsciente, e dele sair? "Sair" é apenas expressão verbal: pois quando a mente se vê condicionada e compreende todo o mecanismo desse condicionamento, então, de repente, ela se encontra "do outro lado".

APARTE: Percebe-se o condicionamento por meio das "provocações", dos desafios da vida?

KRISHNAMURTI: Percebe-se realmente alguma coisa por meio de "provocação"? Se reagis a uma provocação, diríeis que isso é *ver*?

APARTE: Estou apenas alvitrando que essa espécie de lucidez, de percebimento em alto grau, a que vos referis, ocorre, às vezes, quando presenciamos um acidente.

KRISHNAMURTI: Esse súbito "congelamento", essa "contração" da atenção vos faz ver — *ver*, no sentido que estamos apreciando? Estamos falando a respeito do condicionamento e da percepção desse condicionamento. Que significa essa percepção? Estais tentando ver o vosso condicionamento só porque eu estou dizendo que se vossa mente

está condicionada não podeis ver o que é verdadeiro? Esperais que, como *resultado* de perceberdes o vosso condicionamento, encontrareis a eterna bem-aventurança? Ora, a experiência é algo extraordinário. Ou bem uma pessoa *tenta experimentar* porque outra lhe está falando a respeito de uma certa coisa, ou bem experimenta realmente, por si mesma, a própria coisa. Ninguém vos precisa expor o que é fome, inveja ou cólera. O descobrimento de vosso condicionamento, porque alguém vo-lo expõe, não é um descobrimento feito por vós mesmo. Não sei se estais percebendo. Considerai uma coisa muito simples: o nacionalismo é uma forma de condicionamento. A mente nacionalista é uma mente rústica, medíocre. Percebeis, por vós mesmo, essa verdade, esse fato? Ou dizeis: "Talvez seja. Preciso descobrir isso. É bem possível que *ele* tenha razão".

Expressar-me-ei de outra maneira. Percebo muito claramente que pertencer a qualquer religião organizada destrói a possibilidade de descobrir Deus — ou o nome que lhe quiserdes dar. A mente não pode entregar-se a qualquer forma de pensamento, crença, ou dogma, organizados. Isso eu percebo com toda a clareza, ninguém mo precisa dizer. Para mim, o fato é esse, e o digo. Então, porque eu gozo de uma certa reputação etc., dizeis para vós mesmos: "Preciso abandonar isto". E eis-vos apanhado na rede: *desejando* pertencer e ao mesmo tempo dizendo que não deveis pertencer. Portanto, não se trata de experiência vossa. No percebimento direto não há conflito. A mente que percebe a realidade de uma coisa, falsa ou verdadeira, está percebendo diretamente, sem conflito, sem causa, sem busca de resultado. Esse percebimento é, assim, de qualidade bem diferente da experiência imitativa, copiadora, que tem sempre um *motivo* remoto.

Estivemos, pois, falando a respeito do medo, da autoridade, da virtude e do condicionamento. Vedes o fato de vosso próprio condicionamento? E quando o vedes, vedes-lo totalmente ou apenas parcialmente? Percebeis o volume inteiro ou apenas uma página do volume? Se não estais vendo a totalidade, porém apenas uma página, haverá então uma batalha, uma guerra, em vosso interior.

APARTE: Como podemos saber se estamos vendo o volume inteiro ou apenas uma página?

KRISHNAMURTI: Quereis que vos seja dada a certeza de que estais vendo o todo e não uma parte? Se desejais que se vos dê certeza,

não estais então buscando a autoridade? Vossa pergunta é errônea, perdoai-me dizê-lo. A pergunta é: Pode-se perceber o todo?

APARTE: Posso alvitrar que, para se encontrar a resposta correta, não se deve fazer perguntas nem esperar respostas?

KRISHNAMURTI: Isto não é Budismo-Zen? Ora, senhor, procurar descobrir diretamente é muito mais importante, muito mais real do que ler um livro.

APARTE: Todos temos certos momentos de percebimento total, e então nossa vontade é a de prendê-lo e conservá-lo continuamente.

KRISHNAMURTI: Pode-se *prender* a compreensão? E pode-se conservá-la continuamente? O que tem continuidade não é o Real; é simplesmente um hábito. Todos dizemos: "Preciso conservar 'tal coisa' continuamente, conservar vosso amor, vossa afeição por todo o sempre". Dizemos isso a nosso marido, nossa esposa, e também a Deus. O que tem continuidade não é novo; não é o estado de criação. Só quando há "morrer para cada minuto", existe o novo.

Voltemos ao nosso ponto. Qual o estado da mente que percebe o todo, a totalidade? Por favor, não tenteis responder. Estais procurando descobrir por vós mesmo. Vedes alguma vez uma coisa totalmente? Eu sei, por exemplo, que uma árvore é uma coisa muito simples, uma coisa comum; mas vedes a totalidade da árvore, a "qualidade-árvore", se assim posso expressar-me? Quando vedes um rio, vedes apenas "o Tâmisa", ou vedes a "totalidade dos rios", a "qualidade-rio"?

Ora bem, senhores, desejo descobrir agora, antes de sairmos deste salão, o que significa ver totalmente, e se já vi alguma coisa totalmente. Falamos de uma coisa, sem sabermos, talvez, o que ela significa. Já observastes uma flor — sem dar-lhe nome, apenas, e deixá-la para trás? Já a *observastes, vendo, escutando, sentindo*, com todo o vosso ser? Por certo, o observar, o ver uma flor, o rio, a pessoa, as árvores, o condicionamento, requer — não é verdade? — que estejamos cônscios, sem *nenhum centro, nenhuma palavra.*

Vede: Quando uma pessoa está enraivecida, ou sexualmente excitada, nesse estado não existe centro, existe? No mesmo momento da cólera, não há centro. Sois *todo cólera.* Não é exato isso? Mas, no

minuto seguinte, o centro se manifesta, dizendo: "Eu não devia ter-me encolerizado. Insensatez minha".

APARTE: Isso não acontece porque a cólera é um estado egocêntrico?

KRISHNAMURTI: Um momento, por favor, parece que não estais percebendo bem. No momento exato da cólera não há a reação condenatória de chamá-la "egocêntrica"; isso vem depois. Estamos perguntando se a mente pode perceber a totalidade de seu condicionamento — as influências conscientes e inconscientes da tradição, dos valores, das crenças, dos dogmas, do nacionalismo, da palavra "britânico" — a coisa total.

APARTE: Eu diria que nunca vemos coisa alguma.

KRISHNAMURTI: Provavelmente tendes toda a razão, senhor. Mas estamos fazendo agora esta pergunta.

APARTE: Só se pode sentir totalmente.

KRISHNAMURTI: E no momento em que sentis totalmente, existe um centro a dizer: "Estou sentindo totalmente"? Não respondais, por favor. Prossegui, até o fim. É muito importante ficar livre desse condicionamento, é claro, porque, de qualquer maneira que o considereis, ele se apresenta extremamente estúpido. Estais condicionado como católico, protestante, hinduísta, comunista, *isto* ou *aquilo*; estar condicionado por um rótulo, uma palavra, e tudo o que se contém atrás desse rótulo e dessa palavra — é sumamente estúpido. Ora, pode a mente varrer tudo isso, de um só golpe? Vede, a virtude reside nesse percebimento. O único homem virtuoso é aquele que, percebendo a totalidade de seu condicionamento, o elimina. Os outros não são virtuosos, absolutamente; estão tão-só a entreter-se com os brinquedos da chamada civilização.

Isso significa, na realidade: Pode a mente tornar-se de todo atenta? Podeis estar totalmente cônscio, com todos os vossos sentidos, todo o vosso corpo, toda a vossa mente? Ainda que estejais cônscio dessa maneira por um minuto apenas, nunca mais perguntareis: "Como posso ficar totalmente cônscio? Isso é possível?" Perdemos tanta beleza e tanto amor e um tão profundo sentimento da imensidade, quando nos rodeamos de nossas palavras, disputas, crenças, dogmas e outras coisas que tais. Não as sacudimos para longe de nós; e por isso somos escravos do tempo.

14 de maio de 1961.

LONDRES — VII

Pensar e Sentir

Em nossas últimas reuniões estivemos falando a respeito do medo, e vejamos se podemos considerá-lo agora de um ângulo diferente.

O medo gera toda espécie de ilusão e automistificação e parece-me que, a menos que a mente esteja totalmente livre dele, em qualquer de suas formas, então, cada pensamento, cada ação, recebe o seu colorido. Embora já tenhamos falado a seu respeito pormenorizadamente, acho que valeria a pena considerá-lo agora de diferente modo. Desejável seria uma pessoa descobrir por si mesma a maneira de examinar uma coisa tal como o medo, a possibilidade de esclarecê-la, não apenas no nível consciente, mas também nas camadas mais profundas, nos recessos ocultos da consciência. Como, por exemplo, penetrar o desejo? Pois o desejo, com todas as suas incitações, sua incessante exigência de preenchimento, gera medo e autocontradição.

Ora, que significado tem o desejo? E no processo de o descobrirmos, podemos chegar a compreender a ânsia de preenchimento, com suas frustrações e sofrimentos? E pode-se compreender o processo da comparação? Porque, assim me parece, onde há comparação, há ânsia de poder. Todas estas coisas estão ligadas entre si, e talvez possamos nesta tarde examinar esta questão mais ou menos profundamente.

No meu sentir, existe um estado mental que está acima e além do sentimento e do pensamento; mas, para o alcançarmos, requer-se extraordinária compreensão do processo do sentir e também do processo do pensar. A única coisa que possuímos é nosso sentir e nosso

pensar. O sentimento é inspirado pelo desejo, reforçado e mantido pelas instâncias do desejo; e o desejo se restringe sempre a nutrir o prazer e evitar a dor e o sofrimento. Por essa razão, atrás do desejo está sempre a sombra do medo. Assim sendo, parece-me que, para que a mente possa pensar com precisão, sem perversão, nem desvio de espécie alguma, ela deve investigar de maneira completa a questão do desejo.

Ora, como investigar? Como aplicar-nos ao trabalho de esclarecer essa coisa sutilíssima que se chama desejo, base de todas as incitações psicológicas? O impulso para nos preenchermos causa, invariavelmente, frustração, medo e sofrimento; e as pessoas chamadas religiosas sempre disseram que devemos expulsar o desejo; por conseguinte, esforçamo-nos por dominá-lo, reprimi-lo, sublimá-lo, ou tratamos de fugir por meio da identificação com alguma coisa. Desejo significa conflito. Eu desejo ser algo, e no próprio processo de tentar tornar-me essa coisa, existe conflito, e vem-me então a ânsia, o esforço de fugir a esse conflito. Exteriormente, na sociedade, o desejo se expressa como ânsia de aquisição, busca de *mais*; e interiormente ele se expressa como movimento em busca da certeza.

E pode-se controlar o desejo? Ele deve ser controlado, ou devemos soltar-lhe as rédeas, conceder-lhe plena expressão? Eis o problema. Se lhe damos expressão plena, existe sempre a incerteza quanto ao resultado e, portanto, o sentimento de frustração, de medo. Se o disciplinamos, controlamos, moldamos, isso também supõe conflito entre o que *é* e o que *deveria ser*. E, naturalmente, se o reprimimos, sublimamos, por meio de várias formas de identificação — com determinado grupo, determinado conjunto de idéias, uma crença, etc. — existe ainda conflito. O desejo parece gerar sempre conflito, e acho que a maioria está bem cônscia disso. Se somos um tanto ou quanto intelectuais, procuramos uma válvula de segurança, a fim de lhe não soltarmos as rédeas, e nossos desejos assumem então a forma de presunções, vaidades e pretensões intelectuais, aquisição de conhecimentos, de competência.

E o desejo, na esperança de *realizar, preencher,* está sempre comparando. Não sei se já notastes como estamos sempre a comparar — a comparar-nos com outro, a comparar nossa roupa, nossa aparência, nossas experiências, a comparar idéias, quadros etc. Compreende-se realmente alguma coisa pela comparação? E pode a mente

deixar completamente de comparar? Pode uma pessoa, porventura, começar a compreender o que é o desejo, em vez de procurar reprimi-lo? A represão do desejo, parece-me bem óbvio, é fútil, embora seja uma prática muito generalizada no mundo inteiro, principalmente entre aqueles que procuram pôr em evidência sua própria "santidade". Não importa se o reprimimos um pouco ou completamente, ele continua existente, e a diferença é só que se expressa de outra forma.

Agora, a paixão e a lascívia são duas coisas diversas, embora ambas sejam formas de desejo. Nós precisamos de paixão. Para "viver" com algo belo ou com algo feio, necessita-se de paixão porque, do contrário, o belo embota a mente e o feio a perverte. Paixão é energia; e o mero reprimir do desejo não produz esse extraordinário sentimento de intensidade, paixão. Naturalmente, se o desejo se identifica com uma idéia, um símbolo, uma filosofia, produz-se uma "intensidade" de certa natureza. Sabeis de pessoas que percorrem o mundo a praticar "boas obras" de toda espécie, a pregar o que as pessoas devem ser e o que não devem ser. Não me refiro a essa espécie de intensidade; porque, se essas pessoas deixassem de falar, de praticar boas obras etc., elas próprias se veriam aprisionadas na rede de suas tribulações e agonias. Mas há uma intensidade que aparece quando se compreende o desejo e se percebe o inteiro significado da represão, da substituição, da fuga.

Espero não estejais apenas ouvindo minhas palavras, mas estejais também cônscios de vossas próprias formas de desejo, percebendo rapidamente, prontamente, o caminho que ele segue, e aonde leva esse caminho; e que vejais como tendes reprimido o desejo, como o tendes identificado com tal ou tal coisa. Afinal de contas, a finalidade destas reuniões não é a de me ouvirdes falar, mas, sim, de *escutardes* de tal maneira que possais descobrir *a vós mesmo*, conhecer todo o "mapa" do "eu", suas extraordinárias complexidades, seus desvios e trilhas, suas ambições, ânsias, compulsões, crenças, dogmas. Pois se a pessoa não vê tudo isso, não está cônscia de tudo isso, tornam-se absolutamente inúteis estas reuniões; convertem-se simplesmente numa nova modalidade de entretenimento, talvez um pouco mais intelectual, mas, no fim de tudo, só restam cinzas. Palavras são cinzas, e viver de explicações, de palavras, é viver uma vida vazia, uma existência árida.

Acho, pois, que seria proveitoso se pudéssemos, no decorrer destas reuniões, travar realmente batalha com nós mesmos, desvendar coisas e, depois, talvez, transcender esse processo de sentimento e de pensamento. Eu gostaria que chegássemos até esse ponto, nesta tarde; mas isso não será possível se não compreendermos *realmente* — não apenas verbal ou intelectualmente — a vastidão do desejo e todo o seu significado.

Pode-se ver que qualquer forma de disciplinamento, controle, repressão, substituição ou sublimação, perverte a beleza do desejo e, por conseguinte, torna a mente incapaz de ser nova, ágil. Penso que isso precisa ser percebido muito claramente. E é possível percebê-lo claramente, quando fomos educados numa sociedade cujos valores se baseiam na aquisição, cujos dogmas e crenças religiosas impõem tantas maneiras de desviar, reprimir o desejo? Desejo, evidentemente, significa comparação; e a comparação, se a examinamos mais profundamente, conduz à ânsia de poder.

Muito se fala a respeito de paz, de amor, e por aí além. Todo político, em qualquer parte do mundo, proclama incessantemente o seu deus, sua paz, seu amor. E pode a mente que ainda não compreendeu o inteiro significado do desejo saber o que é amor? E as pessoas religiosas consideram o desejo como coisa má — exceto, é claro, o desejo de Deus, de Jesus, ou de *alguém*; e os mosteiros estão cheios de tais pessoas. Pode a mente dessas pessoas *ver* a imensidão dessa coisa que ocultamos debaixo da palavra "amor"?

Assim, se se percebe o significado da repressão e, portanto, já não há ânsia de reprimir, de "transmutar" etc., que se deve então fazer? O desejo lá está, ardente, impelindo-nos ao preenchimento, a avançar, a comprar um carro, uma casa maior, etc. Ele lá está; que fazer, pois? Não sei se já alguma vez fizemos a nós mesmos esta pergunta. Já nos acostumamos a controlá-lo, a moldá-lo, a moderá-lo, a acrescentar-lhe "lastro", a confrontá-lo com outra coisa qualquer, isto é, compará-lo. E pode-se deter esse processo? É só quando esse processo foi detido completamente, que se pode perguntar o que se deve fazer com o desejo. Não sei se já alcançastes este ponto.

Isso, realmente, significa: Pode-se viver neste mundo sem ambição? Podeis ter vosso emprego e trabalhar sem ambição? E, se o fizésseis, vosso rival não trataria de "liquidar-vos"? E, também, não temos medo de que, se não houvesse ambição, a pessoa se apagaria

de todo? Se me permitis sugerir, fazei a vós mesmos esta pergunta. — Quando é que perguntais: Que devo fazer com o desejo? É necessário passar primeiramente por todas as formas de preenchimento, com as respectivas frustrações, aflições, temores, "culpa" e ansiedade? Ou, talvez, nunca fizestes esta pergunta e só cuidais de *reprimir*, constantemente. Se porventura não encontrastes felicidade, posição, prestígio, numa direção, virais noutra direção; são estas as expressões exteriores e interiores do desejo. Quando nada somos neste mundo que está a desintegrar-se, voltamo-nos para o interior, em busca de preenchimento. Ninguém faz tal pergunta quanto está justamente em busca de preenchimento.

Para a mente que está deveras investigando, que deseja verdadeiramente descobrir se há Deus, a Verdade, algo além de todas as palavras, não há dúvida de que é importantíssimo compreender essa coisa chamada desejo. É correto viver sem desejos? E se matais o desejo, não matais também o sentimento e todas as suas qualidades sensitivas? O sentimento faz parte do desejo, não?

Assim, quando uma pessoa penetrou todas as implicações da repressão, não é certo que essa pessoa já não está a reprimir, a substituir? Não se trata aqui apenas de vos hipnotizardes verbalmente; trata-se de uma coisa realmente difícil, como o sabeis, se chegastes até aí. Porque uma parte desse desejo é descontentamento com aquilo que somos; e por trás desse descontentamento está a ânsia de *poder*, de ser alguma coisa, de *preencher* de alguma maneira. Os mais de nós nos vemos presos a essa roda do preenchimento e da frustração; e, na incessante batalha da autocompaixão, acabamos transpondo a porta do desespero.

Ora, pode-se ver tudo isso realmente, sem se precisar levar nisso dias, meses ou anos? Pode-se ver essa incessante busca de preenchimento, e como nela persistimos, apesar dos sofrimentos que nos causa? Podemos vê-la como o próprio conteúdo de nossa vida, e cortá-la pela raiz? E, então, se chegamos tão longe — ou, melhor, *tão perto* — que devemos fazer com o desejo? Há então necessidade de fazer alguma coisa em relação ao desejo? Entendeis?

Até agora temos sempre feito alguma coisa em relação ao desejo, encaminhando-o pelo "canal correto", dando-lhe a tendência correta, o alvo correto, o fim correto. E se a mente — que está condicionada, que só pensa em termos de realização, em virtude de sua educação,

formação, etc. etc. — já não procura moldar o desejo como coisa separada dela própria; se já não *interfere* no desejo, se posso empregar tal palavra, que mal há então no desejo? É ele, então, a coisa que sempre conhecemos como *desejo*? Por favor, senhores, acompanhai-me

Sempre pensamos no desejo em termos de preenchimento, realização, ganho — nos tornarmos ricos, interior ou exteriormente; em termos de fuga; em termos de *mais*. E quando *se vê* tudo isso, então o sentimento até agora chamado "desejo" assume um significado totalmente diferente, não? Podeis então olhar para um belo carro, uma bela vivenda, um bonito vestido, sem a reação de desejar, *identificar*.

Conheceis o ponto de vista social, em relação à existência — que é o ponto de vista em que fostes criados, desde a infância: entretenimento com idéias, busca de preenchimento, a luta de cada um para se tornar melhor do que outro. Quando percebeis o verdadeiro significado de tal conflito e este, conseqüentemente, deixo de existir em vosso interior, "vos caiu da mão", o desejo é então o que antes era?

Afinal de contas, sentir é pensar, não? As duas coisas são inseparáveis. Quando vejo uma criança na miséria, a padecer fome, tenho o desejo de repudiar a sociedade, o político etc., e fazer alguma coisa a esse respeito. O sentimento sempre acompanha o pensamento. E sentimento é percepção-sensação-contato etc. Sentir é ser sensível; e quanto mais sensível a pessoa, tanto mais sofre e, por conseguinte, começa a construir uma defesa, um abrigo. Tudo isso é uma forma de desejo. Deixar de ser sensível significa, obviamente, ficar paralisado interiormente, morrer. Talvez a maioria de nós esteja paralisada; é isso que nos acontece em virtude da educação, das relações e contatos sociais, do conhecimento — tudo nos torna embotados, estúpidos, insensíveis. E, vivendo num túmulo, queremos sentir!

Compreendido isso, há então limite ao desejo? Não sei que outra palavra empregar para designar a coisa que chamávamos "desejo". Vedes o que sucedeu — se penetrastes devidamente? "Ele" já não é sentimento ou pensamento; é algo completamente diferente, em que estão incluídos o sentir e o pensar. Procurai compreender isso. A vida da maioria de nós é terrivelmente monótona, toda de rotina e tédio — conheceis muito bem todos os horrores de vossa existência, sua mediocridade; e não se pode compreender um dia, um minuto, sequer, de nossa vida, se se não compreenderem algumas de suas

coisas. E talvez seja por essa razão que todos somos tão "espirituais" e tão medíocres!

Chegamos, pois, a esse resultado, realmente muito interessante — se examinastes bem. A coisa que chamávamos desejo, com todas as suas corrupções, suas tribulações, misérias, sofrimento, impotência, entusiasmo, interesses etc. — essa coisa, vemo-la agora, em toda a sua profundeza, com uma simples olhada. Sabeis que uma pessoa não precisa embriagar-se para conhecer o "estado de sobriedade". Do mesmo modo, se se percebe completamente o processo do preenchimento, ele está acabado; toda forma de preenchimento, toda forma de ser ou "vir a ser" algo acabou-se definitivamente.

APARTE: Mas eu acho que uma pessoa necessita embriagar-se para saber o que é a *embriaguez*.

KRISHNAMURTI: Não é um tanto despropositado, senhor, dizer que uma pessoa *necessita* saber o que é a embriaguez e, portanto, precisa beber, para sabê-lo? É preciso assassinar alguém, para se saber o que é "assassínio"? Senhor, deixemo-nos de sutilezas. Apliquemos deveras a mente a este nosso exame.

APARTE: São as contradições do desejo que nos impedem de compreendê-lo.

KRISHNAMURTI: Por que existem contradições, senhor? Refleti bem nisso. Desejo ser rico, poderoso, importante, e ao mesmo tempo percebo a futilidade de tal coisa, pois vejo que as pessoas importantes, com todos os seus títulos etc., em verdade não são *ninguém*. Existe, pois, uma contradição. Ora, por quê? Por que essa atração em diferentes direções, e não concentrada numa só direção? Estais entendendo o que quero dizer? Se desejo ser político, por que não me torno político e me contento em sê-lo? Por que recuo?
Examinemos isso alguns minutos, se vos apraz.

APARTE: Tememos o que possa acontecer se nos entregamos a um só desejo.

KRISHNAMURTI: Já alguma vez *vos entregastes* a alguma coisa, totalmente, completamente?

APARTE: Sim, uma vez ou outra, por pouco minutos.

KRISHNAMURTI: Completamente absorvido nela? Talvez sexual-

mente; mas, afora isso, sabeis quando estais de todo entregue a uma coisa? Duvido.

APARTE: Talvez ao ouvir música.

KRISHNAMURTI: Vede, senhor, um brinquedo absorve uma criança. Dai um brinquedo a um menino, e ei-lo completamente feliz; já não está irrequieto, toda a sua atenção se fixou no brinquedo, nele se absorveu completamente. Chamais isso "entregar-se a uma coisa"? Os políticos, os indivíduos religiosos devotam-se, "entregam-se" a uma dada coisa. Por quê? Porque significa poder, posição, prestígio. A idéia de se tornarem *alguém* absorve-os, tal como o brinquedo absorve a criança. Quando vos identificais com uma coisa, isso é "entregar-vos" a ela? Há pessoas que se identificam com seu país, sua Rainha, seu Rei etc., sendo isso uma outra forma de absorção. Isso é "entregar-se a uma coisa"?

APARTE: É possível nos entregarmos realmente a alguma coisa, quando há sempre cisão?

KRISHNAMURTI: Isto mesmo, senhor. Perfeitamente exato. Como vedes, não podemos entregar-nos a uma coisa.

APARTE: Podemos "entregar-nos" a uma pessoa?

KRISHNAMURTI: Tentamos fazê-lo. Tentamos identificar-nos com o marido, a esposa, o filho, nosso nome — mas sabeis melhor do que eu o que acontece; portanto, por que falar nisso? Estamo-nos desviando de nosso assunto.

APARTE: Um desejo é correto e bom quando não prejudica a ninguém.

KRISHNAMURTI: Há desejo "errado" e desejo "correto"? Vede, estais voltando ao começo, depois de termos apreciado toda a matéria do desejo. Estais vendo como o traduzimos: desejo bom e desejo mau, valioso e desvalioso, nobre e ignóbil, prejudicial e benéfico? Observai profundamente. Vós o dividistes, não? Esta mesma divisão é a causa do conflito. Criando o conflito, com a divisão, criastes um novo problema: Como livrar-me do conflito?

Ora, senhor, estamos falando há cinqüenta minutos, para vermos se é possível perceber realmente o significado do desejo. E quando se percebe realmente o significado do desejo o qual inclui

tanto o bom como o mau desejo — quando se percebe o total significado desse conflito — não apenas verbalmente, mas compreendendo-o completamente, "cravando-lhe os dentes" — então só existe *desejo.* Mas, vede, persistimos em avaliá-lo, como bom ou mau, benéfico e não benéfico. Pensei, no começo, que se podia eliminar essa divisão, mas vejo que não é tão fácil assim; o assunto requer aplicação, percepção, penetração.

APARTE: É possível nos livrarmos do *objeto* e conservarmos a *essência* do desejo?

KRISHNAMURTI: Por que nos livrarmos do objeto? Que há de mau num belo carro? Estais criando conflito para vós mesmo, com essa divisão de "essência" e "objeto". A direção que a essência toma modifica o objeto a todo instante. Na mocidade, desejamos possuir o mundo; na velhice, estamos fartos do mundo.

Notai que estamos tentando compreender o desejo para, assim, fazermos o conflito morrer, desaparecer. Tocamos de leve em muitos tópicos, nesta tarde. A ânsia de poder, tão forte em todos nós, tão firmemente arraigada, e que inclui domínio sobre o criado, o marido, a mulher... vós bem a conheceis. Talvez alguns de vós, durante nossa investigação desta tarde, penetrastes bem a questão e vistes que, quando a mente busca preenchimento, há frustração, e conseqüentemente, sofrimento e conflito. O próprio ato de ver a coisa fá-la cair. Alguns de vós, talvez, não vos limitastes a seguir as palavras, mas compreendestes as implicações do sentimento de desejar prencher-se, ser algo, e quanto é ignóbil esse sentimento. O político busca o preenchimento, o sacerdote o busca, todo o mundo o busca, e percebe-se quanto isso é vulgar, se assim me posso expressar. Pode-se realmente abandonar tudo isso? Se o vedes do mesmo modo que vedes uma coisa venenosa, isso é como ser-vos retirado de sobre os ombros um peso tremendo. Estais livre dele; foi-se, num abrir e fechar de olhos. Alcançais, então, aquele ponto que é verdadeiramente de extraordinária significação. Não se trata do que estivemos dizendo — que tem seu significado próprio — porém de outra coisa mais, ou seja, uma mente que compreendeu o desejo, o pensamento e o sentimento e, portanto, se tornou capaz de transcendê-lo. Compreendeis a natureza dessa mente — não, sua descrição verbal? A mente é então altamente

sensível, capaz de intensas reações, sem conflito, sensível a toda espécie de solicitação; essa mente está acima de todo pensar e sentir, e sua atividade já não está restrita à esfera do chamado desejo.

Para a maioria, isso é só "espuma", um estado desejável ou que deve ser criado. Mas este estado não pode ser alcançado dessa maneira nem por meio algum. Ele surge quando compreendemos realmente tudo isso e não há mais necessidade de fazer coisa alguma.

Compreendei: Se se tiver o cuidado de não tocar no desejo, deixando-o "voar livremente" ou consumir-se — *não tocá-lo*, simplesmente — eis a verdadeira essência de uma mente libertada de todo conflito.

16 de maio de 1961.

LONDRES — VIII

Sentimento de Solidão

Ao pensar-se a respeito do medo, deve-se considerar a sua relação com o conflito. Para mim, qualquer forma de conflito, interno ou externo, é muito destrutiva; perverte o pensamento. Quando existe conflito, cada problema deixa sua marca na mente; a mente se torna o solo em que medra a raiz do problema. Para a maioria de nós, o conflito se afigura tão natural e inevitável, que o aceitamos sem questionar. Lutamos contra ele, dizemos que não devemos viver em conflito, mas invariavelmente assim vivemos. Nesta tarde, pois, poderíamos examinar esta matéria, para ver se é possível à mente, neste mundo insano em que vive, ficar totalmente livre de conflito.

Mas, antes de entrarmos em nosso exame, desejo considerar se existe uma maneira de pensar que não seja positiva. Porque todo o nosso pensar é, em verdade, pura reação. Entendo por pensamento positivo o dizer-se "devo", "não devo", "devo ser", "não devo ser"; e esse pensamento positivo provoca a respectiva reação de resistência, rejeição. Não sei se posso comunicar-vos facilmente o meu pensamento a esse respeito; requer-se muita compreensão para se entender o que está implicado nisso que chamamos "maneira positiva de atender aos nossos problemas".

O método positivo busca uma explicação para o problema, sua racionalização, a maneira de fugir-lhe ou de fazer alguma coisa para não se ficar preso em sua rede. É o que fazemos em nossa vida diária. A esse processo chamo "pensar positivo"; ele é uma reação ao problema.

O problema é o conflito. Parecemos viver em perene conflito, a muitos respeitos — nas relações com nosso marido, nossa esposa, nossos filhos, a sociedade; e em nossas relações com idéias, crenças, dogmas. Estamos em conflito, na busca de preenchimento e sua conseqüente frustração, na busca da verdade, de Deus, do que se deve fazer, do que se deve pensar, de como proceder, de como corrigir algo errado: trava-se esta guerra constante dentro de nós. E, parece-me, nossa maneira de atuar contra o conflito é sempre positiva: fazer alguma coisa a seu respeito, fugir-lhe, ingressar em sociedades, recorrer a determinada droga, calmante, ou o que quer que seja. E esse método positivo é, com efeito, uma reação ao problema, não achais?

Ora, eu sinto que existe uma maneira negativa de proceder, a qual não é reação, nem é o oposto do método positivo. Atualmente, quando tenho um problema que envolve conflito, não sei como resolvê-lo; por isso, recorro a várias formas de fuga, com a ajuda da memória, refletindo maduramente no caso, batalhando comigo mesmo, esperando alcançar determinado resultado, esperando que algo suceda. Para mim, tal maneira de proceder não nos ajuda a libertar-nos do conflito. E eu acho que existe uma maneira que não é a maneira positiva, tal como a conhecemos, porém, antes, um processo negativo de compreensão, e não de reação. Examinemos isso.

Notai que a mente precisa estar totalmente vazia para ver uma coisa nova. E essa novidade não pode ser produzida pela investigação do problema, sua análise. Se sois matemático, cientista, engenheiro etc., e tendes um problema, tratais de analisá-lo, examiná-lo de todos os ângulos, até a mente se tornar exausta e adormecer ou esquecê-lo temporariamente; e, nesse intervalo de poucas horas, ou dias, a solução pode apresentar-se. Todos conhecemos esse fato. Mas essa solução não é fornecida por uma mente nova, fresca, vazia. Uma mente nova é totalmente livre de conflito. Não tem problema de espécie alguma. E qualquer problema que surge, qualquer desafio que se lhe depara, não deixa marca nenhuma, por um segundo sequer; porque a marca que dura mesmo um segundo deixa sua impressão e, pois, condiciona a mente. Notai que só a mente vazia — não, "em branco" — a mente cheia de vitalidade, que "responde" a cada desafio *não* com uma reação, *não* com um problema, porém absorvendo-o completamente — pode penetrá-lo e dar cabo dele imediatamente. E só

uma mente vazia dessa qualidade, dessa natureza, pode viver livre de conflito. Só essa mente é apaixonada. Esta palavra "apaixonado" tem para mim significado completamente diferente da acepção comum. Penso que uma pessoa deve estar apaixonada, ser intensa, mas não a respeito de alguma coisa. Essa intensidade difere do entusiasmo, que é só temporário. A mente em conflito nunca pode ser apaixonada; e só a mente apaixonada pode ver a beleza da vida, a beleza de todas as coisas; e essa beleza é extraordinária!

A questão, pois, é esta: É possível viver livre de conflito, não teoricamente, intelectualmente, verbalmente, não num estado auto-hipnótico em que a pessoa sugere a si mesma que "é possível" ou "não é possível", porém realmente? É mesmo possível a um homem, vivendo neste mundo, tendo relações, trabalhando, pensando, sentindo, sujeito às brutalidades da sociedade, ser livre de conflito? Não sei se já respondestes a esta pergunta para vós mesmos. Ou eu vo-la estou impondo à força? Talvez já aceitamos o conflito como coisa inevitável e fizemos de Deus o refúgio supremo onde se encontra a paz, a tranqüilidade e tudo o mais.

Mas, se de fato perguntamos a nós mesmos se a mente pode viver realmente livre de conflito, neste caso, penso eu, temos de profundar o problema muito mais — e espero possamos fazê-lo nesta tarde. Por que surge o conflito? Por que surge conflito entre mim e minha mulher, meu marido, meu vizinho, entre mim e uma idéia? Eu responderei à minha maneira; mas, se puderdes descobrir por vós mesmos por que vos achais em conflito, acho que minha explicação e o vosso sentimento se harmonizarão entre si. De outra maneira, é impossível a comunhão. Espero estejais entendendo o que quero dizer.

Assim, desejo saber por que me acho em conflito; desejo não apenas a explicação superficial, mas, sim, penetrar-lhe a raiz. Existe conflito conscientemente e também inconscientemente, nos mais profundos e íntimos recessos de minha mente — os secretos conflitos dos quais ninguém sabe; e desejo penetrar o conflito em toda a sua profundeza. Ora, isso se faz analisando-o, examinando as razões, ou vendo-o num súbito clarão?

Como sabeis, os próprios discípulos de Freud e de Jung, e os analistas, estão começando a modificar suas idéias. Começam a achar que não é necessário levar meses e anos a analisar um indivíduo de

poucos recursos financeiros. Isso custa muito dinheiro; só os ricos podem fazer tais despesas. Por isso, andam à procura de novos métodos. Em vez de fazerem o paciente "tagarelar", dia por dia, mês por mês, alguns deles estão experimentando drogas, agentes químicos, secundados por um método de acesso direto, pessoal. Isso não quer dizer que já li livros a esse respeito, mas tenho amigos, analistas e não-analistas, que me visitam e falam acerca dessas coisas. No trabalho de análise, a menos que o analista seja muito cauteloso, observando minuciosamente e nunca deformando o que observa, está arriscado a deixar passar ou a interpretar falsamente alguma coisa, e o exame subseqüente acentuará mais ainda o erro. Prestai atenção a isso, e vereis que a análise, a "retalhação", não é a maneira correta de proceder. Tão pouco o é o controlar, o fugir.

Desejo saber por que há conflito, por que essa massa de contradições. Ora, como encontrar a verdadeira raiz da coisa? Porque, se se puder descobrir a raiz, esse descobrimento produzirá um método negativo de acesso e não criará uma reação de efeitos positivos no que se descobriu. Entendeis? Continuemos examinando.

Desejo saber qual é a causa do conflito, do conflito total — das contradições, dos desejos que nos puxam para um lado e para o outro, e do medo que daí resulta. Ora, saber é uma coisa, e experimentar, outra. Saber algo a respeito de Deus ou da verdade é uma coisa, mas experimentar realmente algo daquela imensidade é muito diferente. Os mais de nós estamos cônscios de que funcionamos partindo de um centro, esse centro que se tornou conhecimento, o centro que é experiência, o centro de onde procede todos os impulsos e resistências, o centro que busca sempre a segurança. Por favor, não aceiteis as minhas palavras mas procurai experimentar realmente o centro de onde parte o vosso pensar — o "eu". E onde há um centro, há uma periferia; e a batalha tem por fim alcançar a periferia, o *que deveria ser*. A periferia difere sempre do que *é*. Não achais?

Sabemos de tudo isso, sabemos — depois de *experimentarmos* que todas as nossas atividades, pensamentos e sentimentos são projetados, moldados, condicionados pelo centro — sabemos que esse centro logo diz: "Preciso libertar-me disso". E temos, assim, separação entre o centro e a coisa que *deveria ser* ou a coisa que *foi*. Existe sempre esta divisão, e o conflito é, essencialmente, a guerra travada entre o que *deveria ser* e o que *é*. O *que é*, o centro, sempre está

tentando modelar-se, para ser *o que deveria ser*; e dessa dualidade resulta conflito.

Ora, o centro é as memórias acumuladas da experiência, resultado de conflito com o oposto — *o que deveria ser.* Sou homem sensual e sinto que não deveria sê-lo; e o conflito entre os dois estados cria a memória, que constitui o centro. Não é exato isto? O centro é memória. Ora, a memória é sem realidade, não é um fato; é coisa morta, ida, acabada, embora, em determinado nível, possamos fazer uso dela, quando necessário. Mas ela é morta; no entanto, vossa vida é guiada por essa coisa morta, essa coisa irreal. Nós funcionamos desse ponto de partida, e nasce assim o medo; e temos, pois, a contradição do desejo.

Deixemos, agora, por enquanto, estas considerações e passemos a examinar a questão de maneira diferente.

Acho que a maioria de nós sabe o que é solidão. Conhecemos esse estado em que todos os laços de relação foram cortados, em que não há senso do futuro nem do passado, em que prevalece um completo sentimento de isolamento. Podeis achar-vos no meio de uma multidão, num ônibus superlotado, ou estar sentado ao lado de um amigo, de vosso marido ou esposa, e eis que subitamente vos assalta essa onda, esse sentimento de vácuo, vazio, de um abismo. E a reação instintiva é de fugir. Assim, tratais de ligar o rádio, de tagarelar, de ingressar em alguma associação, ou de pregar Deus, a verdade, o amor etc. Vosso meio de fuga pode ser Deus ou pode ser o cinema; todos os meios de fuga são idênticos. E a reação é de medo a esse sentimento de total isolamento e, por conseguinte, a fuga. Conheceis todos os meios de fuga: o nacionalismo, a pátria, os filhos, o nome, a propriedade, — e por todas essas coisas estais disposto a lutar e a morrer.

Ora, se se reconhece que todos os meios de fuga são iguais, e se percebe realmente a significação de um dado meio de fuga, pode-se ainda fugir? Ou não há mais fuga? E, se não estais fugindo, há ainda conflito? Estais-me seguindo? É a fuga ao que é, o esforço para alcançar uma coisa diferente do que é, que cria o conflito. Assim, para que a mente possa transcender esse sentimento de solidão, essa súbita cessação da lembrança de todas as relações, as quais envolvem ciúme, inveja, ânsia de aquisição, esforço para ser virtuoso etc. — primeiro ela tem de enfrentá-lo, passar por ele, de modo que o

medo em todas as suas formas definhe até desaparecer de todo. Dessarte, pode a mente perceber, num dado meio de fuga, a futilidade de todas as fugas? Não há então conflito, há? Porque já não há nenhum *observador* da solidão: há só o *experimentar* dela. Estais seguindo? Essa solidão é o cessar de todas as relações; as idéias já não têm importância; o pensamento perdeu toda a valia. Estou descrevendo as coisas, mas não vos limiteis a ouvir, pois, assim, ao sairdes daqui, levareis somente cinzas. Afinal de contas, estas nossas investigações têm por fim libertar-nos de todas estas terríveis complicações, dar-nos na vida algo mais do que apenas conflito, medo, fadigas e tédio.

Onde não existe o medo, está a beleza — não a beleza de que falam os poetas, aquela que os artistas pintam etc., porém coisa bem diferente. E para descobrir a beleza, um homem terá de conhecer esse isolamento completo — ou, melhor, não terá de conhecê-lo, pois ele já existe. Vós fugistes dele, mas ele continua existente e vos segue sempre. Ele lá está, em vosso coração e em vossa mente, nos mais profundos recessos de vosso ser. Vós o encobristes, fugistes dele; mas ele continua existente. E a mente tem de passar por ele, como quem se submete à purificação pelo fogo. Ora, pode a mente passar por ele sem reação, sem dizer que é um estado horrível? No momento em que há reação, torna-se existente o conflito. Se vós o aceitais, continuareis debaixo de seu peso; e se o rejeitais, tornareis a encontrá-lo na primeira volta do caminho. A mente, pois, tem de passar por ele. Estais-me acompanhando? A mente *é* então aquela solidão, não precisa de passar por ela; ela *é* a solidão. Quando pensais em termos de "passar por uma coisa" para alcançar outra, já estais em conflito. No momento em que dizeis: "De que maneira devo passar pela solidão, de que maneira devo olhá-la?" — nesse momento já vos achais de novo em conflito.

Existe, pois, vazio, uma solidão extraordinária que nenhum Mestre, nenhum *guru* ou idéia, nenhuma atividade poderá afastar de vós. Já andastes "mexendo" com essas coisas, já vos entretivestes com todas elas; mas elas não podem preencher esse vazio; ele é um abismo sem fundo. Mas deixa de ser esse "abismo sem fundo" no momento em que o *experimentais*. Compreendeis?

Para que a mente possa ficar inteiramente livre de conflito, total e completamente livre de apreensão, medo e ansiedade, torna-se neces-

sário o experimentar desse extraordinário sentimento de não relação com alguma *coisa*; daí provém o sentimento de solidão. Não imagineis que já o tendes; isso é muito difícil. Só quando temos esse sentimento de solidão em que não há medo é que existe o movimento para o imensurável; porque então não há ilusão, não há *fabricante* de ilusão, não há o poder de criar a ilusão. Enquanto existe conflito, existe o poder de criar ilusão; e com a total cessação do conflito, o temor deixa de existir completamente, e, portanto, não há mais buscar.

Não sei se compreendestes. Afinal, todos vós estais aqui porque andais a buscar. E se examinardes isso, que é que estais buscando? Estais em busca de algo existente além de todo esse conflito, miséria, sofrimento, agonia, ansiedade. Buscais uma saída. Mas, se se compreende isso de que estivemos falando, cessa então toda a busca — e esse é um extraordinário estado mental.

Como sabeis, a vida é um processo de desafio e reação, não? Temos o desafio exterior: o desafio da guerra, da morte, de dúzias de coisas diferentes, e reagimos. O desafio é novo, mas todas as nossas reações são sempre velhas, condicionadas. Não sei se isto está claro. Para reagir ao desafio, eu preciso reconhecê-lo, não? E se o reconheço, é porque o interpreto em termos do passado; portanto, ele é "o velho", evidentemente. Vede bem isso, por favor, porque desejo ir um pouco mais longe.

Para o homem que vive muito interiormente, os desafios exteriores perderam toda a importância; mas ele continua a ter seus desafios e reações interiores. Porém, eu estou falando a respeito da mente que já não busca, e, portanto, já não tem desafio e reação. E este não é um estado de satisfação, de contentamento, um estado de placidez qual a de uma vaca. Quando compreendemos o significado do desafio e da reação exteriores, e o significado do desafio interior que apresentamos a nós mesmos, e a respectiva reação, e rapidamente passamos por tudo isso — sem levarmos nisso meses e anos — a mente, então, já não está sendo moldada pelo ambiente; já não é influenciável. A mente que passou por essa extraordinária revolução pode enfrentar todo e qualquer problema, sem que nenhum problema deixe marca nem raízes. Desapareceu, então, todo sentimento de medo.

Não sei até que ponto percebestes o que estive explicando Notai que escutar não significa apenas ouvir; escutar é uma arte. Faz parte do autoconhecimento; e se uma pessoa escutou realmente, e penetrou profundamente em si mesma, isso é uma purificação. E o que foi purificado recebe uma bênção que não é a bênção das igrejas.

18 de maio de 1961.

LONDRES — IX

Tempo e Morte

Nesta manhã, desejo falar a respeito do tempo e da morte. E, tratando-se de assunto algo complexo, acho que conviria compreender o significado de "aprender". A vida é um vasto complexo, com toda a sua agitação, sofrimentos, ansiedades, amor, ciúmes, acumulações; e *aprendemos* através de tribulações. Esse "aprender" é um processo de acumulação. Para todos, "aprender" é sempre processo de aquisição; e quando há adição, "armazenamento", existe aprender? Acumular é aprender? Ou só há aprender quando a mente está despojada de tudo? Penso que devemos investigar isso, porque para compreender o tempo e a morte é preciso aprender, é preciso *experimentar*, e experimentar nunca é processo acumulativo.

Do mesmo modo, o amor não é acumulação. É sempre coisa nova. Não é coisa nascida da lembrança; de modo nenhum se relaciona com o retrato colocado sobre a lareira. Assim, talvez, se pudermos, com cuidado e inteligência, compreender o que significa aprender, estaremos então aptos a investigar a questão do tempo e da morte e, quiçá, também descobrir o que significa amar.

Para mim, aprender implica um estado em que a mente não está recolhendo, acumulando. Se aprendemos com uma mente que antes acumulou, esse aprender é então aquisição de mais conhecimento, não achais? A acumulação de conhecimentos não é aprender. As máquinas eletrônicas são capazes disso, de acumular "conhecimentos". Mas, são incapazes de *aprender.* Aquisição de conhecimento é processo mecânico, e o aprender nunca poderá ser tal coisa. A mente precisa estar sempre fresca, nova, purificada (*innocent*) para

aprender. E aquela que está aprendendo se acha sempre, por certo, num estado de humildade — não a humildade cultivada pelo monge, pelo santo, pelo erudito. A mente que está aprendendo tem sua especial dignidade, porque se acha num estado de humildade.

Estou empregando a palavra "aprender" num sentido inteiramente diferente: não como significando um processo de adquirir conhecimentos. "Viver com uma coisa" e adquirir conhecimentos a seu respeito são dois estados diferentes. Para aprendermos tudo o que se refere a uma dada coisa, temos de "viver com ela"; mas, se já tendes conhecimentos a seu respeito, não podeis "viver com ela", porquanto estais então "vivendo" com vossos conhecimentos. Para descobrirmos por nós mesmos os fatos relativos ao extraordinário e complexo problema do tempo e da morte, temos de aprender e, portanto, "viver com ele"; mas estaremos completamente impedidos de fazê-lo, se dele nos abeiramos com um acúmulo de coisas sabidas, conhecimentos. Examinarei isso um pouco, e espero possamos pôr-nos em comunhão uns com os outros.

Há dias estivemos falando sobre o desejo. Penetramos mais ou menos suficientemente esta matéria, mas parece-me que omitimos uma certa coisa: que o desejo está intimamente relacionado com a vontade. A vontade, por certo, implica não apenas desejo, mas também escolha. Onde está a escolha, aí se acha a vontade e, conseqüentemente, o problema do tempo.

Tende a bondade — se permitis sugerir — de ouvir com atenção tudo o que vou dizer, até o fim. Não vos segureis a certas partes, concordando ou discordando, mas considerai a totalidade, o conteúdo total destas ponderações. Isso é questão de percebimento, de ver as coisas diretamente; e quando se vê uma coisa diretamente, não há então concordar nem discordar: é o fato.

Como dizia, pelo conflito, exterior e interior, desenvolvemos a vontade. E a vontade, evidentemente, é uma forma de resistência, seja a vontade de *realizar*, ou a vontade de ser, seja o impulso a rejeitar ou a determinação de conservar uma dada coisa. A vontade são os muitos fios do desejo, e com ela vivemos. E quando investigamos o tempo, necessitamos de uma penetração muito diferente da vontade de aprender. Não sei se isto está claro, mas continuarei e espero que percebereis. Esta é uma palestra despretensiosa, não preparada de antemão; é mais ou menos uma auto-investigação; e examinar essa

matéria publicamente é uma coisa, e examiná-la sozinho, outra coisa. O que estamos tentando é empreender em comum esta "viagem de exploração" do tempo. Investigação implica tempo, também, e a concatenação de palavras implica tempo, e toda e qualquer comunicação se baseia no tempo. Mas, talvez exista uma compreensão do que é o tempo, não através de palavras, não através de comunicações verbais ou intelectuais, porém contornando todo esse processo. Entretanto, infelizmente, temos primeiro de investigar o tempo verbalmente, intelectualmente. E esta investigação tem o sentido de "aprender" o que ele é — e isso não significa lembrar o que se leu, ou apenas ouvir as palavras que estou pronunciando, mas, sim, perceber a coisa, vê-la diretamente, por vós mesmos. E isso pode ter um valor extraordinário.

Há tempo cronológico e tempo psicológico, exterior e interior. E o conflito se apresenta quando o tempo se introduz em nossas vidas como "serei", "não serei", "tenho de alcançar". E, se a mente pudesse eliminar esse processo por inteiro, ver-se-ia, então, que a mente já não é mensurável, já não tem fronteiras, e ao mesmo tempo pode viver neste mundo totalmente, completamente, com todos os seus sentidos.

Para a maioria de nós, o tempo cronológico, entendido como "ontem", "amanhã" e "hoje", é essencial. Envolve tempo o aprender uma técnica para ganhar a vida. Esse tempo existe e não pode ser evitado; é uma realidade. Levou tempo o virdes aqui; leva tempo aprender uma língua; leva-se tempo para passar da juventude à velhice. Leva tempo — implicando distância e espaço — para se ir daqui à Lua. Tudo isso são fatos, e seria absurdo e insensato negá-los.

Ora, existe algum "outro tempo", como *fato?* Ou a mente inventou o tempo psicológico como meio de realização, como meio de se tornar alguma coisa? Sou invejoso, ambicioso, brutal; mas, se me derem tempo, gradualmente me livrarei da inveja, serei "não-violento". Isto é uma realidade, um fato, como a distância entre Londres e Paris? Existe algum outro fato tão positivo e real como o espaço e a distância? Por outras palavras, existe tempo psicológico? Embora o tenhamos inventado, embora "vivamos com ele", embora para nós seja um fato, tal coisa existe? Aceitamos o tempo cronológico e aceitamos também o tempo psicológico; e os dois, dizemos, são fatos. Um deles, o tempo cronológico, é um fato; mas estou

contestando que o outro seja um fato. É necessário tempo para se ver uma coisa claramente, imediatamente? Para se *ver* a ambição, a inveja, todas as coisas, o sofrimento inerente à inveja, perceber a verdade disso, é necessário tempo? Ou a mente inventa o tempo psicológico para poder gozar os frutos da inveja e evitar as suas penas? O tempo, pois, pode ser o refúgio da mente indolente. É a mente indolente que diz: "Não posso ver isto imediatamente; dai-me tempo, deixai-me observar por um período mais longo; depois tratarei de fazer algo"; ou "sei que sou violento; mas, gradualmente, quando isso não mais me agradar, quando já não me der lucro, quando já não me der prazer, então o abandonarei". Daí nasceu o ideal: a idéia do que *deveria ser* é posta a uma certa distância do fato — *o que é*. Apresenta-se assim um intervalo entre o fato e o que *deveria ser*. E eu pergunto: O ideal, o que *deveria ser*, é um fato? Ou é uma cômoda invenção da mente, visando a continuar com os prazeres e as dores, a indolência do adiamento?

Ora, ver uma coisa imediatamente — quanto é absurda a inveja, a competição, a moralidade social — perceber de imediato a falsidade disso exige tempo? Para transformar a mente, para a mente se libertar de seu condicionamento, requer-se tempo? Revolução, como geralmente se entende, significa pôr em prática um dado programa econômico, social, político ou de outra ordem, em reação ao que existia anteriormente. Para mim, reação não é revolução. A revolução é instantânea, e não está relacionada com nenhuma reação.

A mente, afinal de contas, resulta de muitos milhares de dias passados; e sendo ela própria resultado do tempo, sempre pensa em termos de ontem, hoje e amanhã. E para se descobrir se existe "atemporalidade", descobri-lo realmente, *aprender* o que ela é, necessita-se de uma revolução completa na própria mente. Estou-vos comunicando alguma coisa, ou nada?

Vede: vós sois inglês, italiano, francês, hindu, ou o que quer que seja; e a isso está ligado o nacionalismo — a atitude condicionante, separativa, divisória, perante a vida. E esse condicionamento foi elaborado através do tempo, da educação, da propaganda. Há dois mil anos a Igreja vos vem condicionando a mente para serdes cristãos. Não há dúvida de que esse condicionamento da religião, do nacionalismo, do separatismo, tem de ser destruído, já que essas coisas

são fronteiras, limitações da mente. E a destruição delas é questão de tempo?

Consideremos este ponto de outra maneira. *Onde* está o tempo? O tempo — tanto cronométrico como interior — onde está ele? Notai, por favor, que não estou fazendo uma pergunta retórica, uma pergunta argüitiva, ou uma pergunta destinada a estimular-vos a mente — pois isso seria pura tolice. Faço esta pergunta porque o espaço, o tempo e a distância devem existir num estado em que é completamente inexistente o tempo. Esse estado deve existir primeiramente, e tudo o mais nele se integra. Sem "atemporalidade", eternidade, não pode existir espaço, nem distância. Por favor, não concordeis nem rejeiteis: temos de tatear o caminho para penetrarmos nesse estado. Ainda não vos comuniquei o sentimento desse estado e, portanto, não digais que ele é *assim* ou que *não é assim*, ou que o que estou dizendo nada significa para vós.

Vós sabeis que existis no espaço. Sem o espaço, não existireis. Sem o espaço entre duas palavras, estas nada significam. Sem espaço entre duas notas, não haveria música. O espaço é o "desconhecido", no qual tem existência o "conhecido". Sem o "desconhecido", não pode existir o "conhecido". Não sei se vos estou transmitindo claramente meu pensamento. Vede que isto não é matéria "sentimental", portanto não precisais rir, nem concordar. Prosseguirei, examinando outro tópico. Se tudo o que dizemos se torna coisa morta, não há vida.

Os mais de nós desejamos uma vida que tenha continuidade, ou seja tempo e espaço. A morte, portanto, é uma coisa horrorosa, que se deve evitar, e a vida algo que cumpre prolongar com o auxílio de medicamentos, de médicos, etc. Ou, ante a inevitabilidade da morte, dizemos: "Quero crer em alguma coisa: que eu continuarei existente e vós continuareis existente, sempre no espaço".

Nessas condições — se assim podemos expressar-nos — no seio do "desconhecido" existe o espaço e o tempo. Mas, se não procuramos o caminho para o desconhecido, a mente se torna escrava do tempo e do espaço. Levou tempo até chegarmos aqui: mas precisa-se de tempo para perceber alguma coisa, ver algo que não depende do tempo? Para ver uma coisa como falsa, precisa-se de tempo? Para ver a falsidade do nacionalismo, sua índole venenosa, precisa-se de tempo? Um minuto, por favor, não concordeis. Não me refiro ao

percebimento intelectual, verbal, mas, sim, ao percebimento real, ao sentimento real do fato — de modo que nunca mais o toquemos — isso, por certo, não requer tempo. Só se conta com o tempo quando a mente é inerte, indolente.

E a morte... por que tanto medo à morte? Esse medo existe não só para os velhos, porém para todos. Por quê? E, sentindo medo, inventamos tantas teorias agradáveis e confortadoras: reencarnação, *karma*, ressurreição, etc. etc. É ao medo que cumpre compreender... mas não voltemos a esta questão do medo. Estamos tentando compreender o que significa morrer.

A maioria de nós deseja a continuidade física — lembranças de coisas passadas, esperanças, satisfações, preenchimentos; vivemos, em geral, com nossas lembranças, associações, quadros, retratos. E tudo pode findar, ao perecer o corpo físico. Isto é muito perturbador. Já vivi tanto — cinqüenta ou sessenta anos; tenho lutado para cultivar certas virtudes, adquirir conhecimentos; e que vale a vida, se tenho de separar-me de tudo, acabar num dado momento? Origina-se, assim, o tempo-espaço. Entendeis? Tempo, compreendido como espaço e distância. Mas tudo o que tem continuidade, que não conhece findar, não pode renovar-se nunca, ser jovem, viçoso, "inocente". Só aquilo que morre tem a possibilidade de conhecer a criação, de ser novo, fresco. Assim, é possível morrer em vida, conhecer a *vitalidade*, a energia da morte, com todos os sentidos plenamente despertos? Que significa a morte? Não a morte de velhice, doença ou acidente, porém a morte de uma mente em plena atividade, que provou, que experimentou e adquiriu conhecimento; quer dizer, a morte do passado. Compreendeis?

Não sei se já alguma vez experimentastes — ainda que por divertimento — morrer para todas as coisas conhecidas. Direis, então: "Se morro para todas as minhas lembranças, para minha experiência, meu saber, meus retratos, meus símbolos, meus apegos e ambições, que resta?" Nada. Mas, para saber o que é a morte, a mente, por certo, deve estar reduzida a *nada*. Consideremos uma coisa. Já experimentastes morrer, não só para o sofrimento, mas também para o prazer? Desejamos morrer para o sofrimento, para as lembranças desagradáveis; mas morrer também para o prazer, as alegrias, as coisas que vos conferem um extraordinário senso de vitalidade — já experimentastes isto? Se o fizerdes, vereis que se pode morrer para o

passado. Morrer para todas as coisas, de modo que, ao dirigir-vos para vosso escritório, para vosso trabalho, tenhais a mente nova — por certo, isto é amor e não coisas lembradas.

Assim, a mente foi construída através do tempo; a mente é tempo. Todo o pensamento molda a mente no tempo. E para não ser moldado pelo tempo, o pensamento deve cessar completamente. Não um cessar forçado, um cessar mecânico, não uma interrupção, porém o findar consistente em perceber a verdade de que ele deve cessar.

Assim, para sabermos o que é a morte, precisamos "viver com a morte". Se desejais conhecer uma criança, tendes de viver com a criança, e não temê-la. Mas, em maioria, nós morremos mil mortes, antes da morte real. "Viver com a morte" é morrer para ontem, de modo que ontem não produza marca no dia de hoje. Experimentai-o. Percebendo-se o que há de verdadeiro nisso, tem então o viver significado todo diferente; não há então separação entre o viver e a morte. Mas, nós temos medo de viver e temos medo de morrer; e não compreendemos nem o viver, nem a morte. Para "vivermos com uma coisa" temos de amá-la; e amar é morrer para ontem — porque então se pode *viver*. Viver não é continuidade da memória, ou volver ao passado, dizendo: "Como eu era feliz em minha infância!"

Não conhecemos a morte e não conhecemos a vida. Conhecemos as agitações, as ansiedades, as "culpas", os temores, as terríveis contradições e conflitos; mas não sabemos o que é viver. E só conhecemos a morte como coisa aterradora, temível; afastamo-la do pensamento e evitamos falar a respeito dela, buscamos refúgio numa dada crença, como sejam discos voadores, reencarnação ou outra coisa qualquer.

Há, pois, um morrer e, portanto, um *viver*, quando o tempo, o espaço e a distância são compreendidos em termos do "desconhecido". Ora, nossa mente funciona sempre no campo do "conhecido", e nós nos movemos do conhecido para o conhecido; e nada mais conhecemos; e quando a morte interrompe esta continuidade "do conhecido para o conhecido", aterramo-nos e nenhum consolo encontramos. O que desejamos é consolo, não a compreensão de algo que não conhecemos, não o viver com algo que não conhecemos.

Assim, o conhecido é o "ontem". Eis tudo o que sabemos. Não sabemos o que é o "amanhã". Projetamos o passado, através do

presente, no futuro; e daí nasce a esperança e o desespero. Mas, para compreender realmente a coisa chamada "morte", que deve ser algo extraordinário, incognoscível, impensável, inimaginável, precisamos procurar conhecê-la, "viver com ela", precisamos chegar-nos a ela sem conhecimento e sem medo. E eu digo que isso é possível, que uma pessoa pode morrer para todos os dias passados. Afinal de contas, todos os dias passados são constituídos de prazer e de dor. E quando morremos para o passado, a mente está vazia; e, assustando-se com esse vazio, ela de novo começa a mover-se de um conhecido para outro. Mas, se se puder morrer para o prazer e a dor — não determinado prazer ou determinada dor — a mente está então fora do tempo e do espaço. E essa mente contém então o tempo e o espaço, sem o conflito do tempo e do espaço, não sei se estais compreendendo. Nossa linguagem é muito limitada. Vejamos se sobre isto podemos conversar.

APARTE: Sempre pensei que onde há espaço, tem de haver tempo, mas, pelo que dizeis, a coisa parece ser um tanto diferente. O espaço entre duas palavras não é tempo?

KRISHNAMURTI: Senhor, nós conhecemos o tempo psicológico e o tempo cronométrico. E como pode a mente — ligada que está a estes dois "tempos" (que também supõem espaço e distância) — descobrir se existe tempo sem espaço e distância? Entendeis? Desejo verificar se há uma "atemporalidade", na qual é inexistente qualquer medida de tempo e espaço. É possível, antes de mais nada, descobrir tal coisa? Pode não ser possível. Se não é possível, então a mente se acha condenada a ser sempre escrava do espaço e do tempo; e está, então, liquidada... Agora é só questão de ajustamento, procurar sofrer menos etc. Compreendido isso, pode a mente, sem ajuda de autoridade alguma, descobrir por si mesma se existe um estado atemporal? E como descobri-lo? Só poderá descobri-lo, abandonando o tempo psicológico — ou seja, quando vê algo imediatamente. E isso significa — não é verdade? — que a mente se liberta do centro em torno do qual gravita; que há um morrer para esse centro que sempre acumulou o prazer e repeliu a dor. E penso que isso tem relação direta com nosso viver de cada dia.

APARTE: Tempo cronológico não é a mesma coisa que tempo psicológico?

KRISHNAMURTI: Em certo sentido, ambos são idênticos. Não existe o impulso para pôr a mente num certo estado, permanentemente? Para nós, a permanência é coisa muito importante, não é verdade? Mas tal coisa, permanência, não existe, pois temos a guerra, temos a morte, minha mulher foge de casa com outro homem etc. O impulso para a permanência é o desejo de estar em segurança. Pois a mente é contra a insegurança; por isso inventa esperanças e a idéia de Deus permanente. Um Deus que se torna permanente no espaço e no tempo não pode ser Deus. Assim, se a mente puder perceber, imediatamente, a verdade, o fato de que nada existe permanentemente, acho que então o tempo, a morte e o amor assumirão significado totalmente diferente.

APARTE: Quando o coração pára, existe pensamento pessoal?

KRISHNAMURTI: Que ânsia temos de saber isso! Como nos mostramos interessados a esse respeito!

Examinemos este ponto. Existe pensar pessoal e pensar coletivo? Ou tudo é pensamento coletivo, mas acontece que o "personalizamos"? Vós sois ingleses: isto é pensamento coletivo. Todos sois cristãos: isto é pensamento coletivo. Só há pensar individual quando um homem se liberta do "coletivo", quando já não está confinado, limitado, condicionado. Assim, por certo, nós só somos indivíduos no sentido de haver um organismo separado de outro organismo, no sentido de haver um espaço, uma distância entre nós. Todo o nosso pensar não é coletivo? É uma idéia algo aterradora, esta, mas não é exato isto?

APARTE: Se vos dissessem que iríeis morrer amanhã, isso teria algum efeito em vós, pessoalmente?

KRISHNAMURTI: Nenhum, absolutamente, eu continuaria do mesmo modo. Mas a questão é: existe pensar individual separado do coletivo? O que estou tentando dizer é isto: Sou educado como hinduísta, como cristão, budista ou seja o que for, e creio em tudo que a sociedade crê, sendo eu uma parte dela. Existe pensamento separado desse todo? Todo pensamento separado só pode ser uma reação, não é verdade? Posso libertar-me da estrutura do "coletivo" e me declarar separado, mas isso, em verdade, é apenas uma reação dentro daquela estrutura, não achais? Eu estou falando a respeito da rejeição total da estrutura. É isso possível? Se é possível, há então pensamento individual que não é mera reação ao "coletivo".

Afinal, a morte é a libertação do "coletivo". A morte é um libertar-se da estrutura em que existe pensar coletivo e reação a esse pensar coletivo, a qual chamamos "pensar individual", mas que continua a fazer parte do "coletivo". Morrer para tudo isso pode e deve ser algo completamente diferente, algo que se não pode medir em termos do "coletivo" ou em termos do "individual", algo incognoscível, desconhecido. E eu digo que, se o conhecido não existe dentro do "desconhecido", somos então meros escravos do conhecido e daí não há saída. O incognoscível só se torna possível quando morremos para o conhecido.

21 de maio de 1961.

LONDRES — X

Mente Meditativa

Falarei hoje sobre a qualidade da mente meditativa. Esta pode ser um tanto complexa e abstrata, porém, se a examinarmos atentamente, não tanto em suas minúcias, mas com o propósito de descobrir sua natureza, sua índole, sua essência, então talvez valha bem a pena fazê-lo. Então, talvez, com esforço consciente e propósito deliberado, estaremos aptos a ultrapassar a mente superficial, que tão vazias torna as nossas vidas — tão sem profundeza que é, tão senhoreada pelos hábitos.

Antes de tudo, valeria a pena reconhecermos por nós mesmos o quanto somos superficiais. A mim me parece que quanto mais superficiais, tanto mais ativos e mais "coletivos" nos tornamos, e tanto mais nos entregamos às atividades de reforma social. Colecionamos obras de arte, tagarelamos interminavelmente, dedicamo-nos a atividades sociais, freqüentamos concertos, bibliotecas, galerias de arte, e submergimos na interminável rotina do emprego e dos negócios. Estas coisas tornam-nos embotados; e quando percebemos esse embotamento, procuramos fazer-nos mais penetrantes, por meio de palavras, do intelecto, das coisas da mente. E, reconhecendo-nos superficiais, tentamos fugir a esse vazio, entregando-nos a práticas religiosas, às orações, à contemplação, à busca de saber; tornamo-nos idealistas, adornamos de quadros as paredes etc. Acho que estamos suficientemente cônscios de sermos muito superficiais, bem cônscios de que a mente que segue um hábito ou pratica uma disciplina a fim de "vir a ser algo" torna-se cada vez mais embotada e estúpida, perdendo toda penetração e sensibilidade. É dificílimo a uma mente superficial despedaçar sua própria

estreiteza, suas próprias limitações, sua própria insignificância. Não sei se já pensastes nisso alguma vez.

O assunto de que vou tratar nesta tarde requer, não só certa atividade mental, intelectual, mas também uma clara compreensão da palavra e de suas limitações. E, se pudermos entrar em comunhão uns com os outros, não apenas verbalmente, porém ultrapassando o símbolo que a palavra evoca na mente e, também, prosseguindo juntos e cautelosamente o nosso caminho, então, sem dúvida, começaremos a descobrir, por nós mesmos, o que é meditar e qual é a qualidade da mente capaz de meditação.

Parece-me que, se não compreendemos a extraordinária beleza da meditação, por mais que pareçamos inteligentes, prendados, competentes, penetrantes, nossa vida tem de ser muito superficial e mui pouco significativa. E, reconhecendo quão pouco significativa é nossa vida, tratamos de buscar uma "finalidade da vida"; e quanto mais grandiosa a "finalidade" que nos oferecem, tanto mais nobres julgamos serem os nossos esforços. Penso que a busca de "finalidade" é procedimento absolutamente errôneo. Não há *finalidade*; o que há é o viver sem limitações. E para se descobrir esse estado isento de limitações, requer-se uma mente muito perspicaz, muito clara, penetrante e precisa, e não uma mente embotada pelo hábito.

Evidentemente, nossas vidas são vazias, superficiais. E a mente superficial facilmente se satisfaz. Ao ver-se descontente, põe-se a seguir uma estreita rotina, fixa um ideal, sai atrás do que *deveria ser*. E essa mente, não importa o que faça — quer estejamos sentados de pernas cruzadas, a contemplar meditativamente o umbigo, quer meditemos a respeito do Supremo — permanecerá sempre vazia, porque sua mesma essência é sem profundeza. Uma mente estúpida nunca se tornará uma mente superior. O que ela pode fazer é compreender sua própria estupidez; e, no momento em que perceber, por si mesma, o que ela própria *é*, sem imaginar o que *deveria ser*, "quebra-se" então a estupidez. Com esta compreensão, toda busca termina — mas isto não significa que a mente se torna "estagnada", adormentada. Pelo contrário, está enfrentando *o que é*, em sua realidade; e isso não é processo de busca, porém de compreensão.

Afinal, a maioria das pessoas está em busca de Deus, da Verdade, do eterno amor, de uma eterna morada celestial, um amor permanente. E a mim me parece que a mente que busca é muito superficial. Acho

que devemos compreender mais ou menos este ponto, investigá-lo, ver quanto são absurdas a mente superficial e suas atividades, pois não poderemos penetrar fundo, em nossas investigação desta tarde, se continuarmos a pensar em termos de busca, de esforço para descobrir. Ao contrário, necessitamos de uma mente sobremodo penetrante, quieta, tranqüila. A mente sem profundeza, que se esforça para tornar-se silenciosa, continua a ser apenas qual uma poça d'água, sem profundidade. A mente limitada, sempre tão sabedora, tão sagaz, tão empolgada da ambição de achar Deus, a Verdade, ou um santo qualquer, porque seu desejo é chegar a alguma parte — essa mente continua superficial, porquanto todo esforço é superficial, produto da mente limitada, estreita. Jamais pode ser sensível essa mente; e parece-me necessário encararmos esta verdade. O esforço para ser, "vir a ser", rejeitar, resistir, cultivar a virtude, reprimir, sublimar — tudo isso, em essência, constitui a natureza da mente superficial. Provavelmente a maioria não concordará com isso, mas não importa. A mim me parece um óbvio fato psicológico.

Ora, quando uma pessoa percebe isso, se torna cônscia disso, percebe a sua verdade, realmente e não verbal nem intelectualmente — e não deixa a mente fazer perguntas sem conta sobre como modificar este fato, como libertar-se desta superficialidade — sendo que tudo isso envolve esforço — reconhece então a mente que nada pode fazer contra esse estado. O que pode faze. apenas perceber, ver as coisas cruamente, tais como são, sem deformação, sem invocar opiniões a respeito do fato; quer dizer, observar simplesmente. E é dificílimo observar pura e simplesmente, porque nossa mente foi exercitada para condenar, comparar, competir, justificar ou identificar-se com o que vê. Por esta razão, nunca vê as coisas tais como são. "Viver com um sentimento" tal qual ele é — seja ciúme, inveja, ambição, ou seja o que for — "viver com ele" sem o deformar, sem emitir opinião ou julgamento a seu respeito, isso requer uma mente dotada de energia para seguir todos os movimentos do fato. Um fato nunca é estático; ele se movimenta, vive. Mas nós o queremos estático, aprisionando-o com uma opinião, um juízo.

Assim, a mente que está vigilante, que é sensível, percebe a futilidade de todo esforço. Mesmo na educação, a criança, o estudante que forceja para aprender, nunca aprende realmente. Poderá adquirir conhecimento, tirar um diploma; mas *aprender* é coisa que transcende

o esforço. Talvez possamos nesta tarde aprender juntos, sem esforço, em lugar de ficarmos presos na esfera do conhecimento.

Estar cônscio do fato, sem o desfigurar, sem o colorir, sem lhe dar nenhuma tendência — observar a nós mesmos tais como somos — com todas as nossas teorias, esperanças, desesperanças, sofrimentos, fracassos e frustrações — isso torna a mente em extremo penetrante. O que torna a mente embotada são as crenças, os ideais, os hábitos, a busca de seu próprio engrandecimento, desenvolvimento, seu próprio vir a ser ou *ser*. Como disse, para se seguir o fato requer-se uma mente precisa, sutil, ativa, porquanto o fato nunca é estático.

Não sei se já alguma vez olhastes a inveja como um fato, *seguindo-a*. Todas as nossas sanções religiosas baseiam-se na inveja, do arcebispo ao ínfimo clérigo; e toda a nossa moralidade social, nossas relações, estão baseadas na aquisição e na comparação, e esta, por seu turno, significa inveja. E seguir isso até o fim, em todos os seus movimentos, em todas as nossas atividades diárias, requer uma mente muito alertada. É muito fácil — não achais? — reprimi-lo, dizendo: "Vejo que não devo ser invejoso", ou "Já que estou aprisionado nesta sociedade corrompida, tenho de aceitar esta condição". Mas seguir todos os movimentos do fato, cada curva, cada linha, cada nuança, cada sutileza — esse próprio "processo" de segui-lo torna a mente sensível, sutil.

Ora bem, se fazemos isso, se seguimos o fato sem tentar alterá-lo, não existe então contradição entre o fato e o que *deveria ser*, e, portanto, nenhum esforço existe. Não sei se estais percebendo isto realmente; que se a mente está seguindo o fato, não está então empenhada em alterá-lo, em torná-lo diferente. Isto, também, é uma verdade psicológica. E esse seguimento do fato precisa ser feito a todas as horas, noite e dia, mesmo durante o sono. Pois a atividade da mente quando o corpo dorme é muito mais deliberada, positiva, e essas atividades são descobertas pela mente consciente através de símbolos, sugestões, sonhos.

Mas se a mente se conserva vigilante, no correr do dia, observando a todas as horas cada movimento, cada gesto, cada movimento de pensamento, não há então sonhar; pode então a mente ultrapassar a própria consciência. Não prosseguiremos nisso, por ora, porque o que desejamos salientar é a necessidade de uma mente sensível. Para se descobrir o que é a Verdade, Deus, ou o nome que preferirdes, é

absolutamente necessário ter uma mente lúcida — não no sentido de talentosa, intelectual, argüitiva; uma mente capaz de raciocinar, de examinar, de duvidar, de indagar e investigar, a fim de *descobrir.* A mente que tem fronteiras, que está condicionada, não é sensível. O nacionalista, o crente, por certo não tem uma mente sensível, porquanto sua crença, seu nacionalismo lhes limita a mente. Assim, no seguir o fato, a mente se torna sensível. O fato a torna sensível e não há necessidade de *fazermos* a mente sensível.

Se está mais ou menos claro isso, qual é então a natureza da beleza que essa mente descobre? A beleza, para a maioria de nós, reside nas coisas que vemos objetivamente — um edifício, um quadro, uma árvore, um poema, um rio, uma montanha, o sorriso de um belo rosto, a criança que vemos na rua. E existe também, para nós, a negação da beleza, a reação à beleza, que é o dizermos: "Isto é feio". Mas a mente sensível é sensível tanto para o feio como para o belo e, por conseqüência, não há nenhuma busca daquilo a que chama belo e nenhuma evitação do feio. E com essa mente descobrimos que existe uma beleza inteiramente diferente das avaliações feitas pela mente limitada. Deveis saber que a beleza requer simplicidade, e a mente muito simples, que vê os fatos tais como são, é uma mente muito bela. Mas não podemos ser simples se não houver *passividade*, e não há passividade se não há austeridade. Não me refiro à austeridade da tanga, das longas barbas, do monge, do tomar só uma refeição por dia, porém à austeridade da mente que se vê como é e *segue* infinitamente aquilo que vê. E esse seguir é passividade, porquanto a mente a nada está apegada. A mente deve ficar completamente passiva, para ver "o que é".

Assim, o percebimento da beleza requer a paixão da austeridade. Estou empregando propositadamente as palavras "paixão" e "austeridade". Já expliquei o que é austeridade; e da paixão necessitamos obviamente para ver a beleza. Necessita-se de *intensidade*, e necessita-se de penetração. A mente embotada não pode ser austera, não pode ser simples e, por conseguinte, é sem paixão. É na chama da paixão que se percebe a beleza, que se pode "viver com a beleza".

Talvez tudo isso, para vós, não passe de palavras, para serem lembradas, invocadas, sentidas, mais tarde. Não há "mais tarde"; não há "ínterim". Isso tem de acontecer agora, enquanto conversamos, enquanto estamos em comunhão uns com os outros. E esse percebi-

mento da beleza não reside apenas nas coisas — em vasos, estátuas, o céu — mas começa-se também a descobrir a beleza da meditação, e a intensidade, a paixão da mente meditativa.

Desejo agora apreciar a meditação, porquanto a meditação é necessária, e estamos aqui lançando as suas bases. Para a meditação, necessita-se de uma mente capaz de permanecer em silêncio — não uma mente *posta* em silêncio por meio de artifícios, de disciplina, de persuasão, de repressão, porém uma mente completamente tranqüila. Isso é absolutamente essencial à mente que se acha num estado de meditação. Por conseguinte, a mente deve estar libertada de todos os símbolos e palavras. Ela é escrava das palavras, não? Os ingleses são escravos da palavra "rainha", os indivíduos religiosos escravos da palavra "Deus", etc. A mente atravancada de símbolos, de palavras, de idéias, é incapaz de estar em silêncio, quieta. E a emaranhada em seus pensamentos é incapaz de estar tranqüila. Essa tranqüilidade não é estagnação, um estado "em branco", um estado de hipnose; mas ela pode ser alcançada "no escuro", inesperadamente, sem volição e sem desejo, quando compreendemos o processo do pensamento.

O pensamento, afinal de contas, é reação da memória; e a memória é o resíduo da experiência; e o resíduo da experiência é o centro, o "eu". Assim se forma o centro, o "eu", que é essencialmente acumulação de experiência, passada e presente, em relação tanto à coletividade como ao indivíduo. Desse centro, o resíduo da memória, emana o pensamento; e esse processo precisa ser compreendido completamente — e isso é autoconhecimento. Assim, sem autoconhecimento, consciente e inconsciente, a mente nunca estará tranqüila. Só poderá hipnotizar-se para tornar-se tranqüila, mas isso é infantil, sem madureza.

O autoconhecimento, portanto, é imediato, é necessário e urgente, porquanto a mente que conhece a si própria e a todos os seus artifícios, imaginações e atividades, pode chegar sem esforço, sem exigência, sem premeditação, ao estado de completa quietude. Conhecer a si mesmo é conhecer a totalidade do pensamento e saber como este divide a si próprio em "eu superior" e "eu inferior". É o percebimento da totalidade desse movimento de experiência, memória, pensamento, e também do centro — pois o centro se torna pensamento, memória e experiência; e a experiência, por sua vez, se torna memória mediante o ulterior condicionamento da experiência.

Espero me estejais seguindo, pois, se vos observardes atentamente, podeis perceber isso. O centro nunca é estático. O que era "centro" se torna experiência, e a experiência se torna "centro", e "o centro" se transforma em memória. É tal como causa e efeito. O que era causa se torna efeito, e o efeito se torna causa. E esse processo não é só consciente, mas também inconsciente. O inconsciente é o resíduo da raça, do homem, oriental ou ocidental; essas tradições herdadas, no encontro com o presente, se transformam noutra tradição. Para se perceberem as múltiplas camadas do inconsciente e o seu movimento, necessita-se de uma mente bem penetrante e viva, que nunca esteja, por um momento sequer, a buscar segurança, conforto. Porque, no momento em que se busca segurança, conforto, está tudo acabado, vemo-nos atolados, aprisionados. A mente ancorada na segurança, no conforto, na crença, num padrão, num hábito, não pode ser ágil.

Eis, pois, o que é autoconhecimento; e conhecer a si mesmo significa descobrir o fato e *seguir* o fato sem nenhum interesse em modificá-lo. E isso requer atenção. Atenção é uma coisa, concentração outra coisa muito diferente. A maioria dos que desejam meditar espera adquirir o poder da concentração. Todo colegial sabe o que é concentração. Ele deseja olhar pela janela, e o mestre lhe diz: "Olha para teu livro"; e trava-se uma batalha entre o desejo de olhar para fora e a compulsão do medo, da competição, que o força a olhar para o livro. Concentração, pois, é uma forma de exclusão, não achais? E embora em tal "processo" possais tornar-vos perspicazes, vossa mente está sendo limitada. Tende a bondade de ir seguindo isso, sem aceitar nem rejeitar, porém, simplesmente, observando.

A mente que se limita a concentrar-se conhece a distração; mas a que está *atenta*, não tolhida pela concentração, não conhece distração. Tudo, então, é movimento vivo. Compenetrai-vos bem disso e vereis como lançareis fora toda a carga de mandamentos religiosos que vos foi imposta e olhareis a vida de diferente maneira. Torna-se a vida então algo maravilhoso, extraordinariamente significativo — o verdadeiro *viver*, que não é fugir.

Quando se dá a uma criança um brinquedo, cessa completamente o seu desassossego e ela se torna quieta, toda absorvida no brinquedo. E o mesmo acontece conosco; temos também nossos brinquedos: Mes-

tres, salvadores, obras de arte; e, neles se absorvendo, a mente se torna quieta. Mas, essa absorção é morte para a mente.

Pois bem, a atenção não é o oposto da concentração; não está em relação com a concentração, e, por conseguinte, não é reação à concentração. Atenção é estar a vossa mente cônscia de cada movimento que se verifica dentro e fora dela própria. Significa, não apenas ouvir os barulhos do tráfego, mas também o que se está dizendo, e estar cônscio da reação ao que se está dizendo, cônscio sem escolha, para que não haja limitações à mente. Quando a mente está atenta dessa maneira, a concentração tem, então, significado completamente diferente; pode, então, a mente concentrar-se, mas tal concentração não é esforço, não é exclusão, porém parte do percebimento. Não sei se estais compreendendo bem.

Essa atenção é bondade; essa atenção é virtude; e nessa atenção encontra-se o amor e, portanto, aconteça o que acontecer, lá não pode existir o mal. O mal só se torna existente quando há conflito. A mente atenta, completamente cônscia de si mesma e de todas as coisas que se passam nela própria, é capaz de transcender a si própria.

A meditação, pois, não é um "processo" de "saber meditar", de se ser ensinado a meditar; isso é completamente infantil, pois daí provém hábito, e todo hábito torna a mente embotada. Aprisionada em seu próprio condicionamento poderá a mente ter visões do Cristo ou dos deuses indianos, ou do que quer que seja, mas, sem embargo, está condicionada. O cristão só pode ter visões do Cristo, e o hindu só pode ter visões dos seus deuses prediletos. A mente meditativa não é imaginativa; portanto, não tem visões.

Assim, quando a mente, depois de agitar-se inutilmente na esfera de seus próprios movimentos, começa a seguir a atividade de seus pensamentos, a amar o seu centro, seu movimento, suas experiências, só então é capaz de compreensão, só então está quieta.

Agora, um momento. Este orador pode comunicar-vos verbalmente o que então sucede, mas isso é muito sem importância, porque vós é que tendes de descobri-lo. Deveis chegar àquele estado, abrindo vós mesmo a porta. Se outro vos abre a porta, ou procura abri-la, então esse outro se torna vossa autoridade, e vós o seu seguidor. Por conseguinte, isso significa morte para a verdade; morte para a pessoa que diz que "sabe", e morte para aquele que pede "dizei-me". A

ânsia de saber gera a autoridade; dessarte, tanto o guia como o seguidor se acham presos na mesma rede.

Ora bem. Este que vos fala está-vos expondo isto tudo, não com o intuito de convencer-vos, ou estimular-vos, ou demonstrar-vos algo, ou coisa parecida, mas, sim, porque, quando o compreenderdes, vereis a relação existente entre o tempo e o espaço.

Quando a mente está completamente livre de barreiras, de limitações, acha-se então num estado de plenitude: e, nesta plenitude, está vazia: e nesse vazio pode conter o tempo — tempo como espaço e distância; tempo como ontem, hoje e amanhã. Mas, não havendo aquele vazio, não há tempo, nem espaço, nem distância. Por causa daquele vazio, existe o tempo e, portanto, distância e espaço. E quando a mente descobre isso, *experimenta-o*, não verbalmente, porém realmente, não como coisa lembrada — ela sabe, então, o que é criação — criação e não coisa criada. E vereis então que, ao dobrardes uma esquina, ao passeardes na floresta ou por uma rua imunda, ou onde quer que seja, sempre vos encontrareis com o Eterno.

A mente, pois, jornadeou pelo seu próprio interior, pela últimas profundezas de si própria. Esta não é jornada semelhante à viagem à Lua num foguete, que é relativamente fácil, mecânica; e a jornada interior, a visão interior não é mera reação ao exterior. É um só movimento: interior e exterior. E quando há essa visão profunda, interior, essa atenção interior, esse movimento interior, a mente, então, já não está separada do Sublime. Por conseguinte, toda busca, toda ânsia, tudo terminou.

Por favor, não vos deixeis hipnotizar, influenciar por minhas palavras. Se estais influenciados, não podeis saber por vós mesmos o que é o amor. A meditação é o descobrimento dessa coisa extraordinária que se chama Amor.

23 de maio de 1961.

LONDRES — XI

A Energia do Amor

Da última vez estivemos falando sobre a meditação e a beleza, e seria bom voltarmos a este assunto por momentos, antes de entrarmos em nossa discussão de hoje.

Dissemos que existe a beleza, um sentimento do belo inacessível aos sentidos, sentimento não provocado pelas coisas feitas pelo homem ou pela natureza. A beleza transcende tudo isso; e para efetuarmos a investigação da beleza — que não é meramente subjetiva ou objetiva — temos de alcançar o percebimento intenso da beleza que se alcança por meio da meditação. Considero a meditação, a mente meditativa, um requisito essencial. Já examinamos esta matéria com bastante profundeza e vimos que a mente meditativa é aquela que investiga, que percorre todo o processo do pensamento e é capaz de ultrapassar-lhe as limitações.

Talvez, para alguns dentre nós seja dificílimo meditar; e é mesmo provável que não tenhamos sequer pensado nesta questão. Mas quem examina atentamente esta questão da meditação — a qual não é auto-hipnotismo, nem imaginação, nem evocação de visões, e outras infantilidades que tais — alcança, invariavelmente, penso eu, aquele mesmo sentimento, aquela mesma intensidade própria da mente que percebe o belo sem "provocação". E a mente que está em silêncio, tranqüila, naquele estado de intensidade, descobre um estado não limitado pelo tempo e pelo espaço.

Desejo agora falar sobre o significado da mente religiosa. Como vimos dizendo, desde o começo destas despretensiosas falas, estamos

procurando entrar em comunhão uns com os outros, fazer juntos uma jornada. Por conseguinte, vós não estais escutando a este orador com preconceitos, com parcialidade, com preferências ou "despreferências"; estais escutando com o fim de descobrir por vós mesmos o que é verdadeiro. E para se descobrir o que é verdadeiro quando se está enleado em tantas coisas falsas, pensamentos superficiais, esperanças e desesperanças, cumpre não aceitar nada, absolutamente, do que está dizendo o orador. É preciso investigar, explorar; e isso requer mente livre e não a mera reação de uma mente tolhida por preconceitos e opiniões; necessita-se de uma mente verdadeiramente livre, quer dizer, não ancorada em determinada crença, dogma ou experiência, uma mente capaz de *seguir* um fato com muita clareza e precisão. Para seguir fatos, a mente precisa ser muito sutil. Como já dissemos, um fato nunca é estático; está sempre em movimento — seja um fato que observamos em nós mesmos, seja um fato objetivo. A observação de um fato exige mente capaz, precisa, lógica e, sobretudo, livre para *seguir*.

Parece-me que neste nosso mundo atual, onde vemos tanta confusão, aflição e agitação, são necessárias a mente científica e a mente religiosa. Estes dois, sem dúvida, são os únicos estados mentais *reais*; pois não é *real* o estado da mente que crê, da mente condicionada, quer pelo dogma do cristianismo, do hinduísmo, quer por qualquer outra crença ou religião. Afinal, temos problemas imensos e a vida se tornou muito mais complexa. Exteriormente, talvez haja um maior sentimento de segurança, o sentimento de que talvez não tenhamos guerras atômicas no futuro, dado o terror que inspiram. Sente-se que, conquanto possa haver guerra em data remota, não será na Europa; e, assim, podemos sentir-nos mais seguros, física e emocionalmente. Mas, parece-me, a mente que busca segurança se torna embotada, medíocre; e, em tais condições, ela é incapaz de resolver seus próprios problemas.

Assim, para vivermos neste mundo — com suas rotinas, seu tédio, a existência superficial da clase média, da classe superior ou da inferior — e resolvermos os nossos problemas, ultrapassá-los, penetrar profudamente em nós mesmos, só há dois caminhos: o científico ou o religioso. O "caminho" religioso inclui o científico, mas o científico não contém em si o religioso. Mas necessitamos do espírito científico, uma vez que este é capaz de examinar rigorosamente todas as causas

da miséria humana; o espírito científico poderá promover a paz mundial, objetivamente — alimentar a humanidade, dar-lhe casas para morar, roupas etc. — não apenas aos ingleses ou aos americanos, mas a todo o mundo. Não se pode viver na prosperidade numa extremidade da terra, enquanto na outra extremidade existe degradação, doença, fome e esqualidez. Talvez a maioria de vós ignoreis isso, mas o deveis saber. Para se resolverem todos esses imensos problemas, perceber toda a estupidez do nacionalismo, dos conchavos políticos, das ambições, da avidez de poder, necesista-se do espírito científico. Mas, infelizmente, como se vê, o espírito científico está agora interessado em viagens à Lua ou mais além, em aumentar nossos confortos com geladeiras melhores, carros melhores, *et coetera.* Isto está certo, de modo geral, mas afigura-se-me um ponto de vista muito limitado.

Sabemos o que é "espírito científico": espírito de investigação, nunca satisfeito com seus achados, sempre variável, nunca estático. Foi o espírito científico que criou o mundo industrial; mas esse mundo industrial, sem revolução interior, produz uma medíocre maneira de viver. Sem essa revolução interior, todas as glórias e belezas da chamada vida intelectual só podem tornar a mente mais embotada, mais contentada, satisfeita, segura. O progresso em certos sentidos é essencial, mas também destrói a liberdade. Não sei se já notastes que, quanto mais coisas tendes, tanto menos sois livres. E, por isso, os homens religiosos do Oriente têm dito: "Renunciemos às coisas materiais, pois não importam. Busquemos *a outra coisa*; mas eles não acharam também essa "outra coisa". Sabemos, pois, mais ou menos, o que é espírito científico — o espírito que existe no laboratório. Não me refiro ao cientista como indivíduo; este é provavelmente igual a vós e a mim, entediado da existência de cada dia, avarento, ávido de poder, posição, prestígio.

Agora, muito mais difícil é averiguar o que é espírito religioso. Como proceder, quando se deseja descobrir algo verdadeiro? Queremos saber o que é espírito religioso — não esse estranho espírito que prevalece nas religiões organizadas, porém o genuíno espírito religioso. Como proceder?

Só se começa a descobrir o que é o verdadeiro espírito religioso por meio do pensar negativo, porquanto, para mim, o pensar negativo é o pensamento em sua forma mais elevada. Entendo por pensar negativo aquele que despreza, que rompe e destroça as coisas

falsas construídas pelo homem para sua própria segurança, seu sossego interior; que destroça todas as defesas e o mecanismo de pensamento construtor dessas defesas. É preciso destroçar tudo isso, ultrapassá-lo, rapidamente, celeremente, para ver se algo existe além. E o ultrapassar dessas coisas falsas não é uma reação ao que existe. Certo, para descobrirmos o que é o espírito religioso e dele nos abeirarmos negativamente, precisamos ver no que cremos, e porque cremos, porque aceitamos todos os inumeráveis condicionamentos que as religiões organizadas do mundo inteiro impõem à mente humana. Por que credes em Deus? Por que não credes em Deus? Por que tendes tantos dogmas e crenças?

Direis, porventura, que se ultrapassarmos todas essas chamadas estruturas positivas atrás das quais a mente se abriga, ultrapassá-las sem desejar encontrar algo mais — nada mais restará senão desespero. Mas eu acho que temos de passar também pelo desespero. Só existe desespero quando há esperança — a esperança de nos pormos em segurança, permanentemente confortados, perpetuamente medíocres, perenemente felizes. Para a maioria de nós, o desespero é reação à esperança. Mas, para se descobrir o que é o espírito religioso, acho que essa investigação deve realizar-se sem nenhuma provação, nenhuma reação. Se vossa busca é apenas uma reação — porque desejais mais segurança interior — nesse caso vossa busca visa apenas a um conforto maior, seja numa crença, numa idéia, seja no conhecimento, na experiência. E a mim me parece que tal modo de pensar nascido da reação só pode produzir mais reações, e, por conseguinte, não oferece a libertação do processo de reação que impede o descobrimento. Não sei se está claro o que estou dizendo.

Deve haver uma maneira negativa de proceder, e isso significa que a mente necessita tornar-se cônscia do condicionamento imposto pela sociedade, em relação à moralidade; cônscia das inumeráveis sanções impostas pela religião; e cônscia, também, de como, rejeitando essas imposições exteriores, cultivamos certas resistências internas, crenças conscientes e inconscientes, baseadas na experiência, no conhecimento, e que se tornam fatores diretores.

Assim, para descobrir o que é o verdadeiro espírito religioso, a mente deve achar-se num estado de revolução, e este significa a destruição de todas as coisas falsas que lhe foram impostas, seja por

pressão externa, seja por ela própria; pois a mente está sempre em busca da segurança.

Afigura-se-me, pois, que o espírito religioso encerra esse constante estado mental que nunca constrói para sua própria segurança. Porque se a mente constrói com essa ânsia de segurança, então ela fica vivendo atrás de seus próprios muros e, portanto, é incapaz de descobrir algo novo.

Por conseguinte, a morte, a destruição do "velho", é necessária: destruição da tradição, libertação total do que *foi*, abandono das coisas acumuladas como memória através de séculos. Então, direis, porventura: "Que mais resta? Tudo o que sou é constituído por todo esse conjunto de fatos, essa "história", a experiência; se tudo isso desaparece, se apaga, que resta?" — Em primeiro lugar, pode-se apagar tudo isso? Podemos falar a esse respeito, mas é verdadeiramente possível apagá-lo? Eu digo que é possível — mas não por influência ou coerção, pois isso é insensatez, falta de madureza. É possível, se o penetrarmos profundamente, afastando de nós toda autoridade. E esse "limpar da lousa" — que significa morrer todos os dias e de momento em momento, para as coisas acumuladas — requer abundante energia e profundo discernimento; e isso faz parte do espírito religioso.

Outra parte do espírito religioso é o "espírito-força", que inclui a ternura e o amor. Estou tentando expressar-me por meio de palavras, mas tende a bondade de não vos contentardes com palavras, apenas. Eu disse que outra parte do espírito religioso é a força proveniente do amor. E com a palavra "força" quero referir-me a algo completamente diferente do impulso para ser poderoso, do desejo de dominação, controle; do poder que a abstinência confere; ou do poder de uma mente sagaz, cheia de ambição, avidez, inveja, ávida de perfeição. Este poder é maligno. O domínio de uma pessoa sobre outra, o poder do político, o poder de influenciar outros para pensarem de certa maneira, seja exercido pelos comunistas, pelas igrejas, seja pelos sacerdotes ou pela imprensa — este poder, para mim, é extremamente nocivo. Estou-me referindo a coisa muito diferente, tanto em grau como em qualidade, algo sem nenhuma relação com o poder dominador. Existe essa força, esse poder, uma coisa "exterior", não produzida por nossa vontade ou desejo. Nesse poder reside aquela

coisa extraordinária que é o amor; e este faz parte do espírito religioso.

O amor não é sensual; nenhuma relação tem com a emoção; não é reação ao medo; não é amor materno, amor conjugal etc.

Segui bem isso, por favor, penetrai-o, sem nada aceitar, nem rejeitar, pois estamos jornadeando juntos. Direis, talvez: "Um tal amor, um tal estado mental não baseado em lembrança, é impossível". Mas eu acho que ele pode ser encontrado. Encontramo-lo por vias obscuras, ao investigarmos no seu todo o processo do pensamento, as peculiaridades da mente. É um poder existente por si só; é energia não causada. Difere inteiramente da energia gerada pelo "eu" em sua ânsia de alcançar as coisas que deseja. E aquela energia existe, mas só será encontrada pela mente livre, não vinculada ao tempo e ao espaço. Nasce aquela energia quando o pensamento — como experiência, conhecimento, como "ego", centro — o "eu" — gerador de sua própria energia, volição e concomitantes pesares, aflições etc. — se dissolve. Dissipado esse centro, manifesta-se aquela energia, aquela força que é o amor.

E há, também, outra camada da mente religiosa que é movimento — movimento não dividido em exterior e interior. Tende a bondade de seguir isso por instantes. Conhecemos os movimentos exteriores, objetivos; e desse conhecimento resulta uma reação que chamamos movimento interior, um afastamento do exterior, renúncia ao exterior, ou, também, aceitação dele como inevitável, resistência a ele pelo cultivo de uma reação de "movimento interior", com suas crenças, experiências etc. Existe o movimento para o exterior, o impulso para fora — ser ambicioso, ávido etc.; e quando esse movimento falha, nos voltamos para o interior. Não se busca a verdade quando a mente é feliz. Quando a mente se acha contentada, deleitada, tamanha é sua própria vitalidade que não precisa murmurar, sequer, o nome de Deus. Só quando nos sentimos infelizes, quando as coisas exteriores falharam, quando já não temos êxito, quando temos desgostos domésticos, quando há morte, conflito etc., só então nos voltamos para o interior, como costumam fazer os velhos. Nunca recorremos à religião quando somos jovens, porque então as nossas glândulas estão funcionando "a toda velocidade". Encontramos satisfação no sexo, na posição, no prestígio, no dinheiro, na fama etc. Quando essas coisas começam a falhar-nos, só então nos voltamos

para o interior; ou, se ainda somos jovens, nos tornamos *beatniks*. Tudo isso é reação: e revolução não é reação.

Ora, se se percebe com toda a clareza a verdade contida em tudo isso, ocorre então um movimento que é tanto exterior como interior; não há divisão. É um movimento: movimento que consiste em ver as coisas exteriores precisa, clara e objetivamente, tais como são; e esse mesmo movimento se verifica também interiormente, não como reação, porém como o movimento das marés, que é o fluxo e refluxo das mesmas águas. O movimento para fora significa ter os olhos, os sentidos, todo o nosso ser, abertos, vivos. E o movimento para dentro é o fechar dos olhos — emprego esta expressão como meio de comunicação; ninguém precisa ficar de olhos fechados. O movimento para dentro é a visão interior. Depois de compreender o exterior, os olhos se voltam para dentro; mas não como reação. E a visão interior, a compreensão interior significa quietude, tranqüilidade, completas; porque nada mais há para buscar, para compreender.

Não gosto de empregar a palavra "interior", mas espero tenhamos entendido. Esse estado interior é que é criação. Ele nada tem em comum com o poder humano de inventar, de produzir coisas, etc. É o estado de criação. Esse estado de criação só se manifesta quando a mente compreendeu a destruição, a morte. E só quando a mente *vive* esse estado de energia, que é amor, só então há criação.

Agora, a parte nunca é o todo. Temos descrito as partes; mas os raios de uma roda não constituem a roda, embora a roda contenha os raios. Não podemos alcançar o todo por meio de uma parte. O todo só pode ser comprendido ao perceber-se tudo o que estivemos dizendo sobre as várias partes da mente religiosa. Ao terdes esse percebimento total, então, nesse sentimento total está incluída a morte, a destruição, o sentimento de força pelo amor, e a criação. E isso é a mente religiosa. Mas para alcançar esse estado religioso, a mente deve ser precisa, pensar com clareza, logicamente, nunca aceitando as coisas externas ou as coisas internas que para si mesma criou, como conhecimento, experiência, opinião, etc.

Vemos, pois, que a mente religiosa encerra em si a mente científica; mas a mente científica não contém a mente religiosa. O mundo vem tentando consorciar as duas, mas isso é impossível; assim sendo, tratarão de condicionar o homem para aceitar a separação. Mas estamos falando de coisa totalmente diferente. Estamos tentando uma

jornada de descobrimento, e isso significa que *tendes de descobrir*. Aceitar o que se está dizendo não tem valor algum, pois, assim, estais de volta à velha rotina, sois escravos da propaganda, da influência e tudo o mais.

Mas, se empreendestes também a jornada e sois capazes de descobrir, vereis então que podeis viver neste mundo; então, as agitações deste mundo têm significação. Porque, neste conteúdo total, neste sentimento total, há ordem e desordem. Não é assim? É preciso destruir, para criar. Mas não é a destruição à maneira dos comunistas. A desordem, se podemos empregar tal palavra, existente na mente religiosa, não é o contrário da ordem. Sabeis como gostamos da ordem. Quanto mais burgueses somos, quanto mais limitados e medíocres, tanto mais amamos a ordem. A sociedade precisa de ordem; quanto mais corrupta se torna, tanto mais deseja ordem. É o que querem os comunistas: um mundo em perfeita ordem. E nós outros desejamos a mesma coisa: temos medo à desordem. Compreendei, por favor, que não estou advogando um mundo em desordem; não estou absolutamente empregando a palavra "desordem" em sentido reacionário. A criação é desordem; mas essa desordem, sendo criadora, contém a ordem. Isto é muito difícil de transmitir. Percebeis?

A mente religiosa, pois, não é escrava do tempo. Onde existe o tempo — ontem, com todas as suas lembranças, movendo-se através de hoje e criando, assim, o futuro e condicionando a mente — não existe aquela desordem criadora. A mente religiosa, portanto, é uma mente que não tem futuro, não tem passado, e tampouco não está vivendo no presente, compreendido como *oposto* de ontem e de amanhã, porquanto nesta mente religiosa não está contido o tempo. Não sei se estais entendendo.

A mente, pois, pode alcançar aquele estado religioso. Estou empregando a palavra "religioso" com um novo sentido, indicando algo não relacionado com as religiões do mundo, todas elas mortas, moribundas, decadentes. Assim, a mente religiosa é aquela que só pode "viver com a morte", com a extraordinária e poderosa energia do amor. Não traduzais isto. Não façais perguntas sobre o "amar um" ou "amar todos"; isto é infantil. Só a mente religiosa pode voltar-se para dentro; e esse "voltar-se para dentro" não está em relação com o tempo e o espaço. É ilimitado, infinito, não pode ser medido por

uma mente aprisionada no tempo. E só a mente religiosa resolverá os nossos problemas, porque ela não tem problemas. E só a mente que não tem problemas, uma mente realmente religiosa, pode resolver todos os problemas. Essa mente, por conseguinte, está em relação íntima com a sociedade; mas a sociedade não está em relação com ela.

Assim, no sentido da palavra "religioso", é necessária uma revolução em cada um de nós — revolução total e não parcial. Toda reação é parcial; e a revolução a que nos referimos não é parcial e, sim, uma coisa total. E só essa mente pode ter intimidade com a Verdade. Só essa mente pode ter "amizade" com Deus — ou o nome que preferirdes. Só essa mente pode participar da Realidade.

APARTE: A mesma mente cria a ordem e a desordem?

KRISHNAMURTI: Está-me parecendo, senhor, que não empreendestes a jornada. Deve haver morte, para que algo novo possa existir. Palavras, frases, a formulação intelectual de perguntas — nada disso tem relação com aquilo de que falamos. Como sabeis, quando se vê algo verdadeiramente belo, imenso — as montanhas, os rios — a mente se torna silenciosa, não é verdade? A beleza do que se está vendo varre-nos da mente toda indagação, todo sentimentalismo, todo sussurro de pensamento; naquele segundo tudo isso é varrido da mente, porque a coisa que se vê é sumamente grande. Mas, se esse "varrer" é efetuado por algo externo a vós, nesse caso é uma reação, e voltareis posteriormente a vossas lembranças. Porém, se realmente empreendestes a jornada, vossa mente se acha então naquele estado em que não faz perguntas, em que não tem problemas. Senhor, a mente que está a morrer, que está morta, tem problemas; mas não os tem a mente ativa, viva, fluente como um rio, intensa.

APARTE: Penso que concordareis que o estado da sociedade humana deixa muito a desejar. É possível uma pessoa religiosa atuar sobre essa sociedade de maneira eficiente, contra todos os outros que estão atuando diferentemente?

KRISHNAMURTI: Pretendíamos falar a este respeito na próxima reunião. Que valor tem tudo isso para a sociedade? Que vantagem há em uns poucos, ou um ou dois alcançarem aquele estado? Que é a sociedade e que deseja a sociedade? Ela deseja posição, prestígio, dinheiro, sexualidade; sua própria estrutura baseia-se na aquisição, na competição, no êxito. Se dizeis algo contra tudo isso, eles não

vos quererão. Não podeis evitá-lo. Se algumas das chamadas pessoas religiosas, sacerdotes, etc., começassem a falar sobre a necesidade de não ser ambicioso, de não se fazerem guerras, nem se praticarem violências, pensais que teriam seguidores? Ninguém lhes daria ouvidos. E estou certo de que não dareis ouvidos ao que se está dizendo aqui, porque continuareis a palmilhar o caminho da ambição, da frustração, da segurança, que na verdade é o caminho da morte. Levareis convosco, daqui, uns "pedacinhos" do que ouvistes, para acrescentá-los ao que já sabeis. Mas nós estamos falando de coisa inteiramente diferente, de coisa verdadeiramente extraordinária, pela sua beleza e profundidade. Porém, para a alcançardes, compreenderdes, "viverdes com ela", requer-se imenso trabalho — trabalho de penetração, a fim de esclarecer a mente consciente e inconsciente, e o mundo que nos circunda. Ou podeis ver tudo num súbito clarão e eliminá-lo de vez. Tanto uma coisa como outra requer extraordinária energia.

25 de maio de 1961.

LONDRES – XII

Renovação Mental

Esta é a última palestra desta série de reuniões, em que estivemos considerando a atitude ou ação que se torna necessária para se enfrentar o desafio de um mundo tão completamente confuso e destrutivo como este. Nota-se em toda a parte um processo de destruição, degeneração, não apenas na sociedade, mas ainda no indivíduo. A onda de deterioração parece estar sempre a alcançar-nos e arrastarnos. Há divisões entre as pessoas, tanto no domínio econômico, como também no racial e religioso. No Oriente, nota-se sofrimento e esqualidez, isso no campo físico, emocional e psicológico. Há tensão, conflito, confusão, por toda a parte.

Considerando-se tudo isto, parece-me necessária uma mente totalmente nova; não mente "recondicionada", não mente "banhada" pelos comunistas, pelos capitalistas, pelos cristãos ou hinduístas e, sim, uma mente nova. E estivemos considerando como fazer nascer essa mente nova.

Estudamos a questão praticamente de todos os pontos de vista, interior e exterior, e vimos que, quanto mais tentamos modificar a mente exteriormente, pela propaganda, como o está fazendo a maioria das religiões, ou mediante pressão econômica ou social — tanto mais a mente fica condicionada, tanto mais superficial, vazia, embotada e insensível se torna. É bastante óbvio, parece-me, a qualquer um que já observou estas coisas, que a mente condicionada, consciente ou inconscientemente, a mente que está sendo influenciada, ainda que muito sutilmente, é incapaz de atender aos numerosos problemas que surgem na moderna civilização.

Interiormente, psicologicamente, somos em geral muito vulgares, limitados, sob o peso de nossa ilustração e saber. E temos tantos problemas — problemas de relação, problemas que surgem em nossa vida de cada dia — o que se deve fazer e o que se não deve fazer, o que se deve crer e o que se não deve crer — interminável busca de conforto, segurança e de um meio de fuga ao sofrimento — temos tantos problemas que, se os víssemos todos, em conjunto, poderíamos perder as esperanças. Assim, evidentemente, o que se torna necessário, o desejável e essencial é uma mente nova; porque, em verdade, tudo o que tocamos faz surgir um novo problema.

Assim, como dissemos na última reunião, é necessária uma mente religiosa. E, sem dúvida, a mente religiosa é aquela que se depurou de todas as crenças e de todos os dogmas; esta mente é capaz de um percebimento, uma compreensão interior que dá uma certa tranqüilidade, serenidade. E, quando a mente está interiormente tranqüila, há intenso percebimento de tudo o que se passa fora dela. Isto porque, compreendendo todos os conflitos, frustrações, perturbações, agitações e sofrimentos interiores, ela está serena e, por conseguinte, exteriormente ela se torna intensamente ativa, com todos os sentidos bem despertos, capaz, portanto, de observar sem nada desfigurar, de seguir cada fato de maneira não tendenciosa.

A mente religiosa, pois, não só é capaz de observar as coisas externas com clareza, lógica e precisão, mas também, graças ao autoconhecimento, ela se tornou interiormente tranqüila, de uma tranqüilidade que tem seu movimento próprio. E dissemos que essa mente religiosa se acha, por conseguinte, num estado de revolução constante. Não estamos interessados em nenhuma espécie de revolução parcial, nenhuma revolução comunista, socialista ou capitalista. Os capitalistas, em geral, não desejam revolução alguma, mas os outros a desejam; e a revolução deles é sempre de natureza parcial — econômica, etc. Mas a mente religiosa promove a revolução total, não só interiormente, mas também exteriormente; e, no meu sentir, só a revolução religiosa, e nenhuma outra, pode resolver os múltiplos problemas da humana existência.

E que pode fazer essa mente? Que podemos fazer, vós e eu, como dois indivíduos, neste mundo monstruoso e insano? Não sei se já pensastes nisto, alguma vez. Que pode fazer uma mente religiosa?

Já explicamos com muita clareza que a mente religiosa não é a mente cristã, hinduísta ou budista, ou pertencente a alguma seita extravagante ou sociedade com fantásticas crenças e idéias; a mente religiosa é aquela que, tendo percebido interiormente sua própria validade, a verdade de suas percepções, sem desfiguração, é capaz de resolver lógica, racional e sãmente os problemas que surgem, não permitindo que nenhum deles crie raízes. Desde que deixamos um problema lançar raízes na mente, existe conflito; e onde há conflito, está presente o "processo" de deterioração, não só exteriormente, no mundo objetivo, mas também interiormente, no mundo das idéias, dos sentimentos, das afeições.

Que pode, então, fazer a mente religiosa? Provavelmente muito pouco. Porque o mundo, a sociedade é constituída de indivíduos ambiciosos, ávidos, "aquisitivos", facilmente influenciáveis e que desejam pertencer a alguma coisa, crer em alguma coisa, filiando-se a certas correntes de pensamento e padrões de ação. Essas pessoas não podem ser modificadas senão pela influência, a propaganda, o oferecimento de novas formas de condicionamento. Mas a mente religiosa lhes diz que se despojem, interiormente, de tudo. Porque é só em liberdade que se pode descobrir o que é verdadeiro e se existe a Verdade, Deus. A mente que crê nunca descobrirá o que é verdadeiro ou se existe Deus; só a mente livre pode descobri-lo. E para sermos livres, temos de penetrar todas as servidões que a mente a si mesma impôs. Isto é dificílimo, pois requer muita penetração, exterior e interiormente.

Quase todos, sabemo-lo, andamos às voltas com o sofrimento. Sofremos de uma ou de outra maneira, física, intelectual, ou interiormente. Somos torturados e nos torturamos a nós mesmos. Conhecemos o desespero, e a esperança, e o medo sob todos os seus aspectos; e nesse vórtice de conflito e contradições, preenchimentos e frustrações, ciúmes e ódio, debate-se a mente. Aprisionada que está, sofre, e todos sabemos que sofrimentos são estes: o sofrimento ocasionado pela morte, o sofrimento da mente insensível, o sofrimento da mente muito racional e intelectual, que conhece o desespero, porque reduziu tudo a pedaços e nada mais lhe resta. A mente sofredora faz nascer várias filosofias do desespero; busca refúgio através de numerosas vias de esperança, confiança, conforto, através do patriotismo, da política, das argumentações verbais, das opiniões. E para a mente sofredora

existe sempre uma igreja, uma religião organizada pronta a acolhê-la e torná-la mais embotada ainda, com suas promessas de consolo.

Conhecemos tudo isso; e quanto mais refletimos, tanto mais intensa a mente se torna e nenhuma saída se encontra. Fisicamente, é possível fazer algo contra o sofrimento, tomar uma pílula, procurar o médico, alimentar-se melhor, mas aparentemente nenhuma saída existe senão pela fuga. Mas a fuga torna a mente muito embotada. Ela poderá ser penetrante em seus argumentos, em suas defesas; mas a mente em fuga está sempre temerosa, porque precisa proteger a coisa em que se refugiou, e, evidentemente, tudo aquilo que protegemos, que possuímos, faz nascer o medo.

E, assim, o sofrimento continua; conscientemente, talvez, possamos afastá-lo, mas interiormente ele continua existente, corrompendo, putrefazendo. Mas podemos ficar livre dele, totalmente, completamente? Esta me parece a pergunta correta que se deve fazer; porque, se perguntamos "Como ficar livre do sofrimento?", então, o "como" cria o padrão" do que se deve fazer e do que não se deve fazer", e isso significa seguir por uma via de fuga, em vez de enfrentar o problema, a causa-efeito do próprio sofrimento. Assim, antes de começarmos a discutir, gostaria de investigar esta questão.

O sofrimento perverte e deforma a mente. O sofrimento não é o caminho da Verdade, da Realidade, de Deus (ou como quiserdes chamá-lo). Temos tentado enobrecê-lo, dizendo-o inevitável, necessário, alegando que traz a compreensão, etc. Mas a verdade é que, quanto mais intensamente uma pessoa sofre, tanto mais ansiosa se torna de fugir, de criar uma ilusão, de encontrar uma saída. Parece-me, pois, que a mente sã, saudável, deve compreender o sofrimento e ficar completamente livre dele. E isso é possível?

Ora, como compreender por inteiro o sofrimento? Não estamos tratando de uma única qualidade de sofrimento por que acaso estejais passando ou eu esteja passando; existem, como sabeis, muitas variedades de sofrimento. Mas estamos falando sobre o penar em geral, estamos falando da totalidade da coisa; e como compreender ou sentir o todo? Espero me esteja fazendo claro. Através da parte nunca é possível sentir o todo; mas, se se compreende o todo, a parte pode então ajustar-se nele e tornar-se, assim, significativa.

Ora, como se *sente* o todo? Entendeis o que quero dizer? *Sentir*, não apenas como inglês, mas *sentir* a totalidade da humanidade;

sentir não apenas a beleza das paisagens da Inglaterra, que são realmente belas, porém a beleza de toda a Terra; sentir o amor total — não apenas o amor por minha mulher e meus filhos, mas o sentimento total de amor; conhecer o sentimento total da beleza, não da beleza de um quadro pendente da parede, ou de um sorriso num rosto belo, ou de uma flor, de um poema, porém aquele sentimento de beleza que transcende todos os sentidos, todas as palavras, toda expressão. Como sentir assim?

Não sei se alguma vez já vos fizestes esta pergunta. Porque, vede, satisfazemo-nos tão facilmente com um quadro na parede, com nosso jardim particular, uma árvore que num campo nos atrai a atenção. E como alcançar esse sentimento da *inteireza* da Terra e do céu, e da beleza da humanidade? Percebeis o que quero dizer — o sentimento profundo disso?

Prosseguirei examinando este tópico, se desejais seguir-me, mas deixemo-lo de parte, por enquanto. Deixemos a questão em "fervura", em ebulição, e entremos numa diferente ordem de considerações.

A mente que está em conflito, em batalha, em guerra, interiormente, se torna embotada; não é uma mente sensível. Ora, que é que torna a mente sensível, não apenas para uma ou outra coisa, porém sensível como um todo? Quando é ela sensível não apenas para o belo, mas também para o feio, para tudo? Só o é, por certo, quando não há conflito; isto é, quando a mente está tranqüila interiormente e, por conseguinte, é capaz de observar todas as coisas exteriores com todos os seus sentidos. Ora, que é que gera o conflito? E existe conflito não apenas na mente consciente, exterior — a mente que está sumamente cônscia de seus raciocínios, seus conhecimentos, sua proficiência técnica, etc. — mas também a mente interior, inconsciente, a qual, provavelmente se acha no "ponto de fervura" a todas as horas. Que é pois, que cria o conflito? Por favor, não respondais, porquanto a mera análise mental ou investigação psicológica não resolve o problema. O exame verbal pode mostrar intelectualmente as causas do sofrimento, mas nós estamos falando sobre o "estar de todo livre do sofrimento". Cabe-nos, pois, experimentar ao mesmo tempo que falamos, sem nos deixarmos ficar no nível verbal.

O que cria o conflito é, obviamente, o "puxão" em diferentes direções. O homem que se deixou comprometer completamente com alguma coisa é, em geral, insano, desequilibrado; para ele não há

conflito: ele *é* essa coisa. O homem que crê inteiramente numa dada coisa, sem duvidar, sem interrogar, que se identificou completamente com aquilo que crê — esse homem não tem conflito nem problema. Tal é mais ou menos o estado de uma mente doente. E a maioria de nós gostaria muito de identificar-se, de "comprometer-se" com alguma coisa de tal maneira que não houvesse mais problema algum. Em geral, por não termos compreendido o processo do conflito, só desejamos evitar o conflito. Mas, como já assinalamos, o evitar só produz mais sofrimentos.

Assim, percebendo tudo isso, faço a mim mesmo e, portanto, também a vós, esta pergunta: Que cria o conflito? E conflito implica não só desejos contraditórios, vontades, temores e esperanças contraditórias, mas tudo quanto é contradição.

Ora, por que existe contradição? Espero estejais escutando, através de minhas palavras, a vossas mentes e corações. Espero vos estejais servindo de minhas palavras como um portal através do qual estais observando, escutando a vós mesmos.

Uma das causas principais do conflito é a existência de um centro, um *ego*, "eu", resíduo de todas as lembranças, todas as experiências, todos os conhecimentos. E esse centro está sempre tratando de ajustar-se ao presente ou de absorvê-lo: sendo o presente o hoje, cada momento de nosso viver, que envolve sempre desafio e reação. Está sempre a traduzir tudo o que encontra nos termos daquilo que já conhece. O que ele já conhece é todo o conteúdo de milhares de dias pretéritos, e com esse resíduo procura enfrentar o presente. Por conseguinte, ele modifica o presente, e nessa própria atividade modificadora alterou o presente, criando assim o futuro. E nesse processo do passado que traduz o presente e cria o futuro, se acha aprisionado o "eu", o *ego*. E nós somos *isso*.

Assim, a fonte do conflito é o "experimentador" e a coisa que está "experimentando". Não é assim? Quando dizeis "amo-vos" ou "odeio-vos", existe sempre esta separação entre vós e aquilo que amais ou odiais. Enquanto houver separação entre pensador e pensamento, experimentador e coisa experimentada, observador e coisa observada, tem de haver conflito. Divisão é contradição. Ora, pode-se anular esta divisão ou separação, de modo que *sejais* o que vedes, *sejais* o que sentis?

Importa compreender, primeiramente, que enquanto há divisão entre pensador e pensamento, tem de haver conflito, porque o pensador está sempre tentando fazer alguma coisa em relação ao pensamento, procurando alterá-lo, modificá-lo, controlá-lo, dominá-lo, tentando tornar-se bom, não ser mau, etc. Enquanto perdurar a divisão geradora de conflito, tem de haver esta agitação da existências humana, não só internamente, mas também externamente.

Ora, existe pensador separado do pensamento? Está clara esta pergunta? O pensador é uma entidade separada, algo distinto, algo permanente, separado do pensamento? Ou existe só pensamento, o qual cria o pensador, porque assim poderá dar-lhe (ao pensador) permanência? Entendeis? O pensamento é impermanente, acha-se num constante fluir, e a mente não gosta desse estado de fluidez. Deseja criar algo permanente, em que possa ficar em segurança. Mas, se não há pensamento, não há pensador, há? Não sei se já alguma vez exprimentastes isto, se já seguistes esta ordem de reflexões, ou investigastes inteiramente o processo do pensar e *quem* é o pensador. O pensamento declarou que o pensador é supremo, que existe a alma, o "eu superior", conferindo assim ao pensador existência permanente — mas tudo isso continua a ser resultado do pensamento.

Assim, se observamos este fato, se o percebemos realmente, vê-se então que não há *centro*.

Notai, por favor, que isto pode ser muito simples de declarar, verbalmente; mas penetrar o fato, vê-lo, experimentá-lo, isto é muito difícil. No meu sentir, a fonte do conflito é esta separação entre o pensador e o pensamento. Esta seperação cria conflito; e a mente em conflito não pode viver, no mais elevado sentido desta palavra: não pode viver totalmente.

Não sei se já notastes alguma vez que, quando tendes um sentimento muito forte, seja do belo, seja do feio, provocado do exterior ou despertado interiormente, nesse estado imediato de intenso sentir não existe, momentaneamente, observador, nem divisão. O observador só se apresenta quando o sentimento se atenuou. Entra então em ação todo o processo da memória: Dizemos: "Devo repetir este estado" ou "devo evitá-lo" — e tem início o processo do conflito. Podemos ver a verdade aí? E que entendemos por *ver?* Como vedes a pessoa que está sentada aqui, neste tablado? Não a vedes apenas visualmente, mas também intelectualmente; estais vendo a pessoa com

vossa memória, vossas simpatias e antipatias, vossas diferentes formas de condicionamento; e, por conseguinte, não estais *vendo*, não é verdade? Quando vedes alguma coisa *realmente*, vós a vedes sem nada daquilo (condicionamento, simpatias, antipatias, etc.) É possível olharmos para uma flor sem lhe dizermos o nome, sem "colar-lhe" uma etiqueta: *olhá-la*, simplesmente? E não é possível, ao ouvirdes algo grato aos ouvidos — não apenas música organizada, mas o canto de uma ave na floresta, etc. — escutá-lo com todo o vosso ser? E pode-se, pela mesma maneira, perceber *realmente* um coisa? Porque, se a mente é capaz de perceber, de sentir realmente, então só há experimentar e não existe experimentador; pode-se então ver que o conflito, com todas as suas angústias, esperanças, defesas, etc., termina.

Quando se percebe a verdade integral de uma coisa; ao vermos a verdade de que o conflito só pode cessar quando não há divisão entre o observador e a coisa observada; quando se experimenta realmente este estado, sem nos socorrermos da memória nem dos dias passados, então está terminado o conflito. Então seguis fatos e não estais tolhido pela divisão que a mente faz entre o observador e o fato.

O fato é: sou estúpido, estou cansado, preso à monótona rotina da existência diária. Isto é um fato, mas não gosto dele; por isso, há divisão. Detesto o que estou fazendo, e põe-se, assim, em movimento o mecanismo do conflito, com todas as defesas e fugas e sofrimentos que ocasiona. Mas o fato é que minha vida é feia, superficial, vazia, cruel, escrava dos hábitos.

Ora, se a mente não criar esse senso de divisão e, por conseguinte, conflito, pode então *seguir* simplesmente o fato; seguir toda a rotina, todos os hábitos; seguir tudo, sem procurar alterar nada? Isto é percepção, no sentido em que estamos empregando a palavra. E vereis que o fato nunca é estático, nunca se acha imóvel. É uma coisa que se move, uma coisa viva; mas a mente preferiria torná-lo estático e daí é que vem o conflito. Eu vos amo, desejo apegar-me a vós, possuir-vos; mas vós sois uma coisa viva, que se modifica, com existência própria; por isso, existe conflito e todos os sofrimentos dele decorrentes. E pode a mente *ver* o fato e *segui-lo?* Isso, em verdade, significa uma mente muito ativa, muito viva, muito intensa, exteriormente, e ao mesmo tempo muito tranqüila interiormente. A mente que no interior não está de todo quieta não pode seguir um

fato, pois este é muito rápido. Só a mente interiormente tranqüila é capaz desse "processo", capaz de seguir continuamente cada fato que se apresenta, sem dizer que o fato *devia ser* "deste jeito" ou "daquele jeito", sem criar separação, conflito, sofrimento: só essa mente pode cortar todas as raízes do sofrimento.

Podeis ver, então, se alcançastes este ponto — não no espaço e no tempo, mas na compreensão — que a mente entra num estado em que se vê completamente só.

Como sabeis, para a maioria de nós "estar só" é uma coisa terrível. Não me refiro aqui à solidão, que é coisa diferente. Refiro-me ao "estar só": estar só com alguém ou com o mundo: estar só com um fato. *Só*, no sentido de que a mente não está sujeita a influências, já não se acha presa ao passado, nem tem futuro, nem busca, nem teme: está *só*. O que é puro está *só*; a mente que está só conhece o amor, porque já não se enreda nos problemas do conflito, do sofrimento e do preenchimento. Só essa mente é uma mente nova, uma mente religiosa. E, talvez, só ela pode curar as feridas deste mundo caótico.

APARTE: Podeis falar-nos um pouco mais sobre o que é o amor?

KRISHNAMURTI: Isto supõe duas coisas, não? — A definição verbal, de acordo com o dicionário, a qual, evidentemente, não é *o amor*. Essa é a primeira coisa, que envolve todos os símbolos, palavras, idéias, concernentes ao amor. A outra coisa é que só se pode encontrar o amor por meio da negação; ele só pode ser descoberto pela negação. E, para *descobrir*, a mente deve primeiramente libertar-se da escravidão das palavras, idéias e símbolos. Isto é, para descobrir o amor, a mente precisa varrer tudo o que já sabe a respeito do amor. Não é necessário "varrer" tudo o que é conhecido para se poder descobrir "o desconhecido"? Não é necessário varrermos todas as nossas idéias, por mais que nos deleitem, todas as nossas tradições, por mais nobres que sejam, para descobrir o que é Deus, descobrir se existe Deus? Deus, aquela imensidão, deve ser incognoscível, não mensurável pela mente. Assim, precisamos cortar completamente o processo de medição, de comparação, e o proceso de reconhecimento, para podermos *descobrir*.

Do mesmo modo, para saber, experimentar, sentir o que é o amor, a mente deve estar livre para descobri-lo; estar livre para *sen-*

ti-lo, para "viver com ele", sem a divisão entre observador e coisa observada. Precisa ultrapassar as limitações da palavra; perceber tudo o que a palavra sugere: amor pecaminoso e amor divino; amor nobre e amor ignóbil — todos os preceitos e sanções e tabus sociais com que temos cercado esta palavra. E isso representa empreendimento dificílimo, não? — amar um comunista, amar a morte. E o amor não é o oposto do ódio, porque todo oposto é parte do outro oposto. Amar, compreender a brutalidade que impera no mundo, a brutalidade dos ricos e dos poderosos; ver o sorriso no rosto do pobre por quem passais na estrada e participar da felicidade dessa pessoa — experimentai isso uma vez, para verdes o que sucede. Amar requer uma mente que esteja sempre a purificar-se das coisas que conhece, que experimentou, recolheu, acumulou, e às quais se apegou. Sendo assim, não há possibilidade de descrever esta palavra; só podemos *senti-la* em sua totalidade.

APARTE: Por outras palavras, nesse momento o indivíduo *é* amor.

KRISHNAMURTI: Infelizmente, acho que não, meu senhor, porque não há um momento reconhecível como "esse momento". Não há "processo" de reconhecerdes que sois amor. Já não sentistes raiva, já não odiastes alguém? Dizeis então "Eu sou *isso* (a raiva, o ódio etc.)? Não há "um momento" reconhecível, há? Vós sois *a coisa*, completamente. Só então a mente é capaz de descobrir o que é verdadeiro, porquanto a mente livre pode seguir o fato. Para *seguirdes* o fato de que odiais, não necessitais de autoridade alguma; necessitais de uma mente livre de medo, livre de opiniões, e que não condena. Tudo isso exige muito trabalho. Para se "viver" com uma coisa bela ou com uma coisa feia, requer-se intensa energia. Já notastes que o aldeão, o montanhês que "vive" com uma majestosa montanha, nem sequer a *vê*, pois se acostumou com ela? Mas para "viver com uma coisa" e nunca se acostumar com ela, necessita-se de muita intensidade, daquela extraordinária energia. E essa energia se manifesta quando a mente é livre, quando não há medo, quando não há autoridade.

APARTE: O processo de purificar a mente é processo de pensamento?

KRISHNAMURTI: O pensamento pode ser puro? Todo pensamento não é impuro? Porque o pensamento, nascendo da memória, já está contaminado. Por mais lógico, por mais racional que seja, está conta-

minado, é mecânico. Por conseguinte, não existe pensamento puro, ou pensamento "livre". Ora, o percebimento desta verdade exige penetração de todo o processo da memória, isto é, ver que a memória é mecânica, e se baseia em muitos dias passados. O pensamento nunca pode tornar a mente pura; e o percebimento deste fato é a purificação da mente. Por favor, não concordeis nem discordeis. Examinai, procurai, como quem procura dinheiro, posição, autoridade e poderio; daí nascerá uma mente maravilhosa, uma mente purificada, "inocente", fresca, uma coisa nova e, portanto, num estado de criação, ou seja, em revolução.

PERGUNTA: No momento da percepção de *o que é*, podeis dizer-nos o que acontece?

KRISHNAMURTI: Posso dar-vos uma descrição, mas de que servirá ela? Consideremos a questão. O fato é que amamos, que somos ciumentos, invejosos. E vós condenais o fato, dizendo "Não devo ser assim"; portanto, há divisão. Ora, que é que cria a divisão? Primeiro que tudo, a palavra. A palavra "ciúme" é, em si, separativa, condenatória. A palavra é invenção da mente, cheia de conhecimentos acumulados através de séculos e, portanto, incapaz de considerar o fato sem a palavra. Mas, quando a mente considera o fato sem condenação, quer dizer, sem a palavra, então o sentimento não é o mesmo da descrição verbal, não é a palavra. Considerai a palavra "beleza". Todos pareceis suspirar quando se pronuncia esta palavra! Para a maioria de nós, a beleza é coisa dos sentidos. Também descritiva: "Ele é um homem de agradável aparência" ou "Que edifício feio!". Também comparação: "Isto é mais bonito do que aquilo". Sempre a palavra é empregada para descrever algo que percebemos através dos sentidos, a coisa manifestada, o quadro, a árvore, o céu, a estrela, a pessoa.

Ora bem. Há beleza sem a palavra, transcendente à palavra, aos sentidos? Se perguntais ao artista, ele responderá que, sem a expressão, a beleza é inexistente; mas é exato isto? Para se descobrir o que é a beleza, descobrir sua imensidade, sua totalidade, precisa-se de aguçar os sentidos, ultrapassar as coisas que rotulamos como "beleza" e "fealdade". Não sei se me estais seguindo. De modo idêntico, para se seguir um fato como o ciúme, requer-se uma mente que lhe dê toda a atenção. Quando *vemos* o fato, no próprio percebimento dele, no próprio instante de vê-lo, o ciúme desapareceu, foi-se comple-

tamente. Mas nós não desejamos o desaparecimento total do ciúme. Fomos educados para gostar dele, para "viver com ele", e pensamos que, se não há ciúme, não existe amor.

Assim, o seguir um fato requer atenção, vigilância. E, depois, que sucede? O que sucede ao estardes verdadeiramente vigilante imposta mais que o resultado final. Entendeis? A própria vigilância é mais significativa do que o estar livre do fato.

APARTE: Pode haver pensamento sem a memória?

KRISHNAMURTI: Por outras palavras: existe pensamento sem a palavra? Isto é muito interessante, se o examinamos. Este orador está-se servindo do pensamento? O pensamento, como palavra, é necessário para a comunicação, não? O orador tem de servir-se de palavras — palavras inglesas — para comunicar-se convosco, que entendeis o inglês. E as palavras, evidentemente, promanam da memória. Mas, qual é a fonte, o que existe atrás da palavra? Vou expressar-me de outra maneira.

Ali está um tambor; ele emite um certo som. Quando a pele está bem esticada, na tensão correta, vós o bateis e ele emite o tom correto, que podeis reconhecer. O tambor, que é vazio e foi posto na tensão correta, é como vossa mente pode ser. Quando há atenção correta e se faz a pergunta correta, então ela dá a resposta correta. A resposta pode ser em termos verbais — reconhecíveis; mas o que provém daquele vazio, isto, por certo, é criação. A coisa criada por meio do conhecimento é mecânica; porém, a coisa que provém do vazio do desconhecido, esta é o "estado de criação".

28 de maio de 1961.

SAANEN — I

Ver as Coisas Como São

DEVEMOS saber bem claramente, desde já, com que fim viemos aqui. Estas reuniões são para mim muito *sérias* — e estou dando a esta palavra um significado especial. Seriedade, para a maioria de nós, significa adotar uma certa linha de pensamento, um determinado modo de vida, obedecendo a um padrão de conduta previamente escolhido; e esse padrão, esse modo de vida, se torna gradualmente a regra do nosso viver. Isso para mim não é seriedade e penso que seria muito útil e conveniente se tentássemos, cada um de nós, averiguar o que é que realmente levamos a sério.

Quase todos nós, talvez, consciente ou inconscientemente, andamos em busca da segurança, nesta ou naquela forma: segurança nas posses, nas relações e nas idéias. E consideramos tais atividades muito sérias. Isso para mim, mais uma vez, não é seriedade.

Para mim a palavra *seriedade* implica uma certa purificação da mente. Estou empregando a palavra "mente" num sentido geral, não específico, e mais adiante examinaremos o significado dessa palavra. Uma mente *séria* está sempre desperta, e, portanto, sempre a purificar-se, e nela não existe busca de nenhuma espécie de segurança. Não está ela a perseguir uma certa fantasia, não pertence a nenhuma escola de pensamento, nenhuma religião, dogma, nacionalidade ou pátria; e não a preocupam, tampouco, os problemas imediatos da existência, embora seja necessário atender aos eventos de cada dia. A mente verdadeiramente *séria* tem de estar sobremodo vigilante, sumamente atenta, para que não tenha ilusões e não se deixe envolver em experiências aparentemente proveitosas, convenientes ou aprazíveis.

Seria, pois, muito acertado se, exatamente no começo destas reuniões, ficasse bem claro para todos nós até que ponto e até que profundidade somos *sérios*. Com a mente alertada, inteligente e *séria*, penso que estaremos habilitados a considerar o inteiro padrão da existência humana em todo o mundo e, dessa compreensão total, chegarmos ao particular, ao indivíduo. Consideremos, pois, a totalidade do que se está passando no mundo, não simplesmente a título de informação ou de investigação de certo problema — problema atinente a um dado país, ou seita, ou sociedade, seja democrática, seja comunista ou liberal — mas, sim, consideremos o que realmente está sucedendo no mundo. E daí, depois de percebermos o todo, de apreendermos o significado dos sucessos externos — não como conhecimento, opinião, porém percebendo os fatos, tais como estão realmente sucedendo — daí chegaremos ao indivíduo. É isso que desejo fazer.

Vede: opinião, julgamento, avaliação, são verdadeiras futilidades diante de um fato. O que pensais, as opiniões que tendes, a religião ou seita a que pertenceis, as experiências que tivestes — tudo isso nenhuma significação tem perante um fato. O fato é muito mais importante do que o que pensais a seu respeito; tem significado muito mais amplo do que vossa opinião, que se baseia em vossa educação, religião, meio cultural, condicionamento. Por conseguinte, não vamos tratar de opiniões, idéias, julgamentos; o que vamos fazer, se pudermos, é ver os fatos como são. Isso requer uma mente livre, uma mente capaz de olhar.

Não sei se já pensastes alguma vez no que significa olhar, ver. Trata-se simplesmente da percepção visual, ou o *ver, olhar*, é algo muito mais profundo do que a percepção visual? Para nós, em geral, "ver" implica algo imediato: o que hoje está sucedendo e o que irá suceder amanhã; e o que amanhã sucederá terá o colorido de ontem. Nosso modo de olhar, portanto, é muito estreito, muito aproximado, muito circunscrito, e nossa capacidade de olhar muito limitada. Eu sinto que, se desejamos *olhar, ver* — além das colinas, além das montanhas, além dos rios e dos campos verdejantes, além do horizonte — necessita-se de uma certa qualidade de liberdade. Necessita-se de uma mente muito firme; e não é firme a mente que não está livre. E considero importantíssimo termos essa capacidade de ver, não apenas aquilo que desejamos ver, não apenas o que é agradável e conforme as nossas estreitas e limitadas experiências, porém ver as coisas como

são. O ver as coisas como são liberta a mente. É algo realmente extraordinário — perceber diretamente, simplesmente, totalmente.

Pois bem, desse modo geral prosseguiremos, observando tudo que se está passando no mundo; e, a esse respeito, provavelmente estais muito melhor informados do que eu, pois ledes os jornais, as revistas, os artigos — tudo produzido em conformidade com os preconceitos do autor, do editor, do partido. A palavra impressa se tornou sumamente importante para a maioria de nós. De minha parte, não leio jornais, mas tenho viajado muito e visto muita gente. Percorri os becos estreitos onde habita a extrema pobreza, conversei com políticos e pessoas muito importantes — pelo menos se consideram importantes — e sabeis, também, pessoalmente o que está sucedendo. Há fome, miséria, degradação, pobreza, no Oriente. Lá, são capazes de tudo para obterem uma refeição completa, substancial; e, assim, estão dispostos a deitar abaixo as barreiras do pensamento, dos costumes, da tradição. E, em seguida, temos o outro extremo, lugares onde existe imensa prosperidade, prosperidade como o mundo jamais conheceu, lugares onde a comida é abundante, onde há muita roupa, habitações limpas, confortáveis, como neste país. E nota-se que esses confortos criam uma certa satisfação, uma mediocridade, uma certa atitude de aceitação das coisas e de não se desejarem perturbações.

O mundo está dividido em fragmentos — política, religiosa e economicamente, na religião e na filosofia. E os eventos que se passam no mundo são fragmentários. As religiões e os governos buscam apossar-se da mente dos homens; querem controlá-los, moldá-los em técnicos, soldados, engenheiros, físicos, matemáticos, para assim torná-los úteis à sociedade. E a religião ou crença organizada — tal o catolicismo ou o comunismo — está a expandir-se. Deveis estar bem a par disso. A crença organizada está moldando a mente do homem — seja a crença organizada da democracia, seja o comunismo, o cristianismo ou o islamismo. Considerai tudo isso, mas não digais: "Estais perdendo tempo, repetindo essas coisas". Não estou perdendo tempo, pois desejo em primeiro lugar ver o que realmente está sucedendo, para, depois, ver se será possível destruir tudo isso dentro em nós, destruí-lo totalmente. Porque esse movimento exterior que chamamos o mundo é o mesmo movimento existente interiormente. O mundo exterior não difere do mundo interior; e, quando não há compreensão do mundo exterior, nenhuma significação tem voltarmo-nos para o mundo

interior. Considero essencial compreender o movimento exterior do mundo, a brutalidade, a crueldade, a tremenda ânsia de êxito, cada um desejando tornar-se algo, aderir a certos grupos de idéias, de pensamentos e sentimentos. Se pudermos compreender todos os eventos exteriores, não em suas particularidades, porém apreendendo a sua totalidade com um olhar livre de preconceito, livre de medo, não buscando segurança, não procurando refúgio em teorias favoritas, esperanças e fantasias, então o mundo interior terá significado todo diferente. Quando o movimento interior compreendeu o movimento exterior — é isso que chamo *seriedade*.

No mundo inteiro a mente do homem está sendo moldada e controlada — pelas religiões, em nome de Deus, em nome da paz, da vida eterna, etc.; e também pelos governos, mediante incessante propaganda e compulsões econômicas; e pela ocupação, pela conta bancária, pela educação, etc. E, assim, vos vedes afinal transformados em simples máquinas, embora não tão boas, a certos respeitos, como os computadores eletrônicos. Estais repletos de conhecimentos: é o que a educação faz por vós. Estamo-nos tornando cada vez mais mecanizados. Sois suíço, americano, ou russo, ou alemão, etc. Estais todos "padronizados" para a vida, e só pouquíssimos conseguem salvar-se dessa horrorosa condição sem se refugiarem em alguma religião extravagante ou crença fantástica.

Eis a vida — isto é, o ambiente em que vivemos. Nela pode encontrar-se uma esperança ocasional, um breve deleite; mas atrás de tudo se esconde o medo, o desespero, a morte. E de que maneira nos encontramos com esta vida? *Que é* a mente que se encontra com a vida? Comprendeis esta pergunta? Nossa mente aceita essas coisas como inevitáveis; ajusta-se a esse padrão e, lenta, porém seguramente, ela se deteriora. O problema real, por conseguinte, consiste em como despedaçar tudo isso — não no mundo exterior, pois tal não é possível: não se pode deter o proceso histórico. Não é possível impedir os políticos de fazerem guerras. Provavelmente teremos guerras — espero que não, mas provavelmente as haverá. Não talvez aqui ou ali, mas em algum desgraçado país longínquo. Não se pode pôr cobro a isso. Mas nós podemos — penso eu — destruir dentro em nós mesmos todos os absurdos que a sociedade nos inculcou; e essa destruição é criação. O que é criador é sempre destrutivo. Não me refiro à criação de um novo padrão, uma nova sociedade, uma nova ordem, um

novo Deus ou uma nova Igreja. O que estou dizendo é que o estado criador é destruição. Ele não cria uma norma de conduta, um modo de vida. A mente criadora não tem padrão. A cada momento ela destrói o que criou. E só essa mente pode enfrentar os problemas do mundo; não a mente astuta, não a mente ilustrada, não a mente que pensa na pátria, não aquela que funciona de maneira fragmentária.

O que deve interessar-nos, pois, é destroçar a mente, para que algo novo possa ocorrer. E é disto que vamos tratar em todas estas reuniões: como promover uma revolução na mente. Há necessidade dessa revolução; torna-se necessária a total destruição de todos os dias passados, pois, do contrário, não teremos a possibilidade de nos encontrarmos com o novo. E a vida é sempre nova, tal como o amor. O amor não tem ontem ou amanhã; é sempre novo. Mas a mente que conheceu a saciedade, a satisfação, trata de conservar esse amor na memória, para adorá-lo, ou coloca a fotografia sobre o piano ou a lareira, como símbolo do amor.

Assim, se estais dispostos, e se é também vossa intenção, examinaremos a questão de como transformar a mente embotada, cansada, assustada, a mente dominada pela tristeza, que tantas lutas conheceu, tantos desesperos, tantos prazeres, a mente já tão envelhecida sem nunca ter conhecido juventude. Se o desejardes, examinaremos esta questão. Eu pelo menos vou examiná-la, quer desejeis, quer não. A porta está aberta e sois livres para entrar e sair. Este auditório não é uma prisão; portanto, se isso não vos agradar, será melhor não ouvi-lo; porque o que se ouve sem se desejar ouvir, se torna desespero, veneno. Já sabeis, pois, logo de início, qual é a intenção deste orador: que não deixaremos uma só pedra por virar, que todos os recessos secretos da mente serão explorados, abertos e seu conteúdo destruído, e que dessa destruição resultará algo novo, algo de todo diferente de qualquer coisa criada pela mente.

Para isso se requer seriedade, empenho. Teremos de proceder com vagar, cautelosa, porém inflexivelmente. E, talvez, no final de tudo — ou exatamente no começo, porquanto não há começo nem fim no processo destrutivo — possamos encontrar o imensurável, abrir repentinamente a porta da visão, a janela da mente, para recebermos aquilo a que se não pode dar nome. Essa coisa existe, além do tempo, além do espaço, além de toda medida; ela não pode ser

descrita nem expressa em palavras. Sem o seu descobrimento, a vida é completamente vazia, superficial, estúpida e fútil.

Dessarte, talvez agora possamos discutir um pouco, fazer perguntas. Mas cumpre primeiramente averiguar o que significa "discutir", e o que se entende por "uma pergunta". Uma pergunta errônea recebe resposta errônea. Só a pergunta correta recebe a resposta correta, e fazer uma pergunta correta é dificílimo. Fazer uma pergunta correta — não apenas a mim, mas a vós e a qualquer de nós — requer mente penetrante, mente perspicaz, atenta, vigilante, disposta a descobrir. Portanto, peço-vos não façais perguntas que não sejam pertinentes à matéria que estamos discutindo. E, discutindo, não o façamos como colegiais, vós tomando posição de um lado e eu do outro lado — isso está muito bem nas academias e sociedades de debates — mas discutamos para descobrir, pois essa é a maneira de proceder da mente científica e da mente que não teme. Dessa maneira nossa discussão se tornará vantajosa; dessa maneira iremos para a frente e descobriremos, por nós mesmos, o que é verdadeiro e o que é falso. E cessa, também, a autoridade do orador; porque o descobrir não necessita de autoridade. Só a mente embotada, indolente, exige a autoridade. Mas a mente que deseja esclarecer-se, experimentar algo totalmente, completamente, essa mente tem de descobrir, tem de abrir caminho vigorosamente. E espero que estas reuniões ajudem cada um de nós a ver com os nossos próprios olhos — e não com os olhos de outrem — o que é valioso, o que é verdadeiro e o que é falso.

PERGUNTA: Por que achamos difícil fazer uma pergunta correta?

KRISHNAMURTI: Achais difícil fazer uma pergunta correta? Ou desejais fazer uma pergunta? Percebeis a diferença? A nós não importa fazer uma "pergunta correta", não é verdade? Fui eu quem disse que só a pergunta correta recebe a resposta correta. O que vos importa, decerto, é apresentar o problema que tendes; portanto, não vos deve preocupar o que seja uma "pergunta correta". Mas, se desejais compreender vosso problema, cabe-vos então investigar o que é que realmente constitui esse problema; e essa própria investigação do problema produzirá a pergunta correta. Compreendeis? Não tendes obrigação de fazer uma pergunta correta. Não podeis fazê-la; não o sabeis. Porém, se o problema é intenso, se foi devidamente considerado, então, inevitavelmente, fareis uma pergunta correta. Em geral não estudamos o problema, não o examinamos de perto. Roçamos-lhe apenas a super-

fície e, daí, fazemos a pergunta; e a pergunta superficial só provocará resposta superficial. Se temos medo, perguntamos: "Como poderei livrar-me do medo?" Se nos falta dinheiro, perguntamos: "Como poderei obter emprego melhor, prosperar?" Mas, se começardes a investigar o problema total atinente ao êxito que todo ente humano ambiciona; se procurardes penetrá-lo, descobrir o seu significado, o porquê desse impulso, desse medo de não ter êxito na vida — e espero que o investigaremos aqui — então, nessa própria operação de investigar o problema, não podeis deixar de fazer a pergunta correta.

PERGUNTA: Que é que nos está impedindo de examinar profundamente um dado problema?

KRISHNAMURTI: O que nos está tolhendo? Uma porção de coisas, não é verdade? Desejais de fato examinar muito profundamente o problema do medo? Sabeis o que isso significa? Significa sondar todos os recantos da mente, deitar abaixo todos os abrigos, despedaçar todos os refúgios da mente. E desejais fazer isso, desejais abrir-vos a vós mesmos? Por favor, não digais tão prontamente "sim". Isso significa abandonar muitas coisas a que estais apegados. Poderá significar abandonar vossas famílias, vossos empregos, vossas igrejas, vossos deuses e tudo mais. Mui poucos desejam tal coisa. Por isso, fazem perguntas superficiais — por exemplo, "como ficar livre do medo?" — e pensam que assim fica resolvido o problema. Ou perguntam se existe Deus — refleti na estupidez de tal pergunta! Para se descobrir se existe Deus, cumpre abandonar todos os deuses, não achais? Precisais estar despojado de tudo, para o descobrirdes; todos os absurdos que o homem edificiou, concernentes a Deus, precisam ser reduzidos a cinzas. Isso significa ser sem medo, jornadear sozinho; e mui poucos estão dispostos a tal.

PERGUNTA: É muito doloroso examinar um problema?

KRISHNAMURTI: Não é, minha senhora. É difícil, mas não doloroso. Vede, empregamos uma palavra — "doloroso", por exemplo — e essa própria palavra nos impede de examinar o problema. Assim, em primeiro lugar, antes de nos pormos a examinar um problema, devemos compreender como a mente está escravizada a palavras. Prestai atenção a isso, por favor. Nós somos escravos das palavras. A palavra "suíço" faz vibrar uma pessoa dessa nacionalidade, assim como o cristão vibra ao ouvir a palavra "Cristo", e o inglês ao ouvir a palavra

"Inglaterra". Somos escravos das palavras, dos símbolos e das idéias. E como pode uma mente nessas condições examinar um problema? Para que o possa, ela deverá primeiramente averiguar o que a palavra significa. E isso não é coisa fácil; requer uma mente capaz de compreender de todo, uma mente que não pensa de modo fragmentário.

Vede, senhores, o problema é simples. Há fome no mundo — provavelmente não tanto aqui, na Suíça, ou na Europa, mas no Oriente. Não fazeis idéia de quanta pobreza, quanta fome e degradação, e todos os respectivos horrores. O problema não está sendo resolvido porque todos o querem resolver de acordo com seu padrão especial, o padrão comunista ou o padrão democrático, ou segundo suas próprias concepções nacionais. A ele se estão aplicando parceladamente, e por isso nunca o resolverão. O problema só terá solução quando a ele nos aplicarmos de maneira total, sem consideração de nacionalidade, partidos políticos e tudo o mais.

PERGUNTA: Mas, para assim atendermos a essa situação mundial, necessita-se de ordem.

KRISHNAMURTI: Um minuto, senhor. Desejais ordem no mundo? Pensai nisso a fundo. Afinal, *ordem* é o que os comunistas estão oferecendo. Cria-se primeiramente um estado de desordem, confusão, miséria, para depois produzir-se a ordem em conformidade com determinado padrão de idéias. Desejais ordem em vossa vida, senhor? Pensai nisso, completamente.

PERGUNTA: Mas, para assim atendermos a essa situação mundial,

KRISHNAMURTI: O problema não é este. Podeis ter ordem e pagar-lhe o preço — ditadura militar, sujeição de vossa mente, subordinação à autoridade, etc. E estais-lhe também pagando o preço quando pertenceis a determinado grupo, determinada sociedade religiosa, não é verdade? Temos Jesus, temos Maomé, temos um outro qualquer na Índia, e os seguimos; e existe ordem — cujo preço estamos pagando há séculos. Ora, desejais ordem? Refleti nisso, para verdes tudo o que implica. Ou o fato é que na própria ação de viver, que é destrutiva, encontra-se a ordem?

PERGUNTA: O medo é, sem dúvida, um dos mais formidáveis tropeços ao nosso progresso. Mas, de saída, não se pode deitar tudo abaixo. Não deveríamos satisfazer-nos, por ora, com meias-medidas?

KRISHNAMURTI: Dizeis que deitar tudo abaixo, a fim de nos libertarmos do medo, é difícil demais às pessoas comuns como nós; e, não existe porventura um meio mais suave, mais lento de fazer as coisas? Acho que não. Vede — empregastes a palavra "progresso" e a palavra "medo". O progresso exterior gera o medo, não? Quanto mais possuís — quantos mais carros, mais luxo, mais confortos, etc., tanto maior o vosso medo de perder tudo isso. Mas se vos aplicais à compreensão do medo, então o progresso já não torna a mente embotada e satisfeita. E interiormente existe progresso? Para mim não existe. Só há percepção direta, e para perceber diretamente, a mente não deve ser indolente. Não, por favor, não concordeis comigo, porque esta questão é muito difícil. Segui apenas o que estou dizendo. Para ver claro, quer dizer, de modo direto, a mente já não deve ter a capacidade de escolher. Para ver as coisas como são, diretamente, deve a mente deixar de condenar, avaliar, julgar. Isso não exige progresso, não exige tempo. Senhor, vós vedes as coisas diretamente quando se apresenta algo perigoso; então vossa reação é imediata. Nela não há progresão. Quando amais uma coisa com todo o vosso ser, o percebimento é direto.

PERGUNTA: Mas, para se alcançar essa possibilidade de ver diretamente...

KRISHNAMURTI: Senhor, a palavra "alcançar" também implica tempo e distância. Assim, a mente está escravizada à palavra "alcançar". Se ela puder libertar-se das palavras "conseguir", "alcançar", "chegar", então o percebimento poderá tornar-se direto.

25 de julho de 1961.

SAANEN — II

O Intelecto

CONSIDERO bem importante, principalmente no decorrer destas reuniões, aprendermos a escutar. Mui poucos escutam, dentre nós; limitamo-nos a ouvir. Ouvimos superficialmente, como estamos ouvindo aquele barulho na rua, e o que assim se ouve entra-nos muito pouco no cérebro. O que ouvimos apenas superficialmente, enunciamos à menor provocação. Mas existe uma maneira diferente de escutar, em que o cérebro está vigilante sem esforço, interessado, *sério*, empenhado em descobrir o que é verdadeiro e o que é falso, sem emitir opinião, juízo, e sem traduzir ou comparar o que se diz com o que ele já sabe. Por exemplo, a última moda agora é interessar-se pelo *Zen*; é a mania atual. E se, durante estas palestras, procurardes comparar o que se está dizendo com o que tendes lido, assim procedendo não estareis escutando verdadeiramente. Estareis unicamente comparando, e esse comparar é uma espécie de indolência. Já se escutardes sem ser por intermédio do que tendes aprendido, ouvido ou lido, estareis então escutando diretamente e reagindo diretamente, sem preconceito algum. Estareis vendo a verdade ou a falsidade do que se disse, e isso é muito mais importante do que vos limitardes a comparar, avaliar, julgar.

Espero, pois, não vos causar desagrado com repetir continuamente quanto é difícil aprender a arte de *escutar* — arte tão difícil como o *ver*. E tanto ver como escutar são coisas necessárias.

Dissemos da última vez que existe grande confusão no mundo. Exteriormente, existe pobreza, fome e corrupção; interiormente, também, existe confusão, sofrimento e pobreza do ser. Existe contra-

dição no mundo. Os políticos se declaram em favor da paz e preparam a guerra; fala-se de união da humanidade, e ao mesmo tempo estamos assistindo à sua desintegração. E do meio desses caos, dessa desordem, todos desejamos que saia a ordem. Temos paixão pela ordem. Assim como temos paixão por manter nossos quartos limpos e bem arrumados, assim também temos paixão por pôr o mundo em ordem. Não sei se temos refletido profundamente nessa palavra, no que ela implica. Queremos ordem interiormente, queremos viver sem contradição, sem luta, sem confusão, de maneira que exclua todo sentimento de desarmonia e luta; e, assim, recorremos aos líderes espirituais, para que nos dêem a ordem, ou aderimos a grupos, ou seguimos um certo sistema de idéias, de disciplinas. Eis como erigimos autoridades; queremos que nos mostrem o que devemos fazer. Tentamos produzir a ordem pelo ajustamento, pela imitação.

Do mesmo modo desejamos ter a ordem externa, na política, no mundo dos negócios. Por essa razão existem ditadores, tiranos, governos totalitários que prometem a ordem total, na qual a ninguém é permitido pensar. Ensinam-vos o que deveis pensar, da mesma maneira como vos ensinam o que pensar quando pertenceis a uma igreja ou a um grupo que crê num certo sistema de idéias. A tirania da igreja é tão brutal como a tirania dos governos. Mas gostamos dela, porque desejamos a ordem a qualquer preço. E temo-la. A guerra produz uma ordem extraordinária num Estado. Todos cooperam para a mútua destruição.

Cumpre, assim, compreender essa obsessão pela ordem. A sujeição de nossa própria confusão à autoridade, interna ou externa, produz a ordem? Compreendeis esta pergunta?

Vejo-me confuso e não sei o que faça. Minha vida é estreita, limitada, confusa, infeliz — encontro-me num estado de contradição e não sei o que faça. Assim sendo, dirijo-me a alguém, instrutor, *guru*, santo, salvador; e provavelmente alguns de vós viestes aqui com igual propósito. Assim, por causa de vossa confusão escolheis vosso líder, e quando atuais por motivo de confusão, vossa escolha só pode criar mais confusão. Abandonais-vos à autoridade — e isso significa que não desejais pensar, não desejais descobrir por vós mesmos o que é verdadeiro e o que é falso. Descobrir o que é verdadeiro e o que é falso é dificílimo; temos de estar muito ativos, muito

vigilantes. Mas, como em geral somos preguiçosos, insensíveis, não profundamente sérios, preferimos que nos digam o que devemos fazer; e para isso temos os santos, os salvadores, os instrutores, para dirigirem nossa conduta interior; e exteriormente temos os governos, os tiranos, os generais, os políticos, os especialistas. E esperamos que, seguindo-os, nossas tribulações se acabarão gradualmente e, por conseguinte, teremos ordem.

Por certo, a palavra "ordem" implica tudo isso, não? Ora, a exigência de ordem produz ordem? Considerai isso, por favor, pois desejo examinar este ponto. A meu ver, a autoridade e o poder, de qualquer espécie que sejam, são destrutivos. O poder, em qualquer forma, é coisa má, porque estamos confusos; porque não sabemos, queremos ser ensinados.

Penso, pois, que desde o início destas palestras deve ficar bem entendido que este orador não é nenhuma autoridade; tampouco o sois vós, que ouvis e acompanhais o que se está dizendo. Nós estamos procurando investigar, descobrir juntos. Se aqui viestes com a idéia de que se vos irá dizer o que deveis fazer, partireis de mãos vazias.

A mim o que importa é perceber a existência da desordem exterior e interior, e que a exigência de ordem é simplesmente exigência de segurança, garantia, certeza. E infelizmente não existe segurança, nem interna, nem externa. Os bancos poderão falir, poderá haver guerra, há a morte, os valores da bolsa poderão sofrer uma queda desastrosa — tudo pode acontecer, e coisas terríveis já estão acontecendo. Como vemos, a exigência de ordem é exigência de segurança; e é isso o que todos, velhos e moços, queremos. Não temos muita preocupação quanto à segurança interior, porque não sabemos como proceder para obtê-la, mas esperamos alcançar pelo menos a segurança exterior, com bons bancos, bons governos, uma tradição perdurável. Torna-se, assim a mente gradualmente satisfeita, embotada, segura, confinada na tradição, e essa mente, como é bem óbvio, nunca descobrirá o que é verdadeiro ou o que é falso; é incapaz de enfrentar o tremendo desafio da existência.

Espero não vos estejais deixando mesmerizar pelas minhas palavras, mas que estejais escutando de maneira tal que possais descobrir por vós mesmos se realmente existe coisa tal como a segurança. Este é um problema formidável. Viver num mundo exterior onde não existe segurança, e viver num mundo interior onde nenhuma tradi-

ção existe, onde não existe amanhã nem hoje — isso significa que a pessoa ou se torna desequilibrada, completamente insana, ou extraordinariamente viva e sã.

Isso não é questão de escolha. Não se pode escolher entre a segurança e a insegurança; mas é fácil perceber que não existe segurança interior, psicológica. Nenhum estado de relação oferece segurança; e por mais fortemente que estejamos apegados a uma certa doutrina, crença, a isso está sempre associada a dúvida, a suspeição, o medo. Uma investigação desta natureza é necessária, quando há paixão pela ordem.

Não é verdadeiro, tampouco, o contrário disso: que devamos viver na desordem, no caos. Isso é apenas uma reação. Sabeis que vivemos e atuamos por efeito de reação. Todas as nossas ações são reações. Não sei se já notastes isto. E se vemos que a ordem não é possível, pensamos então, invariavelmente, que deve haver o oposto, a desordem, a reação à ordem. Mas se se percebe a verdade de que a exigência de ordem implica tudo o que acabamos de apontar, então, do descobrimento do que é verdadeiro resulta a ordem verdadeira. Estou-me fazendo claro? Vou expressá-lo de diferente maneira.

A paz, por certo, não é a ausência da guerra. A paz é coisa diversa. Não é o intervalo entre duas guerras. Para descobrirmos o que é a paz, precisamos estar completamente libertados da violência. Para nos libertarmos da violência, requer-se tremenda investigação da violência. Isso significa perceber realmente que na violência estão implicados compulsão, ambição, desejo de êxito, perfeita eficiência, autodisciplinamento, e o seguimento de certas idéias e ideais. Por certo, forçar a mente a ajustar-se — não importa se a um padrão nobre ou ignóbil — implica violência.

Dizemos que, se não nos ajustarmos, haverá caos. Mas tal afirmativa é uma reação, não achais? A violência não é uma coisa superficial; o sondá-la requer muita investigação. A cólera, o ciúme, o ódio, a inveja, tudo isso são expressões da violência. Estar livre da violência é estar em paz, não achar-se num estado de desordem. Eis por que o conhecimento de si mesmo não é questão simplesmente de se considerarem as coisas ocasionalmente, pelo espaço de uma manhã, e não cuidar mais disso pelo resto da semana. É uma questão muito séria.

Assim, compreender a ordem é muito mais importante do que a reação pela qual dizemos: "Se não houver ordem, haverá caos" — como se o mundo em que vivemos fosse uma maravilha, belo e deslumbrante, sem caos nem sofrimento! Basta-nos olhar a nós mesmos, para vermos como somos pobres interiormente. Somos vazios de afeição, de simpatia, de amor, somos feios, e mui facilmente persuadidos; e há sempre essa busca de companhia, a impossibilidade de estarmos *sós*.

Importa, pois, considerarmos a ordem em sua totalidade, e não apenas pedacinhos dela, aqueles que preferimos. E é dificílimo vermos uma coisa totalmente — como se vê a árvore inteira. Falei um pouco extensamente a respeito da ordem, da autoridade, e do ajustamento; e, se puderdes ver isso de maneira total, vereis então como o cérebro, a mente, se livra dessa exigência de ordem e, portanto, do desejo de seguir — seja a um herói nacional, à lenda ou a outros absurdos que tais, seja ao vosso instrutor preferido, *guru*, santo, etc.

Pois bem. Que é "ver totalmente"? Em primeiro lugar, que é "ver"? É só a palavra? Tende a bondade de acompanhar-me com um pouco de atenção, se vos apraz. Quando dizeis "vejo", que quereis dizer? Não me respondais, por favor; acompanhai-me, apenas. Não me estou erigindo em vossa autoridade, e vós não sois meus seguidores. Não tenho nenhum, graças a Deus! Estamos, juntos, investigando a questão relativa a "ver", uma vez que ela é muito importante, como por vós mesmos descobrireis.

Quando dizeis: "vejo aquela árvore", a estais vendo realmente, ou vos estais satisfazendo, apenas, com a palavra "vejo"? Pensai nisso. Vamos devagar! Dizeis: "Aquilo é um carvalho, um pinheiro, um olmo — o que quer que seja — e passais adiante? Se assim é, isso denota que não estais vendo a árvore, porque estais confinado na palavra. Só quando compreendeis que a palavra não é importante e podeis pôr de parte o símbolo, o termo, o nome, é só então que podeis olhar. Isso é muito difícil — olhar — porquanto significa que o nome, a palavra, com todas as lembranças, reminiscências associadas à palavra, têm de ser postos de parte. Vós não olhais para mim. Tendes certas idéias a meu respeito. Tenho uma certa reputação, etc., e isso vos impede de me verdes. Se puderdes despojar a mente de todo esse absurdo, podereis então ver — e esse "ver" é completamente diferente de ver através da palavra.

Podeis agora olhar para os vossos deuses, vossos prazeres favoritos, vossos sentimentos de nobreza, de espiritualidade, etc. — despojados da palavra? Isso é dificílimo, e são muito poucos os que se sentem dispostos a olhar assim. Esse *ver* é total, porque já não está associado com a palavra e as lembranças, os sentimentos que a palavra evoca. Destarte, o ver uma coisa totalmente significa que não existe divisão, que não há reação ao que se está vendo: há, apenas, *ver*. E a percepção do fato em si provoca uma série de ações dissociadas da palavra, da memória, das opiniões e idéias. Isso não é uma façanha intelectual, embora o pareça. Ser intelectual ou ser emotivo é um tanto estúpido. Mas o ver totalmente o medo liberta a mente do medo.

Ora, nunca vemos uma coisa totalmente, porque estamos sempre olhando as coisas com o intelecto. Isso não significa que não se deva fazer uso do intelecto; pelo contrário, temos de fazer uso do intelecto em sua capacidade máxima. Mas a função do intelecto é fracionar as coisas; foi ele educado para observar por partes, não totalmente. Estar inteiramente cônscio do mundo, da Terra, isso não implica nenhum senso de nacionalidade, nem tradições, nem deuses, nem igrejas, nem repartidção das terras, nem divisão da Terra em mapas coloridos. E ver a humanidade como constituída de entes humanos não significa segregá-los em europeus, americanos, russos, chineses ou indianos. Mas o intelecto recusa-se a ver totalmente a Terra e o homem que a habita, porque o intelecto foi condicionado através de séculos de educação, tradição e propaganda. Assim o intelecto com todos os seus hábitos mecânicos, seus instintos animais, seu impulso para permanecer em segurança, protegido, jamais pode ver coisa alguma em sua totalidade. Entretanto, é o intelecto que nos domina; é o intelecto que está sempre funcionando.

Por favor, não salteis logo à idéia de que deve haver algo além do intelecto, de que em nós deve habitar um espírito, com o qual devemos entrar em contato, e outros absurdos de igual jaez. Estou caminhando passo a passo; assim, tende a bondade de seguir-me, se o desejardes.

O intelecto, pois, foi condicionado — pelo hábito, pela propaganda, pela educação, por todas as influências diárias, pela insignificância da vida e por seu próprio e incessante tagarelar. E é com esse intelecto que olhamos. Esse intelecto, ao escutar o que se diz, ao

contemplar uma árvore, um quadro, ao ler um poema ou ouvir um concerto, é sempre fracionário; sempre reage em termo de "gosto" e "não gosto", em termos de vantagem ou desvantagem. A função do intelecto é reagir e, se assim não fosse, seríamos destruídos da noite para o dia. É, portanto, o intelecto, com todas as suas reações, lembranças, impulsos e compulsões — tanto conscientes como inconscientes — que olha, vê, escuta e sente. Mas o intelecto, sendo, em si, parcial, produto do tempo e do espaço, da educação — conforme já descrevemos — não pode ver totalmente. Está sempre comparando, julgando, avaliando. Mas a função do intelecto é reagir, avaliar; por conseguinte, para poder ver as coisas totalmente, o intelecto tem de suspender sua atividade. Espero me esteja explicando claramente.

Deste modo, o percebimento total de uma coisa só se pode verificar quando o intelecto é altamente receptivo à razão, à dúvida, à indagação, mas ao mesmo tempo reconhece as limitações do raciocinar, do duvidar, do indagar e, portanto, não permite a si mesmo interferir no que está vendo. Se desejais realmente descobrir algo que seja mais do que produto do intelecto, este deve em primeiro lugar alcançar os seus limites, interrogando, argumentando, examinando, desejando descobrir e conhecer sua existência limitada, parcial; e essa própria experiência, esse conhecer da limitação, quieta a menta, o intelecto. Há então a visão total.

Quando se puder ver a totalidade da ordem — com todas as implicações que já examinamos — ver-se-á também surgir, dessa compreensão total, uma ordem de qualidade inteiramente diferente. Por certo, só poderá apresentar-se a ordem correta com a destruição da mente que exige ordem para sua própria satisfação e segurança. Depois de o intelecto despedaçar tudo o que ele próprio criou, de destruir o solo em que cultiva toda espécie de fantasias, ilusões, desejos, então surgirá, em conseqüência dessa destruição, um amor que criará sua ordem própria.

PERGUNTA: Penso que uma atividade escolar mais criadora contribuiria para descondicionar a mente.

KRISHNAMURTI: É preciso compreender o que entendemos por "criação". Vede, empregamos a palavra "criador" tão irrefletidamente, tão facilmente! Um pintor, um poeta, um inventor, um professor na escola — todos dizem que são criadores. Sabeis quando sois criadores,

e pode-se fazer uso de "atividade criadora" numa escola? O que acontece é mais ou menos isto: um pintor tem um momento de lucidez, no qual *vê, experimenta*; a seguir trata de representá-lo na tela. Prestai a isto um pouco de atenção. E quando o está expressando na tela, começa a perceber que perdeu aquele momento de lucidez; e, ao tornar-se impossível recuperá-lo, sai a buscá-lo com a ajuda de bebidas, mulheres, entretenimentos, distrações, esperando que assim ele voltará. E, depois de abandonar tudo isso, está ele um dia a passear tranqüilamente, à margem de um regato ou por uma vereda, quando, de súbito, se lhe apresenta de novo o mesmo sentimento, o qual ele torna a expressar na tela. E essa expressão se torna coisa mercadejável, vendável. E o homem se torna ambicioso, deseja produzir, criar mais.

Ora, o homem ambicioso, o homem que deseja popularidade, fama — seja na escola, no mundo dos negócios, seja como inventor ou artista — esse homem é criador? Imediatamente ele deseja fazer algo com sua "capacidade criadora", imediatamente tem a ambição de servir-se dela e servir a outros com ela, etc. Nesse momento não destruiu ele toda a possibilidade de criar? Vede, queremos pôr a capacidade de criar, ou Deus, ou o que quer que seja, a nosso serviço; queremos tirar lucros dela; e eu acho que isso não é possível. Podeis ter uma capacidade, um dom, em certo sentido; mas não o chameis "ação criadora", pensar criador. O pensar nunca é criador, porque pensar é puramente reação. E a criação pode ser reação?

PERGUNTA: Como se pode ver a totalidade do medo?

KRISHNAMURTI: Talvez hoje não possamos entrar nesta questão, pois já é hora de pararmos, mas considerá-la-emos no decurso de nossas palestras. O importante é compreender o que se entende por "ver totalmente", e não apenas ver totalmente uma coisa, tal como o medo, o amor, o ódio, isto ou aquilo. Quando desejais ver o medo totalmente, vosso desejo é de vos livrardes do medo, não é verdade? E o próprio desejo de "livrar-se" ou de "ganhar" impede a visão total. Como sabeis, tudo isso implica uma grande soma de autoconhecimento — conhecimento de tudo o que vos diz respeito, de todos os escaninhos de vós mesmo. Quando vedes ao espelho o vosso rosto, o conheceis muito bem, cada curva, cada linha, cada ângulo; e da mesma maneira uma pessoa deve conhecer-se profundamente, não apenas seu "eu" consciente, mas também todas as camadas ocultas do inconsciente.

O que desejo transmitir-vos nesta manhã, se possível, é só uma coisa — não idéias, nem sentimentos, nem uma certa coisa extraordinária, "espiritual", porém o quanto importa *ver totalmente.* E ver totalmente significa ver sem julgamento, sem condenação, sem avaliação. Significa também que o intelecto não está reagindo àquilo que vê, porém, tão-só, observando, naquele estado em que não existe pensador separado da coisa observada. Isso é sumamente difícil e, portanto, não penseis alcançar esse estado por meio de palavras. Significa compreender por inteiro a questão da contradição, porque todos nós nos achamos num estado contraditório.

27 de julho de 1961.

SAANEN — III

Do Conflito

Como disse no começo destas palestras, acho sobremodo importante ser sério. Não estamos falando aqui acerca de idéias; e, infelizmente, em geral, parece que nos achamos mais em comunhão com idéias do que com o que *é* — o fato, nosso verdadeiro estado de ser. Investigar o real até o fim e descobrir a essência das coisas, isso, afinal, é seriedade. Gostamos de discutir, de argumentar, de estar em contato com idéias, mas parece-me que as idéias não nos levam a parte alguma, porquanto são muito superficiais, meros símbolos; e estar apegado a símbolos leva a uma existência bem superficial. É árdua tarefa abandonar ou seguir idéias e ao mesmo tempo nos mantermos em contato com o que *é*, o estado real de nossa mente, nosso coração; e, para mim, penetrar aí muito profundamente, completamente, isso é que constitui seriedade. Por esse processo de "ir até o fim" verifica-se o descobrimento da essência e, portanto, a experiência da totalidade; e têm então os nossos problemas significado todo diferente.

Esta manhã, pretendo examinar a questão do conflito, considerá-lo de maneira cabal, "até o fim", se possível, não apenas como idéia, mas experimentando por nós mesmos se a mente é capaz de estar completa e totalmente livre de todos os conflitos. Para descobrir isso realmente, por si mesma, uma pessoa não pode permanecer no nível das idéias.

É óbvio que nada se pode fazer em relação ao conflito existente no mundo exterior; ele é gerado por uns poucos descontrolados, através do mundo, e por eles podemos ser destruídos, ou, quiçá, continua-

remos a viver. A Rússia, a América, ou qualquer nação que seja, poderá precipitar-nos na guerra, e a esse respeito não podemos fazer muita coisa. Mas acho possível fazer-se algo muito radical acerca de nossos próprios conflitos interiores, e é sobre isso que desejo discorrer. Por que interiormente, pessoalmente, psicologicamente, nos achamos em tais conflitos? É necessário isso? E é possível viver uma vida inteiramente isenta de conflito, sem nos deixarmos ficar a vegetar, a dormir? Não sei se tendes pensado a esse respeito e se isso é problema para vós. A meu ver, o conflito destrói toda forma de sensibilidade, deforma todo pensamento; e onde existe conflito, não existe amor. O conflito é essencialmente ambição, adoração do êxito. E nós nos achamos num estado de conflito, interiormente, não apenas no nível superficial, porém muito profundamente em nossa consciência. Estaremos cônscios disso? E, se estamos, que fazemos a esse respeito? Tratamos de fugir a esse estado, freqüentando igrejas, ouvindo rádio, buscando distrações, entretenimentos, deleites sexuais, e tudo o mais, inclusive os deuses que cultuamos? Ou somos capazes de arrostar o conflito, "ir até o fim", e descobrir se a mente pode ficar de todo livre dos conflitos?

O conflito implica, sem dúvida nenhuma, contradição: contradição no sentimento, no pensamento e na conduta. Existe contradição quando desejamos fazer uma coisa e somos forçados a fazer o contrário. Para a maioria de nós, quando existe amor, existe também ciúme, ódio; e isso é também contradição. No apego, há angústia e dor, portanto contradição, conflito. Parece-me que tudo o que tocamos produz conflito, e tal é nossa vida, da manhã à noite; e mesmo quando dormimos, nossos sonhos são os símbolos perturbadores de nossa vida cotidiana.

Assim, ao considerarmos o estado total de nossa consciência, verificamos que nos achamos no conflito da autocontradição — a eterna luta para sermos bons, nobres, isto e não aquilo. Por que será assim? Tudo isso é necesário, ou é possível viver sem esse conflito?

Como disse, estamos examinando esta questão, não ideologicamente, porém concretamente, isto é, pondo-nos cônscios de nosso estado de conflito para compreendermos o que ele implica e nos mantermos em contato real com ele — não através de idéias, de palavras, porém pelo contato real. É possível isso? Como sabeis, podemos pôr-nos em contato com o conflito através da idéia; e, com efeito,

estamos mais em contato com a idéia do conflito do que com o próprio fato. E a questão é se a mente pode abandonar a palavra e pôr-se em contato com o sentimento. E pode-se descobrir por que existe esse conflito, se não estamos cônscios do processo total do pensar — não do processo total do pensar de outrem, porém de nosso próprio pensar?

Indubitavelmente, há divisão entre o pensador e o pensamento, com o pensador lutando perenemente por controlar, moldar o pensamento. Sabemos que é isso que está acontecendo, e enquanto existir tal divisão, terá de haver conflito. Enquanto houver experimentador e experiência como dois estados diferentes, haverá conflito. E o conflito destrói a sensibilidade, destrói a paixão, a intensidade. E sem paixão, sem intensidade, não podemos "ir até o fim" de nenhum sentimento, nenhum pensamento, nenhuma ação.

Para irmos "até o fim" e descobrirmos a essência das coisas, necessitamos de paixão, intensidade, de uma mente sobremaneira sensível — não mente instruída, mente repleta de conhecimentos. Sem paixão, ninguém pode ser sensível; e a paixão, esse impulso para o descobrimento, se embota na batalha constante que se trava dentro em nós. Infelizmente, aceitamos como inevitáveis a luta e o conflito, e dia a dia nos tornamos mais insensíveis, mais embotados. E esse estado, em sua forma extrema, leva-nos à insanidade mental; mas, em geral, buscamos refúgio nas igrejas, nas idéias, e em coisas superficiais de toda ordem. Mas, é possível viver sem conflito? Ou estamos tão condicionados pela sociedade, por nossas próprias ambições, nossa avidez, inveja, a busca de êxito, que aceitamos o conflito como algo bom, coisa nobre, e de finalidade precisa? Seria vantajoso, penso, se cada um de nós pudesse averiguar o que realmente sentimos a respeito do conflito. Aceitamo-lo ou nos deixamos enredar por ele, sem sabermos como livar-nos dele, ou estamos satisfeitos com nossos múltiplos meios de fuga?

Isso significa, realmente, investigar toda a questão do autopreenchimento e o conflito dos opostos, e ver se tem alguma realidade o pensador, o experimentador, com seu perene ansiar por mais experiência, mais sensação, horizontes mais amplos.

Só existe pensar, e nenhum pensador; só um estado de experimentar, e nenhum experimentador? No momento em que nasce o experimentador, graças à memória, tem de haver conflito. Isso se

me afigura bem simples, se já pensastes a seu respeito. Essa é a verdadeira raiz da autocontradição. Para a maioria de nós o pensador se tornou sumamente importante, e não o pensamento, o experimentador, não o estado de experimentar.

Isso, com efeito, implica na questão de que estivemos tratando noutro dia, ou seja, o que entendemos por *ver*. Vemos a vida, uma pessoa, uma árvore, através de idéias, opiniões, lembranças? Ou estamos em comunhão direta com a vida, a pessoa, ou a árvore? Penso que nós vemos através de idéias, lembranças e juízos e que, por conseguinte, nunca *vemos* nada. Assim, vejo-me a mim mesmo tal como "eu realmente sou", ou vejo-me como "eu deveria ser" ou como "eu fui"? Por outras palavras, a consciência é divisível? Falamos com muita facilidade a respeito da mente consciente e da mente inconsciente, e das muitas camadas entre ambas existentes. Existem essas camadas, essas divisões, e elas se acham opostas umas às outras. Temos de percorrer todas essas camadas, uma a uma, para nos livrarmos delas ou tentarmos compreendê-las — maneira muito cansativa e ineficaz de resolver um problema — ou é possível varrermos todas as divisões, todo esse conjunto, e tomarmos conhecimento da consciência total?

Como dizia noutro dia, para nos tornarmos cônscios totalmente de uma coisa, necessita-se de percepção, visão, não colorida por idéia alguma. Ver uma coisa inteiramente, totalmente, não é possível quando existe *motivo*, um propósito. Se estamos interessados em alguma alteração, não estamos vendo o que realmente *é*. Se estamos interessados na idéia de que devemos ser diferentes, de que devemos melhorar o que vemos, torná-lo mais belo, etc., não somos então capazes de ver a totalidade do que *é*. A mente só está então interessada em mudança, alteração, melhoria, aperfeiçoamento.

Mas posso ver-me assim como sou, como consciência total, sem ficar enredado nas divisões, nas camadas, nas idéias opostas, existentes na consciência? Não sei se já alguma vez praticastes a meditação — por ora não discorrerei sobre esta matéria. Mas, se já o fizestes, deveis ter observado o conflito que se verifica na meditação — a vontade lutando para controlar o pensamento, e o pensamento a escapar-lhe sempre. É uma parte de nossa consciência — esse impulso para controlar, moldar, satisfazer-se, ter êxito, encontrar segurança; e ao mesmo tempo a compreensão do absurdo, da inutilidade, da futilidade de tudo isso. A maioria de nós tenta desenvolver uma ação,

uma idéia, uma vontade de resistência, para servir como uma espécie de muralha em torno de nós mesmos, e dentro dessa muralha esperamos permanecer num estado de ausência de conflito.

Ora bem. É possível percebermos a totalidade desse conflito e permanecermos em contato com essa totalidade? Isso não significa permanecer em contato com a idéia da totalidade do conflito, ou vos identificardes com as palavras que estou empregando; mas, sim, significa estar em contato com o fato da totalidade da existência humana, com todos os seus conflitos de tristeza, sofrimento, aspiração e luta. Significa enfrentar o fato, "viver com ele".

Como sabeis, "viver com uma coisa" é extremamente difícil. "Viver com aquelas montanhas" que nos cercam, com a beleza das árvores, com as sombras, a luz matinal, a neve, "viver com isso" realmente, é muito difícil. Todos tomamos conhecimento dessas coisas, não é verdade? Mas, vendo-as dia por dia, embotam-nos diante delas, como acontece com os camponeses, e nunca mais tornamos a olhá-las realmente. Mas "viver com a coisa", vê-la cada dia como nova, com clareza, com sensibilidade, com apreciação, com amor — isso requer enorme soma de energia. E "viver com uma coisa feia" sem que essa coisa feia possa perverter, corroer a mente — isso requer por igual muita energia. "Viver tanto com o belo como com o feio" — como temos de viver, em nossa existência — requer descomunal energia. E essa energia é rejeitada, destruída, quando nos encontramos num estado de perpétuo conflito.

Assim, pode a mente olhar a totalidade do conflito, "viver com ele", sem aceitá-lo, nem rejeitá-lo, sem permitir que o conflito nos deforme a mente, porém observando realmente todos os movimentos internos de nossos próprios desejos, geradores de conflito? Acho que isso é possível — não apenas possível, mas, quando penetramos mui profundamente o conflito, quando nossa mente está apenas a observar e não a resistir, a rejeitar, a escolher, eis o que acontece. Então, depois de chegardes até aí, não em termos de tempo e espaço, porém com a experiência real da totalidade do conflito, descobrireis por vós mesmos que a mente é capaz de viver muito mais intensa, apaixonada e vitalmente; e uma mente assim é essencial para que possa surgir na existência aquela "certa coisa imensurável". A mente em conflito jamais descobrirá o verdadeiro. Poderá tagarelar incessantemente acerca de Deus, da bondade, da espiritualidade e tudo o mais,

mas só a mente que compreendeu de maneira completa a natureza do conflito e, por conseguinte, se acha fora dele, só ela pode receber aquilo a que se não pode dar nome, aquilo que não pode ser medido.

Talvez possamos agora discutir ou fazer perguntas a respeito de tudo isso. Fazer uma pergunta correta é muito difícil, e no próprio ato de fazermos uma pergunta correta encontramos por nós mesmos a resposta. Quando fazemos a pergunta correta, isso significa que estamos em contato com o fato e não com idéias e opiniões.

PERGUNTA: Qual é a natureza da "criação"?

KRISHNAMURTI: Senhor, qual é a natureza do belo? Qual a natureza do amor? Qual a natureza da mente que não se acha em conflito? Desejais uma descrição dela? E se a descrição vos satisfaz e a aceitais, estais então meramente aceitando palavras, não estais, na realidade, experimentando pessoalmente. Vede, satisfazemo-nos tão facilmente com explicações, com idéias intelectuais! Mas todo esse processo é apenas jogar com palavras — e daí resulta a pergunta incorreta. Senhor, não desejais descobrir por vós mesmo se é possível viver no mundo sem conflito?

PERGUNTA: Sentimo-nos na necessidade de tomar posição contra o mundo exterior; e, no próprio ato de nos opormos ao mundo, há conflito?

KRISHNAMURTI: Não sei se realmente fazemos uma coisa só porque gostamos de fazê-la. Sabeis o que quero dizer? Eu gosto de fazer isto que estou fazendo — não porque me dê uma sensação especial estar sentado neste palanque, falando a numeroso auditório; não é por essa razão que o estou fazendo. Faço-o porque gosto de fazê-lo, e o faria mesmo que aqui só se encontrasse uma única pessoa — ou ninguém. E se isso cria conflito — que importa? Afinal de contas, ninguém deseja ser perturbado. Preferimos isolar-nos confortavelmente, com nossas idéias, nossos maridos, nossas mulheres, nossos filhos e nossos deuses. E, um dia surge alguém, uma coisa — a vida, uma tormenta, um terremoto, a guerra — e abala-nos. Logo reagimos, tratando de construir muros mais sólidos, opor uma resistência maior, a fim de não sermos perturbados; e Deus vem a ser nosso derradeiro refúgio, no qual esperamos ficar para sempre a salvo de perturbações. Se nos vemos perturbados, e em virtude dessa perturbação surgem tribulações, que importa isso? Não vos forço a ouvir-me; ali está a

porta, aberta. O que aqui estamos tentando é compreender o conflito. E que mal há em contrapor-nos ao mundo? Afinal de contas, o mundo a que nos contrapomos é o mundo da respeitabilidade, de inúmeros deuses falsos, igrejas e idéias; estamos impugnando o ódio, a inveja, a avidez e outras coisas que tais, que inventamos com o fim de nos protegermos. Se assim agis e cria-se perturbação, que mal há nisso?

PERGUNTA: Acho que não há conflito, se vivemos momento por momento.

KRISHNAMURTI: Um minuto, senhor. Estais vendo como nos deixamos levar pelas idéias? Esse "se vivemos momento por momento" é uma cláusula condicional, uma idéia — e isso significa que nunca morremos para coisa alguma, nunca morremos para o prazer, a dor, nossas ânsias e ambições. Podeis morrer realmente para tudo isso?

PERGUNTA: Como podemos saber se estamos em presença do fato real ou da idéia relativa ao fato?

KRISHNAMURTI: Ora, isso é um problema que tendes de resolver, não achais? Como ireis averiguar isso? Já alguma vez olhastes para uma coisa ou tivestes um sentimento desacompanhado de idéia? Suponha-se que tenho um sentimento de cólera; só tomo conhecimento desse sentimento através da palavra?

Sentimos através de idéias? Se digo que sou hindu — e isso é uma idéia — vem-me uma certa emoção de nacionalidade; portanto, é a idéia que cria a emoção, não achais? Porque fui educado para pensar em mim mesmo como hindu e porque me identifiquei com determinada porção de terra, determinada tez, isso me proporciona certas sensações; e essas sensações me bastam. Mas, se eu tivesse sido educado de diferente maneira, para ser apenas um ente humano, não identificado com determinada raça ou grupo, meu sentimento seria inteiramente diverso, não achais? Assim, palavras tais como "comunista", "crente", "incréu", "cristão" têm para nós significados sugestivos, porquanto nos sugerem certos sentimentos, certas sensações. Para a maioria de nós, as palavras são muito importantes. Estou procurando averiguar se a mente pode libertar-se da palavra; e, quando libertada, qual o estado da mente que sente? Estou-me fazendo claro?

Vede, senhor, estivemos falando nesta manhã a respeito do conflito e desejo verificar, sem jogar com palavras, se a mente é capaz

de ficar livre de conflito. Desejo verificar, "ir até o fim" — o que significa que devo pôr-me realmente em contato com meu próprio conflito, e não com idéias. Está certo? Por conseguinte, não devo deixar-me desviar por idéias, tenho de ir tateando o caminho até à totalidade da coisa, pôr-me em contato com a dor, o sofrimento, a frustração, o conflito inteiro, sem procurar escusas ou justificações, porém penetrando-lhe toda a profundidade. Isso se faz verbalmente, com palavras? Percebeis o ponto que desejo ressaltar? Foi por isso que perguntei esta manhã como *vemos* as coisas — através da cortina das palavras ou pelo contato direto? É possível sentir, sem a palavra? Afinal de contas, um homem faminto quer comida; não satisfaz a descrição da comida. E vós, igualmente, desejais descobrir tudo o que diz respeito ao conflito, "ir até o fim"? Ou satisfaz-vos a descrição verbal do estado da mente que não se acha em conflito? Se desejais "ir até o fim", deveis experimentar o conflito, conhecer tudo o que com ele se relaciona. Um só conflito — se fordes capaz de "viver com ele", estudá-lo, dormir com ele, sonhar com ele, absorvê-lo completamente — vos revelará a totalidade de todos os conflitos. Mas isso exige paixão, intensidade. Viver e discutir na superfície não conduz a parte alguma e dissipa o pouco de energia de que dispomos.

PERGUNTA: Se, para mim mesmo, eu for "até o fim" do conflito, devo então aceitar o conflito existente no mundo?

KRISHNAMURTI: Podeis separar o mundo tão precisa e positivamente de vós mesmo? O mundo é tão diferente assim de vós? Vede, senhores, parece-me, se posso dizê-lo, que há alguma coisa que não compreendemos bem. Para mim, o conflito é coisa muito destrutiva, tanto interior como exteriormente; e desejo verificar se há alguma maneira de viver sem ser em conflito. Portanto, não digo de mim para mim que o conflito é inevitável, nem explico para mim mesmo que, enquanto eu for ávido, terá de haver conflito. Eu desejo compreendê-lo, passar por ele, ver se posso despedaçá-lo, ver se é possível viver sem ele. "Tenho fome" disso; e não há quantidade de descrição nem de explicação que me possa satisfazer essa fome — o que significa que tenho de compreender o inteiro processo da consciência, que é o "eu", e quando o compreendo, compreendo o mundo. As duas coisas não são separadas. Meu ódio é o ódio do mundo; meu ciúme, minha avidez, minha ânsia de sucesso — tudo isso pertence ao mundo.

Pode, pois, minha mente despedaçar tudo isso? Se digo: "Ensinai-me a maneira de despedaçá-lo", quero então apenas servir-me de um método para dominar o conflito; e isso não é compreensão do conflito.

Assim, vejo que preciso estar desperto para o conflito, estar cônscio dele, observar cada um de seus movimentos, em minhas ambições, minha avidez, minhas ânsias, etc. E se os observo, é possível então que *descubra*; mas não há garantia. Creio que sei perfeitamente o que é essencial, para que eu possa descobrir — isto é, paixão, intensidade, desprezo das palavras e explicações, para que a mente se torne muito penetrante, vigilante, atenta para toda forma de conflito. Aí está, sem dúvida, a única maneira de "ir até o fim" do conflito.

30 de julho de 1961.

SAANEN — IV

A Investigação Real

Em nossa última reunião dissemos que *seriedade* é aquele impulso, aquela intenção de "ir até o fim das coisas", para descobrir-lhes a essência; e se não existe essa energia impulsora que nos estimula a descobrir o que é verdadeiro, acho que estas palestras terão muito pouca significação. É pena termos de falar em tão linda manhã, mas desejo examinar a questão da humildade e do *aprender*.

Por humildade, não entendo naturalmente aquela pretensiosa vaidade que se cobre com o nome de "humildade". A humildade não é virtude; porque tudo o que cultivamos, extraímos penosamente de nós mesmos, disciplinamos, controlamos, é coisa falsa. A humildade não é coisa que se semeia para colher; ela tem de surgir na existência. E não é a subjugação daquele desejo que busca seu preenchimento no êxito. Não é tampouco a humildade religiosa do monge, do santo, do sacerdote, nem aquela que se produz pela austeridade cultivada. É coisa inteiramente diferente. Para a experimentarmos realmente, penso que temos de "ir até o fim", de modo que todos os recantos da mente, todos os recessos obscuros, secretos, ocultos, do coração e da mente, fiquem abertos a essa humildade, dela se embebam. E se desejamos desvelar a verdadeira essência da humildade, importa considerar o que é *aprender*.

Aprendemos, de fato, alguma vez? Não é mecânica a nossa instrução? Aprender, para nós, é um processo de adição, não achais? Esse processo de adição constitui um centro, o "eu", e este centro experimenta; e a experiência se torna memória — é memória; e a memória dá colorido a todas as experiências ulteriores. Ora, apren-

der é processo de acumulação, como o é o conhecimento? E se há processo de acumulação de experiência, conhecimento, ser e "vir a ser", existe então humildade? Se a mente está repleta de conhecimentos, de experiência, de memória, ela de modo nenhum pode receber o novo. Não é, portanto, necessário o total esvaziamento da mente, para que possa surgir o atemporal? E não implica isso total e completo sentimento de humildade, um estado em que a mente não se esteja "tornando alguma coisa", não esteja acumulando, já não esteja buscando ou aprendendo?

Eu quisera saber se temos aprendido alguma coisa. Nós temos acumulado; temos tido numerosas experiências, numerosos acidentes ocorreram, deixando-nos suas marcas e ficando armazenados como lembranças. Posso aprender uma nova língua, aprender uma nova maneira de explorar os espaços; mas tudo isso são processos acumulativos, mecânicos, a que chamamos "aprender". Ora, esse processo mecânico de aprender deixa um centro, não é verdade? E esse centro acumulador de conhecimentos, experiências, resiste, deseja ser livre, afirma, aceita e rejeita, está sempre empenhado numa batalha, sempre em conflito. E é esse centro que está sempre a acumular e a esvaziar-se; há o movimento positivo de aquisição e o movimento negativo de rejeição. A esse processo chamamos "aprender".

Se me perdoais dizê-lo, estou bem certo de que desejais aprender algo deste que vos fala. Mas nada podeis aprender de mim, porquanto só podeis aprender coisas mecânicas, como idéias. Mas nós não estamos tratando de idéias; não estamos interessados na descrição de qualquer outra coisa; o que nos interessa é o fato, "o que é". E compreender "o que é" não constitui processo mecânico, nem processo de olhar as coisas com o fim de acumular, nem processo de acrescentar ou tirar algo ao centro. É partindo desse centro, acumulado através de séculos, condicionado pela sociedade, pela religião, pelas experiências, pela educação, que estamos sempre procurando fazer modificações. Funcionando nesse centro, procuramos alterar nossas qualidades, modificar nossa maneira de pensar, implantar novo sistema de idéias e abandonar o velho. Esse centro, pois, está sempre procurando reformar-se ou destruir-se, a fim de obter outra coisa; e é isso o que estamos fazendo continuamente.

Tende a bondade de prestar atenção: Esse centro é o que chamamos "ego", "eu" — ou qualquer nome que preferirdes. O nome

é sem importância, mas o fato é importante, pois é "o que é". E no processo de modificação há violência. Toda alteração implica violência, e pela violência nada de novo pode surgir. Quando uma pessoa diz: "Preciso controlar-me, preciso dominar-me" (o que significa ajustar-se a um padrão), isso implica violência. Os santos, os líderes, os instrutores, os profetas — todos falam a respeito de mudança e controle. E, evidentemente, o processo pelo qual o centro se disciplina para ajustar-se a um padrão, implica violência. E quando falamos de "não violência", isso significa a mesma coisa.

Mudança, portanto, implica violência, dentro da esfera do tempo — "eu sou isto e vou obrigar-me a ser aquilo". O "aquilo" está distanciado de nós: é o ideal, o exemplo, a norma. Nesse processo de tentar transformar a violência em paz, está, inteiramente, o conflito dos opostos. Assim, quando dizemos: "Preciso aprender tudo o que me diz respeito", estamos ainda enredados no processo de acumulação, o qual só serve para fortalecer o centro. Pode-se, pois, ver, não apenas verbalmente, intelectualmente, mas experimentar realmente o fato de que onde existe um centro a exigir mudança (e isso implica violência) nunca haverá paz.

Para mim, portanto, não há aprender; só há *ver*. *Ver* não produz acumulação; não é processo de recolher ou rejeitar. *Ver* "o que é" tem efeito destruidor; e da destruição surge a paz, e não a violência. Existe violência, revolução ou modificação, no processo de acumulação, da manutenção do centro. Mas, quando percebemos esse processo total e completamente, com todo o nosso ser, então o fato — o que é — é radicalmente destrutivo; e destruição é criação.

A humildade, por conseguinte, é o estado em que a mente abandonou de todo o processo de acumulação e o seu oposto, e está cônscia, de momento a momento, do que *é*. Portanto, ela não tem opinião nem juízo formado; e essa mente sabe o que é liberdade. A mente senhoreada pela violência não tem liberdade; e a mente que busca a liberdade nunca será livre, porque, para ela, liberdade significa mais acumulação.

A humildade implica destruição total, não das coisas externas, sociais, mas a dissolução completa do centro, do "eu", de nossas idéias, experiências, conhecimentos, tradições — com o que a mente se esvazia de tudo o que já conhece. Por conseguinte, essa mente já não pensa em termos de modificação. Isso é realmente uma coisa

maravilhosa, quando se é capaz de senti-la. E isso faz parte da meditação.

Assim, em primeiro lugar, temos de compreender perfeitamente o processo de mudança; porque é isso o que em geral desejamos — mudar. O mundo se está transformando muito rapidamente, nas coisas exteriores. Pretendemos ir à lua, inventar foguetes, etc.; os valores se estão alterando; a "Coca-Cola" conquistou todo o mundo; as velhas civilizações estão desabando. A rapidez da mudança é maior do que o fato da mudança. Todos os velhos deuses, tradições, salvadores, Mestres, estão-se indo, ou já se foram. Uns poucos ainda se aferram a eles, erguendo muros defensivos ao redor de si mesmos — mas tudo se vai. E a mente não se interessa pela destruição, não se interessa pela criação; só lhe interessa defender-se, buscar sempre outros abrigos, um novo refúgio.

Assim, se aprofundardes seriamente a questão da humildade, não deixareis de pôr em dúvida todo esse processo de aprender — o aprender no nível verbal, que nos veda a percepção das coisas como são. A mente que já não se preocupa com mudança nada teme e, portanto, é livre. E, a meu ver, a mente que compreendeu essa coisa — essa mente, decerto, é essencial; porque com essa compreensão a mente já não luta para ajustar-se a outro padrão, já não se abre a novas experiências, nada mais pede nem exige — porque é livre. E, então, talvez possa surgir aquilo que não tem nome. A humildade, portanto, é essencial, mas não a humildade artificial, cultivada. Devemos estar desprovidos de capacidades, de dons; devemos, interiormente, ser o mesmo que *nada*. E, parece-me, se se percebe isso, sem se tentar aprender como ser "o mesmo que nada" — pois isso é muito estulto e absurdo — parece-me que, então, *ver* é experimentar; e, assim, talvez possa manifestar-se "a outra coisa".

Podemos palestrar a esse respeito — unicamente a respeito dessa coisa, e não sobre como iremos transformar o mundo ou qual será o próximo ato de certo político poderoso?

PERGUNTA: A compreensão é uma capacidade?

KRISHNAMURTI: Compreensão é capacidade, algo que se precisa cultivar, que se precisa nutrir pacientemente? Capacidade implica processo de tempo; e compreende-se alguma coisa através do tempo, através de uma longa série de dias? Ou compreendo a coisa imediata-

mente, vejo-a imediatamente? Compreendo que ser nacionalista, identificar-se com determinado grupo, seita ou crença, é evidente estupidez? Percebo perfeitamente o que significa pertencer a uma dada coisa, comprometer-se com uma certa coisa? Como sabeis, todos gostamos de pertencer a um certo grupo, sociedade, raça ou família, nome; desejamos ligar-nos a um certo movimento — comunista, socialista, religioso ou moral. E por que acontece isso? Várias causas estão aí implicadas, não? Gostamos de atuar "cooperativamente", em conjunto. Isso poderá estar certo, em determinado nível; mas estar interiormente vinculado a uma dada coisa, isso, sem dúvida, impede a compreensão, a busca do esclarecimento. A percepção disso exige tempo? Exige porque sou indolente, porque assumi compromissos e temo que, se fugir aos meus compromissos, isso causará perturbações. Por isso, digo: "Precisarei de tempo para refletir sobre o assunto". A mente preguiçosa impede a si própria de ver de modo direto, claro, real. Ora, para eu perceber que sou estúpido não se requer tempo. Posso vê-lo diretamente; sobre isso ninguém precisa dizer-me nada. Mas, quando desejo modificar esse estado, quando desejo tornar-me inteligente, quando desejo ser mais *isto* e menos *aquilo*, isso naturalmente requer tempo, implica violência. Mas o ver que sou estúpido, vê-lo e deixar-me "ficar aí", inteiramente, disso não só resulta compreensão, mas também esse próprio fato de *ver* destrói automaticamente todas as coisas que construí em mim e ao redor de mim. E é isso o que temo.

Assim, ver que sou estúpido, limitado, de mentalidade inferior, vulgar, medíocre, e "viver com isso" sem tentar modificá-lo, sem procurar aperfeiçoá-lo e dar-lhe novo nome, novo título, etc.; observar-lhe todos os movimentos e pretensões, perceber a estupidez de tentar tornar-me inteligente — nada disso requer tempo nem capacidade. O que requer é o sério intento de "ir até o fim".

Vós o sabeis, senhores, quando há perigo agimos imediatamente, sentimos imediatamente. Todos os nossos instintos e sentidos estão totalmente vigilantes, e não falamos de tempo.

PERGUNTA: Parece que, ao vermos a estupidez do desejo, ficamos livres dele; mas, depois, ele reaparece?

KRISHNAMURTI: Eu nunca disse que a mente libertada não tem desejos. Afinal, que mal há no desejo? O problema só se apresenta

quando ele cria conflito, quando desejo possuir aquele belo carro que não posso comprar. Mas admirar o carro, a beleza de suas linhas, a cor, a velocidade que pode desenvolver, que mal há nisso? O desejo de olhá-lo, admirá-lo, é coisa má? O desejo só se torna importuno, imperioso, quando quero possuir a coisa. Vemos que ser escravo de alguma coisa, do fumo, da bebida, de determinada maneira de pensar, implica desejo e que o esforço que fazemos para nos libertarmos desse molde implica também desejo, e por essa razão dizemos ser necessário alcançarmos um estado isento de desejo. Vede como moldamos a vida com nossa pequenez! E por isso nossa vida se torna coisa medíocre, cheia de estranhos temores e recantos obscuros. Mas, se compreendermos tudo isso de que estivemos falando, percebendo-o realmente, penso que o desejo terá então significado completamente diferente.

PERGUNTA: É possível distinguir entre "estar identificado com o que vemos" e "viver com o que vemos"?

KRISHNAMURTI: Por que desejamos identificar-nos com alguma coisa? A fim de nos tornarmos mais importantes, mais nobres, mais interessantes, não é exato? Queremos dar significação à vida, porque a vida nenhuma significação tem para nós. Por que deve uma pessoa identificar-se com a família, o amigo, uma idéia, uma nação? Por que não abandonar completamente a identificação e viver a todas as horas com "o que é" — sempre cambiante, nunca estático?

PERGUNTA: Se não nos identificamos com coisas, então, suponho eu, podemos viver completamente alheios a tudo.

KRISHNAMURTI: O fato é que vivemos dentro de nosso estreito círculo, com nossos mesquinhos ciúmes, nossas vaidades, nossas práticas estúpidas. Tal é nossa vida; e temos de enfrentá-la, em vez de nos identificarmos com os deuses, as montanhas, etc. É muito mais difícil, requer mais intensidade e inteligência viver com a coisa que *é*, sem tentar modificá-la, do que viver com *Jesus* — que é mera fuga.

PERGUNTA: No descobrimento encontra-se alegria e prazer; e descobrir não é aprender?

KRISHNAMURTI: Quando descobrimos o significado de nossa aflição, achamos alegria e prazer em "viver com isso"? Podemos descobrir as belezas da Terra e com elas nos deleitarmos, ou descobrir as ações estúpidas dos políticos, e repudiá-las; mas descobrir o inteiro signi-

ficado do sofrimento é coisa muito diferente, não? Significa descobrir minha própria aflição e a aflição do mundo. Estudar o livro do sofrimento para aprender algo a seu respeito, significa que queremos aprender o que se deve fazer e o que não se deve fazer, a fim de nos protegermos. Conversemos sobre esta questão; eu não sou autoridade. Não creio que se possa aprender alguma coisa a respeito do sofrimento. Porque então o aprender se torna mecânico. Mas a mente que percebe o perigo da acumulação mecânica desiste de aprender; ela observa, vê, percebe — coisa completamente diferente de aprender. "Ficar" com a aflição, "viver com ela", sem aceitar nem justificar; conhecer seu movimento como coisa viva — isso requer grande soma de energia e de penetração.

PERGUNTA: Parece-me que uma das primeiras coisas necessárias é saber de que é constituída a mente.

KRISHNAMURTI: De que se constitui a mente? Cérebro, sentidos, capacidade, julgamento, dúvida, superstição, medo; a mente que divide a si mesma, que nega, que anseia, que tem aspirações, que busca segurança, permanência; essa consciência total que herdamos e na qual se implantou o presente, com sua educação, suas experiências, etc. — tudo isso, sem dúvida, é a mente. É este o centro que percebe, que evolve, se transforma, luta, sofre; o pensador e o pensamento — e o pensador sempre a esforçar-se por controlar o pensamento.

E há possibilidade de a mente esvaziar-se de tudo isso? Não se pode responder "sim" nem "não". O que se pode fazer é só descobrir se é possível, ou não, ver as fronteiras da consciência e suas limitações, ver se há necessidade de fronteiras e se podemos ultrapassá-las.

A mente séria conhece suas próprias limitações, está cônscia de sua própria mediocridade, sua estupidez, irritações, ciúmes, ambições; e, porque compreendeu essas coisas, permanece tranqüila, sem buscar, sem tatear no escuro, em busca de mais alguma coisa. Só essa mente estabeleceu a ordem em seu interior e, assim, se acha tranqüila; e só ela, talvez, pode receber algo que não é produto mental.

PERGUNTA: O autoconhecimento exige certo esforço?

KRISHNAMURTI: É certo isso? Senhores, já não estais fazendo esforços? Estamos sempre forcejando para sermos algo, adquirirmos algo, realizarmos algo. O *ver* requer esforço? Interessa-me olhar aquela

montanha, sua verdejante encosta — olhá-la simplesmente. Isso só exige esforço quando não me interessa, quando me mandam olhar. E, se não me interessa olhar nem ninguém me manda olhar, então — por que me preocupar com isso?

PERGUNTA: Como obter a energia necessária a todas essas coisas?

KRISHNAMURTI: Eu disse que "viver com o que *é*" requer energia; pergunta-se: "Como obter essa energia?" Procurai investigar isso. Adquire-se energia quando não há conflito, quando não há contradição na mente, nem luta, nem violência, quando não nos vemos arrastados em diferentes sentidos por desejos inúmeros. Essa energia se dissipa quando adoramos o bom êxito, quando desejamos ser algo, ser famosos, preencher-nos — sabeis quantas coisas fazemos e que sempre produzem contradições. Dissipamos nossa energia ao visitar o psiquiatra, as igrejas, buscando refúgio por inúmeras maneiras. Se não existe contradição, se não há medo aos deuses, à extrema realidade, ou a nosso vizinho, ou ao que dizem de nós, temos então energia, não em dose modesta, porém em abundância. E necessitamos dessa energia, dessa paixão, para seguirmos "até o fim" cada um de nossos pensamentos e sentimentos, cada pressentimento e sugestão íntima.

1 de agosto de 1961.

SAANEN — V

O que é Meditar

Esta manhã desejo apreciar convosco um problema bastante complexo; mas, antes disso, e como já disse anteriormente, acho necessária uma certa dose de seriedade. Não a seriedade de uma "cara solene", ou a da excentricidade, mas aquele intento impetuoso de "ir até o fim", cedendo quando necessário, mas nunca se detendo. Desejo tratar esta manhã de um assunto que exige toda a vossa seriedade e atenção; o Oriente chama-o meditação, e não estou nada certo de o Ocidente entender o que esta palavra significa. Não estamos representando o Ocidente nem o Oriente; mas vamos tentar investigar o que é *meditar*, porque isso para mim é importantíssimo. Abarca a totalidade da vida, e não apenas um fragmento dela. Infelizmente, os mais de nós cultivamos o fragmento e nele nos tornamos altamente eficientes. Empreender o trabalho de desvendar os recessos obscuros da mente; explorar, sem visar a nenhum alvo ou fim; alcançar a total compreensão da mente integral e, quiçá, passar além — isso para mim é meditação.

Desejo proceder de maneira cautelosa, porquanto cada passo revela alguma coisa. E espero que nós — todos nós — não nos deixemos ficar no mero nível verbal ou no nível da análise intelectual, nem nos limitemos — emocional e sentimentalmente — a reunir uns poucos fragmentos de nosso agrado, mas, sim, com um certo grau de seriedade, caminhemos até o fim. E talvez se torne necessário prosseguirmos nisso, da próxima vez.

Todos buscamos alguma coisa, não só no nível físico, mas também no nível intelectual e nos níveis mais profundos de nossa cons-

ciência. Estamos sempre em busca da felicidade, do conforto, da segurança, da prosperidade, e de certos dogmas e crenças em que a mente possa instalar-se confortavelmente. Se observardes vossa própria mente, vosso intelecto, vereis que está sempre buscando e nunca satisfeito, sempre esperando encontrar, de alguma maneira, satisfação permanente, eterna. Buscamos o bem-estar físico; e, infelizmente, em geral nos contentamos com os confortos físicos, um pouco de prosperidade, um pouco de saber, relações medíocres, etc. Se nos achamos insatisfeitos — e talvez alguns de nós, aqui, o estejamos — com as coisas físicas, tratamos de buscar confortos e garantias de ordem psicológica, interior, ou desejamos mais amplos horizontes intelectuais, mais saber. Esse buscar, esse indagar é explorado pelas religiões de todo o mundo. Os cristãos, os hinduístas, os budistas oferecem-nos os seus deuses, suas crenças, suas garantias, que a mente aceita e, por elas se tornando condicionadas, não mais busca. Dessarte é canalizado e explorado o nosso buscar. Se nos sentimos completamente desditosos, insatisfeitos com o mundo e com nós mesmos, com nossa falta de aptidões, procuramos então identificar-nos com algo maior, mais vasto. E quando encontramos algo que por ora nos satisfaz, logo nos vemos forçados a abandoná-lo e a empenhar-nos em nova busca.

Esse "processo" de descontentamento, de nos apegarmos a uma dada coisa até que um abalo nos faz soltar dela, cria — não é verdade? — o hábito de seguir, o hábito de estabelecermos uma autoridade para nós mesmos — a autoridade das igrejas e dos vários sacerdotes, santos, sanções, etc., existentes no mundo inteiro.

Ora, a mente que está tolhida pela autoridade — seja a autoridade de uma religião, a autoridade da capacidade, da experiência ou do saber — nunca será livre para descobrir. Para descobrir, a mente tem de ser livre. E um de nossos imensos problemas é libertarmos a mente da autoridade. Não me refiro à autoridade do policial e da lei. Quem vai pela rua na contramão pode provocar acidentes, e quem infringe a lei está sujeito a ir para a cadeia. O furtar-se à autoridade, neste sentido — sonegar impostos, etc. — é proceder de maneira muito tola e absurda. Refiro-me à autoridade que nós mesmos criamos ou que nos é imposta pela sociedade, pela religião, pelos livros, etc., pelo nosso desejo de achar, de buscar.

Parece-me, pois, que uma das coisas essenciais, uma necessidade absoluta, é a mente libertar-se completamente do "senso" da autoridade. Isso é dificílimo, porquanto cada palavra, cada experiência, cada imagem, cada símbolo, deixa sua marca, i.e., conhecimento, que se torna nossa autoridade. Podeis furtar-vos à autoridade externa, mas cada um de nós tem sua autoridade própria, secreta, a autoridade que diz "sei". A autoridade, o seguimento de um padrão, gera ação fragmentária. Pode uma pessoa ser muito proficiente na música ou noutra coisa qualquer, mas, de qualquer maneira, sua ação é sempre fragmentária. E estamos falando de uma ação total, na qual está incluído o fragmento. Essa ação total abrange o todo da vida, o todo físico-emocional-intelectual. É a ação que se verifica quando penetramos profundamente no inconsciente e descobrimos todos os arcanos de nossa mente, e quando a mente de lá emerge de todo purificada. Essa ação total é que é meditação.

Exige-se, pois, grande soma de estrênuo trabalho, de penetração, para se descobrirem todos os caminhos laterais, todos os becos de autoridade (*sic*) que para nós mesmos estabelecemos, através dos séculos, e pelos quais estamos constantemente vagueando. Esta é uma das coisas mais difíceis: ser livre — esquecer tudo o que interiormente se sabe, proveniente de ontem; morrer para cada experiência que tivemos, agradável ou dolorosa. Pois é só então que a mente está livre para agir de maneira total.

Para tanto, requer-se percebimento sem escolha, um percebimento passivo em que se revelam todas as ânsias secretas, todos os secretos impulsos e desejos; em que a mente não escolhe, porém observa apenas. Quando escolhemos, nesse mesmo momento estabeleceu-se a autoridade e, por conseguinte, a mente já não é livre. Estar cônscio, interiormente, de cada movimento de pensamento, do significado de cada palavra, cada desejo; e não rejeitar ou aceitar, porém prosseguir, observando sem escolha — isso é que liberta a mente da autoridade. Só quando a mente está livre pode descobrir o que é verdadeiro e o que é falso, e não antes; essa liberdade não se encontra no fim, porém no começo. A meditação, por conseguinte, não é processo de controlar, disciplinar, moldar a mente pelo desejo, pelo saber.

Espero estejais seguindo o que estou dizendo. Provavelmente algumas coisas serão novas para vós, e as rejeitareis. Aceitar ou rejeitar indica incapacidade de "seguir até o fim" o que outro está dizendo;

e, uma vez que vos destes o incômodo de uma longa viagem até aqui, acho que seria absurdo dizerdes, simplesmente: "Ele tem razão" ou "Ele não tem razão". Assim, tende a bondade de escutar para descobrir, não o que pensa a vossa mente, mas se o que este orador está dizendo é falso ou verdadeiro; para perceber o falso na verdade ou a verdade como verdade, como fato. Isso é impossível, se lestes algum livro sobre meditação ou sobre psicologia e estais agora comparando o que se está dizendo com o que sabeis. Pois nesse caso estais seguindo por uma linha lateral, não estais escutando. Mas, se escutardes, não com esforço, porém com o desejo de descobrir, encontrareis então uma certa alegria no escutar. O próprio ato de escutar o que é verdadeiro constitui a chave. Nada tendes de fazer senão escutar realmente; mas isso não significa identificar. Na meditação, não há identificação, não há imaginação.

Quando a mente começar a compreender o processo de seu próprio pensar, ver-se-á de que maneira o pensamento se torna autoridade; como o pensamento, baseando-se na memória, no conhecimento, na experiência, e o pensador, guiando o pensamento, se tornam autoridade. A mente, portanto, deve tornar-se cônscia de seus próprios pensamentos, dos "motivos" dos quais eles nasceram, de sua causa. E, nesse profundo investigar, vereis que a autoridade do pensamento deixa de existir. Temos, pois, de lançar os alicerces adequados, para erguermos o edifício da meditação. Evidentemente, qualquer forma de inveja — que é essencialmente comparação: vós tendes algo belo e eu não tenho; sois inteligente e eu não sou; tendes um certo dom e eu não o tenho — deve desaparecer de todo. A mente invejosa — invejosa de posses, invejosa de capacidades — não pode ir muito longe, e não o pode, tampouco, a mente ambiciosa. Em geral somos ambiciosos; e a mente ambiciosa está sempre desejando sucesso, preenchimento, não só no campo mundano, mas ainda no espiritual. A mente amadurecida não conhece sucesso nem insucesso.

Deve, pois, a mente ser livre, de todo — livre não apenas de maneira casual, fragmentária, porém totalmente livre. E isso também é dificílimo. Significa purificar a mente que há séculos vem sendo educada para competir, para desejar o sucesso.

Deveis saber que o libertar-se da inveja não é questão de tempo. Não é questão de nos libertarmos gradualmente da inveja, ou de criarmos o oposto e com ele nos identificarmos, ou de tentarmos uma

integração com o oposto, porquanto tudo isso implica um processo gradativo. Se sois ambicioso e estabeleceis o ideal da não ambição, então, para percorrerdes a distância e realizardes o ideal, necessitais de tempo. A meu ver, esse processo denota absoluta falta de madureza. Quando vemos uma coisa claramente, ela cai por si. Perceber totalmente a inveja com tudo o que ela implica — e isso por certo não é muito difícil — não exige tempo. Se a olhardes, se estiverdes atento, ela se vos revelará rapidamente; e percebê-la é desembaraçar-se dela.

É óbvio que a mente invejosa, ambiciosa, egocêntrica, não pode ver a plenitude da beleza; não pode conhecer o amor. Um homem pode ser casado, ter filhos, possuir casas e perpetuar o seu nome; mas a mente que é invejosa e ambiciosa não pode conhecer o amor. Ela conhece sentimento, emoção, apego; mas apego não é amor.

E se alcançardes aquele ponto, não apenas intelectual ou verbalmente, encontrareis a chama da paixão. A paixão é necessária. E, com essa chama da paixão, podem-se ver as montanhas e as longas encostas cobertas de verdes árvores, pode-se ver a miséria existente em toda a parte, as horríveis divisões que o homem criou, na sua ânsia de segurança; pode-se, então, sentir intensamente, não egocentricamente. Esta, portanto, é a base; e, lançada a base, a mente está livre; pode prosseguir — e talvez não haja mais prosseguir. Assim, a menos que essa totalidade se instale por inteiro na mente, todo buscar, todo meditar, todo seguir da palavra — não importa quem a tenha pronunciado — só conduz à ilusão, a visões falsas. A mente condicionada no cristianismo terá por certo visões de Jesus, mas estará vivendo em ilusões baseadas na autoridade; e essa mente, portanto, será muito limitada e estreita.

Quando se chegou até esse ponto, interiormente — o que interessa então é o momento imediato, não o depois-de-amanhã, não o mês vindouro. As palavras que estou empregando não exprimem a realidade; as palavras não são a coisa. E se estais meramente acompanhando o orador, não estais acompanhando a vós mesmo, interiormente. A meditação, pois, é essencial. Meditação não significa sentar-se de pernas cruzadas, respirando de certa maneira, repetindo frases ou observando determinada fórmula; tudo isso são artifícios, embora se possam obter os resultados que o sistema promete. Mas o que se obtiver será um fragmento e, portanto, coisa inútil. É possível,

decerto, ver num relance todo o proceso da disciplina, do seguir, do ajustamento, e abandoná-lo imediatamente, já que foi compreendido completamente. Mas a compreensão imediata é impedida quando a mente é preguiçosa. Em geral, nós somos indolentes; quer dizer, preferimos métodos, sistemas que nos indiquem o que devemos fazer.

Há certa forma de indolência que é muito boa: a que consiste numa certa passividade. Ser passivo é bom, porque então se vêem as coisas com clareza, distintamente. Mas ser física ou mentalmente preguiçoso embota o corpo e o espírito, incapacitando-nos de olhar, de ver.

Assim, pois, lançada a base — e isso significa, realmente, rejeitar a sociedade e sua moral — pode-se ver que a virtude é uma coisa maravilhosa, uma coisa bela, uma coisa pura. Não podemos cultivá-la, assim como não se pode cultivar a humildade. Só o homem vaidoso cultiva a humildade; e fazer esforços para se tornar humilde é a maior estupidez. Mas um homem pode atingir a humildade facilmente, quando a mente começa a compreender a si mesma, começa a compreender todos os recantos obscuros e inexplorados da consciência. Pelo autoconhecimento atinge-se a humildade, e essa humildade é o próprio solo, os próprios olhos, o próprio alento que vos permitem ver, dizer, comunicar. Não podeis conhecer a vós mesmo, se condenais, se julgais e avaliais; mas observar, ver "o que é", sem distorção, observar como se observa uma flor, sem a fazer em pedaços, isso é autoconhecimento. Sem o autoconhecimento, todo pensamento conduz à perversão e à ilusão. Assim, com o autoconhecimento começamos a lançar a base da verdadeira virtude, a qual não pode ser reconhecida pela sociedade ou por outra pessoa. No momento em que a sociedade ou outra pessoa a reconhece, isso significa que estais no padrão delas e, por conseguinte, vossa virtude é a virtude da respeitabilidade, e, portanto, já não é virtude.

O autoconhecimento, pois, é o começo da meditação. Há muito ainda que dizer acerca da meditação; isto aqui é apenas uma introdução, por assim dizer, apenas o primeiro capítulo. E o livro não tem fim; não há terminar, atingir. E a maravilha de tudo isso, a beleza de tudo isso é que quando a mente — na qual se inclui o intelecto, tudo — *viu* e se esvaziou de todos os descobrimentos que fez, quando está inteiramente livre do conhecido, sem "motivo" de espécie alguma, poderá, então, talvez, surgir na existência o incognoscível.

PERGUNTA: Não compreendo bem a asserção de que a liberdade deve estar no começo e não no fim, porque no começo está o passado inteiro, e não liberdade.

KRISHNAMURTI: Vede, senhor, esta pergunta implica a questão do tempo. Sereis livre no fim? Sereis livre daqui a muitos dias, muitos séculos? Por favor, não se trata aqui de argumentar convosco ou de aceitardes o que estou dizendo; nós temos de *ver* as coisas. Estou condicionado como hinduísta, como cristão, como comunista ou seja o que for; sou moldado pela sociedade, pelos acontecimentos, por influências inumeráveis. O descondicionamento é questão de tempo? Tende a bondade de refletir sobre isso. Se dizeis que é questão de tempo, isso significa que, no intervalo, estais aumentando cada vez mais o condicionamento, não é verdade?

Vede bem, senhor: Toda causa é também um efeito, não? Causa e efeito não são duas coisas separadas e estáticas, são? O que foi efeito se torna causa, por sua vez; é uma cadeia sujeita a contínua modificação e influências, que evolui, que diminui ou aumenta, através do tempo, etc. Estais condicionado como inglês, ou judeu, ou suíço, ou seja o que for — e achais que se precisa de tempo para ver quanto isso é absurdo? E, percebido o absurdo, precisa-se de tempo para o abandonar? O fato é que não desejamos ver a natureza perniciosa do condicionamento, porque gostamos dele, fomos criados nele. A bandeira significa algo para nós, porque nos beneficia. Se dizeis: "Já não sou suíço, ou *isto* ou *aquilo*", exponde-vos a perder o emprego, a ser expulso da sociedade, a não poder casar respeitavelmente vosso filho ou filha. Por isso, nos apegamos a tudo isso e ficamos impedidos de ver a coisa imediatamente e de a abandonar.

Vede, senhor, se trabalhei a vida toda para alcançar um alvo, tornar-me famoso, ter êxito, achais que estou disposto a abandonar isso? Achais que estou disposto a abandonar o proveito que me dá, o prestígio, o nome, a posição? Posso abandoná-lo imediatamente, se vejo realmente o absurdo que encerra, a brutalidade, a crueldade, a falta de afeição e amor e a existência, tão-só, da ação calculada e egoísta. Mas ninguém o quer ver e, por isso, inventam-se desculpas, tais como: "Fá-lo-ei eventualmente, com o tempo, mas por favor não me perturbeis agora". É o que estamos dizendo, quase todos nós, parece-me. Não apenas os bem-dotados, mas também nós, a gente comum, medíocre, assim estamos procedendo. Para se cortar esse

fio não é necessário tempo. O que é necessário é a percepção imediata, a ação imediata, tal como sucede quando nos vemos à beira de um precipício ou de uma serpente.

PERGUNTA: Como se pode ver tão claramente e esquecer toda a experiência?

KRISHNAMURTI: Não deveis ter uma mente purificada, para poderdes ver qualquer coisa com clareza? Toda experiência, é óbvio, molda a mente, aumenta-lhe o condicionamento; e através de todo esse condicionamento tentamos ver algo novo. Não estou dizendo que existe algo novo, não é disso que estamos tratando. Mas, se desejamos ver se existe algo totalmente novo, algo que é criação, necessita-se por certo de uma mente purificada, uma mente jovem, nova. Não digo que devemos esquecer toda a experiência; isso é obviamente impossível. Mas é possível perceber que o processo aditivo da experiência torna a mente mecânica, e uma mente mecânica não é criadora.

3 de agosto de 1961.

SAANEN — VI

Sofrimento

Muito temos falado sobre a importância de enfrentar o fato, observá-lo sem condenação ou justificação, abeirar-nos dele sem opinião alguma a seu respeito. Principalmente quando se trata de fatos psicológicos, costumamos encará-los com todos os nossos preconceitos, nossos desejos, nossas ânsias, que deformam "o que é" e produzem um certo sentimento de culpa, de contradição, uma rejeição do que *é*. Falamos também sobre a importância da destruição completa de todas as coisas que construímos para nos servirem de refúgio, de defesa. A vida se nos afigura vasta demais, célere demais, e nossas mentes lerdas, nossa maneira lenta de pensar, nossos hábitos criam invariavelmente uma contradição dentro em nós, e procuramos impor condições à vida. E, gradualmente, enquanto continua e cresce essa contradição e conflito, as nossas mentes se vão tornando mais e mais embotadas. Desejo, pois, nesta manhã, falar sobre a simples austeridade da mente e sobre o sofrimento.

É-nos muito difícil pensar diretamente, ver as coisas diretamente e seguir atentamente o que vemos, "até o fim", de maneira lógica, racional, sã. É muito difícil ver as coisas com clareza e, por isso, muito difícil ser simples. Não me refiro à simplicidade exterior do vestir, do possuir poucas coisas; quero referir-me à simplicidade interior. A meu ver, a simplicidade é essencial quando se considera um problema muito complexo, como o sofrimento. Assim, antes de começarmos a apreciar o sofrimento, temos de estar bem esclarecidos quanto ao significado da palavra "simples".

A mente, como agora a conhecemos, é muito complexa, infinitamente solerte, sutil; teve experiências mui numerosas; e contém em si todas as influências do passado, da raça, o resíduo dos tempos. Reduzir essa imensa complexidade à simplicidade é dificílimo; mas acho necessário fazê-lo, pois, do contrário, nunca seremos capazes de ultrapassar o conflito e o sofrimento.

A questão, pois, é esta: Considerando-se toda esta complexidade — de saber, experiências, memória — existe alguma possibilidade de olharmos o sofrimento e dele nos livrarmos?

Em primeiro lugar, parece-me que, quando se trata de investigar, por nossos próprios meios, como pensar de maneira simples e direta, as definições e explicações são verdadeiramente prejudiciais. Uma definição verbal não torna a mente simples, e as explicações não produzem a clareza de percebimento. Parece-me, pois, que devemos estar bem cônscios de nossa escravização às palavras, sem perdermos de vista, entretanto, que as palavras são necessárias para as comunicações. Mas o que se comunica não é meramente a palavra; comunicam-se sentimentos, visões, que não podem ser formulados em palavras. Mente simples não significa mente ignorante. Mente simples é aquela que está livre para seguir todas as sutilezas, todas as variações, todos os movimentos de um dado fato. E para tanto deve a mente, sem dúvida, estar emancipada das palavras. Essa liberdade produz uma austeridade feita de simplicidade. Se há essa simplicidade no considerar as coisas, pode-se então tentar compreender o que é o sofrimento.

Penso que a simplicidade da mente e o sofrimento estão relacionados entre si. Viver no sofrimento em todos os dias de nossa vida é, sem dúvida, dizendo-o delicadamente, a coisa mais insensata que um homem pode fazer. Viver em conflito, na frustração, sempre enleado no medo, na ambição, enredado na ânsia de preenchimento, de êxito — passar a vida toda num tal estado, isso me parece de todo em todo fútil e desnecessário. E para nos livrarmos do sofrimento, devemos aplicar-nos de maneira simples a este complexo problema.

Há várias qualidades de sofrimento físico e psicológico. Há a dor física ocasionada pela doença — uma dor de dentes, a perda de um membro, deficiência visual, etc.; e o sofrimento interior que nos vem quando perdemos alguém que amamos, quando não temos aptidões e vemos pessoas que as têm, quando não temos talento e vemos

pessoas de talento, de dinheiro, posição, prestígio, poder. Há sempre ânsia de preenchimento; e, à sombra do preenchimento, se encontra a frustração, e com esta o sofrimento.

Temos, pois, esses dois aspectos do sofrimento — o físico e o psicológico. Perdemos porventura um braço, e surge o problema do sofrimento. Voltamos mentalmente ao passado, lembrando-nos do que já fizemos, que já não poderemos jogar tênis, já não poderemos fazer muitas coisas; a mente compara, e nesse processo gera-se sofrimento. Conhecemos bem esse gênero de coisa. O fato é que perdi meu braço e, por mais teorias e explicações que formule, por mais que compare, que me lamente, nada disso me restituirá o braço. Mas a mente gosta de lamentar-se, de volver ao passado. E fica, assim, o fato presente em contradição com o que *foi*. Essa comparação produz invariavelmente conflito, e por causa dele sofremos. Esta é uma modalidade do sofrimento.

Em seguida, temos o sofrimento psicológico. Meu irmão, meu filho morreu, foi-se deste mundo. Não há quantidade de teorias, de explicações, de crenças, de esperanças que mo posssam restituir. A realidade cruel, inexorável, é o fato de que ele se foi. E outro fato é que me sinto sozinho, porque ele se foi. Éramos amigos, passeávamos juntos, conversávamos, ríamos, divertíamo-nos, e essa camaradagem acabou-se e fiquei sozinho. A solidão é um fato e a morte também. Sou forçado a aceitar o fato — sua morte — mas não quero aceitar o fato de ter ficado só no mundo. Por isso, começo a inventar teorias, esperanças, explicações, como meios de fuga ao fato, e são essas fugas que produzem sofrimento, e não o fato de achar-me sozinho, não o fato de ter morrido meu irmão. O fato nunca pode produzir sofrimento e parece-me importante compreender isso, se se quer a mente verdadeira, total e completamente livre do sofrimento. Só acho possível a libertação do sofrimento quando a mente já não busca explicações e refúgios, quando encara o fato de frente. Não sei se já tentastes isso.

Sabemos que existe a morte e conhecemos o grande medo que ela provoca. É *um fato* que temos de morrer, cada um de nós, quer queiramos, quer não. E, assim, racionalizamos a morte ou nos refugiamos em crenças — *karma*, reincarnação, ressurreição, etc. — e, por conseqüência, sustentamos o medo e fugimos ao fato. E a questão é se à mente interessa de feito "ir até o fim", para descobrir se é

possível nos libertarmos completamente do sofrimento, não no correr do tempo, porém no presente, agora.

Ora, pode cada um de nós, com inteligência, sanidade, enfrentar o fato? Posso enfrentar o fato de que meu filho, meu irmão, minha irmã, meu marido ou esposa, ou quem quer que seja, morreu e eu fiquei sozinho — em vez de tentar escapar a essa solidão por via de explicações, crenças e teorias sutis, etc.? Posso olhar o fato, qualquer que seja ele: o fato de não ter eu talento, de ser estúpido, de estar sozinho, de que minhas crenças, minhas estruturas religiosas, meus valores espirituais são apenas defesas? Posso encarar esses fatos e não buscar meios e modos de fugir? É possível isso?

Só o acho possível quando já não nos preocupamos com o tempo, o amanhã. Nossa mente é preguiçosa e, por isso, estamos sempre a pedir tempo — tempo para nos recuperarmos, tempo para melhorarmos. O tempo não apaga o sofrimento. Podemos esquecer um dado sofrimento, mas o sofrimento existe sempre, profundamente oculto em nós. Mas eu acho possível extinguir de todo o sofrimento, não amanhã, não no decurso do tempo, porém percebendo a realidade no presente, e passando além.

Afinal, por que sofrer? O sofrimento é doença. Procuramos o médico para nos livrarmos de uma doença. Por que temos de suportar o sofrimento, de qualquer espécie que seja? Vede, por favor, que não estou fazendo retórica, pois isso seria insensato. Por que havemos nós, cada uma de nós, de suportar qualquer sofrimento, se é possível nos libertarmos disso completamente?

Essa pergunta implica outra: Por que vivermos em conflito? O sofrimento é conflito. Dizemos que o conflito é necessário, que faz parte da existência, que na natureza e em tudo o que nos cerca existe conflito, e que é impossível existir sem conflito. Conseqüentemente, aceitamos o conflito como inevitável interiormente, em nós mesmos, e exteriormente, no mundo.

Para mim, o conflito, de qualquer espécie que seja, é desnecessário. Podeis dizer: "Esta é uma idéia pessoal, vossa, e sem validade. Sois um homem só, solteiro — para vós isso é fácil! Mas nós outros temos de viver em conflito com os nossos vizinhos e a respeito de nossas ocupações; tudo o que tocamos gera conflito".

A meu ver, isso é questão de educação correta, e nossa educação não foi correta; ensinaram-nos a pensar em termos de competição, em termos de comparação. Tenho dúvidas sobre se é possível uma pessoa compreender, ver realmente, diretamente, por meio de comparação. Ou só se pode ver claramente, com simplicidade, depois de cessar a comparação? Decerto, uma pessoa só pode ver claro, quando a mente já não é ambiciosa, já não se esforça para tornar-se alguma coisa — mas isso não significa que a pessoa deva ficar satisfeita com o que *é*. Penso que um homem pode viver sem comparação, sem comparar-se com outro homem, sem comparar o que ele é com o que deveria ser. Enfrentar "o que é", a todas as horas, suprime as avaliações comparativas e, por conseguinte, penso eu, pode-se, assim, eliminar o sofrimento. Acho importantíssimo que a mente esteja livre do sofrimento. Porque a vida tem então significado bem diferente.

Outra coisa desastrosa que fazemos é buscar o conforto: não apenas conforto físico, mas também conforto psicológico. Desejamos abrigar-nos numa idéia, e quando essa idéia falha, ficamos desesperados, e isso, por sua vez, gera sofrimento. A questão, pois, é esta: Pode a mente viver, funcionar, existir sem abrigo, sem nenhum refúgio? Pode um homem viver, dia por dia, enfrentando cada fato que surge e nunca buscando refúgio; enfrentando "o que é" a todas as horas, todos os minutos do dia? Porque então, penso eu, descobriremos que não só o sofrimento termina, mas também a mente se torna sobremodo simples e clara, apta a perceber diretamente, sem ajuda das palavras, do símbolo.

Não sei se alguma vez já pensastes sem palavras. Existe pensar sem verbalização? Ou todo pensar consiste apenas em palavras, símbolos, quadros, imaginação? Todas essas coisas — palavras, símbolos, idéias, são prejudiciais ao percebimento claro. Acho que quem deseja investigar o sofrimento "até o fim", para descobrir se é possível ficar livre dele (não eventualmente, porém viver cada dia livre de sofrimento), deverá penetrar em si mesmo muito profundamente, para libertar-se de todas essas explicações, palavras, idéias e crenças, de modo que a mente fique verdadeiramente purificada e capacitada para perceber "o que é".

PERGUNTA: Quando há sofrimento, é decerto inevitável desejarmos fazer alguma coisa contra ele.

KRISHNAMURTI: Senhor, como já dissemos, nós desejamos viver com prazer, não é verdade? Ninguém procura modificar o prazer; queremos que ele continue dia e noite, perenemente. Não desejamos alterá-lo, não desejamos sequer, tocá-lo, "soprá-lo", de medo que se nos vá; queremos ficar-lhe apegados, não é mesmo? Agarramo-nos à coisa que nos dá deleite, que nos dá alegria, prazer, sensação — coisas tais como freqüentar a igreja, "ir à missa", etc. Essas coisas causam-nos muita vibração, sensação, e não desejamos alterar tal sentimento; ele nos faz sentir mais aproximados da fonte das coisas, e precisamos dessa sensação, não é verdade? Por que não podemos "viver com o sofrimento", da mesma maneira e com a mesma intensidade, e sem desejarmos fazer algo contra ele? Já tentastes isso? Já tentastes "viver com a dor física?" Já tentastes "viver com o barulho"?

Simplifiquemos as coisas. Quando um cão ladra à noite e vós desejais dormir — mas ele continua ladrando, ladrando — que fazeis? Resistis, não é verdade? Atirai-lhe coisas, praguejais contra ele, enfim fazeis tudo o que podeis contra ele. Mas se, em lugar disso, "acompanhásseis" o barulho, *escutásseis* o ladrar do cão sem resistência nenhuma, haveria incômodo? Não sei se já tentastes fazê-lo. Tentai, ao menos uma vez, não resistir! Assim como não repelis o prazer, não podeis igualmente "viver com o sofrimento", sem nenhuma resistência, sem escolha, sem procurar refúgio, sem acalentardes esperanças e, desse modo, abrirdes a porta ao desespero — viver, simplesmente, com ele?

"Viver com uma coisa" significa amá-la. Quando amais alguém, desejais viver com essa pessoa, estar em sua companhia, não? Da mesma maneira pode uma pessoa "viver com o sofrimento", não sadicamente, porém sentindo-lhe a força, a intensidade, e também sua absoluta superficialidade; e isso significa nada poder fazer contra ele. Afinal de contas, ninguém deseja fazer alguma coisa contra algo que lhe dá prazer intenso; ninguém deseja alterá-lo: deseja-se que continue. De modo idêntico, "viver com o sofrimento" significa, realmente, amar o sofrimento, e isso exige muita energia e compreensão; significa vigilância contínua, para não deixar a mente fugir ao fato. É facílimo fugir; pode-se tomar uma droga, uma bebida, ligar o rádio, abrir um livro, tagarelar com outros, etc. Mas "viver com uma coisa" — prazer ou dor — inteiramente, totalmente, requer mente bem vigilante. E quando a mente é assim vigilante, ela cria sua ação própria

— ou, melhor, a ação nasce do fato, e a mente nada tem que fazer contra o fato.

PERGUNTA: Quando se trata de dor física, não devemos procurar o médico?

KRISHNAMURTI: Naturalmente; se tenho dor de dentes, procuro o dentista. Se tendes um incômodo físico, não deveis procurar o médico? Não denota certa superficialidade o fazer-se uma pergunta destas? Não estamos falando apenas da dor física, mas também da dor psicológica, de todas as torturas mentais por que passamos por causa de uma certa idéia, crença, pessoa; e estamos perguntando a nós mesmos se é possível ficarmos totalmente livres do sofrimento interior. Senhor, o organismo físico é simples máquina e sujeito a desarranjar-se, e temos de cuidar dele da melhor maneira e com ele nos arranjarmos como pudermos; mas podemos cuidar de que esse organismo físico não tenha interferência na mente, não a perverta, não a deforme, de modo que a mente permaneça sã, apesar dos males físicos. E nossa questão é se a mente — fonte de todo esclarecimento e ao mesmo tempo de todos os conflitos, misérias e sofrimentos — pode existir livre de sofrimento, não contaminada por nosso males físicos, etc.

Afinal, todos nos tornamos mais velhos em cada dia, mas decerto é possível conservar a mente jovem, nova, "inocente", não oprimida pelo peso tremendo da experiência, do conhecimento, do sofrimento. Tenho que uma mente nova, purificada, é absolutamente necessária para se poder descobrir o que é verdadeiro, se existe Deus — ou o nome que quiserdes dar-lhe. Uma mente envelhecida, torturada, cheia de sofrimento, nunca poderá descobri-lo. E fazer do sofrimento coisa necessária, coisa que eventualmente nos levará ao céu, é absurdo. O Cristianismo enaltece o sofrimento como o caminho da iluminação. Mas é necessário estarmos livres do sofrimento, da escuridão; porque só então poderá brilhar a luz.

PERGUNTA: É-me possível existir livre de sofrimento, vendo tanto sofrimento ao redor de mim?

KRISHNAMURTI: Que achais? Ide ao Oriente, à Índia, à Ásia, e lá encontrareis o sofrimento em vasta escala — sofrimento físico, fome, degradação, pobreza. Esse é um aspecto do sofrimento. Visitai o mundo moderno, e aí encontrareis todos muito ocupados em decorarem sua prisão externa — imensamente ricos, prósperos, mas todos

também muito pobres interiormente, muito vazios; aí também se encontra o sofrimento. Que se pode fazer em presença desse fato? Que podeis fazer diante de meu próprio penar? Podeis socorrer-me? Pensai nisso a fundo, senhores!

Já falei cerca de uma hora, nesta manhã, a respeito do sofrimento e de como nos livrarmos dele. Estou-vos ajudando, ajudando--vos de fato, isto é, tornando-vos livres dele, ajudando-vos a não o levar de um dia para o outro, a viver totalmente livres de sofrimento? Estou-vos ajudando? Acho que não. Decerto, esse trabalho compete a vós mesmos, inteiramente. Só estou a indicar-vos o caminho. Um indicador de direção nenhum valor tem se ficamos sentados a estudá-lo, indefinidamente. Cada um tem de enfrentar a solidão, percorrê-la "até o fim", observando todas as suas implicações. Posso evitar os sofrimentos do mundo? Conhecemos não apenas nossa própria angústia e desespero, mas também os vemos estampados nos rostos dos outros. Podemos mostrar a porta por onde um homem pode tornar-se livre, mas quase todos querem transpor essa porta carregados. Rendem culto ao homem que, segundo pensam, os carregará; fazem-no o Salvador, o Mestre — e tudo isso é puro contra-senso.

PERGUNTA: Que utilidade tem para outra uma pessoa livre, se não pode prestar-lhe ajuda?

KRISHNAMURTI: Como somos utilitários! Desejamos fazer uso de outros em nosso próprio benefício, ou desejamos beneficiar a outros. De que serve uma flor à beira da estrada? De que serve uma nuvem atrás das monhanhas? De que serve o amor? Pode-se fazer uso do amor? A caridade tem alguma utilidade? A humildade tem utilidade? Existir sem ambição num mundo cheio de ambições, de que serve isso? Ser bondoso, delicado, generoso — isso nenhuma utilidade tem para o homem que não é generoso. Um homem livre nenhuma utilidade tem para o homem dominado pela ambição. E como quase todos nós vivemos dominados pela ambição, pelo desejo de êxito, aquele homem pouco significa para nós. Poderá falar-nos de liberdade, mas o que nos interessa é o êxito. Ele só poderá convidar-nos a passar à outra margem do rio, a ver a beleza do céu, a beleza do ser simples; a amar, ser bondosos, generosos, sem ambição. Mas são muito poucos os que passam para a outra margem; portanto, o homem que lá se encontra é de pouquíssima utilidade. Provavelmente o poreis num altar e o adorareis. E a isso vos limitais, mais ou menos.

PERGUNTA: "Viver com o sofrimento" implica prolongamento do sofrimento, e tememos prolongá-lo.

KRISHNAMURTI: Não foi isso, naturalmente, o que eu quis dizer. Para "viver com uma coisa" — a beleza ou a fealdade — requer-se muita intensidade. "Viver com estas montanhas", dia por dia — se não as sentirmos, se as não amarmos, se não lhe admirarmos a beleza, a todas as horas, igualar-nos-emos aos camponeses, que a elas se tornaram insensíveis. O belo, se não lhe somos sensíveis, corrompe tanto como o feio. "Viver com o sofrimento" é "viver com as montanhas", porque o sofrimento torna a mente embotada, estúpida. "Viver com o sofrimento" implica vigilância infinita, e isso não prolonga o sofrimento. No momento em que se percebe a totalidade da coisa, esta se desvanece. Quando uma coisa é percebida totalmente, está acabada. Ao conhecermos a estrutura completa do sofrimento, sua anatomia, sua "interioridade", sem formular teorias a seu respeito, porém observando o fato realmente, a sua totalidade — então o fato cai por si. A rapidez, a presteza do percebimento depende da mente. Mas se vossa mente não é simples, direta, se está repleta de crenças, esperanças, temores, desesperos, desejando modificar o fato, "o que é", nesse caso estais prolongando o sofrimento.

PERGUNTA: Nossos preconceitos barram-nos o caminho, e temos de vencê-los; e isso pode levar tempo.

KRISHNAMURTI: Senhor, ao perceber que está só, a pessoa percebe também, instantaneamente, que deseja fugir desse estado, não é verdade? O fato de que estou só e o fato de desejar fugir desse estado podem ser percebidos imediatamente, não? Posso também perceber instantaneamente que qualquer espécie de fuga é uma maneira de evitar o fato da solidão, a qual devo compreender. Não posso pô-la de parte.

A meu ver, nossa dificuldade consiste em estarmos muito apegados às coisas nas quais nos refugiamos; elas são para nós bem importantes, tornaram-se sumamente respeitáveis. Achamos que, se deixarmos de ser respeitáveis, só Deus sabe o que aconteceria. Por essa razão, torna-se de suma importância o apego à respeitabilidade, e deixa de ser relevante o fato de que precisamos compreender a solidão, ou o que quer que seja, totalmente.

PERGUNTA: Se não temos a necessária intensidade, que podemos fazer para a conseguirmos?

KRISHNAMURTI: Não estou certo se desejamos aquela intensidade. Ser "intenso" implica destruição, não é exato? Significa despedaçar todas as coisas que estamos acostumados a considerar tão importantes na vida. E, assim, o medo, talvez, nos impede de ser "intensos".

Todos nós, velhos e jovens, desejamos ser altamente respeitáveis, não é verdade? Respeitabilidade implica reconhecimento por parte da sociedade; e a sociedade só reconhece o que teve êxito, o que se tornou importante, famoso, e despreza o resto. Por isso, adoramos o êxito e a respeitabilidade. E quando pouco vos importa se a sociedade vos considera respeitável ou não, quando não buscais o êxito, não desejais tornar-vos *alguém*, existe então *intensidade* — e isso significa que não existe medo, nem conflito, nem contradição, interiormente; por conseguinte, dispondes de abundante energia para acompanhardes o fato "até o fim".

6 de agosto de 1961.

SAANEN — VII

Do Pensar Negativo

Se permitis, prosseguiremos com o que estávamos falando anteontem, ou seja sobre o significado da meditação. No Oriente, a meditação é uma prática diária de suma importância para aqueles que a exercem profundamente; mas talvez não seja tão importante nem tão séria no Ocidente. Mas, por ela envolver o processo total da vida, convém considerar o seu significado.

Seria de todo fútil limitarmo-nos a seguir palavras ou frases, permanecendo no mero nível verbal. Se apenas seguimos esta questão intelectualmente, isso é o mesmo que acompanhar um ataúde até a cova. Mas, se deveras a aprofundardes, ela vos revelará as coisas mais extraordinárias da vida. Como disse, não estamos lendo o primeiro capítulo de um livro, porquanto não tem fim o processo total da vida. Temos, porém, de considerar cada ponto que for surgindo.

Examinaremos a matéria com certa profundeza e amplitude, como o vereis; mas, antes disso, acho necessário compreender o que é pensamento negativo e o que é pensamento positivo. Não estou empregando as palavras "positivo" e "negativo" em sentidos opostos. Os mais de nós pensamos positivamente, acumulamos, adicionamos; ou, quando achamos conveniente, proveitoso, subtraímos. O pensamento positivo é imitativo, acomodatício, ajustando-se ao padrão da sociedade ou àquilo que deseja; e com esse pensamento positivo estamos quase todos satisfeitos. Para mim, tal pensamento não conduz a parte alguma.

Mas o pensamento negativo não é o oposto do pensamento positivo; constitui um estado, um processo completamente diferente; e,

a meu ver, impede compreender isso claramente, antes de prosseguirmos. Pensar negativamente é desnudar a mente de todo; pensar negativamente é quietar o intelecto, o repositório de reações.

Deveis ter notado que o intelecto está constantemente muito ativo, constantemente reagindo; o intelecto *tem* de reagir, senão morre. E, no seu reagir, ele cria "processos" positivos a que chama "pensar"; e todos esses processos são defensivos, mecânicos. Quem observa seu próprio pensar poderá ver que o que estou dizendo é muito simples, nada complicado.

O mais importante é manter-se o intelecto plenamente desperto e sensível, sem reagir; por essa razão, considero necessário pensar negativamente. Poderemos depois apreciar isso mais extensamente, mas, se compreendestes o que acabo de dizer, vereis que o pensamento negativo não implica esforço algum, ao passo que o pensamento positivo exige esforço; e esforço é conflito e implica consecução de objetivo, repressão, contradição.

Observai vossa própria mente, vosso próprio intelecto a funcionar; não vos limiteis a ouvir minhas palavras. As palavras não têm significação profunda, servindo unicamente para transmitir, comunicar algo. Se permanecerdes no nível verbal, não podereis ir muito longe.

Sabemos, pois, que — por motivo de nossa educação, meio cultural, influências sociais, religiosas, etc. — todos nós temos o intelecto muito ativo, mas a totalidade da mente está bem embotada. E tornar o intelecto tranqüilo e ao mesmo tempo plenamente sensível, ativo mas sem cultivar meios de defesa, isso é tarefa verdadeiramente árdua, como deveis saber se já considerastes esta matéria. E manter o intelecto extraordinariamente ativo, porém totalmente tranqüilo, isso nenhum esforço exige.

O esforço afigura-se à maioria de nós como uma parte de nossa existência; aparentemente, não podemos viver sem ele: o esforço para sairmos da cama de manhã, o esforço de irmos para a escola, o escritório, o esforço para sustentar uma atividade contínua, o esforço para amarmos alguém. Toda a nossa vida, do momento de nascermos ao momento de baixarmos à sepultura, é uma série de esforços. Esforço implica conflito; e nenhum esforço existe no observar as coisas tais como são, o fato, tal qual é. Mas nós nunca nos observamos como somos, consciente ou inconscientemente. Sempre tratamos de modi-

ficar, substituir, transformar, reprimir o que vemos em nós mesmos. Tudo isso gera conflito; e a mente, o intelecto que se acha em conflito nunca está quieto. E para pensarmos profundamente, penetrarmos mui profundamente, necessitamos de um intelecto que não esteja embotado, que não esteja disposto a dormir, que não se deixe narcotizar pela crença, pelas suas defesas — necessitamos de um intelecto intensamente ativo e ao mesmo tempo tranqüilo.

É o conflito que embota a totalidade da mente; assim, se desejamos investigar a questão da meditação, se desejamos penetrar profundamente a vida, temos, desde o início, de compreender o conflito e o esforço. Se tendes observado, deveis saber que nosso esforço é sempre para alcançarmos um alvo, tornar-nos alguma coisa, termos êxito; e por essa razão existe conflito e frustração, com o inerente sofrimento, esperança e desespero. E o que está sempre, a todos os momentos, em conflito, embota-se. Não conhecemos pessoas que vivem em contínuo conflito, e não sabemos como estão embotadas? Assim, para podermos ir muito longe e muito profundamente, temos de compreender perfeitamente a questão do conflito e do esforço. O esforço, o conflito resulta do pensamento positivo; quando há pensar negativo — a mais elevada forma do pensar — não há esforço, nem conflito.

Ora, todo pensar é mecânico, porquanto todo o pensar constitui uma reação de nosso fundo de experiência, nosso fundo de memória E, sendo mecânico, o pensar nunca pode ser livre. Poderá ser razoável, sensato, lógico, conforme o seu fundo (*background*), sua educação, seu condicionamento; mas o pensar nunca pode ser livre.

Não sei se já experimentastes descobrir o que é pensar, não me refiro à definição lexicológica da palavra, ou à respectiva idéia filosófica, mas pergunto se já observastes que o pensar é reação.

Prestai atenção, porquanto temos de examinar esta matéria. Quando vos faço uma pergunta familiar, respondeis imediatamente, porque estais familiarizado com a resposta. Se se faz pergunta um pouco mais complicada, há um retardamento da resposta, enquanto o intelecto está funcionando, a buscar na memória a resposta. Se a pergunta é mais complicada ainda, mais longo se torna o intervalo de tempo, durante o qual o cérebro está a pensar, a buscar, esforçando-se por achar a resposta. E se vos fazem uma pergunta com a qual não estais absolutamente familiarizado, dizeis: "Não sei". Mas esse "não

sei" representa um estado em que o intelecto está esperando achar uma resposta, seja consultando livros, seja perguntando a alguém; ele espera achar a resposta. Todo esse processo de pensar é, acho eu, muito fácil de perceber; é o que estamos fazendo a todas as horas, é a reação do intelecto, provinda de nosso depósito de experiências, conhecimentos.

Ora, o estado da mente que diz "não sei" e aguarda uma resposta difere por inteiro do estado da mente que diz "não sei" e não fica à espera de resposta. Espero estejais entendendo, porquanto, se isso não ficar bem claro, receio que não podereis compreender o que vem a seguir. Ainda estamos falando sobre meditação e penetrando o problema do intelecto e da mente. Se não se compreende a raiz do pensamento, é completamente impossível transcender o pensamento.

Há dois estados: o intelecto que diz "não sei" e procura resposta, e o outro estado de "não saber", por não haver resposta. Se isso ficar bem claro, podemos então passar a investigar a questão da atenção e da concentração.

Todos sabem o que é concentração. Sabe-o o colegial, quando deseja olhar para a janela e o professor lhe diz: "olhe para seu livro". O colegial obriga sua mente a olhar para o livro, quando seu desejo real é olhar pela janela; por conseguinte, há conflito. É familiar à maioria de nós esse processo de obrigar o intelecto a concentrar-se. E tal processo de concentração é processo de exclusão, não achais? Vedais o acesso, fechais a porta a qualquer coisa que perturbe a concentração. Por conseguinte, onde há concentração, há distração. Estais entendendo? Pois educam-nos para nos concentrarmos — que é processo de excluir, vedar — e por isso há distração, conflito.

Ora bem, a atenção não é processo de concentração, e nela não há distração. A atenção é coisa bem diversa, e vou agora apreciá-la.

Notai, por favor, que estamos falando de assunto muito sério; e vir aqui não é como ir a um concerto para divertimento. Este assunto requer grande trabalho de vossa parte, significa examinar sem nenhuma tendência para desejar ou não desejar. Se não podeis acompanhar-me seriamente, nesse caso ficai tranqüilamente a escutar, escutai as palavras e esquecei-as. Mas, se penetrardes profundamente, há muita coisa para descobrir. Porque vereis — enquanto vou aprofundando a questão — que a liberdade é necessária. Quando a mente está em conflito, fazendo esforço, não há liberdade; não a há, tampouco,

quando há concentração e resistência à distração. Mas, se compreendemos o que é a atenção, estamos então, também, começando a compreender que o conflito cessou completamente, existindo portanto a possibilidade de ficar a mente de todo livre — não apenas a mente superficial, senão também a mente inconsciente, onde se ocultam nossos secretos pensamentos e desejos.

Já sabemos o que é concentração; mas, que é atenção? Faço esta pergunta e a reação instintiva de cada um é achar a resposta, dar uma explicação, uma definição; e quanto mais engenhosa a explicação, mais satisfeitos ficamos. Não estou dando nenhuma definição; estamos investigando negativamente. Se se investiga com o pensar positivo, nunca se descobrirá a beleza da atenção. Mas, se compreendestes o que é pensar negativo — que não é pensar em termos de reação, e, nele, o intelecto não pede resposta alguma — descobrireis então o que é atenção. Vou examinar isso um pouco.

Atenção não é concentração; nela não há distração; na atenção não há conflito, não há busca de fim; o intelecto, portanto, está atento, o que significa que não tem fronteiras; está tranqüilo. Atenção é o estado mental em que desapareceu todo o conhecimento, e só há investigação.

Tentai, uma vez, uma coisa simples. Ao sairdes a passeio, ficai atento. Notareis como ouvireis, como vereis muito mais do que com o intelecto concentrado; porque atenção é um estado de "não saber" e, portanto, de investigação. O intelecto, então, investiga, sem causa, sem motivo — e essa é a investigação pura, a qualidade da verdadeira mente científica. Ela pode ter conhecimentos, mas seus conhecimentos não interferem na investigação. Por conseguinte, uma mente ativa é capaz de concentrar-se; mas sua concentração não é resistência nem exclusão. Estais-me seguindo?

Esse estado de atenção é próprio da mente que não está atulhada de informações, conhecimentos, experiências; o estado da mente que vive no "não saber". Isso significa que o intelecto, a mente, abandonou todas as influências, todos os preconceitos, todas as sanções; compreendeu a autoridade, dissolveu a ambição, a inveja, a avidez e está totalmente oposta à sociedade e sua moral. Ela já não *segue.* Essa mente já pode investigar.

Ora, para se investigar profundamente, requer-se silêncio. Se desejo admirar aquelas montanhas e ouvir a correnteza do rio, não

só o meu intelecto deve estar tranqüilo, mas também minha mente inteira — consciente e inconsciente — deve estar de todo quieta, para ouvir. Se o intelecto está a tagarelar, se a mente deseja apreender, segurar, então já não está vendo, escutando a beleza do som da corrente. A investigação, portanto, implica liberdade e silêncio.

Como sabeis, já se escreveram livros sobre como alcançar uma mente serena por meio da meditação e da concentração. Volumes já foram escritos acerca desta matéria — mas isso não significa que eu tenha lido qualquer deles. Pessoas que me procuram me têm falado a respeito deles. Exercitar a mente para se tornar silenciosa é puro contra-senso. Se treinais vossa mente para se tornar silenciosa, achai-vos então num estado de decadência, porquanto a mente que se ajusta por medo, por avidez, inveja ou ambição, é mente morta, embotada, estúpida. A mente embotada, estúpida, pode tornar-se quieta, mas permanecerá limitada e medíocre, e nada novo chegará a ela.

Assim, a mente atenta está isenta de conflito e, portanto, é livre; e essa mente é tranqüila, silenciosa. Não sei se já alcançastes este ponto; se o alcançastes, deveis saber que isso de que estou falando é meditação.

Nesse processo de autoconhecimento, descobrireis que a mente silenciosa não é mente morta, porém em extremo ativa. Sua atividade não é a atividade que visa a um objetivo, nem atividade de somar e subtrair; porque esse estado intensamente ativo se tornou existente sem busca e sem esforço algum; em todo o percurso, ela tudo compreendeu, cada fase de seu existir. Não houve repressão de espécie alguma e, portanto, não há medo, nem imitação, nem ajustamento. E se a mente faz estas coisas, não há possibilidade de silêncio.

Agora, que acontece depois disso? Até agora empregamos palavras para efeito de comunicação; mas a palavra não é a coisa. A palavra "silêncio" não é *o silêncio.* Portanto, compreendei isto: para existir o silêncio, a mente deve estar livre da palavra.

Ora, quando a mente está verdadeiramente tranqüila, portanto, ativa e livre, e não se está importando com a comunicação, a expressão, a realização — é então que há criação. Essa criação não é uma visão. Os cristãos têm visões do Cristo; e os hinduístas têm igualmente visões de seus pequenos deuses ou grandes deuses. Estão reagindo de acordo com seu condicionamento; estão projetando suas visões, e o que eles vêem nasce de seu próprio fundo (*background*); o que vêem

não é o fato, porém coisa "projetada" de seus desejos, ânsias, esperanças. Mas a mente atenta e silenciosa não tem visões, porque se libertou de todo o seu condicionamento. Destarte, essa mente sabe o que é a criação — que é coisa bem diferente da chamada "ação criadora" do músico, do pintor, do poeta.

Em seguida, se já alcançastes este ponto, vereis que há um estado mental fora do tempo e do espaço, em que, por conseguinte, se pode ver ou receber o imensurável. E o que se vê e se sente, tal como o estado de experimentar, pertencem ao momento e não são para guardar na memória.

Assim, aquela realidade imensurável, indenominável, que nenhuma palavra tem, aquela realidade só se manifesta quando a mente está toda livre e silenciosa, num estado de criação. O estado de criação não é um simples estado alcoólico, estimulado; mas quando uma pessoa compreendeu e passou por esse processo de autoconhecimento, e se acha livre de todas as reações de inveja, ambição e avidez, ver-se-á, então, que a criação é sempre nova e, por conseguinte, sempre destrutiva. E a criação nunca pode existir dentro da estrutura da sociedade, dentro da estrutura de uma individualidade limitada. Por conseguinte, a individualidade limitada a buscar a realidade nenhuma significação tem. E, quando há aquela criação, dá-se a total destruição de todas as coisas que um homem acumulou, e, por conseguinte, existe sempre o novo. E o novo é sempre verdadeiro, imensurável.

PERGUNTA: O "estado de atenção total" e o "desejo sem motivo" são a mesma coisa?

KRISHNAMURTI: Senhores, o desejo é uma coisa extraordinária, não achais? O desejo, para nós, é cheio de torturas; conhecemos o desejo como conflito e, por isso, lhe impusemos limitações. E nossos desejos são tão insignificantes, tão estreitos, tão mesquinhos, tão medíocres! Desejamos um carro, desejamos ser mais belos, desejamos conseguir algo. Vede como tudo isso é insignificante! E eu pergunto se existe desejo sem torturas, sem esperança e desespero. Existe. Mas isso não pode ser compreendido enquanto o desejo gerar conflito. Mas, havendo compreensão total do desejo, dos motivos, das torturas, das renúncias, da disciplina, dos tormentos que atravessamos — quando tudo isso foi compreendido, dissolvido, de modo que desapareceu completamente — então, talvez o desejo seja coisa diferente. Poderá

ser Amor. E o amor pode ter sua expressão própria. O amor não tem amanhã e não pensa no passado; e isso significa que o intelecto não atua sobre o amor. Não sei se já observastes isto: como o intelecto interfere no amor, diz que ele deve ser respeitável, divide-o como divino e pecaminoso, está sempre a moldá-lo, controlá-lo, guiá-lo, ajustando-o ao padrão da sociedade ou da própria experiência.

Há, porém, estado de afeição, de amor, no qual não interfere o intelecto; e esse amor talvez possa ser encontrado. Mas, por que comparar? Por que dizer "ele é assim ou assado"?

Senhores, não sei se já observastes uma gota de chuva que cai do céu. Essa gota é da mesma natureza que todos os rios e todos os oceanos, todas as torrentes, e da água que bebeis. Mas aquela gota de chuva não está pensando que irá ser o rio. Ela cai, completa, total. Da mesma maneira, quando a mente passou por todo esse processo de autoconhecimento, ela está completa. Nesse estado não há comparação. A criação não é comparativa; e porque é destrutiva, não contém em si nada de velho.

Sendo assim, devemos, não verbal ou intelectualmente, porém realmente, empenhar-nos nesse processo de autoconhecimento, agora e por todo o sempre, pois não há fim do autoconhecimento. E como não tem fim, não tem começo e, por conseguinte, está no presente.

Outra coisa sobre a qual desejo falar é esta: por que gostamos de adorar? Como sabeis, todos gostamos de adorar um símbolo, um Cristo, um Buda. Por quê? Eu poderia apresentar-vos uma multidão de explicações: gostamos de identificar-nos com algo que é maior do que nós; gostamos de entregar-nos a algo que pensamos ser verdadeiro; gostamos de estar na presença de algo sagrado, etc. Mas a mente que adora é mente que está a morrer, a declinar. Quer cultueis o herói que vai alcançar a Lua, o herói do passado ou do presente, quer cultueis o homem que vos fala de um palanque, tudo vem a ser a mesma coisa; se rendeis culto, o estado criador nunca se tornará existente, nunca poderá aproximar-se de vós. E a mente que não conhece esse estado extraordinário sofre perenemente. Assim, uma vez compreendido o problema do culto, ele morre, como o cair de uma folha no outono. Pode então a mente prosseguir, livre de barreiras.

8 de agosto de 1961.

SAANEN — VIII

Problemas e Temores

Ontem estivemos falando sobre a natureza da meditação e dissemos que, havendo liberdade, a mente pode penetrar muito fundo em si mesma. E esta manhã, pretendo considerar várias questões. Primeiramente, o medo, a seguir o tempo e a morte. Penso que essas coisas se relacionam entre si e que sem compreensão de uma delas não será possível compreender as outras. Se não compreendermos o processo integral do medo, não haverá possibilidade de compreendermos o que é o tempo; e no "processo" da compreensão do tempo estaremos aptos a examinar a importante questão da morte. A morte deve ser um fato extraordinário. Assim como é a vida, com sua exuberância, sua riqueza, sua variedade e plenitude, assim deve ser a morte. A morte, sem dúvida, deve ser portadora de novidade, verdor, purificação. Mas, para compreender tão vasta questão, é óbvio que a mente deve estar livre do temor.

Cada um de nós tem muitos problemas, tanto externos como internos, e os problemas interiores excedem os exteriores. Se compreendermos os problemas interiores, se os penetrarmos profundamente, os problemas exteriores se tornarão então bastante simples e claros. Mas o problema exterior não difere do problema interior. É um só movimento, como o das marés. E se seguimos apenas o movimento exterior e por aí ficamos, não poderemos compreender o movimento interior dessa maré. Tampouco compreenderemos o movimento interior, se simplesmente evitamos ou abandonamos a compreensão do exterior. É um só movimento, que chamamos exterior e interior.

Em geral, somos preparados para observar a maré exterior, o movimento que se dirige para fora; mas, nessa direção, o problema cresce mais e mais. E, sem a compreensão desses problemas, é impossível o movimento para dentro, a observação interior.

Infelizmente, tanto temos problemas externos — sociais, econômicos, políticos, religiosos, etc. — como temos os problemas interiores atinentes ao que devemos fazer, como nos devemos comportar, como corresponder aos vários desafios da vida. Parece que tudo o que tocamos, exterior ou interiormente, cria mais problemas, mais angústias, mais confusão. É bem evidente à maioria de nós, que estamos observando, vivendo, que tudo o que tocamos com nossas mãos, com nossa mente, com nosso coração, aumenta os nossos problemas: criam-se mais sofrimentos, mais confusão. E, a meu ver, poderemos compreender todos os nossos problemas ao compreendermos o medo.

Não estou empregando a palavra "compreender" intelectual ou verbalmente, porém referindo-me ao estado de compreensão que nasce quando percebemos, vemos o fato, não apenas vistualmente, mas também interiormente. Ver o fato implica um estado em que não há justificação ou condenação, porém, tão-só, observação, percepção de uma coisa sem interpretá-la. Porque toda interpretação deforma. A compreensão é instantânea quando não há justificação, condenação ou interpretação.

Isso é difícil para a maioria de nós, porque pensamos que a compreensão é questão de tempo, de comparação, de acumulação de mais informações, mais conhecimento. Mas a compreensão nada disso exige. Só uma coisa ela exige, que é o percebimento direto, o ver diretamente, sem interpretação ou comparação. Assim, não havendo compreensão do medo, os nossos problemas crescem, invariavelmente.

Ora, que é o medo? Cada um de nós tem sua "série" própria de temores. Posso ter medo do escuro, medo da opinião pública, medo da morte, medo de não ter êxito na vida, de não ter capacidade, de me sentir inferior. A cada volta que dá, a mente encontra o temor; cada sussurro do pensamento gera, consciente ou inconscientemente, essa coisa terrível que chamamos medo.

Que é, pois, o medo? Fazei, por favor, esta pergunta a vós mesmos. É algo isolado, só, não relacionado, ou está sempre em relação com alguma coisa? Espero estejais compreendendo o que quero dizer, pois não nos estamos entretendo com psicanálise. Estamos tentando

descobrir se é possível libertar a mente do medo — não aos poucos, porém totalmente, completamente. E para o descobrirmos, cabe-nos investigar o que é o temor, como nasce; e para averiguarmos isso devemos investigar o pensamento, não apenas o pensar consciente, mas também o inconsciente, as camadas profundas de nosso próprio ser. Investigar o inconsciente, por certo, não é processo de análise; porque, quando eu analiso, ou outro analisa, há sempre o observador, o analista que está analisando, e por conseguinte há divisão, dissimilaridade e, portanto, conflito.

Desejo investigar como nasce o medo. Não sei se estamos cônscios de nossos temores, e como deles estamos conscientes. Estamos cônscios apenas de uma palavra, ou estamos diretamente em contato com a causa do medo? A causa do medo é fragmentária? Ou é uma totalidade, com várias expressões de medo? Eu posso ter medo da morte, vós podeis temer vosso vizinho ou a opinião pública, outrem pode temer o domínio da mulher ou do marido; mas a causa deve ser uma só. Não existem, por certo, várias causas diferentes a produzirem diferentes variedades de medo. E o descobrimento da causa do medo liberta a mente do medo? Se sei, por exemplo, que temo a opinião pública, isso me liberta a mente do temor? O descobrimento da causa do medo não é libertação do medo.

Procurai compreender isso, por favor; não dispomos de tempo para entrarmos em muitas particularidades a esse respeito, pois temos hoje uma vasta matéria para considerar.

O conhecimento da causa, ou das numerosas causas geradoras de temor, descarregará a mente do temor? Ou há necessidade de algum outro elemento?

Ao investigar o que é o medo, não só temos de estar cônscios das reações exteriores, mas também temos de observar o inconsciente. Estou empregando a palavra "inconsciente" num sentido muito simples, não filosófico, psicológico ou analítico. O inconsciente são os motivos ocultos, os pensamentos sutis, os secretos desejos, cumpulsões, ânsias, exigências. Pois bem. Como examinamos ou observamos o inconsciente? É bastante simples observar o consciente, pelas suas reações de gosto e desgosto, dor e prazer; mas como investigar o inconsciente sem a ajuda de outrem? Porque, se temos ajuda de outrem, este outrem pode ter preconceitos, limitações, pervertendo assim tudo o que interpreta. Por conseguinte, como iremos examinar,

sem interpretação, essa coisa vastíssima que se chama a mente oculta — examiná-la, absorvê-la, compreendê-la totalmente, e não a pouco e pouco? Porque, se a examinarmos fragmentariamente, cada exame deixará sua marca, e com esta marca iremos examinar o próximo fragmento, agravando assim a deformação. Por conseguinte, nenhuma clareza se alcança pela análise. Não sei se estais percebendo o que estou dizendo.

Podemos ver, sem dúvida, que o descobrimento da causa do medo não liberta a mente do medo, e que a análise não traz, tampouco, a libertação dele. Há necessidade de compreensão total, descobrimento completo da totalidade do inconsciente; e como iniciar esta investigação? Percebeis o problema?

A mente inconsciente, decerto, não pode ser observada por meio da mente consciente. A mente consciente é coisa recente; "recente" no sentido de que foi condicionada para ajustar-se ao ambiente; foi recentemente moldada, pela educação, para adquirir certas técnicas a fim de viver, obter o sustento pessoal; ela contém memórias cultivadas, sendo, portanto, capaz de levar uma vida superficial, numa sociedade intrinsecamente apodrecida e estúpida. A mente consciente pode ajustar-se, pois esta é sua função. E quando é incapaz de adaptar-se ao ambiente, manifesta-se então uma neurose, um estado de contradição, etc. Mas a mente educada, a mente recentemente formada, não pode de modo nenhum investigar o inconsciente, que é antigo, que é resíduo do tempo, de todas as experiências raciais. O inconsciente é o repositório de ilimitado conhecimento das coisas que *foram*. Assim, como pode a mente consciente observá-lo? Não pode, porque está condicionada, limitada pelos conhecimentos recentes, pelos recentes incidentes, experiências, lições, ambições e ajustamentos. Essa mente consciente de modo nenhum pode olhar o inconsciente, e isso me parece bastante compreensível. Por favor, isto aqui não é questão de concordar ou discordar; se começais a dizer "Tendes toda a razão" ou "Não tendes razão" — isso nada significa, e ficamos na mesma confusão. Se se percebe imediatamente a importância que isso tem, não há concordar nem discordar, porque estamos então investigando.

Pois bem. Que é necessário para investigarmos o inconsciente, trazermos à luz todo o resíduo, purificarmos totalmente o inconsciente, de modo que não crie as contradições geradoras de conflito? Como proceder à investigação do inconsciente, sabendo-se que uma mente

educada é incapaz de observá-lo, e também o é o analista, com seu exame fragmentário? Como olhar essa mente prodigiosa que encerra tão vastos tesouros, repositório de experiências, de influências raciais e climáticas, de tradições, de impressões constantes? Como trazer tudo isso à luz, fragmentária ou totalmente? Se não compreendeis o problema, nesse caso nenhuma significação tem prosseguirmos investigando. O que estou dizendo é que, se o inconsciente for examinado fragmentariamente, isso nunca terá fim, porque o próprio fato de o examinar e interpretar fragmentariamente fortalece as camadas da mente oculta. Ela deve ser examinada como um quadro total. Por certo, o amor não é fragmentário; ele não pode ser dividido em divino e profano, ou posto em várias categorias de respeitabilidade. O amor é coisa total, e a mente que disseca o amor nunca saberá o que é o amor. Para se sentir, compreender o amor, não devemos considerá-lo de maneira fragmentária.

Assim, se isso está realmente claro — isto é, que a totalidade não pode ser compreendida mediante fragmentação — operou-se, então, uma mudança, não achais? Não sei se estais alcançando a idéia que estou transmitindo.

Pois bem. Temos de abeirar-nos da mente inconsciente de maneira negativa, pois não sabemos o que ela é. Sabemos o que outras pessoas têm dito a seu respeito e ocasionalmente temos conhecimento dela por meio de sugestões interiores, intuições. Mas não lhe conhecemos todos os meandros e voltas, a qualidade extraordinária do inconsciente, todas as raízes. Por conseguinte, para compreendermos uma coisa que não conhecemos, temos de abeirar-nos dela de maneira negativa, com uma mente que não está em busca de resposta.

Falamos há dias acerca do pensar positivo e do pensar negativo. Eu disse então que o pensar negativo é a mais elevada forma do pensar; e que todo pensar, positivo ou negativo, é limitado. O pensamento positivo nunca é livre; mas o pensamento negativo pode ser livre. Por conseguinte, a mente negativa, ao observar o inconsciente, que desconhece, está em relação direta com ele.

Vede, por favor, isto não é algo de estranho, um novo culto, uma nova maneira de pensar — pois tudo isso é sem madureza, infantil. Mas, quando desejamos descobrir por nós mesmos o que é o medo e ficar totalmente livres dele, não fragmentariamente, porém de maneira

completa, cabe-nos investigar as profundezas de nossa mente. E esse investigar não é um processo positivo. Nenhum instrumento de cavar pode ser criado ou fabricado pela mente superficial. O que a mente consciente pode fazer é apenas ficar quieta, abandonar voluntariamente, facilmente, todos os seus conhecimentos, capacidades, dons, tornar-se independente de todas as suas técnicas. Assim fazendo, ela se põe num estado negativo. Mas, para fazê-lo, é preciso compreender o pensamento.

O pensamento, — a totalidade do pensamento e não apenas um ou dois pensamentos — não gera medo? Se não houvesse amanhã, ou o próximo minuto, haveria temor? O morrer para o pensamento é o fim do medo. E todo estado consciente é pensamento.

Chegamos, agora, à coisa que se chama tempo. Que é o tempo? Existe o tempo? Existe o tempo marcado pelo relógio e pensamos que existe também tempo interior, psicológico. Mas existe o tempo, afora o tempo cronométrico? É o pensamento que cria o tempo; porque o pensamento também é produto do tempo, de muitos dias passados: "Fui *aquilo*, sou *isto* e serei *aquilo*". Para se ir até à Lua, necessita-se de tempo; precisa-se de muitos dias, muitos meses para montar o foguete; e adquirir os conhecimentos necessários para montar o foguete, também requer tempo. Mas tudo isso é tempo mecânico, tempo cronométrico. Há uma distância a transpor para se ir à Lua, e a distância está também compreendida na esfera do tempo, na esfera das horas, dias, meses. Mas, afora esse tempo, existe *o tempo*? Por certo, o pensamento criou o tempo. Há pensamento: preciso tornar-me mais inteligente, descobrir como competir, tentar alcançar êxito; como poderei tornar-me respeitável, subjugar minhas ambições, minha cólera, minhas brutalidades? E esse constante processo de pensar, que constitui parte do intelecto mecânico, gera o tempo. Mas, se o pensamento cessa, existe o tempo? Entendeis? Se cessa o pensamento, existe medo? Temo, por exemplo, a opinião pública — o que digam a meu respeito, o que pensem sobre mim. O pensar nisso gera medo. Se não houvesse pensamento, eu pouco me importaria com a opinião pública e, por conseguinte, não haveria temor. Começo, pois, a descobrir que o pensamento gera o medo, que o pensamento resulta do tempo. E o pensamento, que é o resultado de muitos dias passados, modificado por todas as experiências do presente, cria o futuro — que é ainda pensamento.

Assim, todo o conteúdo da consciência é processo de pensamento; portanto, está confinado no tempo. Espero me estejais seguindo.

Ora, pode a mente libertar-se do tempo? Não falo em ser livre do tempo cronológico — pois isso significaria insanidade, desequilíbrio mental. Refiro-me ao tempo como meio de realização, de sucesso, ser algo amanhã, "vir a ser" ou "não vir a ser"; como preenchimento e frustração, como renúncia a uma coisa e aquisição de outra. E isso significa que a questão é a seguinte: Pode o pensamento — que é a totalidade da consciência, tanto a revelada como a não revelada, — morrer completamente, deixar de existir? Quando isso acontece, compreendestes a totalidade da consciência.

Conseguintemente, morrer para o pensamento — para o pensamento que conhece prazeres, que sofre, o pensamento que conheceu a virtude, que conheceu relações, que se tinha tornado existente e expressado de várias maneira, sempre dentro da esfera do tempo — é morte total. Não me refiro à morte mecânica, orgânica, à morte corporal. Poderão os cientistas inventar uma droga que possibilite a existência orgânica do corpo por cento e cinqüenta ou duzentos anos — para quê, meu Deus! — mas não é disso que estamos tratando. Estamos tratando do morrer em que não há medo.

Pode, pois, a mente morrer para tudo o que conheceu, isto é, o passado, que é morte? É disso que todos temos medo — da morte, de cessar subitamente, sobre o que não adianta argumentar. Não se pode argumentar com a morte: ela é o fim. E cessar significa morrer para o pensamento e, por conseguinte, para o tempo.

Não sei se já experimentastes isso alguma vez. É relativamente fácil morrer para o sofrimento; todos desejam isso. Mas não é possível morrer para os prazeres, as coisas que temos acalentado, as lembranças que nos dão estímulo, que nos dão um sentimento de bem-estar, morrer para tudo o que está contido no tempo? Se investigastes isso, se fizestes isso, vereis que a morte tem significado completamente diferente da morte resultante do declínio físico.

Mas nós não morremos para todas essas coisas; em vez disso, de momento a momento nos estamos decompondo, corrompendo, deteriorando, fenecendo. Morrer implica descontinuidade do pensamento. Podemos dizer: "Isso é muito difícil e, se o fazemos, que valor tem?" — Mas não é difícil; só requer enorme energia e capacidade de penetração. Exige uma mente jovem, fresca, destemida e, portanto, livre

do tempo. E que valor tem isso? Talvez nenhum valor utilitário; morrer para o pensamento e, portanto, para o tempo, significa descobrir o estado criador, o estado que constantemente destrói e a cada segundo cria tudo de novo. Nisso não há deterioração, não há fenecer. Só o pensamento fenece — o pensamento gerador do centro que se torna "eu" e "não-eu", só ele conhece declínio.

Assim, morrer para todas as coisas que a mente acumulou, juntou, experimentou, cessar instantaneamente, isto é, criação na qual não existe continuidade. O que tem continuidade está sempre em declínio. Não sei se já notastes esse perene ansiar pela continuidade, que quase todos temos, o desejo de continuidade de uma dada relação entre marido e mulher, pai e filho, etc. As relações, quando são contínuas, se estão decompondo, estão mortas, não têm valia. Mas, quando morremos para a continuidade, há renovação, frescor.

Pode, pois, a mente experimentar diretamente o que é a morte, sendo isso deveras extraordinário. Em geral não sabemos o que é o viver; e, por conseguinte, não conhecemos o morrer. Sabemos o que é lutar, sabemos o que é inveja, conhecemos as brutalidades da existência, a vulgaridade de tudo, os rancores, ambições, corrupções, conflitos. Conhecemos tudo isso; é nossa vida. Mas não conhecemos a morte, e, por isso, a tememos. Talvez, se soubéssemos o que é viver, saberíamos o que é morrer. Viver, por certo, é um movimento atemporal em que a mente já não está acumulando. No momento em que acumulamos, entramos num estado de decadência. Porque, seja uma experiência importante, seja uma experiência insignificante, em torno dela construímos a muralha da segurança.

Assim, saber o que é viver significa morrer a cada minuto para as coisas que adquirimos, os prazeres interiores, as dores íntimas — não no progredir do tempo, porém morer para cada coisa que surge. Vereis então, ao alcançardes esse ponto, que a morte é como a vida. O viver não está então separado do morrer, e isso proporciona um extraordinário sentimento de beleza. Esta beleza transcende o pensamento e o sentimento; e ela não pode ser usada como um composto, para pintar um quadro, escrever um poema ou tocar um instrumento. Essas coisas são irrelevantes. Há uma beleza que desponta quando a vida e a morte são a mesma coisa, quando viver e morrer são termos sinônimos; porque então a vida e a morte tornam a mente rica, total, completa.

PERGUNTA: Podemos fazer perguntas acerca deste ponto?

KRISHNAMURTI: Alguns parecem tão dispostos a fazer perguntas, que fico em dúvida sobre se estiveram *escutando* o orador. Estivestes escutando, ou estivestes ocupado, formulando vossas perguntas? Compreendeis? Já que estáveis formulando as perguntas, não estáveis escutando. Não o digo por indelicadeza, crede-o; estou apenas assinalando o fato. Se estivésseis *escutando* esta palestra, vossas perguntas já estariam respondidas.

PERGUNTA: Na investigação do medo, não há perigo de desordem mental?

KRISHNAMURTI: Pode haver maior perigo de desordem mental do que na mentalidade com que estamos vivendo hoje em dia? Não estamos todos — se me perdoais assinalá-lo — um tanto ou quanto mentalmente desordenados? Não quero ser indelicado; não é minha intenção ou idéia julgar-vos. Mas existe essa grande procupação sobre o perigo de aumento das doenças mentais. Sabeis o que nos está pondo doentes? Não é a investigação do temor. As guerras, o comunismo, o fanatismo religioso, a ambição, a competição, o esnobismo — essas coisas são sintomas de uma pessoa mentalmente doente. Por certo, a investigação do medo e o libertar a mente do medo é a mais sã das coisas. Essa pergunta indica — não é exato? — que consideramos a atual sociedade uma coisa maravilhosa. Os que têm um substancial depósito no banco e estão bem de vida devem achar que está tudo certo, e não desejam perturbações. Mas a vida é bem perturbadora, sobremodo destrutiva; e é disso que temos medo. Não estamos interessados no viver, no ser livre de medo; mas desejamos encontrar um cantinho onde ficar em segurança e conforto, a decompor-nos sossegadamente. Senhores, isto não é retórica; é nosso desejo interior, nosso desejo secreto. Buscamos essa segurança em todas as relações. Quanto ciúme e quanta inveja existem em nossas relações! Quanto ódio, quanta esposa abandona o marido ou o marido "foge com outra"! Como buscamos o beneplácito da sociedade e as bênçãos da igreja! Senhor, são todas essas coisas que ocasionam a deterioração, a destruição da sanidade mental.

PERGUNTA: Estas coisas são inteiramente novas para nós e acho que temos de "continuar com elas".

KRISHNAMURTI: Senhor, não podeis "continuar com elas". Se o fazeis, elas se tornam meras idéias, e as idéias não podem criar nada novo. Estamos falando sobre a destruição total das coisas que a mente construiu interiormente. Não se pode "continuar" com a destruição; se o fizerdes, isso será, meramente, *construção*, levantamento de uma nova estrutura contra aquilo que deve ser destruído.

Nós necessitamos de uma mente nova, uma mente jovem, um novo coração, uma mente purificada, juvenil, decidida; e para se ter essa mente, tem de haver destruição; tem de haver criação sempre nova.

10 de agosto de 1961.

SAANEN — IX

Mentalidade Religiosa

Esta é a última palestra desta concentração. Durante estas palestras, estivemos tratando de muitos assuntos e penso que deveríamos considerar nesta manhã o que é a mente religiosa. Desejo examinar esta questão com certa profundeza, porque creio que só essa mente pode resolver os nossos problemas, não só os problemas políticos e econômicos, mas também os problemas mais fundamentais da existência humana. Antes de começarmos, acho oportuno repetir o que já dissemos noutra ocasião, ou seja, que a mente *séria* é a mente que está decidida a penetrar até à raiz das coisas, para descobrir o que, nelas, há de verdadeiro e de falso; a mente que não se detém a meio caminho e não se deixa distrair por considerações de outra ordem. Espero que nesta concentração tenha ficado suficientemente demonstrado existirem pelo menos uns poucos que são ardorosos e capazes disso.

Estamos todos bem familiarizados com a presente situação mundial, sendo desnecessário nos falem dos embustes, da corrupção, das desigualdades sociais e econômicas, do perigo de guerras, da perene ameaça do Oriente contra o Ocidente, etc. Para se compreender toda esta confusão e produzir a claridade, deve haver uma radical transformação da mente em si, e não apenas uma reforma de remendos ou mero ajustamento. Para abrirmos caminho através dessa confusão existente não apenas no exterior, mas também dentro em nós; para enfrentarmos eficazmente as crescentes tensões e exigências, necessitamos de uma revolução radical na própria *psique*, de uma mentalidade inteiramente nova.

Para mim, revolução é sinônimo de religião. Com a palavra "revolução" não me refiro a imediatas reformas econômicas ou sociais, porém a uma revolução na própria consciência. Todas as outras formas de revolução, seja comunista, seja capitalista, seja qual for, são puramente reacionárias. Uma revolução na mente — que significa total destruição do que *foi*, para que a mente se torne capaz de ver sem deformação e sem ilusão o que é verdadeiro — essa é a ação própria da religião. Penso que a mente real, a verdadeira mente religiosa, existe, pode existir. E ela pode ser descoberta por quem nisso penetrou com profundeza. A mente que deitou abaixo, que destruiu todas as barreiras, todas as mentiras que lhe impôs a sociedade, a religião organizada, o dogma, a crença, e passou além para descobrir o verdadeiro, essa é a verdadeira mente religiosa.

Consideremos, pois, em primeiro lugar, a questão da experiência. Nosso intelecto resulta de experiência secular; o intelecto é o depósito da memória. Sem essa memória, sem essa acumulação de experiência e conhecimento, ser-nos-ia completamente impossível funcionar como entes humanos. A experiência, a memória, são obviamente necessárias num certo nível. Mas, por igual me parece óbvio que toda experiência baseada no condicionamento pelo saber, pela memória, é necessariamente limitada. Por conseguinte, a experiência não é fator de libertação. Não sei se já pensastes nisso.

Toda experiência é condicionada pelas precedentes. Portanto, não há experiência nova, porque cada experiência traz sempre o colorido do passado. No próprio processo de experimentar existe a deformação proveniente do passado, sendo o passado: conhecimento, memória, várias experiências acumuladas, não só as individuais, mas também as da raça, da coletividade. Ora, é possível rejeitarmos toda essa experiência?

Não sei se já considerastes a questão da rejeição, o que significa rejeitar uma coisa. Significa capacidade para rejeitar a autoridade do conhecimento, rejeitar a autoridade da experiência, rejeitar a autoridade da memória, rejeitar sacerdotes, igrejas, tudo que foi imposto à psique. Para a maioria de nós, só há duas maneiras de rejeitar — por meio do saber ou por meio de reação. Rejeitais a autoridade do sacerdote, da igreja, da palavra escrita, do livro, ou porque estudastes, investigastes, acumulastes outros conhecimentos, ou porque não gostais da coisa e reagis contra ela. Mas a verdadeira rejeição significa rejeitar

sem saber o que acontecerá depois, sem esperanças para o futuro. Dizer: "Não sei o que é verdadeiro, mas *isto* é falso", isso, decerto, representa a única rejeição verdadeira, porquanto não provém do conhecimento calculista nem de reação. Afinal de contas, se sabeis de antemão o resultado de vossa rejeição, trata-se então de mera troca, mera transação; por conseqüência, isso não é de modo nenhum a verdadeira rejeição.

Acho necessário compreender isso um pouco, examiná-lo com certa profundeza, porquanto desejo averiguar, por meio de rejeição, o que é a verdadeira mente religiosa. Tenho para mim que por meio da rejeição se pode descobrir o que é verdadeiro. Não se pode descobrir o que é verdadeiro por meio de asserção. É preciso limpar completamente a lousa de tudo o que é conhecido, antes que se possa descobrir o verdadeiro.

Vamos, pois, averiguar o que é a mente religiosa, por meio da rejeição, isto é, por meio da negação, por meio do pensar negativo. E, evidentemente, não há investigação negativa quando a rejeição se baseia no conhecimento, na reação. Espero esteja bem claro isso. Se rejeito a autoridade do sacerdote, do livro ou da tradição, porque não gosto dela, isso é mera reação, porquanto substituo por outra coisa aquilo que rejeitei; e se rejeito porque possuo suficientes conhecimentos, fatos, informações, etc., nesse caso o meu saber se torna o meu refúgio. Mas existe uma rejeição que não é produto do conhecimento, porém proveniente da observação, do perceber uma coisa como é, o fato que ela é; e essa é a rejeição verdadeira, porquanto deixa a mente purificada de todas as suposições, ilusões, autoridades, desejos.

É possível, pois, rejeitar a autoridade? Não me refiro à autoridade do policial, da lei do país, etc.; rejeitá-la seria estúpido, infantil, e nos levaria à prisão. Refiro-me, sim, à rejeição da autoridade imposta pela sociedade à psique, à consciência, muito profundamente; rejeitar a autoridade de toda experiência, todo conhecimento, de modo que a mente fique num estado de não saber o que acontecerá, sabendo apenas o que não é verdadeiro.

Se penetrardes até aí, isso vos dará um extraordinário sentimento de integração, de não vos estardes debatendo entre desejos contraditórios, em conflito. Ver o que é verdadeiro, o que é falso, ou ver

o verdadeiro no falso, isso vos dá um sentimento de percepção real, vos dá clareza. Está a mente então numa posição — uma vez que destruiu todas as seguranças, temores, ambições, vaidades, visões, propósitos, tudo — num estado em que se acha completamente só, não influenciada.

Por certo, para encontrar a realidade, encontrar Deus — ou o nome que preferirdes — a mente deve estar só, livre de influências, porque ela é então uma mente pura; e uma mente pura pode prosseguir. Ao ocorrer a destruição completa de todas as coisas que a mente criou em si mesma, como segurança, como esperança e como resistência contra a esperança — que é o desespero — etc., surge então, seguramente, um estado de destemor no qual a morte não existe. A mente que está só, está vivendo integralmente e nesse viver há um morrer a cada minuto; por conseguinte, para essa mente não existe a morte. Isso é realmente extraordinário para quem penetrou nesse estado; descobris, então, por vós mesmo, que a morte não existe. Existe, tão-só, aquele estado de austeridade pura, da mente que está só.

Essa solidão não é isolamento; não é fuga para uma torre de marfim; não é abandono. Tudo isso ficou para trás, foi esquecido, dissipado, destruído. Essa mente, por conseguinte, sabe o que é destruição; e precisamos conhecer a destruição, senão não poderemos achar nada novo. E que medo temos de destruir tudo o que acumulamos!

Há um ditado sânscrito: "As idéias são os filhos das mulheres estéreis". E parece que a maioria de nós gosta de se entreter com idéias. Podeis estar considerando estas nossas palestras como uma troca de idéias, "processo" de aceitar idéias novas e abandonar idéias velhas, ou "processo" de rejeitar idéias novas e conservar as velhas. Não nos estamos ocupando com idéias, absolutamente. Estamo-nos ocupando com fatos. E quando estamos interessados nos fatos, não há ajustamento; ou aceitamos o fato, ou o rejeitamos. Podeis dizer: "Não gosto destas idéias, prefiro as velhas, e continuarei a viver no meu próprio padrão" — ou podeis aceitar o fato. Não podeis transigir, não podeis ajustar. Destruição não é ajustamento. Ajustar, dizer: "Devo ser menos ambicioso, não devo ser tão invejoso" — isso não é destruição. E devemos, decerto, perceber a verdade de que a ambição, a inveja, é feia, estúpida, e que é necessário destruir todos esses absurdos. O amor nunca ajusta. Só o desejo, o medo, a espe-

rança, ajustam. Eis por que o amor é uma coisa destrutiva, pois se recusa a adaptar-se, a ajustar-se a qualquer padrão.

Começamos, pois, a descobrir que, havendo destruição de toda autoridade que o homem criou para si mesmo, no desejo de se pôr em segurança interiormente, há criação. Destruição é criação.

Em seguida, se abandonastes as idéias, e não vos estais ajustando a vosso próprio padrão de existência ou a um novo padrão que, pensais, este orador está criando — se alcançastes esse ponto, descobrireis que o intelecto pode e deve funcionar unicamente em relação às coisas exteriores, corresponder tão-só às exigências exteriores; por conseqüência, o intelecto se torna completamente tranqüilo. Isso significa que a autoridade de suas experiências terminou e, portanto, é incapaz de criar ilusões. E descobrir o que é verdadeiro, isso é essencial, para que termine o poder de criar a ilusão, em qualquer forma que seja. E o poder de criar a ilusão é o poder do desejo, do desejar ser *isto* e não desejar ser *aquilo*.

O intelecto, pois, deve funcionar neste mundo com raciocínio, com sanidade, com clareza; mas, interiormente, ele deve estar completamente quieto.

Dizem os biologistas que o cérebro levou milhões de anos para evolver até o seu estado atual, e levará outros milhões de anos para evolver mais. Mas a mente religiosa não depende do tempo para sua evolução. Eu gostaria que compreendêsseis isto. O que desejo transmitir é que quando o cérebro, o intelecto — que deve funcionar com suas reações à existência externa — se torna quieto interiormente, não existe mais o mecanismo de acumulação de experiência e conhecimento e, por conseguinte, o intelecto está completamente quieto, porém plenamente vivo e pode então saltar por sobre milhões de anos.

Vemos, pois, que para a mente religiosa o tempo não existe. Só existe o tempo quando um estado de continuidade passa para outro estado de continuidade e de realização. Quando a mente religiosa destruiu as autoridades do passado, as tradições, os valores que lhe foram impostos, é ela então capaz de existir sem o tempo. Está então plenamente desenvolvida. Porque, ao negarmos o tempo, negamos todo o desenvolvimento através do tempo e do espaço. Notai, por favor, que isto não é uma idéia; não é uma coisa para com ela nos entretermos. Se passastes por isso, sabeis o que é o amor, achai-vos

naquele estado; mas, se não passastes por isso, podeis então apossar-vos destas idéias e entreter-vos com elas.

Vedes, pois, que destruição é criação; e na criação não existe o tempo. A criação é aquele estado em que o intelecto, tendo destruído todo o passado, está completamente quieto e, portanto, no estado em que não existe tempo nem espaço, para crescer, expressar-se, "vir a ser". E esse estado de criação não é a criação de uns poucos indivíduos prendados — pintores, músicos, escritores, arquitetos. Só a mente religiosa pode encontrar-se num estado de criação. E a mente religiosa não é aquela que pertence a certa igreja, crença, dogma — essas coisas só podem condicionar a mente. Ir à igreja todas as manhãs e render culto a este ou àquele não vos torna uma pessoa religiosa, embora a sociedade respeitável possa considerar-vos como tal. O que faz a pessoa religiosa é a destruição total do conhecido.

Nessa criação há um sentimento de beleza; uma beleza não construída pelo homem; uma beleza que transcende o pensamento e o sentimento. Afinal, o pensamento e o sentimento são puras reações; e a beleza não é reação. Possui a mente religiosa aquela beleza — que não é a mera apreciação das montanhas graciosas, da torrente impetuosa, porém um sentimento bem diferente da beleza — e de par com ela está o amor. Não se me afigura possível separar a beleza do amor. Como sabeis, para a maioria de nós o amor é coisa dolorosa, porque é sempre acompanhado do ciúme, do ódio e dos instintos de posse. Mas esse amor de que falamos é um estado em que se acha presente a chama sem fumo.

A mente religiosa, pois, conhece essa destruição completa, total, e sabe o que significa achar-se num estado de criação, estado que não se pode comunicar. E nela existe o sentimento da beleza e do amor, que são inseparáveis. O amor não é divisível em amor divino e amor físico. É Amor. E não é necessário dizer que ele se acompanha, naturalmente, de um sentimento de paixão. Não se pode ir muito longe sem paixão — paixão, que é intensidade. Não a intensidade do desejar alterar algo, fazer algo, a intensidade que tem causa, de modo que se se remove a causa a intensidade desaparece. Não é um estado de entusiasmo. A beleza só pode existir quando há a paixão, que é austera; e a mente religiosa, encontrando-se nesse estado, tem uma força de qualidade peculiar.

Sabeis que, para nós, força é o resultado da vontade, de muitos desejos entrelaçados que formam a corda da vontade. E essa vontade, para a maioria de nós, significa resistência. O processo de resistir a uma coisa ou de buscar um resultado desenvolve a vontade e essa vontade é geralmente chamada força. Mas a força a que nos referimos nada tem em comum com a vontade. É força sem causa. Não pode ser utilizada, mas sem ela nada pode existir.

Assim, quando uma pessoa penetrou profundamente no descobrimento de si mesma, existe a mente religiosa; e esta não pertence a um dado indivíduo. Ela é a mente, a mente religiosa, separada de todas as humanas lutas, exigências, ânsias e compulsões individuais, etc. Estivemos apenas descrevendo a totalidade da mente, que poderá parecer dividida pelo emprego de diferentes palavras; mas ela é uma coisa total, na qual tudo se contém. Por conseguinte, essa mente religiosa pode receber aquilo que não é mensurável pelo intelecto. Essa coisa é indenominável; nenhum templo, nenhum sacerdote, nenhuma igreja, nenhum dogma pode conter. Rejeitar tudo isso e viver naquele estado, essa é que é a verdadeira mentalidade religiosa.

PERGUNTA: Pode a mente religiosa ser adquirida pela meditação?

KRISHNAMURTI: A primeira coisa que se deve compreender é que ninguém pode adquiri-la, ninguém pode obtê-la, e que ela não pode ser produzida pela meditação. Nem virtude, nem sacrifício, nem meditação, nada sobre a Terra pode comprá-la. O senso de alcançar, realizar, adquirir, comprar, deve cessar totalmente, para que ela *seja*. Não se pode fazer uso da meditação. A coisa de que estive falando é a meditação. Descobrir a cada momento da vida diária o que é verdadeiro e o que é falso, isso é meditação. A meditação não é uma certa coisa para a qual fugimos, uma certa coisa em que se nos dão visões e toda sorte de sensações; isso é auto-hipnose, infantilidade. Mas observar cada momento do dia, ver como o vosso pensamento está funcionando, ver o mecanismo de defesa em ação, ver os temores, ambições, a avidez, a inveja — observar tudo isso, investigá-lo a todas as horas, isso é meditação, ou faz parte dela. Sem se lançar a base adequada, não há meditação, e o lançamento da base adequada consiste em ser livre de ambição, inveja, avidez e todas as coisas que criamos em defesa própria. Não precisais procurar ninguém para dizer-vos o que é a meditação ou para receberdes um método. Posso descobrir com muita simplicidade, pela observação de mim mesmo,

quanto sou ou não sou ambicioso. Ninguém mo precisa dizer; eu o sei. Extirpar a raiz, o tronco, o fruto da ambição, vê-la e destruí-la totalmente — eis o que é absolutamente necessário. Vede, queremos ir muito longe, sem darmos o primeiro passo. E vereis, se derdes o primeiro passo, que ele é também o último passo — não há outro passo.

PERGUNTA: É verdade que não podemos servir-nos da razão para descobrir o que é verdadeiro?

KRISHNAMURTI: Senhor, que se entende por razão? A razão é pensamento organizado, como a lógica são idéias organizadas, não é exato? E o pensamento, por mais inteligente, por mais vasto, por mais erudito que seja, é limitado. Todo pensamento é limitado. Podeis observá-lo vós mesmo; isso não é novidade. O pensamento nunca pode ser livre. O pensamento é reação, reação da memória; é "processo" mecânico. Ele poderá ser razoável, poderá ser são, poderá ser lógico, mas é limitado. É como os computadores eletrônicos. E o pensamento nunca pode descobrir o que é novo. O intelecto adquiriu, acumulou, através de séculos, experiências, reações, lembranças; e quando essa coisa pensa, está condicionada e, portanto, não pode descobrir o novo. Quando, porém, esse intelecto compreendeu todo o processo da razão, da lógica, do investigar, do pensar — não rejeitou, mas compreendeu — então ele se torna quieto. E, então, esse estado de quietude pode descobrir o que é verdadeiro.

Senhor, a razão vos diz que deveis ter líderes. Tendes tido líderes políticos ou religiosos. Eles não vos conduziram a parte alguma, a não ser a mais sofrimento, mais guerras, maior destruição e corrupção.

PERGUNTA: Vê-se o absurdo de condenar as coisas, interior e exteriormente; mas continuamos a condenar. Assim sendo, que se deve fazer?

KRISHNAMURTI: Quando dizemos: "Vejo que não devo condenar", que entendemos pela palavra "vejo"? Tende a bondade de acompanhar-me com vagar. Estou examinando a palavra "ver". Que entendemos por essa palavra? Como vemos uma coisa? Vemos o fato através de palavras? Quando digo: "Vejo que a condenação é um absurdo", *vejo-o* realmente? Ou estou "olhando" para as palavras "Não devo condenar"? Não vejo o fato verdadeiro de que a condenação não conduz a parte alguma, vejo-o? Não sei se me estou fazendo

claro. A palavra "porta" não é *a porta*, é? A palavra não é a coisa; e se confundimos a coisa com a palavra, nesse caso não a estamos vendo. Mas, se puderdes deitar fora a palavra, podereis então olhar para a própria coisa. Se vejo o verdadeiro significado do catolicismo, do hinduísmo, do comunismo — se vejo a coisa, não a palavra — então a compreendi e o caso está encerrado. Mas, se me apego à palavra, esta se torna então um empecilho ao *ver*.

Assim, para ver, a mente deve estar livre da palavra, mas deve ver o fato. Deve ver o fato de que toda espécie de condenação impede a mente de olhar uma coisa realmente. Se simplesmente condeno a ambição, impeço-me de ver a anatomia, a estrutura da ambição. Se a mente deseja compreender a ambição, deve cessar a condenação; deve haver o percebimento do fato, sem resistência a ele, sem rejeição dele. O ver o fato tem, então, sua ação própria. Se percebo o fato — a estrutura da ambição — o próprio fato revela então à mente o absurdo, a insensibilidade, a natureza infinitamente destrutiva da ambição; e a ambição desaparece; nada preciso fazer nesse sentido.

E se, interiormente, percebo o inteiro significado da autoridade, se a estudo, observo, examino, nunca rejeitando, nunca aceitando, porém *vendo*, cai então por si a autoridade.

13 de agosto de 1961.

PARIS — I

O Descobrimento do Verdadeiro

É sempre difícil comunicar-nos uns com os outros sobre assuntos sérios, e mais difícil ainda o será nas presentes reuniões, pois vós falais o francês e eu, infelizmente, terei de falar-vos em inglês. Mas espero que cheguemos a entender-nos com suficiente clareza, se não permanecermos no nível puramente verbal. As palavras têm o fim de comunicar, transmitir algo e, em si mesmas, não são significativas. Mas nós, em maioria, parece-me, permanecemos no nível verbal e, por isso, a comunicação se torna mais difícil, porque as coisas a respeito das quais pretendemos falar se acham também no nível intelectual e emocional. Desejamos entender-nos totalmente; e, portanto, devemos considerar nossos problemas de maneira total — verbal, emocional e intelectualmente. Façamos juntos nossa jornada, caminhemos juntos, considerando nossos problemas totalmente, embora isso seja extremamente difícil.

Em primeiro lugar, este orador não vos fala como hindu nem como representante do Oriente — embora tenha nascido num certo lugar e seja portador de um certo passaporte. Nossos problemas são problemas humanos e, como tais, não têm fronteiras; não são nem hindus, nem franceses, nem russos, nem americanos. Estamos tentando compreender o problema humano em sua inteireza — e estou empregando a palavra "compreender" num sentido muito preciso. O mero emprego de palavras não produz compreensão, e tampouco a compreensão é questão de concordar ou discordar. Se desejamos compreender o que nos é dito, devemos considerá-lo sem preconceito, não duvidando nem aceitando, porém escutando realmente.

Ora, quando escutamos — e isso é uma verdadeira arte — é necessária uma certa tranqüilidade do intelecto. Como acontece com a maioria de nós, o intelecto está incessantemente ativo, sempre a reagir ao desafio de uma palavra, idéia ou imagem; e esse constante processo de reação e desafio não produz compreensão. O que produz compreensão é estar com o intelecto muito tranqüilo. O intelecto, afinal, é o instrumento que pensa, que reage; é o reservatório da memória, resultado do tempo e da experiência; e a compreensão é impossível se esse instrumento está sempre agitado, reagindo, comparando o que se diz com o que antes acumulou. Escutar, se posso dizê-lo, não é processo de concordar, de condenar, interpretar, mas, sim, de olhar cada fato totalmente, globalmente. Para isso, o intelecto deve estar quieto, porém muito *vivo*, capaz de seguir (o que se diz) correta e racionalmente, não sentimental ou emocionalmente. Só então é possível considerar os problemas da existência humana como um processo total e, não, fragmentariamente.

Como quase todos sabemos, os políticos de todo o mundo, na atualidade, são infelizmente os senhores de nossos destinos. Nossa própria vida, talvez, depende de uns poucos políticos — franceses, ingleses, russos, americanos ou hindus; e isto é muito triste. Mas é um fato. E ao político só interessam as realidades imediatas — seu país, sua posição, seu programa de ação, seus ideais nacionalistas. E, por conseguinte, existem os problemas imediatos da guerra, do conflito entre o Oriente e o Ocidente, da luta do comunismo contra o capitalismo, da oposição do socialismo a qualquer outra forma de autocracia; e, assim, o problema imediato é um problema de guerra e de paz, e de como manejarem as nossas vidas de modo que não sejamos esmagados por esse descomunal processo histórico.

Mas parece-me que seria muito lamentável nos preocuparmos unicamente com a realidade imediata — a posição da França na Argélia, o que está para suceder em Berlim, se irá haver guerra e como sobreviveremos a ela. São estes os problemas que nos estão sendo impostos pela imprensa e pela propaganda; mas acho muito mais importante considerarmos o que irá suceder ao intelecto humano, à mente humana. Se cuidamos unicamente dos acontecimentos atuais e não do desenvolvimento total da mente e do intelecto humanos, nossos problemas só haverão de crescer e multiplicar-se.

Pode-se ver — não achais? — que nossa mente, nosso intelecto se tornou mecânico. Somos influenciados em todos os sentidos. Tudo o que lemos deixa-nos sua impressão e toda propaganda sua marca; o pensamento é sempre convencional e, assim, o intelecto e a mente se tornaram mecânicos, tal qual uma máquina. Exercemos mecanicamente nossas ocupações, mecânicas são nossas mútuas relações, e nossos valores meramente tradicionais. Os computadores eletrônicos são muito semelhantes à mente humana, só que nós somos um pouco mais engenhosos — pois somos seus criadores; mas eles funcionam exatamente como nós funcionamos, por meio de reação, repetição, memória. E parece que só desejamos saber como fazer esse mecanismo radicado no hábito e na tradição funcionar mais suavemente, sem perturbações; e isso, talvez, virá a ser a extinção da vida humana. Tudo isso implica — não achais? — não, liberdade, porém busca de segurança. Os ricos exigem segurança; e os pobres da Ásia, que mal conseguem uma refeição diária, esses também desejam segurança. E a reação da mente humana, diante de tanta desdita, é puramente mecânica, "habitual", indiferente. Por conseguinte, o problema urgente é este: Como libertar o intelecto e a mente? Porque, se não há liberdade, não pode haver ação criadora. Temos invenções mecânicas, viagens à Lua, descobrimento de novos meios de locomoção, etc.; mas isso não é criação, é invenção. Só há criação quando há liberdade. A liberdade não é uma simples palavra; a palavra é bem diferente do estado real. Tampouco a liberdade não pode ser convertida em ideal, porque todo ideal não passa de simples adiamento. Assim, o que desejo examinar durante estas reuniões é se há possibilidade de libertar a mente e o intelecto. Dizer apenas que é ou que não é possível, é ocioso; mas o que podemos fazer é *descobrir*, nós mesmos, diretamente, pelo experimentar, pelo autoconhecimento, pela investigação, pela busca intensa. E isso exige capacidade de raciocinar, de sentir, para quebrarmos a tradição e destroçarmos todas as muralhas que erguemos para nossa segurança. Se não estais dispostos a isso, da primeira à última destas nossas palestras, penso então que estais perdendo tempo em vir aqui. Os problemas que se nos apresentam são muito graves; são os problemas do medo, da morte, da ambição, da autoridade, da meditação, etc. Todo problema deve ser atendido realisticamente — não emocional, intelectual ou sentimentalmente. E isso requer um pensar preciso, uma grande energia, a fim de podermos

levar inteiramente a cabo cada investigação e descobrirmos a essência das coisas. Isso me parece indispensável.

Se observamos, não apenas os fatos mundanos externos, mas também o que está sucedendo interiormente, em nós mesmos, descobrimos — não é verdade? — que somos escravos de certas idéias, escravos da autoridade. Há séculos que somos moldados pela propaganda para sermos cristãos, budistas, comunistas ou o que mais seja. Mas, certamente, para descobrirmos a verdade, não devemos pertencer a religião alguma. É muito difícil não nos deixarmos comprometer com um dado padrão de ação ou de pensamento. Não sei se já alguma vez tentastes não pertencer a coisa alguma, rejeitar completamente a tradicional aceitação de Deus — o que não significa tornar-se ateísta, coisa tão estúpida quanto crer, porém rejeitar a influência da Igreja, com toda a sua bimilenar propaganda.

Tampouco é fácil negardes que sois francês, hindu, russo ou americano; isso talvez seja até mais difícil. É relativamente fácil rejeitarmos uma coisa quando sabemos aonde nos levará a rejeição; mas isso é meramente trocar de prisão. Mas se rejeitais todas as prisões, e não sabeis aonde a rejeição vos levará, então vos vedes *só*. E parece-me absolutamente essencial que nos vejamos completamente sós, livres de influências; porque só então seremos capazes de descobrir por nós mesmos o que é verdadeiro — não só neste mundo em que decorre nossa existência diária, mas também além dos valores mundanos, além do pensamento e do sentimento, além de todas as medidas. Só então saberemos se existe um realidade transcendente ao espaço e ao tempo; e este descobrimento é criação. Mas, para se descobrir o que é verdadeiro, necessita-se desse sentimento de solidão, de liberdade. Não podemos viajar com rapidez se estamos ligados a alguma coisa — nossa pátria, nossas tradições, nossas habituais tendências de pensamento. Isso é o mesmo que estar preso a uma estaca.

Assim, se desejais descobrir o que é verdadeiro, deveis quebrar todos os elos que vos prendem, para investigardes não só o exterior, vossas relações com coisas e pessoas, mas também o interior, i.e., conhecer a vós mesmo — tanto superficialmente, na consciência desperta, como no inconsciente, nos ocultos recessos do intelecto e da mente. Requer isso observação constante; e se observardes dessa maneira, vereis que não existe uma separação real entre o exterior e o interior; porque o pensamento, como a maré, tanto flui para fora

como para dentro. Tudo constitui um só processo de autoconhecimento. Não podeis rejeitar o exterior, porquanto não sois uma entidade separada do mundo. O problema do mundo vos concerne, e o "exterior" e o "interior" são as duas faces da mesma moeda. Os eremitas, os monges, e os chamados religiosos que renunciam ao mundo estão apenas, com todas as suas disciplinas e superstições, fugindo para suas próprias ilusões.

Pode-se ver que exteriormente não somos livres. Em nossos empregos, nossas religiões, nossas pátrias, em nossas relações com esposa, marido, filhos, em nossas idéias, crenças e atividades políticas, não somos livres. Interiormente, também, não somos livres, porque não conhecemos nossos "motivos", nossos impulsos, compulsões, exigências inconscientes. Assim, não há liberdade, nem interior nem exteriormente, e este é que é o fato. Mas, em primeiro lugar, cumpre-nos perceber esse fato, pois em geral recusamo-nos a percebê-lo; sofismamos a respeito dele, encobrimo-lo com palavras, com idéias, etc. O fato é que, tanto na esfera psicológica, como na exterior, desejamos segurança. Exteriormente, desejamos estar seguros em nosso emprego, nossa posição, nosso prestígio, nossas relações; e quando um reduto é destruído, passamos a outro.

Assim, reconhecendo as condições extremamente complexas em que o intelecto e a mente funcionam, que possibilidade temos de romper essas muralhas? Espero estejais vendo o *impasse* a que chegamos. A questão é esta: Tratamos alguma vez de enfrentar realmente o fato? O fato é que o intelecto e a mente buscam a segurança numa dada forma, e quando existe essa ânsia de segurança, existe medo. Nunca encaramos realmente esse fato; ou dizemos que ele é inevitável ou, ainda, perguntamos como nos libertarmos do temor. Já se pudermos encarar o fato, sem tentar fugir-lhe, interpretá-lo ou transformá-lo, então o fato atua por si mesmo.

Não sei se, psicologicamente, chegastes até este ponto, experimentastes até este ponto, pois me parece que a maioria de nós não percebe o quanto a nossa mente, o nosso intelecto, se mecanizou; e não perguntamos a nós mesmos se é possível encarar esse fato completamente, com intensidade. Desejo fique bem claro que não estou procurando convencer-vos de coisa alguma; isso seria muito infantil. Não estamos aqui fazendo propaganda — deixemos isso aos políticos, às Igrejas e a todos aqueles que "oferecem" coisas. Não estamos a

oferecer-vos novas idéias, porquanto as idéias nada significam; podemos entreter-nos com elas intelectualmente, porém elas não nos levam a parte alguma. O que é significativo, o que tem vitalidade, é enfrentar um fato; e o fato é que a mente, todo o nosso ser está sendo mecanizado há séculos. Todo pensamento é mecânico; e para compreendermos esse fato e transcendê-lo, precisamos primeiramente *vê-lo.*

Pois bem; como podemos entrar em contato, emocionalmente, com um fato? Intelectualmente eu posso dizer que tenho o hábito de beber e que é muito nocivo beber — física, emocional e psicologicamente — e, no entanto, continuar a beber. Mas entrar em contato com o fato emocionalmente é coisa bem diferente. Pois o contato emocional com o fato tem ação própria. Sabeis como — quando guiais um carro por muito tempo — começais a cochilar e, então, dizeis: "Preciso despertar" — mas continuais a guiar. Depois, ao passardes perigosamente próximo a outro carro, dá-se então, repentinamente, um contato emocional direto e despertais imediatamente, e levais o carro para a margem da estrada, a fim de descansardes um pouco. Já alguma vez vistes um fato repentinamente, da mesma maneira, entrando em contato com ele totalmente, completamente? Já apreciastes realmente uma flor? Duvido, porque nunca olhamos realmente para uma flor; o que fazemos é classificá-la imediatamente, dar-lhe um nome, chamá-la "rosa", cheirá-la, dizer "como é bela!" e pô-la de lado, como coisa já conhecida. A denominação, a classificação, a opinião, o julgamento, a escolha — tudo isso vos impede de efetivamente olhá-la.

Da mesma maneira, para entrarmos emocionalmente em contato com um fato não deve haver denominação, nem classificação, nem julgamento; todo pensar e toda reação devem cessar. Só então podeis olhar. Experimentai, de vez em quando, olhar para uma flor, uma criança, uma estrela, uma árvore ou o que quer que seja, livre de todo o processo do pensar, pois, se o fizerdes, vereis muito mais. Não haverá então nenhuma cortina de palavras entre vós e o fato e, portanto, estareis em contato direto com ele. Há séculos que somos educados para avaliar, condenar, aprovar, classificar; e tornar-se cônscio de todo esse processo é começar a *ver* o fato.

Atualmente, a totalidade de nossa vida está confinada no tempo e no espaço, e os problemas imediatos nos absorvem. Nossos empregos, nossas relações, os problemas do ciúme, do medo, da morte, da velhice, etc. — tudo isso nos enche a vida. A mente, o intelecto,

é capaz de libertar-se de todos esses problemas? Digo que sim, pois já o *experimentei*, já desci até suas últimas profundezas e deles me libertei. Mas de modo nenhum deveis aceitar o que vos diz este orador, porquanto a simples aceitação nenhum valor tem. A única coisa valiosa é empreenderdes também a jornada; mas, para a empreenderdes, necessitais de liberdade desde o começo, necessitais do impulso para *descobrir* — não, aceitar, não, duvidar, mas, sim, descobrir. Vereis, então, ao aprofundardes a questão, que a mente pode ser livre; e só essa mente livre pode descobrir o que é verdadeiro.

Talvez alguns dentre vós desejeis fazer perguntas sobre o que estivemos dizendo. Como sabeis, investigar, fazer perguntas, é muito difícil. Para fazerdes a pergunta correta precisais conhecer o vosso problema. Em geral, não conhecemos nossos problemas; roçamos-lhes a superfície, mas não atacamos o próprio problema; por isso, fazemos perguntas incorretas. Se pudermos discutir corretamente, isso poderá tornar-se até bastante divertido; aprende-se mais "brincando" com o problema correto do que assumindo uma atitude muito séria a respeito de coisas superficiais, como o faz a maioria de nós.

PERGUNTA: Como podemos entrar em contato com um fato emocionalmente?

KRISHNAMURTI: Para se entrar em direto contato com uma coisa, requer-se que dela nos abeiremos de maneira total, isto é, não apenas intelectual, emocional ou sentimentalmente. Requer-se compreensão total.

PERGUNTA: Não devemos manter-nos atentos ao processo dual, sempre em ação dentro em nós, e isso não é autoconhecimento?

KRISHNAMURTI: Foram empregadas as palavras "atento", "dualidade" e "autoconhecimento". Consideremos estas três palavras, uma a uma, pois se não as compreendermos, não haverá possibilidade de comunicação entre nós.

Ora, que significa estar "atento"? Prestai atenção, por favor, pois não desejo parecer-vos pedante; só quero certificar-me de que nós dois compreendemos as palavras que estamos empregando. Para vós elas podem ter um significado e para mim outro. Para mim, quando prestamos atenção total, não há concentração, nem exclusão,

nem nada. Sabeis como um colegial que deseja olhar pela janela é forçado a olhar para seu livro; mas isso não é atenção. Atenção é ver o que se está passando do lado de fora e também o que se acha à nossa frente. Observar sem exclusão de nada é muito difícil.

E, agora, que entendemos por "processo dual"? Sabemos que existe um processo dual, o bom e o mau, o ódio e o amor, etc.; e manter-se atento para essas coisas é muito difícil, não achais? E por que criamos esse processo dual? Ele existe realmente ou é uma invenção do intelecto, a fim de fugir ao fato? Sou violento, digamos, ou ciumento, e isso me incomoda. Não gosto desse estado; digo, portanto, que não devo ser ciumento, violento — e isso é uma fuga ao fato, não achais? O ideal é uma invenção do intelecto, que quer fugir ao que *é*; por isso, existe dualidade. Mas, se enfrento integralmente o fato de que sou ciumento, então já não há dualidade. Enfrentar o fato significa penetrar completamente o problema da violência e do ciúme; e, então, ou descubro que isso me agrada (ser violento, ciumento) e neste caso o conflito continua necessariamente, ou, ainda, percebo tudo o que o problema implica e fico livre do conflito.

E, agora, que entendemos por "autoconhecimento"? Que significa "conhecer a si mesmo"? Conheceis a vós mesmo? O "eu" é uma coisa estática, ou uma coisa em constante mutação? Posso conhecer-me? Conheço minha mulher, meu marido, meu filho, ou conheço apenas o retrato feito pela minha mente? É bem de ver que não posso conhecer uma coisa viva, não posso reduzir uma coisa viva a uma fórmula; o que posso fazer é, tão-somente, *segui-la*, aonde quer que leve; e se a sigo, nunca poderei dizer que a conheço. Assim, o conhecimento do "eu" significa *seguir* o "eu", seguir todos os pensamentos, sentimentos, *motivos*, sem nunca dizer "conheço". Só se pode conhecer o que é estático, morto.

Estais vendo, pois, a dificuldade relativa às três palavras contidas nesta pergunta: "atenção", "dualidade" e "autoconhecimento". Se puderdes compreender todas estas palavras e passar adiante, transcendê-las, conhecereis então o inteiro significado de enfrentar um fato.

PERGUNTA: Existe algum meio de quietar a mente?

KRISHNAMURTI: Em primeiro lugar, ao formulardes esta pergunta, estais percebendo que vossa mente está agitada? Estais cônscio de que vossa mente nunca está quieta, que está constantemente a "tagarelar"?

Eis um fato. A mente fala incessantemente, seja a respeito de alguma coisa, seja para si própria; está constantemente ativa. Por que fazeis esta pergunta? Pensai até o fim junto comigo. Se a fazeis porque estais parcialmente cônscio da "tagarelice" e desejais livrar-vos dela, neste caso podeis também tomar uma droga, uma pílula que faça a mente dormir. Mas, se estais investigando e desejais realmente descobrir porque tagarela a mente, o problema se torna então muito diferente. No primeiro caso trata-se de uma fuga, no segundo de *seguir* a tagarelice até o fim.

Pois bem; por que tagarela a mente? Com "tagarelar" queremos dizer que ela está sempre ocupada com alguma coisa — o rádio, seus problemas, seu emprego, suas visões, suas emoções, seu mitos. Ora, por que está ela ocupada e que aconteceria se não estivesse ocupada? Já tentastes alguma vez não estar ocupado? Se já o fizestes, tereis visto que no mesmo instante em que o intelecto deixa de estar ocupado, manifesta-se o medo. Porque isso significa "estar só". Se vos vedes sem ocupação alguma, esta é uma experiência muito dolorosa, não? Já estivestes *só*, alguma vez? Duvido. Podeis passear a sós, sentar-vos sozinho num ônibus ou em vosso quarto, mas vossa mente está sempre ocupada, vossos pensamentos sempre a fazer-vos companhia. O cessar da ocupação faz-vos descobrir que estais completamente *só*, isolado, e isso gera medo; eis por que a mente prossegue tagarelando, tagarelando...

5 de setembro de 1961.

PARIS — II

Influências Condicionantes

Desejo apreciar junto convosco a questão da autoridade e da liberdade. E pretendo penetrá-la muito profundamente, pois considero bem importante compreender toda a anatomia da autoridade.

Assim, em primeiro lugar, preciso assinalar que não estou discursando academicamente, superficialmente, verbalmente; mas, se estamos real e seriamente interessados, então, penso eu, pelo simples ato de escutar corretamente, ocorre não só a compreensão, mas também a libertação imediata da autoridade. Por certo, o tempo não liberta a mente de coisa alguma. Só é possível a libertação quando há percepção direta, compreensão completa, sem esforço, sem contradição, sem conflito. Essa compreensão liberta a mente, de pronto, de qualquer problema que a acabrunha. Se seguirmos o problema e a mente for capaz de penetrá-lo de modo cabal, por inteiro, ver-nos-emos então livres desse peso.

Não sei se já refletistes com profundeza sobre a questão da autoridade. Se o fizestes, deveis saber que a autoridade destrói a liberdade, impede a criação, gera medo e, de fato, entrava o pensamento. Autoridade implica submissão, imitação, não achais? Existe não apenas a autoridade exterior da polícia, da Lei — a qual até certo ponto é compreensível — mas também a autoridade interior do saber, da experiência, da tradição, da observância de um padrão estabelecido pela sociedade, por um instrutor, determinando como devemos proceder, comportar-nos, etc.

Vamos tratar inteiramente da compreensão da autoridade interior, psicológica; da psique, que estabelece um padrão de autoridade para sua própria segurança.

Já vos perguntastes alguma vez por quê, através das idades, os entes humanos sempre confiaram a outros o estabelecer seus padrões de conduta? Queremos — não é verdade? — que nos digam o que devemos fazer, como devemos portar-nos, o que devemos pensar, como devemos agir em certas circunstâncias. Esta busca de autoridade é constante, porque a maioria de nós teme o erro, o malogro. Vós adorais o êxito, e a autoridade oferece o êxito. Se seguis uma determinada linha de conduta, se vos disciplinais consoante certas idéias, dizem-vos que, no fim, encontrareis a salvação, a perfeição, a liberdade. Para mim, a idéia de que a disciplina, o controle, a repressão, a imitação e o ajustamento podem conduzir à liberdade, é totalmente absurda. Decerto não podemos cercear a mente, moldá-la, pervertê-la e, graças a esse processo, encontrar a liberdade. As duas coisas são incompatíveis, mutuamente se repelem.

Ora, por que é que a mente e o intelecto humano buscam sempre um padrão ao qual ajustar-se? E permiti-me dizer aqui que minha explicação não tem valor nem significado se não estais, cada um de vós, cônscios de vossa própria inclinação para seguir — seguir uma idéia ou um instrutor. Mas, se a explicação vos está realmente despertando o percebimento do estado de vossa própria mente, então as palavras têm significação. Assim, por que existe esse impulso para seguir? Não resulta ele do desejo de certeza, de segurança? Sem dúvida, o desejo de segurança é o *motivo*, a razão fundamental dessa ânsia de seguir. E isso subentende não é verdade? — o sentimento de que pelo bom êxito, pelo ajustamento, evitaremos completamente o medo. Mas, existe segurança interior? Ora, a própria busca de segurança é medo, não? Exteriormente, talvez seja necessário um certo grau de segurança — teto, três refeições por dia, roupas, etc.; mas, interiormente, existe segurança? Estais seguro em vossa família, em vossas relações? Não ousais duvidar disso, não é verdade? Achais que sim, pois isso se tornou tradição, costume. Entretanto, no momento em que pondes em dúvida vossas relações com vosso marido, vossa esposa, vosso filho, vossos vizinhos, esse próprio duvidar se torna perigoso.

Todos nós buscamos segurança, nesta ou naquela forma; e, portanto, necessitamos da autoridade. Assim, dizemos que existe Deus e que Ele, quando tudo mais falhar, nos dará a segurança final. Vivemos apegados a certos ideais, esperanças, crenças, que nos garantirão a permanência, neste mundo e no outro. Mas, existe segurança? E eu acho que cada um de nós precisa *descobrir*, precisa lutar para compreender claramente se há, ou não, tal coisa — segurança.

Exteriormente, pouca segurança existe hoje em dia. As coisas estão mudando com rapidez; mecanicamente, temos novas invenções, bombas atômicas; e, socialmente, temos revoluções externas, principalmente na Ásia, a ameaça de guerra, o comunismo, etc. Mas as ameaças à nossa segurança interior criam em nós uma resistência muito maior. Quando credes em Deus ou numa certa espécie de permanência interior, é quase impossível quebrar tal crença, porque nessa esperança estais firmemente enraizado. Já aderimos, cada um de nós, a uma certa maneira de pensar e, se ela é verdadeira ou falsa, se tem alguma realidade ou racionalidade, isso parece não nos importar; aceitamo-la e a ela nos atemos.

Abrir caminho através de tudo isso, descobrir sua verdade intrínseca, implica uma revolução muito mais importante do que qualquer revolução comunista, socialista ou capitalista. Isso significa o começo da libertação da autoridade, e o descobrimento de que positivamente não existe permanência ou segurança interior. Significa, por conseguinte, descobrir que a mente deve estar a todas as horas num estado de incerteza. E nós tememos a incerteza, não é verdade? Pensamos que, se se visse num estado de incerteza, o intelecto se despedacaria, se tornaria doente. Infelizmente, existem tantos casos de insanidade mental por causa dessa impossibilidade de encontrar a segurança. Arrancadas de suas amarras, suas crenças, ideais, fantasias, mitos, as pessoas se tornam mentalmente doentes. A mente que está realmente incerta não conhece medo. Só a mente medrosa segue, exige a autoridade. E é possível perceber bem isso e lançar fora, completa e totalmente, a autoridade e o medo?

E que se entende por *ver*? *Ver* é uma simples questão de explicação intelectual? As explicações, os raciocínios, a lógica sutil, vos ajudarão a perceber o fato de que a autoridade, a obediência, a aceitação, o conformismo entravam a mente? Considero muito importante esta pergunta. *Ver* nenhuma relação tem com palavras nem

com explicações. Estou certo de que se pode ver qualquer coisa diretamente, independente de persuasão verbal, argumentação ou raciocínio intelectual. Se rejeitais a persuasão, a influência — que são coisas elementares, infantis — que poderá impedir-vos de *ver* e, portanto, de ser livre imediatamente? Para mim, *ver* é uma ação de caráter imediato, independente do tempo. E, portanto, a libertação da autoridade não depende do tempo; não é dizer: "*Serei* livre". Mas, enquanto a autoridade vos dá prazer, enquanto o processo de seguir vos parece atraente, não estais permitindo que o problema se vos mostre diretamente e, por conseguinte, se torne urgente, de vital importância.

O fato é que a maioria de nós gosta do poder — o poder da mulher sobre o marido ou deste sobre a mulher, o poder que a capacidade dá, o sentimento de se ser talentoso, o poder que dão a austeridade e o controle do corpo. Qualquer forma de poder representa autoridade — seja o poder do ditador, o poder político, o poder religioso, seja o domínio de um indivíduo sobre outro. O poder é extremamente nocivo, e porque não podemos *ver* isso, simples e diretamente? Com *ver*, refiro-me a um percebimento total, livre de hesitação: uma "correspondência" (*response*) total. Que é que impede essa correspondência total?

Isso suscita a questão da autoridade da experiência, do saber, não é verdade? Está visto que, para se ir à Lua, para se construir um foguete, necessita-se de conhecimentos científicos; e à acumulação de saber chamamos experiência. Externamente, necessita-se do saber. Precisamos saber onde moramos, precisamos saber construir, juntar coisas e separar coisas. Esse conhecimento externo é superficial, mecânico, puramente adicional, um contínuo descobrir de coisas e mais coisas. Mas acontece que o saber e a experiência se tornam nossa interna autoridade. Podemos rejeitar a autoridade externa como infantil; podemos deixar de pertencer a determinada nação, grupo ou família, de estar apegados a uma dada sociedade com seus peculiares costumes, códigos, etc.; mas, renunciar às experiências que acumulamos, à autoridade do saber que acumulamos, isso é extremamente difícil.

Não sei se já tendes considerado este problema; mas, se o fizerdes, vereis que a mente que está carregada, pejada de saber e de experiência, não é uma mente "inocente", uma mente nova; é uma mente velha, decadente, que nunca será capaz de entrar em contato — livre-

mente, plenamente, totalmente — com uma coisa viva. E no mundo atual, tanto interior como exteriormente, urge que tenhamos uma mente nova, fresca, uma mente jovem, para podermos resolver todos os nossos problemas — não um dado problema específico da ciência, da medicina, da política, etc., mas o problema humano total. A mente velha é uma mente cansada, entravada; mas a mente nova *vê* prontamente, sem distorção, sem ilusão: é penetrante, precisa, livre das limitações do conhecimento acumulado e da passada experiência.

Afinal, que é essa experiência que nos proporciona um tão forte sentimento de nobreza, de sabedoria, de superioridade? "Experiência", sem dúvida, é a reação de nosso "fundo mental" (*background*) a um "desafio". A reação é condicionada por esse "fundo" e, portanto, cada experiência torna mais forte o "fundo". Se sois membro de alguma igreja, devoto de determinada seita, tendes experiências e visões de acordo com esse *fundo* — e essas experiências e visões, por sua vez, reforçam o *fundo*. Não é verdade isso? E esse condicionamento, essa propaganda religiosa — seja velha de dois mil anos, seja moderna — nos está moldando a mente, influenciando a reação de nosso intelecto. São inegáveis essas influências; elas prevalecem sempre. A influência comunista, socialista, católica, protestante, hinduísta e dúzias e centenas de influências outras invadem-nos a mente a todas as horas, consciente ou inconscientemente, moldando-a, controlando-a. A experiência, pois, não liberta a mente, não a torna jovem, fresca, "inocente". O que se faz necessário é a destruição total do *fundo*.

A compreensão disso não é questão de tempo. Se empreenderdes a tarefa de compreender cada influência separadamente, estareis morto antes de terdes compreendido todas elas. Mas, se compreenderdes plenamente, completamente, uma só influência, destroçareis todas as formas de influência. Todavia, para compreenderdes uma influência deveis examiná-la cabalmente, completamente. Limitar-se a dizer que ela é boa ou má, é insuficiente. E para podermos penetrá-la completamente, não devemos ter medo. Penetrar inteiramente esta questão da autoridade é muito perigoso, não achais? Estar livre da autoridade é atrair o perigo, pois ninguém deseja viver na incerteza. Porém, a mente que está certa é uma mente morta; só a mente incerta é nova, fresca.

Para se compreender a autoridade, tanto interior como exterior, não se necessita do tempo. Um dos piores erros, um dos maiores

empecilhos, é depender do tempo. Tempo, na realidade, significa adiamento. Significa que estamos gostando da segurança, da imitação, do seguir, e só dizemos isto: "Não me perturbeis. Ainda não estou disposto a ser perturbado". Não vejo razão para não sermos perturbados; que há de errado em estar perturbado? Na realidade, quando uma pessoa não deseja ser perturbada, está justamente atraindo perturbações. Mas o homem que quer descobrir, não lhe importando se isso será perturbador ou não, esse homem está livre do medo à perturbação. Sei que isso fará sorrir a alguns de vós, mas a questão é muito grave, não é para rir. É fato que nenhum de nós deseja ser perturbado. Mas caímos numa rotina, num estreito canal — intelectual, emocional ou ideológico — e não desejamos ser perturbados. Em nossas relações e tudo mais, só queremos viver vida confortável, não perturbada, respeitável, burguesa. E desejar ser o contrário de burguês, o contrário de respeitável, é a mesma coisa.

Agora, se enquanto escutais estais atentos a vós mesmos, podeis ver que estar livre da autoridade não é uma coisa temível. É como aliviar-se de um pesado fardo. A mente experimenta de imediato uma extraordinária revolução. Para o homem que não busca a segurança em forma nenhuma, não há perturbações; há um contínuo movimento de compreensão. Se isso não se está passando convosco, neste caso não estais *escutando*, não estais *vendo*; estai-vos unicamente comprazendo em aceitar ou em rejeitar um certo conjunto de explicações. Assim, seria muito interessante descobrirdes por vós mesmo qual é vossa verdadeira reação.

PERGUNTA: A mente traz em si mesma os elementos de sua própria compreensão?

KRISHNAMURTI: Acho que sim; não achais também? Que é que impede a compreensão? Os obstáculos não são criados pela própria mente? Por conseguinte tanto a compreensão como as próprias barreiras são elementos mentais.

Vede, senhor, para se viver numa base de incerteza, sem se tornar mentalmente doente, requer-se grande dose de compreensão. Não achais que uma das barreiras é o insistente desejo de segurança interior? Exteriormente, vejo que não existe segurança; assim, a mente cria, interiormente, a sua própria segurança, numa crença, num deus,

numa idéia. A mente, portanto, cria sua própria escravidão, mas tem, também, os elementos de sua própria libertação.

PERGUNTA: Por que não pode ser perturbado um homem livre?

KRISHNAMURTI: É correta esta pergunta? Como nada sabeis acerca do homem livre, vossa pergunta se reduz a simples especulação; não tem — perdoai-me dizê-lo — significação nem para mim nem para vós. Mas, se inverterdes a pergunta, formulando-a assim: "Por que sou perturbado?" — então ela tem validade e pode ter resposta correta. Por que é perturbada uma pessoa — se meu marido me repudia, se me morre um ente querido, se experimento um fracasso, se sinto que não estou tendo êxito na vida? Se realmente investigásseis isto até o fim, podereis *ver* toda a sua essência.

PERGUNTA: A crença em Deus se baseia sempre no medo?

KRISHNAMURTI: Por que credes em Deus? Qual a necessidade? Interessa-vos a crença em Deus quando sois muito feliz ou só quando se vos apresentam tribulações? Vós credes, porque fostes condicionado para crer? Como bem sabemos, há dois mil anos que nos dizem que existe Deus; e no mundo comunista estão condicionando a mente para não crer em Deus. É a mesma coisa; tanto num como noutro caso a mente está sendo influenciada. A palavra "Deus" não é Deus; e o descobrirdes verdadeiramente, por vós mesmo, se tal coisa — Deus — existe, é muito mais significativo do que vos apegardes a uma crença ou descrença. E o descobrir por si mesmo requer enorme energia — energia para libertar-se de todas as crenças; porém isto não importa um estado de ateísmo ou de dúvida. Mas a crença é uma coisa muito confortante, e poucos estão dispostos a despedaçar-se interiormente. A crença não vos conduz a Deus. Nenhum templo, nem igreja, nem dogma, nem ritual pode conduzir-vos à Realidade. Essa Realidade existe; mas para descobri-la precisais de uma mente imensurável. A mente pequena, limitada, só pode encontrar os deuses pequeninos e limitados que ela mesma cria. Portanto, devemos estar prontos a perder toda a nossa respeitabilidade, todas as nossas crenças, para podermos descobrir o que é real.

Acho que não podeis continuar *escutando*. Se estivestes escutando indolentemente, ouvindo puramente as palavras, neste caso, sem dúvida, poderíeis continuar ouvindo por mais algumas horas. Mas, se

escutastes corretamente, atentamente, com o propósito de aprofundar, então dez minutos bastariam, porque neste espaço poderíeis destroçar as barreiras que a mente criou para si própria e descobrir o que é Verdade.

7 de setembro de 1961.

PARIS — III

Paz

Creio que a maioria de nós deseja fruir uma certa paz. Muito falam os políticos a esse respeito; isso se tornou sua fraseologia predileta, seu tema favorito. Cada um de nós, também, deseja a paz. Mas, parece-me, a espécie de paz a que aspiram os entes humanos representa mais uma fuga; desejamos encontrar um estado no qual a mente se possa recolher e nunca refletimos se é realmente possível nos libertarmos de nossos conflitos e alcançarmos, assim, a verdadeira paz. Desejo, pois, falar a respeito do conflito, porque acho que se o conflito pudesse ser eliminado — fundamentalmente, profundamente, interiormente, além do nível mental consciente — então, talvez, haveria paz.

A paz a que me refiro não é a paz que buscam o intelecto e a mente; é coisa inteiramente diferente. Ela se torna um fator altamente perturbador, tanto é criadora e, por conseguinte, destrutiva. Para chegarmos a essa compreensão da paz, parece-me essencial que compreendamos o conflito, porquanto, se não penetrarmos fundo, radicalmente, o problema do conflito, não teremos paz nem exterior nem interior, por mais que a busquemos, ainda que a desejemos com ardor.

Para conversarmos a respeito de alguma coisa — sem distinção entre orador e ouvintes, pois esta é uma relação absurda — cumpre que vós e eu estejamos pensando e sentindo no mesmo nível, investigando do mesmo ponto de vista. Se vós e eu pudermos examinar juntos esta questão do conflito, com excepcional ardor e vitalidade, é bem possível que venhamos a descobrir uma paz completamente diferente daquela que a maioria de nós está a buscar.

Existe conflito quando existe um problema, não? Todo problema redunda em conflito, porquanto implica ajustamento, esforço para compreender algo, livrar-se de algo, encontrar uma solução. E temos, quase todos nós, uma grande variedade de problemas — problemas sociais, econômicos, problemas atinentes às relações, ao conflito entre as idéias etc. E esses problemas permanecem sem solução, não é verdade? De fato, nunca pensamos neles de maneira completa, até o fim, para deles nos libertarmos; mas continuamos a levar de dia para dia, de mês para mês, pela vida afora, toda espécie de problema, como um fardo na mente e no coração. Parecemos incapazes de gozar a vida, de ser simples, porque tudo o que tocamos — o amor, Deus, as relações, tudo — se reduz, por fim, a um problema medonho, inquietador. Se tenho apego a uma pessoa, isso se torna um problema e desejo, então, saber como desapegar-me. E se amo, vejo que nesse amor há ciúme, ansiedade e medo. E não podendo resolver os nossos problemas, vamo-los levando conosco, pois não nos sentimos aptos a solucioná-los.

Em seguida, temos a competição, que também suscita problemas. Competição é imitação, é tentar igualar a outro. Temos o modelo de Jesus, o modelo do herói, do santo, do vizinho mais rico, e há também o padrão interior que a pessoa estabelece para si própria e procura seguir, viver de acordo com ele. A competição, pois, faz nascer muitos problemas.

E há também a ânsia de preenchimento. Cada um deseja preencher-se de uma ou de outra maneira — por meio da família, da esposa, do marido, do filho. E, passando um pouco mais além, encontramos o desejo de nos preenchermos socialmente, escrever um livro, tornar-nos famosos de alguma maneira. E quando existe esta ânsia de preenchimento, de nos tornarmos alguma coisa, existe também a frustração, e com a frustração vem o sofrimento. E apresenta-se então o problema de como evitar o sofrimento e, ao mesmo tempo, termos a possibilidade de preencher-nos. E ficamos, assim, aprisionados neste círculo vicioso, em que tudo se converte num problema, num conflito.

E já nos acostumamos a admitir o conflito como coisa inevitável; consideramo-lo, até, respeitável e necessário à evolução, ao desenvolvimento, ao "vir a ser" algo. Cremos que se não houvesse competição, conflito, estaríamos condenados à estagnação, à deterioração; assim, mental e emocionalmente, estamos sempre tratando de nos tornar mais

sagazes, sempre lutando, perpetuamente em conflito com nós mesmos, nosso próximo, e o mundo. Isto não é exageração; é um fato. E acho que todos sabemos que fardo tremendo esse conflito representa.

Assim, parece-me que a questão urgente é esta: se percebeis a real importância de se ficar livre do conflito — mas não com o fim de alcançar outra coisa. É verdadeiramente possível ser livre, simplesmente, intrinsecamente, de modo que a mente não mais esteja em conflito, quaisquer que sejam as circunstâncias? No momento não sabemos se isso é possível ou não. O que sabemos é só que estamos em conflito, e conhecemos as penas que ocasiona, o sentimento de "culpa", o desespero, o irremediável da moderna existência; é só o que sabemos.

Assim, como poderemos descobrir, não no nível verbal, intelectual ou puramente emocional, mas descobrir *realmente* se é possível ser livre? Como começar? Certo, se não se compreender inteiramente esse conflito, em todos os níveis da consciência, não será possível nos libertarmos dele e compreendermos o que é a Verdade. A mente em conflito está confusa. E quanto maior a tensão do conflito, tanto maior a produtividade de ação. Deveis ter notado como os escritores, os oradores, os chamados intelectuais, estão sempre a produzir teorias, filosofias, explicações. Se são dotados de algum talento, então, quanto maior a tensão e a frustração, tanto mais produzem; e o mundo os chama grandes autores, grandes oradores, grandes líderes religiosos, etc.

Ora, se observarmos atentamente, veremos que o conflito desfigura, perverte; ele é, em essência, confusão, e destrutivo da mente. Se pudermos perceber isso verdadeiramente — sem dizer que o conflito da competição é inevitável, que a estrutura social é edificada sobre esta base, e que temos de tê-lo, etc. — então penso que nossa atitude em relação ao problema será bem diferente. Penso ser esta a coisa primordial: ver o fato, não intelectualmente, verbalmente, mas, sim, entrando realmente em contato com o fato. Desde o momento de nascermos até o momento de morrermos, existe esta incessante batalha interior e exterior; e somos capazes de *ver* realmente o fato de que esse conflito é ininteligente? Que é que nos dá energia e vitalidade para entrarmos em contato emocional com um fato?

Vede, há séculos que somos educados para viver em conflito, para aceitar ou encontrar uma maneira de fugir-lhe. E, como sabeis, existem inúmeras vias de fuga — contrair o hábito de beber, freqüen-

tar mulheres, igrejas, buscar a Deus, tornar-se altamente intelectual, repleto de saber, ligar o rádio, comer em excesso. E sabemos também que nenhuma dessas fugas resolve o problema do conflito; só serve para aumentá-lo. Mas estamos dispostos a enfrentar deliberadamente o fato de que não existe fuga de espécie alguma? Creio que nossa principal dificuldade resulta de termos criado tantos meios de fuga, que nos tornamos incapazes de ver o fato diretamente.

É preciso, pois, examinarmos profundamente esta questão relativa a nossas fugas conscientes e inconscientes. Parece bastante fácil descobrir as fugas conscientes. Delas estais cônscios — não é verdade? — ao ligardes o rádio, ao vos dirigirdes à Igreja no domingo, depois de terdes levado na semana inteira uma vida brutal, ambiciosa, invejosa, repulsiva. Mas é muito mais difícil descobrir quais são as fugas ocultas, inconscientes.

Desejo examinar um pouco este problema da consciência. A consciência, na sua totalidade, é formada através do tempo, não? Resulta de milhares de anos de experiência; é constituída de influências raciais, culturais, sociais, provindas do passado e mantidas pela família, pelo indivíduo, pela educação, etc. A totalidade disso é a consciência; e, se examinardes vossa própria mente, vereis que na consciência existe sempre uma dualidade, "o observador e a coisa observada". Tal fato não é de difícil percepção. Isto aqui não é uma aula de psicologia, nem um entretenimento analítico, intelectual. Estamos falando de uma experiência viva, real, que devemos — vós e eu — examinar deliberadamente, a fim de não ficarmos no nível puramente verbal.

Há necessariamente conflito na totalidade da consciência quando nela existe divisão entre pensador e pensamento. Esta divisão ocasiona a contradição; e onde há contradição é inevitável o conflito. Sabemos — não é verdade? — que estamos em contradição, tanto exterior como interiormente. Exteriormente, existe contradição em nossas ações, pois desejamos viver de certa maneira e vemo-nos obrigados a exercer atividades de outra ordem; e, interiormente, existe contradição em nossos pensamentos, sentimentos e desejos. Sentimento, pensamento, desejo, vontade, e a palavra, constituem a totalidade de nossa consciência, e nesta totalidade existe contradição, porque nela há sempre divisão — o censor, o observador sempre a observar, espe-

rar, modificar, reprimir, e o sentimento ou pensamento sobre o qual (o censor ou observador) atua.

Quando examinamos este problema, nós mesmos — não através de livros, filosofias e leituras de tudo o que foi dito por outras pessoas, que é apenas palavras ocas, — quando o examinamos muito profundamente, persistentemente, sem escolha, sem rejeição ou aceitação — descobre-se, então, necessariamente, o fato de que a totalidade da consciência é, em si, um estado de contradição, porque lá existe sempre o pensador a atuar sobre o pensamento, e a criar, por conseqüência, intermináveis problemas.

Surge assim a questão sobre se é inevitável esta divisão da consciência. Existe realmente um pensador separado, ou foi o pensamento que criou o "pensador", a fim de ter um centro permanente, de onde pensar e sentir?

Vede, senhores, que para compreendermos o conflito temos de examinar bem isto. Não basta dizer-se: "Desejo libertar-me do conflito". Se é só isso que se deseja, então podemos também tomar uma droga, um calmante — coisa muito simples, e barata. Mas, se se deseja realmente penetrar a fundo na questão e extirpar completamente todas as fontes de conflito, cumpre investigar a totalidade da consciência — todos os obscuros recantos da mente e do coração, onde se embosca a contradição. E só podemos compreender profundamente ao começarmos a indagar porque existe esta divisão entre pensador e pensamento. É preciso indagar se existe realmente um pensador, ou se apenas existe pensamento. E se só existe pensamento, onde está o centro de onde procedem todos os pensamentos?

Pode-se ver — não é verdade? — porque o pensamento criou um centro que se tornou "eu", "ego" — o nome que se lhe dê é sem importância, desde que se reconheça que existe um centro de onde promana o pensamento. O pensamento anseia pela permanência; e vendo que suas próprias expressões são impermanentes, cria o centro — o "eu". E logo surge a contradição.

Para se perceber tudo isso realmente — e não apenas aceitá-lo verbalmente — é necessário em primeiro lugar rejeitar todas as fugas; eliminar, como um cirurgião, toda forma de fuga. Requer isso intenso percebimento, sem escolha, sem apego às fugas agradáveis e evitando-se as desagradáveis. Isso requer energia, vigilância constante, porque o intelecto de tal maneira se acostumou à fuga, que esta se tornou mais

importante do que o fato concreto do qual está a fugir. Mas só quando há a total rejeição da fuga, estamos em condições de encarar, de enfrentar o conflito.

Então, se chegamos até esse ponto, se, física, emocional e intelectualmente rejeitamos toda forma de fuga, que acontece? Existe então problema? Por certo, é a fuga que cria o problema. Quando já não estais competindo com vosso vizinho, já não estais tentando preencher-vos, nem transformar-vos noutra coisa, existe então conflito? Estais apto a enfrentar o fato — o que sois realmente — como quer que ele seja. Não há então julgamento como "bom" ou "mau". Sois então o que sois. E o próprio fato tem efeito atuante: não há mais "vós" a atuar sobre o fato.

Tudo isso é realmente muito interessante, como vereis se deveras o examinardes. Considere-se o ciúme. Em geral somos ciumentos, invejosos, em grau agudo ou tolerável. Ao perceberdes efetivamente que sois ciumento, sem rejeitar nem condenar esse estado, que sucede? O ciúme é então mera palavra ou *um fato?* Espero estejais prestando atenção, porquanto, como sabeis, a palavra tem extraordinária importância para a maioria de nós. A palavra "Deus", a palavra "comunista", a palavra "negro" têm imenso conteúdo emocional neurológico. Do mesmo modo, a palavra "ciúme" já está "carregada". Ora, se se põe de parte a palavra, resta então o sentimento. Este é que é o fato, não a palavra. E encarar o sentimento sem a palavra requer completa isenção de condenação e justificação.

Quando, alguma vez, sentirdes ciúme, cólera, ou, mais especialmente, quando sentirdes deleite a respeito de alguma coisa, vede se podeis distinguir a palavra do sentimento, se a palavra é o mais importante, se o sentimento. Descobrireis, então, que, no olhar o fato sem a palavra, há uma ação que não é processo intelectual; o próprio fato está operando e, por conseguinte, não há contradição, nem conflito.

É verdadeiramente extraordinário o descobrirmos diretamente que só há pensar e não há pensador. Porque se vê, então, que se pode viver neste mundo sem contradição, já que se necessita de muito pouca coisa. Se se necessita de muita coisa — sexual, emocional, psicológica ou intelectualmente — há dependência de outrem; e no momento em que começa a dependência, começa a contradição e o conflito. Quando a mente se liberta do conflito, com essa liberdade se manifesta um movimento de caráter de todo diferente. A palavra "paz", como a

conhecemos, não tem aí aplicação, porque esta palavra tem para nós diferentes significados, conforme a pessoa que a emprega — um político, um sacerdote, ou quem quer que seja. Não é a prometida paz celestial, após a morte; ela não se encontra em nenhuma igreja, nenhuma idéia, nem na adoração de nenhum Deus. Ela surge quando ocorre a cessação total de todo conflito interior; e isso só é possível quando não há nenhuma necessidade. Não há então necessidade, nem mesmo de Deus. Só há um movimento imensurável que não pode ser corrompido por ação alguma.

PERGUNTA: Como é possível dar liberdade ao desejo, sem destruí-lo ou reprimi-lo; e o olhar o desejo sem condenação fá-lo desaparecer?

KRISHNAMURTI: Em primeiro lugar, temos a idéia de que o desejo é coisa errada porque produz várias formas de conflito e contradição. Existem, dentro de cada um de nós, muitos desejos contraditórios. Isto é um fato; temos desejos e eles criam conflito. A questão é: como viver intensamente com o desejo, sem o destruir? Se cedemos ao desejo, se o preenchemos, nesse próprio ceder encontra-se também a dor da frustração. Não quero aduzir um exemplo, porque qualquer explicação por meio de exemplo perverte a compreensão da totalidade do desejo.

Primeiramente cumpre ver com clareza que toda forma de condenação do desejo é simplesmente uma maneira de evitar sua compreensão. Se se percebe claramente este fato, surge então a questão relativa ao que fazer com o desejo. Até agora o temos condenado, ou aceitado, ou sentido prazer nele; e nesse próprio prazer que ele dá, há dor. Também há dor na repressão, no controle do desejo. Mas, se não condenamos nem avaliamos, ele subsiste então, vivo e ardente; e que fazer com ele? Ora, pode-se alcançar esse estado? Porque, nesse estado, vós sois o desejo; já não há "*vós* e o *desejo*" como duas entidades separadas.

O que sempre acontece é que desejamos fazer desaparecer os desejos dolorosos e reter os agradáveis, não é verdade? Considero completamente errônea tal maneira de proceder. Pergunto: "Pode-se observar o desejo, sem condenar, sem julgar, sem escolher entre os diferentes desejos? Já fizestes isto alguma vez? Duvido."

Para se entender o significado do desejo, viver com ele, compreendê-lo, vê-lo realmente, sem julgamento de espécie alguma — requer-se imensa paciência, interiormente. Penso que nunca fizestes isso. Mas, se o experimentardes, vereis que não há então contradição, nem conflito. Tem então o desejo significado completamente diferente. O desejo, então, pode ser *vida*.

Mas, enquanto disserdes "O desejo é errado", "O desejo é certo", "Devo ceder?", "Não devo ceder?" — nesse processo estais criando uma divisão entre vós e o desejo e, por conseguinte, é inevitável o conflito. O que dá compreensão é vos examinardes calmamente, vos examinardes profundamente, inquirindo, procurando averiguar porque condenais, o que estais buscando. Então, nessa investigação interior, na qual nenhuma escolha existe, descobrireis que se pode viver com o desejo e que ele tem significado completamente diferente. Para "viver com uma coisa" necessita-se de energia, vitalidade; e não nos resta nenhuma energia quando vivemos condenando e julgando. "Viver com o desejo" é descobrir um estado completamente livre de contradição. Significa isso que há então amor sem ciúme, sem rancores, sem corrupção em nenhuma forma; e é realmente maravilhoso descobrirmos essa coisa por nós mesmos, diretamente.

PERGUNTA: Que queríeis dizer ao declarardes, há dias, que devemos ser perturbados?

KRISHNAMURTI: Peço-vos não considerar-me como uma autoridade; isso seria uma coisa terrível. Mas podeis ver por vós mesmo que o desejo de não sermos perturbados é uma de nossas principais necessidades. E é possível que a mente, o intelecto, ao deter seu incessante "tagarelar", descubra uma grande perturbação interior. Podeis ver por vós mesmo que vossa mente vive ocupada — com a esposa, o marido, o sexo, a nacionalidade, Deus, sobre onde obter a próxima refeição, etc. E já procurastes averiguar por que ela vive ocupada, e que aconteceria se não estivesse ocupada? Se o fizerdes, vos vereis frente a frente com algo em que nunca pensastes; e esse algo pode ser um fato extremamente perturbador. E é realmente. Esta constante ocupação da mente pode ser uma simples fuga ao fato, ou seja, nossa tremenda solidão e vazio. E essa perturbação precisa ser enfrentada e profundamente examinada.

10 de setembro de 1961.

PARIS — IV

Desejo, Paixão, Amor

Há dias estivemos falando sobre o desejo e o conflito resultante do desejo; e gostaria de continuar com esse mesmo assunto e falar também sobre a necessidade, a paixão e o amor, pois acho que tudo isso está relacionado entre si. Se pudermos examinar esta matéria profunda e fundamentalmente, talvez então possamos compreender todo o significado do desejo. Mas, antes de podermos compreender o desejo, com todos os seus conflitos e torturas, acho necessário compreender-se a questão da necessidade.

Naturalmente, temos necessidade de certas coisas exteriores, superficiais, tais sejam roupas, teto e alimentos. Estas coisas são essenciais para todos nós. Mas, necessitamos realmente de mais alguma coisa? Psicologicamente, existe uma necessidade real de sexo, de fama, do imperioso impulso da ambição, do perpétuo ansiar por mais e mais? De que necessitamos, psicologicamente? Pensamos que necessitamos de muitas coisas, e daí é que resulta todo o sofrimento da dependência. Mas, se examinarmos realmente, se investigarmos profundamente a questão, existe alguma necessidade essencial, psicologicamente, interiormente? Acho que valeria a pena fazermos seriamente esta pergunta a nós mesmos. A dependência psicológica de outra pessoa nas relações, a necessidade de estar em comunhão com outro, a necessidade de aderir a um dado padrão de pensamento e de atividade, a necessidade de preenchimento, de nos tornarmos famosos — todos conhecemos essas necessidades e constantemente estamos cedendo a elas. E penso que seria significativo se pudéssemos, cada um de nós, tentar descobrir quais são realmente as nossas necessidades e até que

ponto delas dependemos. Porque, se não compreendermos a necessidade, não seremos capazes de compreender o desejo, não seremos capazes de compreender a paixão e, por conseguinte, o amor. Seja rico, seja pobre, um homem necessita evidentemente de comida, de roupa e de teto, embora, mesmo aí, a necessidade possa ser limitada, pequena, ou expansível. Mas, além dessa, existe realmente alguma necessidade? Por que se tornaram tão importantes as nossas necessidades psicológicas, por que se tornaram uma força tão imperiosa e compulsiva? São elas, meramente, uma fuga de algo muito mais profundo?

Em nossa investigação não estamos procedendo analiticamente. Estamos tentando encarar o fato, ver exatamente *o que é*; e isso não requer nenhuma espécie de análise, de psicologia, de engenhosas e digressivas explicações. O que estamos tentando é ver por nós mesmos quais são as nossas necessidades psicológicas, e *não* explicá-las, *não* racionalizá-las, e sem perguntar: "Que faremos sem elas? Eu tenho de tê-las". Isso fecha a porta à ulterior investigação. E, evidentemente, a porta está também hermeticamente fechada quando a investigação é puramente verbal, intelectual ou emocional. A porta está aberta quando desejamos realmente enfrentar o fato, e isso não requer um intelecto extraordinário. Para se compreender um problema muito complexo, necessita-se de uma mente clara, simples; mas nega-se a simplicidade e a clareza quando temos uma quantidade de teorias e estamos tentando evitar o problema.

A questão, pois, é: Por que temos essa imperiosa necessidade de preencher-nos, por que somos tão cruelmente ambiciosos, por que tem o sexo tão extraordinária importância em nossa vida? Não importa a qualidade ou a quantidade de nossas necessidades, ou se alguém tem "o máximo" ou "o mínimo"; mas, por que existe esse tremendo impulso para nos preenchermos, na família, num nome, numa posição, etc., com todas as respectivas ansiedades, frustrações e sofrimentos — impulso que a sociedade estimula e a igreja abençoa?

Ora, se examinardes isso, pondo de parte a reação de dizer: "Que me aconteceria se eu não tivesse êxito na vida?" — descobrireis, sem dúvida, algo muito mais profundo, ou seja o medo de "não ser", do isolamento completo, do vazio e da solidão. Ele lá está, profundamente oculto, esse anseio tremendo, esse medo de se ver isolado de tudo. Eis a razão por que nos apegamos a todas as formas

de relação. Eis por que existe a necessidade de pertencer a alguma coisa, a um culto, uma sociedade, de entregar-se a certas atividades, de ater-se a determinada crença; porque, dessa maneira, podemos fugir da realidade interior, profunda. É esse medo, por certo, que força a mente, o intelecto, nosso ser inteiro, a aderir a uma dada forma de crença ou de relação, a qual se torna, então, *necessidade.*

Não sei se alcançastes este ponto, nesta investigação, — não verbalmente, porém realmente. Isso significa descobrir diretamente e enfrentar o fato de se ser *nada*, de se estar interiormente vazio como uma concha e coberto das jóias do saber e da experiência que, na realidade, nada mais são do que palavras e explicações. Ora, para enfrentar esse fato sem desespero, sem sentir quanto ele é terrível, porém, simplesmente, "ficar com ele", é necessário em primeiro lugar compreender a necessidade. Se compreendermos o significado da necessidade, ela não terá mais tanta preponderância em nossa mente e coração.

Voltaremos a este tópico mais tarde. Mas passemos a considerar o desejo. Conhecemos — não é verdade? — o desejo que se contradiz, se tortura, se lança em diferentes direções; a dor, a agitação, a ansiedade do desejo, e o disciplinar, o controlar dele. E, em nossa eterna batalha com ele, torcemo-lo, desfiguramo-lo, tornamo-lo irreconhecível; mas ele subsiste, vigilante, expectante, premente. O que quer que se faça — sublimá-lo, fugir-lhe, rejeitá-lo ou aceitá-lo, soltar-lhe as rédeas — ele está sempre presente. E sabemos que os instrutores religiosos e outros têm dito que devemos ser isentos de desejos, cultivar o desapego — coisa realmente absurda, porquanto o desejo tem de ser compreendido e, não, destruído. Se destruís o desejo, podeis destruir a própria vida. Se pervertemos o desejo, se o moldamos, controlamos, dominamos, reprimimos, podemos estar destruindo algo extraordinariamente belo.

Temos de compreender o desejo; mas é dificílimo compreender essa coisa tão cheia de vitalidade, tão exigente e premente, pois no próprio preenchimento do desejo gera-se a paixão, com os prazeres e dores respectivos. E para se compreender o desejo não deve, naturalmente, haver escolha. Não se pode julgar o desejo chamando-o "bom" ou "mau", "nobre" ou "ignóbil", ou dizer: "Conservarei este desejo e rejeitarei aquele". Tudo isso deve ser posto de parte para podermos descobrir a verdade relativa ao desejo — sua beleza, fealdade, ou o

de adquirir conhecimentos e acumular vários tipos de experiência, ao que quer que seja. Este é um assunto muito interessante, mas aqui no Oeste, ou Ocidente, muitos desejos podem ser preenchidos. Tendes carros, prosperidade, melhor saúde, a possibilidade de ler livros, ao passo que no Oriente existe ainda carência de alimentos, de roupa e de morada, bem como a desdita e a degradação da pobreza. Mas tanto no Ocidente como no Oriente, o desejo sempre arde em todos os sentidos; ele está sempre presente, exteriormente e também interiormente, bem entranhado. O homem que renuncia ao mundo está tão tolhido pelo seu desejo de buscar Deus, como o está o homem que busca a prosperidade. Assim, o desejo está presente a todas as horas, ardente, contraditório, criando agitação, ansiedade, culpa e desespero.

Não sei se já fizestes experiências a esse respeito; mas que aconteceria se não condenássemos o desejo, se não o julgássemos "bom" ou "mau", porém ficássemos simplesmente cônscios dele? Será que sabeis o que significa "estar cônscio de alguma coisa"? Em geral, não estamos "cônscios", porque nos acostumamos a condenar, a julgar, a avaliar, a identificar, a escolher. A escolha, evidentemente, impede o percebimento, porque a escolha é sempre feita como resultado de conflito. Estar cônscio, ao entrar numa sala, ver os móveis, o tapete ou a falta dele, etc. — ver, simplesmente, estar cônscio de tudo sem tendência para julgar — é dificílimo. Já experimentastes olhar para uma pessoa, uma flor, uma idéia, uma emoção, sem fazer escolha, sem emitir julgamento?

E se fizermos o mesmo com o desejo, se "vivermos com ele" — sem rejeitá-lo ou dizer "Que farei com este desejo? Ele é tão feio, veemente, violento", sem lhe aplicar um nome, um símbolo, sem encobri-lo com uma palavra — existe então ainda a causa da agitação? É então o desejo algo que se deve lançar fora, destruir? Desejamos destruí-lo porque um desejo está em antagonismo com outro, criando conflito, sofrimento e contradição; e pode-se ver como tentamos fugir desse conflito perene. Assim, pode-se estar cônscio da totalidade do desejo? O que entendo por "totalidade" não é simplesmente um desejo ou muitos desejos, mas a "qualidade total" do próprio desejo. E só se pode estar cônscio da totalidade do desejo, quando não há opinião a seu respeito, nem palavra, nem julgamento, nem escolha. Estar cônscio de cada desejo ao surgir, não se identificar com ele nem

condená-lo — nesse estado de alertamento existe desejo ou o que existe é uma chama, uma paixão, que nos é necessária? A palavra "paixão" é de ordinário reservada para uma coisa: o sexo. Mas, para mim, paixão não é sexo. Precisamos de paixão, intensidade, para podermos viver realmente com uma coisa; para vivermos plenamente, contemplarmos uma montanha, uma árvore, olharmos realmente para um ente humano, devemos ter intensidade apaixonada. Mas essa paixão, essa chama é negada, quando estamos tolhidos por vários impulsos, exigências, contradições, temores. Como pode sobreviver uma chama se a sufocamos com uma quantidade de fumo? Nossa vida é só fumaça; buscamos a chama, mas a estamos negando pelo reprimir, controlar, moldar a coisa que chamamos desejos.

Sem a paixão, como pode haver beleza? Não me refiro à beleza de quadros, edifícios, pinturas de mulheres, etc., que têm suas peculiares formas de beleza, mas não estamos tratando da beleza superficial. Uma coisa construída pelo homem, como uma catedral, um templo, um quadro, um poema, ou uma estátua, pode ser ou pode não ser bela. Mas existe uma beleza superior ao sentimento e ao pensamento e que não pode ser percebida, compreendida ou conhecida se não existe paixão. Mas não interpreteis erroneamente a palavra "paixão". Não é uma palavra feia; não é uma coisa adquirível no mercado ou de que se pode falar romanticamente. Não tem absolutamente nenhuma relação com a emoção, o sentimento. Não é coisa respeitável; é uma chama destruidora de quanto é falso. E temos sempre tanto medo de deixar essa chama consumir as coisas que nos são caras, as coisas que chamamos importantes!

Afinal de contas, a vida que atualmente levamos, baseada em necessidades, desejos e métodos de controlar o desejo, faz-nos mais superficiais e vazios do que nunca. Podemos ser talentosos, ilustrados, e capazes de repetir tudo o que aprendemos; mas as máquinas eletrônicas fazem a mesma coisa e já, em certos setores, as máquinas se tornaram mais capazes do que o homem, mais exatas e rápidas em seus cálculos. E assim estamos sempre voltando a este mesmo tópico, ou seja, que a vida que vivemos atualmente é bem superficial, estreita, limitada, e isso porque, profundamente, estamos vazios, sós, e sempre tentando encobrir, preencher esse vazio; por isso, a necessidade, o desejo se torna uma coisa terrível. Nada pode preencher esse profundo vazio interior — nem deuses, nem salvadores, nem o saber,

nem as relações, nem os filhos, nem o marido, nem a esposa — nada. Mas se a mente, o intelecto, a totalidade de vosso ser, é capaz de encará-lo, de "viver com ele", vereis então que, psicológica, interiormente, não há necessidade de coisa alguma. Esta é a verdadeira liberdade.

Isso, porém, requer profundo discernimento, profunda investigação, incessante vigilância; e desse modo talvez venhamos a saber o que é o amor. Como pode haver amor quando há apego, ciúme, inveja, ambição e todas as hipocrisias que acompanham esta palavra? Mas, se tivermos passado por aquele vazio — que é uma realidade e não um mito nem uma idéia — veremos que o amor e o desejo e a paixão são uma mesma coisa. Se se destrói uma, destrói-se a outra; se se corrompe uma, corrompe-se a beleza. Para se penetrar tudo isso requer-se, não uma mente desapegada, dedicada ou uma mente religiosa, mas uma mente disposta a investigar, uma mente nunca satisfeita, que está sempre a olhar, a vigiar, a observar a si própria — a conhecer a si mesma. Sem o amor, nunca será possível descobrir o que é a verdade.

PERGUNTA: Como se pode descobrir qual é o nosso problema principal?

KRISHNAMURTI: Por que dividir os nossos problemas em principais e secundários? Não é tudo problema? Por que fazer deles pequenos problemas ou grandes problemas, problemas essenciais ou não essenciais? Se pudéssemos compreender um só problema, examiná-lo muito profundamente, por maior ou menor que ele seja, esclareceríamos todos os outros problemas. Esta não é uma resposta retórica. Consideremos um problema qualquer: cólera, ciúme, inveja, ódio — conhecemo-los todos muito bem. Se examinardes com profundeza a cólera, em vez de procurardes expulsá-la, que encontrais então? Por que se encoleriza uma pessoa? Porque se sente magoada: alguém lhe disse algo ofensivo; e se lhe dizemos algo que a lisonjeia, sente-se satisfeita. Por que se ofende uma pessoa? Porque atribui importância a si mesma, não é verdade? E por que existe essa importância própria? Porque cada um tem de si mesmo uma idéia, um símbolo, uma imagem — uma idéia do que deveria ser, do que é, do que não deveria ser. Por que cria uma pessoa uma imagem a respeito de si própria? Porque nunca estudou o que ela é realmente. Pensamos que devemos ser

isto ou *aquilo*, o ideal, o herói, o exemplo. O que nos desperta a cólera é ver que está sendo atacado o nosso ideal, a idéia que temos de nós mesmos. E a idéia que temos de nós mesmos representa nossa fuga ao fato, ao que somos realmente. Mas, quando estais observando o fato real, o que sois realmente, ninguém vos pode ofender. Então, se uma pessoa é mentirosa e lhe dizem que ela é mentirosa, isso não pode significar uma ofensa, porque se trata de um fato. Mas, se queremos aparentar que não somos mentirosos e alguém nos diz que o somos, tornamo-nos encolerizados, violentos. Assim, estamos sempre vivendo num mundo imaginário, mítico, e nunca no mundo da realidade. Para se observar o que é, vê-lo, familiarizar-se com ele, não deve haver julgamento, nem avaliação, nem opinião, nem medo.

PERGUNTA: Pode uma pessoa libertar-se com o seguir uma certa religião?

KRISHNAMURTI: Decerto que não. Dois mil anos ou cinco mil anos de instrução e persuasão para crer numa certa coisa não é religião. É propaganda. Há séculos que vos dizem que sois francês, inglês, católico, hinduísta, budista ou muçulmano — e repetis interminavelmente estas palavras. E pretendeis afirmar que uma mente de tal modo condicionada e influenciada, de tal modo escravizada à propaganda e ao espetáculo da religião, pode, dentro desse condicionamento, ser libertada?

PERGUNTA: Dizeis que crer em Deus não faz achar Deus; mas pode-se achar Deus pela revelação?

KRISHNAMURTI: Por que desejais vos sejam reveladas coisas, quando não conheceis a vós mesmos? Vosso próprio "eu" vos foi revelado nesta tarde: vossa maneira de pensar, vossa maneira de agir, vossos motivos, ambições, ânsias, vossas incessantes batalhas com vós mesmo. Isso vos foi revelado, mas nada sabeis a seu respeito. Só conheceis vossas teorias e visões. E se não conheceis o que se acha em vossa proximidade imediata, ao alcance de vossa mão, como podeis conhecer algo que é imenso? Portanto, é muito melhor começardes com o que está mais perto — *vós mesmo*. E quando todos os enganos e ilusões tiverem sido eliminados, descobrireis por vós mesmo o que é o Real. Não precisareis então de crer em Deus, não precisareis de nenhuma doutrina; estais em presença do Sublime, do Indenominável.

PERGUNTA: Por que nos assalta o medo ao nos tornarmos cônscios de nosso próprio vazio?

KRISHNAMURTI: O medo só se manifesta quando estamos fugindo da coisa que *é*; quando a estamos evitando, repelindo. Se vos achais verdadeiramente em presença da coisa, olhando-a de frente, existe medo então? Fugir, movimentar-se para longe do fato, atemoriza. O temor é "processo" de pensamento, e o pensamento origina-se do tempo; e se não compreenderdes todo o "processo" do pensamento e do tempo, não compreendereis o medo. Olhar o fato, sem procurar evitá-lo, é pôr fim ao temor.

PERGUNTA: Dissestes que nossas necessidades essenciais são comida, roupa e morada, e que o sexo pertence ao mundo dos desejos psicológicos. Podeis dar mais explicações sobre isso?

KRISHNAMURTI: Estou certo que esta é uma pergunta cuja resposta todos aguardam com interesse! Que é o sexo? É o ato ou as imagens agradáveis, os pensamento, as lembranças que o rodeiam? Ou é simplesmente um fato biológico? E existe lembrança, imagem, excitação, necessidade, quando existe amor — se posso empregar esta palavra sem a desvirtuar? Acho necessário compreender o fato físico, biológico. Esta é uma coisa. Todo o romantismo e excitação, o sentimento de nos termos dado inteiramente a outra pessoa, nossa identificação com ela nessa relação, o desejo de continuidade, de satisfação — tudo isso é outra coisa. Quando o que nos concerne é realmente o desejo, que papel tem o sexo e qual a sua importância? É ele uma necessidade psicológica, tanto quanto uma necessidade biológica? Requer-se um intelecto muito claro, muito penetrante, para diferençar entre a necessidade física e a necessidade psicológica. O sexo implica muitas coisas, e não simplesmente o ato. O desejo de esquecimento de si mesmo noutra pessoa, a continuidade dessa relação, os filhos, o buscar a imortalidade através dos filhos, da esposa, do marido, a idéia de "nos darmos" a outrem, com todos os problemas do ciúme, do apego, do medo — a agonia inerente a tudo isso — é amor isso? Se não houver compreensão da necessidade, basicamente, completamente, no mais profundo de nosso ser, nos obscuros recessos de nossa consciência, então o sexo, o amor e o desejo causarão devastações em nossa vida!

PERGUNTA: A libertação pode ser realizada por todos?

KRISHNAMURTI: Decerto. Ela não é dada só a uns poucos. O estado de libertação não é uma espécie de "aristocracia"; está ao alcance de quantos queiram investigá-lo. Lá está, com beleza e força sempre mais ampla e profunda, quando há autoconhecimento. E cada um pode começar a conhecer-se observando a si próprio, como quem se vê ao espelho. O espelho não mente; mostra-vos vossas feições exatamente como são. Da mesma maneira podeis observar-vos, sem desfiguração. Começais então a descobrir-vos. É uma coisa extraordinária o autoconhecimento. O caminho da realidade, daquela imensidão desconhecida, não passa pela porta de uma igreja nem por livro nenhum, mas apenas pela porta do autoconhecimento.

12 de setembro de 1961.

PARIS — V

Pensamento Gera Medo

Seria proveitoso se pudéssemos experimentar verdadeiramente o que vamos dizer. Para a maioria de nós a experiência é uma coisa muito superficial. Correspondemos a cada desafio quase indiferentemente, languidamente; há hesitação, medo às conseqüências. Jamais correspondemos de maneira completa a um "desafio", com todo o nosso ser. Assim, há a contínua falta de atenção total ao apresentar-se um "desafio" e, por conseguinte, nossas reações são limitadas, restritas; nunca são livres, completas. Já deveis ter notado isso. E afigura-se-me bem importante considerar este assunto cuidadosamente, porquanto temos numerosas experiências no correr de cada dia, muitas influências atravessam-nos, deixando-nos cada uma sua marca. A palavra fortuita, um gesto, uma idéia, uma frase casual, um olhar, — tudo deixa-nos sua marca e nunca lhe damos inteira atenção. Para se experimentar completamente qualquer coisa, requer-se atenção total; e cumpre notar que a atenção difere sobremodo da concentração. Concentração é processo de exclusão, restrição, supressão, ao passo que a atenção tudo absorve.

Como vou falar sobre matéria complexa, importa compreender que o experimentar exige toda atenção; não significa ouvir meramente as palavras, mas também experimentar realmente a coisa. Escutar é muito difícil. Quase nunca escutamos deveras uma coisa, uma ave, uma voz, o marido, a esposa ou o filho; acolhemos descuidadamente umas poucas palavras e desprezamos o resto, sempre interpretando, modificando, condenando e escolhendo. O escutar requer uma certa

qualidade de atenção plena em que nada disso acontece, em que aplicamos todo o nosso ser ao descobrir.

Assim, para se investigar o medo, sobre o qual vou agora falar convosco, para examiná-lo com certa profundeza, requer-se atenção constante, e não escutar apenas umas poucas frases e seguir seu caminho, com o pensamento nas próprias idéias e problemas; significa investigar de princípio a fim o problema do medo. Ser realmente sério é possuir a capacidade de investigar cada questão até o fim, quaisquer que sejam as conseqüências, qualquer que seja o resultado final.

Desejo falar sobre o medo, porque o medo perverte todos os nossos sentimentos, pensamentos e relações. É o temor que impele a maioria de nós a tornar-nos isso que se chama "espiritual"; é ele que nos impulsiona para as soluções intelectuais que tantos oferecem; é ainda o temor que nos leva a praticar ações estranhas e peculiares. E não sei se já *experimentamos* em sua realidade, *não* o sentimento que ocorre antes ou após um certo fato! O medo existe por si só? Ou só há medo em conseqüência do pensamento no amanhã ou no ontem, no que aconteceu ou poderá acontecer? Existe medo no presente vivo, ativo? Quando vos vedes em presença da coisa que dizeis temer, nesse instante mesmo existe medo?

Para mim, é importantíssima esta questão do medo. Porque, se a mente não estiver total, completa e absolutamente livre do medo em qualquer forma — medo da morte, da opinião pública, da separação, de nao ser amado — sabeis quantas variedades existem de medo — se a consciência total não estiver livre do medo, é impossível ir-se muito longe. Uma pessoa pode agitar-se ansiosamente, em todos os sentidos, dentro das clausuras de seu próprio intelecto; mas para se penetrar muito profundamente em si mesmo e ver o que existe lá e além, não deve haver temor de espécie alguma, nem temor da morte, nem da pobreza, nem de não alcançar alguma coisa.

O medo, em virtude de sua própria natureza, inevitavelmente impede a investigação. E, a menos que a mente, que todo o nosso ser esteja livre do medo, não só dos temores conscientes mas também dos profundos, secretos, ocultos temores, de que mal temos consciência — não haverá possibilidade de se descobrir o que existe realmente, o que é verdadeiro, positivo, e se de fato existe aquele senso do sublime, do imenso, de que o homem vem falando há séculos e séculos.

Creio ser possível estar totalmente livre do medo, não durante um certo período, não ocasionalmente, porém verdadeiramente livre dele, de maneira completa. A experiência desse estado total isento de medo, eis o que desejo examinar junto convosco.

Desejo tornar claro que não estou falando de memória. Não pensei de antemão na questão do medo e, portanto, não vim aqui repetir coisa ensaiada; isso seria horrivelmente enfadonho para mim e para vós. Eu também estou investigando. Deve tratar-se sempre de coisa nova, todas as vezes. E espero estejais empreendendo junto comigo a jornada da investigação e não apenas preocupados com vosso medo especial — medo do escuro, do médico, do inferno, da doença, de Deus, do que digam vossos pais, do que diga vossa esposa ou marido, ou uma qualquer das numerosas formas de medo. Estamos investigando a natureza do medo e não uma determinada manifestação do medo.

Ora, se examinardes, vereis que só há medo quando o pensamento se fixa no dia de ontem ou de hoje, no passado ou no futuro. No verbo ativo não há temor, mas no passado e no futuro do verbo ele sempre existe. Não há medo no presente real; e esta é uma coisa extraordinária para a própria pessoa descobrir. Não existe medo de espécie alguma em face do momento real e vivo, do presente ativo. O pensamento, portanto, é a origem do medo, o pensamento no amanhã ou no ontem. A atenção está no presente ativo. O pensamento no que ontem aconteceu, ou poderá acontecer amanhã, é desatenção, e a desatenção gera temor. Não é verdade isso? Quando posso aplicar toda a minha atenção a um dado problema, sem nenhuma reserva, sem rejeitar, sem julgar, avaliar — nesse estado de atenção não há medo. Mas, se há desatenção, isto é, se digo: "Que acontecerá amanhã?", ou se estou todo ocupado com o que ontem aconteceu, aí, sem dúvida, gera-se medo. A atenção é o presente ativo. O medo é o pensamento enredado no tempo. Na presença de algo real, concreto, em presença do perigo, neste momento não existe pensamento, porém ação. E essa ação pode ser positiva ou negativa.

Assim, o pensamento é tempo — não o tempo marcado pelo relógio, mas o tempo psicológico do pensamento. O tempo, por conseguinte, produz medo: tempo como distância *daqui* até *lá*, como processo de "vir a ser algo"; tempo representado pelas coisas que eu disse e fiz ontem, as coisas ocultas que não desejo que ninguém saiba;

tempo representado pelo que acontecerá amanhã, pelo que será de mim quando eu morrer.

O pensamento, pois, é tempo. E existe, no presente ativo, tempo e pensamento? Pode-se ver que o medo só existe quando o pensamento se "projeta" para diante ou para trás, e que o pensamento resulta do tempo — tempo representado pelo "vir a ser" ou "não vir a ser" algo, tempo como preenchimento ou frustração. Não estamos falando do tempo cronológico; seria evidente desatino dispensá-lo. Estamos falando do tempo como pensamento. Se está claro isto, passemos a investigar o que é pensamento e o que é pensar. E espero não estejais apenas ouvindo minhas palavras, mas também prestando atenção ao desafio que elas vos apresentam e reagindo individualmente. Estou perguntando: "Que é pensar?". Se não conheceis o mecanismo do pensar e não o investigastes muito profundamente, não podeis responder, vossa reação será inadequada. E se é inadequada a reação, haverá conflito, e tentar livrar-se do conflito é fuga ao fato — o fato que desconheceis. No momento em que reconheceis que não podeis responder, que não sabeis, apresenta-se o medo. Não sei se me estais seguindo.

Assim, que é pensar? Evidentemente, pensar é a reação que ocorre entre o "desafio" e a "resposta", não é verdade? Pergunto-vos uma coisa e há um intervalo de tempo antes de responderdes; neste intervalo o pensamento está em ação, procurando a resposta. É bastante simples ouvir esta explicação; mas o real experimentar, pela própria pessoa, do processo do pensar, o investigar como o intelecto reage a um "desafio" e qual é o processo de fabricação da resposta, isso requer atenção ativa, pois não? Observai qual é vossa reação à pergunta: "Que é pensar?" Que está ocorrendo? Não sabeis responder; nunca investigastes isso; estais aguardando uma resposta de vossa memória. E nessa "demora", no intervalo entre a pergunta e a resposta, está em ação o processo do pensamento; não é assim? Se vos faço uma pergunta com que estais familiarizado, por exemplo: "Como é vosso nome?", respondeis instantaneamente porque, pela repetição constante, tendes a resposta na ponta da língua. Se a pergunta é um pouco mais séria, ocorre um intervalo de tempo de vários segundos — não é verdade? — durante o qual o intelecto é posto em movimento para procurar na memória a resposta. Se vos fazem uma pergunta mais complexa, maior é o intervalo de tempo, mas o processo é o

mesmo — consultar a memória, procurar as palavras apropriadas, achá-las e em seguida responder. Segui isso com vagar, pois é realmente muito divertido e interessante observar o funcionamento desse processo. Tudo isso faz parte do autoconhecimento.

Pode-se também perguntar, por exemplo, "Quantas milhas há daqui a Nova Iorque?" — pergunta à qual, após consultar a memória, sois obrigado a responder: "Não sei, mas posso verificar". Isso leva mais tempo. E pode-se também fazer uma pergunta que vos obrigue a dizer: "Não sei a resposta"; porém, ao mesmo tempo ficais esperando uma resposta, esperando que vo-la digam. Assim, temos a pergunta familiar e a resposta imediata; a pergunta menos familiar, que exige algum tempo; a coisa de que não tendes certeza, mas que podeis verificar e para isso precisais de tempo; e, por fim, a coisa que não sabeis mas achais que, se esperardes, tereis a resposta.

Agora, se alguém pergunta: "Existe ou não existe Deus?" — que acontece? Nenhuma resposta pode ser encontrada na memória, pode? Embora vos agrade crer, embora vos tenham ensinado a crer, deveis varrer esses disparates. Investigar na memória não dá resultado; esperar que vos dêem a resposta é inútil, porque ninguém pode dá-la; e o intervalo de tempo para nada serve. Há só o fato no presente ativo, a certeza absoluta de que não sabeis. Esse estado de "não saber" é atenção completa, não? E qualquer outra forma de saber ou de não saber procede do tempo e do pensamento, e é desatenção.

Estais seguindo tudo isso e aprendendo? Aprender, por certo, supõe "não saber". Aprender não é adicionar, acumular. No processo de acumular, o que se faz é apenas aumentar o conhecimento, que é estático. O aprender é constante variação, mudança, viver.

Sendo assim, que acontece quando estais *aprendendo* a respeito do medo? Estais investigando o medo, não é verdade? Estais "atacando" o medo, não é o medo que vos está atacando. E descobris então que não existe esta coisa: "vós e o medo". Esta divisão não existe. A atenção, pois, é o presente ativo, no qual a mente, o intelecto, diz: "Não sei, absolutamente". E nesse estado não existe medo. Mas existe medo quando dizeis: "Não sei, mas espero saber". Eis um ponto essencial que importa compreender. Consideremo-lo de diferente maneira.

Sem dúvida, o medo surge quando buscamos a segurança, exterior ou interiormente; quando se aspira a um estado permanente, duradouro, nas relações, nas coisas mundanas, na confiança, que o saber proporciona, na experiência emocional. E, finalmente, dizemos que existe Deus, absoluta e eternamente permanente, em cujo seio encontraremos imperturbável paz e segurança para todo o sempre. Cada um está a buscar segurança nesta ou naquela forma, e sabemos como cada um atua — buscando a segurança no amor, na propriedade, na virtude, jurando a si mesmo ser bom, casto. Todos conhecemos os horrores inerentes à busca, secreta ou aberta, da segurança. E isso é medo, porquanto nunca averiguastes se existe segurança. Não o sabeis. Emprego estas palavras para denotar que se trata de um fato que desconheceis absoluta e completamente. Vós não sabeis se Deus existe ou não existe. Não sabeis se haverá ou não outra guerra. Não sabeis o que irá acontecer amanhã. Não sabeis se existe, interiormente, alguma coisa permanente. Ignorais o que irá suceder em vossas relações, com vossa esposa, vosso marido, vossos filhos. Não sabeis; mas deveis verificar isso, não achais? Deveis descobrir por vós mesmo que ignorais. E esse estado de não saber, esse estado de completa incerteza, não é medo; é a atenção plena, na qual podeis *descobrir*.

Vê-se, pois, que a totalidade da consciência — a qual inclui o superficial, o consciente, o oculto, e as extremas profundezas dos resíduos raciais, os "motivos", tudo o que constitui pensamento — vê-se que a totalidade da consciência é, essencialmente, medo. A consciência é tempo, resultado de muitos dias, meses, anos e séculos. Vossa consciência de serdes francês se formou, historicamente, através de muitas gerações de propaganda. O fato de serdes cristão, católico, o que quer que seja, representa dois mil anos de propaganda durante os quais fostes obrigado a crer, a pensar, a funcionar e atuar segundo um certo padrão chamado "cristão". E não ter crença alguma, ser o mesmo que *nada* parece coisa temível. Assim, a totalidade da consciência é medo. Isto é um fato, e não há concordar ou discordar sobre um fato.

Agora, que acontece quando vos vedes em presença de um fato? Ou tendes opiniões a respeito do fato, ou simplesmente o observais. Se tendes opiniões, juízos, avaliações do fato, então não o estais vendo. E não o vedes porque entra em cena o tempo, pois vossa opinião é

produto do tempo, do ontem, de vossos conhecimentos anteriores. O *ver* realmente está no presente ativo, e nesse ver não existe medo. Isso é um fato real. O experimentar de um fato real é que liberta do medo a consciência total. Espero que não estejais muito cansados e possais *experimentar* isto, pois não podeis levá-lo para casa para lá refletir a seu respeito. Porque então não tem valor. O que tem valor é enfrentar o fato diretamente, e penetrá-lo. Vereis então que o todo de nosso mecanismo pensante, com seus conhecimentos, suas sutilezas, suas defesas e renúncias — que esse todo constitui o pensamento e é a causa real do temor. E vemos também que, quando há atenção total, não há pensamento; há, só, percepção, o ato de ver.

Havendo atenção, há completa tranqüilidade; porque nessa atenção não há exclusão. Quando o intelecto pode estar completamente sereno — *não* adormecido, porém ativo, sensível, vivo, — nesse estado de atenta serenidade não existe medo. Há então uma qualidade de movimento que não é pensamento, absolutamente, que não é sentimento, emoção ou sentimento. Não é uma visão, nem uma ilusão; é um movimento de qualidade toda diferente, que conduz ao Indenominável, ao Imensurável, à Verdade.

Mas, infelizmente, não estais escutando, experimentando deveras, pois não examinastes isto realmente, não investigastes até este ponto. Por conseguinte, o medo não tardará a precipitar-se novamente sobre vós, qual uma vaga, submergindo-vos. Tendes, portanto, de examinar isto; e no examiná-lo está a solução. Esta é a base; e uma vez lançada a base, nunca mais buscareis, porque toda busca da Realidade se baseia no medo. Libertada do medo a mente, o intelecto, então podereis *descobrir*.

PERGUNTA: Li um livro de vossa autoria sobre educação. Não se poderia fundar uma escola desse gênero, enquanto estais aqui, em Paris?

KRISHNAMURTI: Em primeiro lugar, senhor, estivemos falando acerca do medo e não sobre fundação de escolas. Se desejais fundar uma escola desse gênero, é a vós que compete esta tarefa, e não a mim, pois parto no fim da próxima semana. E, também, não é tão fácil assim fundar escolas. É necessário o impulso do entusiasmo. Esta pergunta é boa, no seu lugar próprio; mas vejamos se se podem fazer perguntas mais pertinentes.

PERGUNTA: Por que temem as crianças?

KRISHNAMURTI: Não é mais certo perguntar: "Por que temos medo?" É bastante óbvio por que as crianças temem. Estão rodeadas por uma sociedade baseada no temor. Os pais temem; e a criança necessita essencialmente de segurança e, quando se vê privada dela, sente medo. Vede, não estais enfrentando o fato de que há temor em vós.

PERGUNTA: É possível estar sempre no estado de atenção plena que exclui o medo?

KRISHNAMURTI: Na atenção não há exclusão; ela não é um processo de resistência. Examinamos a questão do medo e vimos que não existe medo quando estamos atentos. Na atenção não há processo de pensamento "exclusivo". Pode-se fazer uso do pensamento, mas não há então *exclusão*. Não sei se percebeis. Eu estou atento; neste momento sou todo atenção. Mas tenho de empregar palavras para comunicar-me convosco. As palavras só servem para a comunicação, e não para se experimentar o fato real.

E apresenta-se aí a questão de como manter a atenção plena. Ora, "manter" implica tempo e, portanto, a destruição da atenção. Se a atenção cessa, é deixá-la ir-se, e esperar que volte. Nunca digais: "preciso mantê-la"; porque isso significa esforço, tempo, pensamento e tudo o mais.

PERGUNTA: A memória está inteiramente associada ao conhecimento, ou é "aquele silêncio" uma memória de diferente qualidade?

KRISHNAMURTI: De todo o processo de conhecer, acumular experiência, resulta a memória, que é tempo. Conhecemos o processo mecânico da acumulação das lembranças. Toda experiência incompreendida, incompleta, deixa sua marca, que chamamos memória.

E "aquela tranqüilidade" é uma memória de qualidade diferente? A memória, por certo, implica continuidade: o passado, o presente e o futuro. A tranqüilidade não tem continuidade, e é importante compreender isto. Pode-se induzir, disciplinar o intelecto para se tornar tranqüilo, e esse disciplinar tem uma continuidade; mas a tranqüilidade resultante da disciplina, da memória, não é tranqüilidade nenhuma.

Nós nos referimos a uma tranqüilidade que vem sem ser chamada, quando não existe medo de espécie alguma, declarado ou secreto. E quando existe essa tranqüilidade, que é uma necessidade absoluta, independente da memória, verifica-se então um movimento de qualidade totalmente diferente.

14 de setembro de 1961.

PARIS — VI

Da Mutação Radical

Desejo falar sobre um tópico que me parece importante: a questão da mudança, mutação. Que se entede por "mudança"? Em que nível e até que profundidade podemos mudar? Evidentemente, a mudança é necessária; não só o indivíduo, mas também a coletividade deve mudar. Não creio na existência de uma mente coletiva, salvo os instintos raciais e conhecimentos hereditários, armazenados no inconsciente; mas, sem dúvida, a ação coletiva é necessária. No próprio ato da mudança individual o coletivo também, por certo, mudará. O individual e o coletivo não são duas coisas separadas, opostas uma à outra, embora certos grupos políticos procurem separá-lo, a fim de forçarem o indivíduo a ajustar-se à chamada massa coletiva.

Se pudéssemos esclarecer juntos todo o problema de mudança, como produzir uma mudança no indivíduo, e o que esta mudança implica, então, talvez, no próprio ato de escutardes, tomardes parte na investigação, poderá ocorrer uma mudança independente de vossa volição. Para mim, a mudança deliberada, a mudança compulsória, disciplinar, de ajustamento, não é mudança nenhuma. A coerção, a influência, uma nova invenção, a propaganda, um temor, um *motivo* impele-vos a mudar — mas isso não é mudança nenhuma. E embora intelectualmente possais concordar muito facilmente com isso, asseguro-vos que penetrar e compreender a verdadeira natureza da mudança sem *motivo* é uma coisa maravilhosa!

Quase todos nós temos hábitos de pensamento, idéias, gostos físicos, tão profundamente fixados e arraigados que parece-nos quase

impossível abandoná-los. Estabelecemos certos hábitos de comer — exigir determinados alimentos — certos hábitos de vestir, e hábitos físicos, hábitos emocionais, hábitos de pensamento, etc.; e é realmente difícil promover-se uma modificação profunda, radical, sem o emprego da compulsão e da ameaça. A mudança que conhecemos é sempre muito superficial. Uma palavra, um gesto, uma invenção pode fazer-nos quebrar um hábito e ajustar-nos a um novo padrão; e pensamos que mudamos. Deixar uma igreja para ingressar noutra, deixar de chamar-se "francês" para intitular-se "europeu" ou "internacionalista", esta espécie de mudança é bem superficial; é puro "comércio", barganha. Uma mudança no modo de viver, fazendo uma viagem ao redor do mundo, uma modificação das próprias idéias, atitudes, valores — todo esse processo me parece superficial, porque resultado de coerção, exterior ou interior.

Assim, pode-se ver muito claramente que mudar em virtude de uma dada influência exterior, do medo, ou em virtude do desejo de alcançar um certo resultado, não constitui mudança radical. E nós necessitamos deveras de uma mudança completa, de uma tremenda revolução. O de que necessitamos não é uma mudança de idéias, de padrões, mas, sim, da demolição, da destruição total de todos os padrões. Historicamente, pode-se ver que toda revolução, por mais promissora e por mais violenta que seja no começo, acaba invariavelmente no velho e repetido padrão; e que toda mudança promovida sob a compulsão do medo ou promessa de recompensa, vantagens, é apenas mais uma adaptação. E a mudança é necessária, pois não podeis continuar a viver com essas atitudes, crenças e dogmas tão insignificativos, estreitos, limitados. Tudo isso precisa ser destroçado, destruído. E como destruí-los? Quais os processos que quebrarão totalmente a formação de hábitos? É possível passarmos completamente sem padrões: não deixarmos um hábito para formarmos outro?

Se tudo está bem entendido até aqui, podemos então prosseguir, para averiguar se é possível desenvolver uma qualidade que torne a mente, o intelecto, sempre fresco, sempre jovem, novo, de modo que nunca forme hábitos de pensamento nem se deixe apegar a qualquer dogma ou crença. Parece-me, pois, necessário investigar toda a estrutura dentro da qual funciona nossa consciência. A totalidade de nossa consciência, — a oculta e a superficial — funciona dentro de uma estrutura, uma linha divisória; e quebrar esta linha divisória é o pro-

blema que se nos depara. Não se trata apenas de mudança na maneira de pensar; pois podemos pensar de nova maneira, como os mais modernos comunistas, ou adotar uma nova crença; mas isso está ainda dentro da estrutura da consciência, do pensamento; e o pensamento é sempre limitado. Assim, mudança do padrão de pensamento não constitui quebra das limitações da consciência.

Os mais de nós nos satisfazemos completamente com um ajustamento superficial e achamos que é melhoramento aprender uma nova técnica, adquirir uma nova língua, obter um novo emprego, ou formar um novo estado de relação quando o velho se nos tornou incomodo. Para a maioria de nós a vida está neste nível: ajustamento, compulsão, quebra de velhos padrões para nos enredarmos em novos. Mas isso, absolutamente, não é mudança e os atuais problemas humanos exigem uma revolução completa, mudança total. Portanto, releva penetrarmos muito mais profundamente na consciência, para vermos se é possível promover uma mudança radical, de modo que sejam quebradas as limitações do pensamento e libertada a consciência.

Talvez superficialmente, conscientemente, possamos passar um pouco a esponja sobre o que está na superfície da lousa; mas limpar os recessos profundos do coração e da mente, o oculto, o inconsciente, isso parece quase impossível, não é verdade? — pois não se sabe o que lá existe; a mente superficial não pode penetrar no obscuro depósito da memória. Mas isso precisa ser feito.

Espero que não estejais acompanhando apenas verbal, intelectualmente, pois isso seria um jogo muito estúpido, como brincar com cinzas. Mas, se estais acompanhando *experimentalmente*, realmente — seguindo, não o orador, porém a *experiência* que vós mesmo estais fazendo — penso que isso terá então muito valor. Assim, como penetrar o inconsciente, os recessos ocultos do coração, da mente, do intelecto? Os psicólogos e analistas procuram reconduzir-vos até à infância, etc., mas isso de modo nenhum resolve o problema fundamental, porquanto é então existente o interpretador, o avaliador, e estais, tão só, vos ajustando de novo a um padrão. Nós estamos falando sobre a completa destruição do padrão, porquanto o padrão é meramente a experiência de milhares de anos inculcada à força de repetição, no intelecto, que é sumamente sensível e adaptável.

Dessarte, como iniciar a quebra do padrão? Primeiramente deveis estar certos de que o processo analítico do psicólogo, do analista ou

de vós mesmo, nenhum valor tem quando se trata da completa transformação, da mutação completa. Poderá ter algum valor para tornar a pessoa mentalmente doente capaz de ajustar-se melhor à atual e malsã sociedade; mas não é disso que estamos falando. Antes de continuarmos, devemos estar perfeitamente certos de que a análise não pode promover revolução total na consciência. Que implica a análise? Quer procedida por outro, quer por vós mesmo, nela há sempre o observador e a coisa observada, não é verdade? Há o observador, que observa, que critica, que censura; e que interpreta tudo o que observa conforme um sistema de valores que ele já possui. Há, assim, separação entre observardor e coisa observada, portanto conflito; e, se o observador não está observando acuradamente, há falsa interpretação, e esta falsa interpretação é levada para diante indefinidamente, causando incompreensão mais profunda. Assim, um equívoco, em análise, não tem fim. Disso deveis estar perfeitamente certos; *certos*, no sentido de que podeis ver que não é esse o caminho certo para se alcançar a livre consciência.

Assim, quando não sabemos qual é o caminho certo, mas somos capazes de discernir e rejeitar o caminho errado, nossa mente está então num estado de negação, não é verdade? Não sei se já experimentastes algumas vez o pensar negativo. Nosso pensar é pela maior parte pensar positivo, o qual inclui também uma certa forma de negação. Nosso pensar se baseia atualmente no medo, no lucro, na recompensa, na autoridade; pensamos consoante uma fórmula; e tal é o pensar positivo, com suas negações próprias. Mas nós estamos falando sobre a rejeição do falso, sem se saber qual é o verdadeiro. Pode uma pessoa dizer a si mesma: "Sei que a análise é falsa e não quebrará as limitações da consciência nem produzirá transformação; portanto, não farei uso dela". Ou, "Sei que o nacionalismo é um veneno, seja da França, seja da Rússia ou da Índia; conseqüentemente, rejeito-o. Não sei se há outra coisa, mas percebo que o nacionalismo é falso". E perceber que os deuses, os salvadores, as cerimônias que os homens inventaram, quer remontem a dez ou a dois mil anos atrás, quer sejam dos últimos quarenta anos — perceber que tudo isso não tem validade e negá-lo completamente, isso exige uma mente, um intelecto bem esclarecido, destemeroso de negá-lo. Então, ao rejeitardes o falso, já estais começando a ver o que é verdadeiro, não achais? Para ver o

que é verdadeiro é necessária, primeiramente, a rejeição, a negação do falso. Eu gostaria de saber se estais acompanhando isto!

Para descobrir o que é a beleza, impende rejeitar toda a beleza que o homem criou. Para se experimentar a essência da beleza é preciso, antes, destruir tudo o que até agora se criou; porque a expressão, por mais maravilhosa que seja, não é a beleza. Só se descobre o que é a virtude, essa coisa extraordinária, pondo abaixo toda a moralidade social de respeitabilidade, com seus estúpidos tabus sobre o que se deve fazer e o que se não deve fazer. Quando se vê e se nega o que é falso, sem se saber de antemão o que é verdadeiro, começa então o real estado de negação. Só a mente e o intelecto que estão vazios do que é falso podem descobrir o que é verdadeiro.

Assim, se o processo analítico não pode quebrar a estrutura dentro da qual funciona a consciência, e se rejeitastes esse processo, deveis então perguntar a vós mesmo quais são as outras coisas falsas que devem ser rejeitadas. Espero estejais seguindo.

Por certo, a segunda coisa que se deve rejeitar é a exigência de mudança. Por que se exige mudança? Nunca exigis mudança se as condições presentes vos são convenientes, satisfatórias. Ninguém deseja uma revolução quando possui um milhão de dólares. Não deseja revolução quem está confortável e comodamente instalado na sociedade, com sua mulher, seu marido, seus filhos. Diz-se, então: "Por Deus, deixai tudo como está". Só deseja revolução quem se vê perturbado, descontente, quem deseja mais dinheiro, uma casa melhor. Assim, se examinardes esta questão com profundeza, vereis que nossa exigência de mudança é exigência de uma vida mais confortável, mais proveitosa. Está baseada num *motivo*: adquirir um novo padrão de conforto, de segurança. Agora, se percebeis que esse processo é falso, como deveis perceber, e desejais descobrir o que é verdadeiro, há então busca de mudança? Existe qualquer busca que seja?

Afinal, todos vós aqui estais porque desejais *descobrir*, não é verdade? Quê buscais, e por que buscais? Se bem examinardes isso, descobrireis que estais insatisfeito com as coisas como são e desejais algo novo. E o novo tem de ser sempre satisfatório, confortável, confortador, seguro. As pessoas chamadas religiosas estão em busca de Deus. Pelo menos o dizem. Mas uma busca implica sempre algo que se perdeu, ou algo que se conheceu e se deseja recuperar. Como se pode buscar Deus? Nada sabeis, absolutamente, a respeito de

Deus, a não ser o que vos disseram — e isso é só propaganda. A Igreja faz uso da propaganda, e os comunistas também o fazem. Mas nada sabeis a respeito de Deus; e, para descobrir, deveis negar, rejeitar totalmente todas as formas de propaganda, todos os ardis de que se têm servido as Igrejas e outros.

Assim, para haver completa transformação na consciência é necessário rejeitar a análise, a busca e não mais estar sujeito a nenhuma influência, sendo isso imensamente difícil. A mente, percebendo o que é falso, rejeita completamente o falso, sem saber o que é verdadeiro. Se já sabeis o que é verdadeiro, neste caso estais apenas trocando o que considerais falso pelo que imaginais verdadeiro. Não há renúncia se já se sabe o que se vai obter em troca. Só há renúncia quando abandonamos uma coisa sem saber o que irá acontecer. Este estado de negação é completamente necessário. Acompanhai isto com atenção, porque, se chegastes até este ponto, podeis ver que nesse estado de negação se descobre o verdadeiro; porque negação é despejar da consciência o conhecido.

A consciência, afinal de contas, se baseia no conhecimento, na experiência, na herança racial, na memória, nas coisas que foram experimentadas. As experiências são sempre do passado, e estão operando no presente, sendo modificadas pelo presente e continuando para o futuro. Tudo isso é a consciência, o vasto reservatório dos séculos. Ela tem sua utilidade tão-só no viver mecânico. Seria absurdo rejeitar todos os conhecimentos científicos adquiridos através do longo passado. Mas, para se produzir uma mutação na consciência, uma revolução em toda essa estrutura, há necessidade de um vazio completo. E esse vazio só se torna possível com o descobrimento, o real percebimento do que é falso. Pode-se então ver, se tiverdes chegado até aí, que o próprio vazio produz uma revolução completa na consciência: ela já se realizou.

Como sabeis, muitos de nós temos medo, terror de estar sós. Queremos sempre uma mão para segurar, uma idéia a que apegar-nos, um deus para adorar. Nunca estamos sós. Em nosso quarto, no ônibus, estamos sempre acompanhados de nossos pensamentos, nossas ocupações; e, quando no meio de outras pessoas, ajustamo-nos ao grupo, à companhia. Nunca estamos deveras sozinhos, e só pensar nisso faz-nos medo. Mas só a mente, o intelecto que está completamente só, vazio de toda exigência, toda forma de ajustamento, toda

influência, completamente vazio, só essa mente descobre que esse próprio vazio é mutação.

Eu vos garanto que todas as coisas nascem do vazio; todas as coisas novas procedem desse vasto, imensurável, insondável sentimento de vazio. Isto não é romantismo, não é nenhuma idéia, nem imagem, nem ilusão. Quando se rejeita completamente o falso, sem se saber o que é verdadeiro, ocorre uma mutação na consciência, uma revolução, uma transformação total. Talvez então já nem haja a consciência tal como a conhecemos, porém algo inteiramente diferente; esta consciência, este estado pode viver neste mundo, porque não há rejeição do conhecimento mecânico. Assim, se penetrastes bem, o encontrastes.

PERGUNTA: Se percebemos visualmente o falso como falso e o abandonamos, isso é renúncia ou há algo mais?

KRISHNAMURTI: Penso que na renúncia há mais alguma coisa. Que nos faz rejeitar, renunciar, qual a razão, o motivo? O que vos impele a rejeitar algo ou é o medo ou a vantagem. Se já não encontrais conforto na vossa Igreja, ingressais noutra ou em alguma seita estúpida. Mas, se rejeitais toda e qualquer Igreja, toda e qualquer maneira de apegar-vos a algo confortante, sem saberdes aonde vos levará esse estado de incerteza, esse estado de perigo, isso, sim, é renúncia. É necessário um claro percebimento de que toda organização religiosa é prejudicial, é algo feio, escravizante; e quando rejeitais tal coisa, rejeitais todas as organizações espirituais. E isso significa que tereis de ficar só, não? Mas todos vós desejais pertencer a tal ou tal coisa, denominar-vos franceses, ingleses, alemães, católicos, protestantes e tudo o mais. Ser completamente estranho a tudo isso é renúncia.

PERGUNTA: Ao alcançar esse sentimento de vazio, como pode a pessoa viver praticamente neste mundo?

KRISHNAMURTI: Em primeiro lugar, vós o alcançastes? E quando o alcançamos, não rejeitamos os conhecimentos mecânicos, não é verdade? Precisamos dos conhecimentos mecânicos para podermos viver neste mundo, exercer nosso emprego, funcionar como engenheiros, eletricistas, violinistas, etc. Estamos falando acerca de uma revolução na consciência, na psique, em nosso ser integral. Os conhecimentos técnicos superficiais, o equipamento mecânico das atividades diárias, desses nós necessitamos. Mas se a mente que se serve desses conhecimentos técnicos não está completamente livre, não se encontrar num

estado de mutação, então o mecanismo superficial se tornará destrutivo, nocivo, feio, brutal; e é isso que está acontecendo no mundo.

PERGUNTA: Podeis explicar-nos de novo por que a análise é errada? Eu não o percebi bem.

KRISHNAMURTI: Consideremo-lo de maneira diferente. Que são os sonhos? Por que sonhamos? Não me estou desviando da pergunta. Vós sonhais porque durante o dia vosso intelecto está tão ocupado que não tem tranqüilidade, na qual e com a qual possa penetrar fundo. E sabeis como ele está ocupado — com o emprego, a competição, milhares de coisas. Assim, enquanto dormis apresentam-se sugestões, comunicações do inconsciente, sob a forma de símbolos, sonhos; e ao despertardes vos lembrais desses sonhos e procurais interpretá-los ou mandar interpretá-los. Conheceis todo esse processo. Ora, por que sonhamos? Por que *deveis* sonhar? Sonhar não é, se posso usar a palavra, errado? Porque, se estais em observação, se estais atento para tudo o que ocorre ao redor de vós ou dentro de vós, durante todas as horas em que estais despertos, então, nessa vigilância, ides descobrindo todas as coisas enquanto caminhais; todos os *motivos*, desejos e impulsos inconscientes emergem na mente consciente e são compreendidos. Então, quando dormis, não é possível sonhar. Tem então o sono significado completamente diferente. O mesmo acontece com a análise. Se se puder perceber, num relance, o processo total da análise — e isto é possível — ver-se-á então que enquanto há um observador, um censor que interpreta, a análise é sempre errada. Porque a condenação ou aprovação pelo censor baseia-se no seu condicionamento.

PERGUNTA: Falais da libertação de todas as influências; mas estas reuniões não nos estão influenciando?

KRISHNAMURTI: Se estais sendo influenciado por este orador, neste caso tanto faz virdes aqui como irdes ao cinema, à igreja, à missa. Se estais sendo influenciado pelo orador, estais criando uma autoridade; e qualquer espécie de autoridade impede-vos a compreensão do real, do verdadeiro. E se estais sendo influenciado pelo orador, não compreendestes o que ele esteve dizendo nesta última hora e nestes últimos trinta anos. Estar livre de toda influência — dos livros que ledes, dos jornais, do cinema, da educação que recebestes, da sociedade a que pertenceis, da influência da Igreja — estar cônscio de todas as

influências e não se deixar apanhar por nenhuma delas, isto é inteligência. Requer atenção, vigilância, percebimento de todas as coisas que se passam interiormente, todas as reações, e isso significa não deixar passar um só pensamento sem lhe conhecer o conteúdo, o *fundo*, o *motivo*.

17 de setembro de 1961.

PARIS — VII

Nada Exigir da Vida

Com vossa permissão, desejo hoje tratar de um assunto um tanto complexo, que é a morte. Mas, antes de entrarmos na matéria desejo sugerir àqueles que estão tomando notas que não o façam. Este orador não está pronunciando uma conferência, para fazerdes anotações e depois interpretardes, vós ou outro, o que se está dizendo. Intérpretes são exploradores, não importa se bem intencionados ou se meramente desejosos de "fazer nome". Assim, desejo sugerir-vos com toda a seriedade que presteis atenção e *experimenteis* agora, em vez de deixardes para refletir mais tarde sobre o que se disse, ou ouvir comentários de outras pessoas a tal respeito, pois tudo isso é extremamente fútil.

Desejo também salientar que as palavras, em si mesmas, pouco significam. São apenas símbolos de que nos servimos para fins de comunicação. Tenho de empregar certas palavras, mas faço-o apenas com o fim de comunicar-vos algo; e cada um deve procurar através delas o seu caminho para a compreensão de coisas não explicáveis verbalmente; e, já que temos a tendência de interpretar as palavras consoante aos nossos gostos e aversões, existe o perigo de perdermos o verdadeiro significado do que se está dizendo. Estamos tentando averiguar o que é falso e o que é verdadeiro; e, para isso, temos de transcender as palavras. E, no transcender as palavras, estamos expostos ao perigo de nossa interpretação pessoal, individual, nas palavras. Assim, se desejamos realmente penetrar fundo nesta questão da morte, como pretendo fazer, devemos estar cônscios das palavras e seus significados e ter o cuidado de não as interpretar de acordo com nossos

gostos e desgostos. Se nossa mente está livre da palavra, do símbolo, estamos então aptos a comungar uns com os outros além do nível das palavras.

A morte é um problema muito complexo, difícil de experimentar realmente e penetrar fundo. Por isso, ou tratamos de racionalizá-la, explicá-la e nos quedamos satisfeitos; ou, ainda, temos crenças, dogmas, idéias, nas quais nos refugiamos. Mas dogmas, crenças e racionalizações não resolvem o problema. A morte existe; está sempre presente. Ainda que os médicos e cientistas logrem prolongar a vida do organismo físico por mais cinqüenta anos ou além, a morte nos aguarda. E para a compreendermos não devemos considerá-la verbal, intelectual ou sentimentalmente, porém enfrentando realmente o fato e penetrando-o. Isso requer muita energia, muita clareza de percebimento; e a energia e a clareza são-nos negadas quando há medo.

Em maioria, jovens ou velhos, temos pavor da morte. Embora vejamos passar todos os dias o coche fúnebre, a morte nos aterroriza; e, havendo medo, não há compreensão. Assim, para se penetrar a questão da morte, o primeiro requisito essencial é que se esteja livre do medo. E com "penetrar" quero dizer "viver com a morte" — não verbalmente, não intelectualmente, mas conhecer de fato o sentimento de viver com uma coisa tão brutal, tão peremptória, com a qual é escusado discutir ou barganhar. Mas, para fazê-lo, devemos primeiramente estar livres do medo; e isso é dificílimo.

Não sei se já tentastes ficar livre do medo de alguma coisa: medo da opinião pública, de perder o emprego, de não ter crença alguma. Se o fizestes, deveis saber como é difícil nos livrarmos completamente do medo. Conhecemos realmente o medo? Ou há sempre um intervalo entre o "processo de pensamento" e a realidade? Se temo a opinião pública, o que outros dizem, esse temor é simplesmente um processo de pensamento, não? Mas, ao apresentar o momento real de enfrentar o fato — o que se está dizendo de nós — nesse exato momento não existe medo. No percebimento total não há experimentador. Não sei se já tentastes alguma vez ficar completamente cônscio sem escolha, completamente perceptivo sem nenhuma barreira à atenção. Com essa percepção podemos ver que estamos sempre fugindo das coisas que tememos, sempre a escapar-nos. Esta fuga à coisa que o pensamento chama temível é que cria o medo, essa

fuga é medo — e isso significa, realmente, que o medo é causado pelo tempo e o pensamento.

E que é o tempo? Afora o tempo cronológico ou cronométrico, representado pelo ontem e o hoje, existe o tempo, interiormente, psicologicamente? Ou o pensamento inventou o tempo como meio de alcançar, de ganhar, a fim de preencher o intervalo entre *o que é* e o que *deveria ser*? O que *deveria* ser é meramente uma expressão ideológica; não tem validade, é simples teoria. O real, o fato, é *o que é*. Quando estamos frente a frente com *o que é*, não há medo. Tememos saber o que efetivamente somos, mas, se enfrentamos realmente *o que é*, não há temor. O pensamento, o pensar acerca do *que é*, eis o que gera o medo. E o pensamento é processo mecânico, reação mecânica da memória, e a questão é se o pensamento pode morrer para si mesmo. Pode uma pessoa morrer para todas as lembranças, experiências, valores, juízos, que acumulou?

Já alguma vez tentastes morrer para alguma coisa? Morrer, sem argumentar, sem escolher, morrer para uma dor ou, mais especialmente, para um prazer? No morrer não há argumentação; não se pode argumentar com a morte; ela é peremptória, absoluta. Da mesma maneira devemos morrer para a memória, morrer para um pensamento, para todas as coisas, todas as idéias que acumulamos. Se já experimentastes isso, deveis saber quanto é difícil; deveis saber como a mente, o intelecto, se apega à memória. Para se abandonar uma dada coisa totalmente, completamente, sem nada exigir em troca, necessita-se de claro percebimento, não achais?

Enquanto houver continuidade de pensamento, como tempo, como prazer e dor, tem de haver medo; e onde há medo, aí não há compreensão. Isso me parece bem simples e claro. Tememos tantas coisas! Mas, se tomardes uma dessas coisas e morrerdes para ela, completamente, descobrireis que a morte não é o que imagináveis que fosse; é algo completamente diferente. Mas nós desejamos a continuidade. Tivemos experiências, acumulamos conhecimentos, acumulamos várias formas de virtude, formamos nosso caráter, etc.; e tememos que isso se acabe e, assim, perguntamos: "Que me acontecerá quando vier a morte?" E este é realmente o problema. Conhecendo a inevitabilidade da morte, recorremos à crença na reincarnação, na ressurreição, e a todas as fantasias contidas na crença — e isso, na realidade, é uma continuação do que somos. E, com efeito, que sois

vós? Dor, esperança, desespero, várias formas de prazer; sois entes confinados no tempo e no sofrimento. Fruímos uns poucos momentos de alegria, mas o resto de nossa vida é vazio, superficial, uma batalha constante, cheia de canseiras e misérias. Isto é tudo o que conhecemos da vida e é isto que desejamos continue. Nossa vida é uma continuidade do conhecido; movemo-nos e agimos do conhecido para o conhecido; e quando se destrói o conhecido, manifesta-se o sentimento de medo, medo de enfrentar o desconhecido. A morte é o desconhecido. Ora, pode-se morrer para o conhecido, e enfrentá-lo? Eis o problema.

Não estou falando de teorias. Não estou oferecendo idéias. Estamos procurando averiguar o que significa viver. Viver sem medo bem pode significar imortalidade, ficar livre da morte. Morrer para as lembranças, para o ontem e para o amanhã, isso, por certo, é "viver com a morte"; e nesse estado não existe o medo à morte e todas as absurdas invenções criadas pelo temor. E que significa "morrer interiormente"? O pensamento é a continuação do ontem no futuro, não? O pensamento é reação da memória. A memória resulta da experiência. E experiência é o processo de "desafio" e "reação". Pode-se ver que o pensamento está sempre funcionando na esfera do conhecido; e enquanto estiver funcionando o mecanismo do pensamento, tem de haver medo. Porque é o pensamento que impede a investigação do desconhecido.

Notai que estamos procurando pensar juntos na questão. Não vos falo como uma pessoa que descobriu algo novo e vos está contando o que descobriu, para acompanhardes verbalmente a descrição. Deveis acompanhá-la investigando vossa mente e coração. Há necessidade de autoconhecimento; porque o conhecimento de si mesmo é o começo da libertação do medo.

Estamos perguntando se é possível "viver com a morte", não no último instante, quando a mente está debilitada, ou na velhice ou quando se sofre um acidente, porém agora mesmo. "Viver com a morte" deve ser uma experiência extraordinária, algo totalmente novo, nunca pensado e que o pensamento jamais poderá descobrir. E para descobrir o que significa "viver com a morte", necessita-se de imensa energia, não achais? Viver com vossa esposa, vosso marido, vossos filhos, e não vos deixardes perverter, deformar; viver com uma árvore, com a natureza — necessita-se de energia para se conseguir isso. Para

viver com uma coisa feia necessita-se de energia; porque, do contrário, a coisa feia vos deformará ou com ela vos acostumareis, mecanicamente; e o mesmo se aplica à beleza. Se não viveis intensamente, completamente, plenamente num mundo desta espécie, onde se encontra toda espécie de propaganda, de influência, de pressão, de controle, de falsos valores, vos acostumareis com tudo e isso vos embotará a mente, o espírito. E para se ter energia, não deve haver medo; o que significa que nada absolutamente se deve exigir da vida. Não sei se podeis chegar tão longe: nada exigir da vida.

Há dias falamos sobre a "necessidade". Temos necessidade de certos confortos físicos, de alimento, de morada; mas fazer exigências psicológicas à vida significa mendigar, ter medo. Há necessidade de intensa energia para se estar só. Compreender isso não é questão de refletir a seu respeito. Só há compreensão quando não há escolha, julgamento, porém, apenas, observação. Morrer cada dia significa não transportar de ontem para hoje todas as vossas ambições, vossos pesares, vossas lembranças de preenchimento, vossas mágoas, vossos ódios. A maioria de nós definha, mas isso não é morrer. Morrer é conhecer o amor. O amor não tem continuidade, não tem amanhã. O retrato de uma pessoa na parede, a sua imagem em vossa mente — isso não é amor, é só memória. Assim como o amor é o desconhecido, assim também a morte é o desconhecido. E para ingressarmos no desconhecido — que é a morte e o amor — precisamos, primeiramente, morrer para o conhecido. Só então a mente está nova, jovem, "inocente"; e nela não existe a morte.

Se vos observardes, assim como vos mirais num espelho, vereis que nada mais sois que um feixe de lembranças, não é verdade? E todas essas lembranças pertencem ao passado; são coisas passadas e acabadas, não é mesmo? Assim, não se pode morrer para tudo isso, instantaneamente? Tal é possível, mas exige muita investigação de si mesmo, percebimento de cada pensamento, cada gesto, cada palavra, para que não haja acumulação. Por certo, isso se pode fazer. Pode-se então saber o que significa morrer todos os dias; e talvez saibamos então o que é amar todos os dias, e, não, conhecer o amor apenas como lembrança. Tudo o que agora conhecemos é só fumo — o fumo do apego, do ciúme, da inveja, da ambição, da avidez, etc. Não conhecemos a chama que está a arder por trás da fumaça. Mas, se pudermos dissipar completamente o fumo, descobriremos então que

viver e morrer são a mesma coisa, não teoricamente, mas de fato. Afinal de contas, tudo o que continua, que não chega a um fim, não é criador. O que tem continuidade nunca pode ser novo. Só na destruição da continuidade encontra-se o novo. Não me estou referindo à destruição social ou econômica, que é muito superficial. E se penetrardes isso bem fundo, não apenas no nível consciente, mas ainda nas profundezas existentes além dos limites do tempo, além da consciência — a qual está sempre contida na estrutura do pensamento — descobrireis então que morrer é uma coisa extraordinária. O morrer é, então, criação. Não é criação escrever poemas, pintar quadros, inventar novidades mecânicas. A criação só pode vir depois de morrermos para todas as técnicas, todo o saber, todas as palavras.

A morte, pois, como a concebemos, é medo. E quando não existe medo, porque estamos acolhendo a morte a cada minuto, então cada minuto é uma coisa nova; ele é novo porque, interiormente, "o velho" foi destruído. E para destruir não deve haver medo, porém, tão só, o sentimento de completa solidão; a possibilidade de estar completamente só, sem Deus, sem família, sem nome, sem tempo. Mas isso não significa desespero. A morte não é desespero. Pelo contrário, ela é viver cada minuto completamente, totalmente, sem as limitações do pensamento. Descobre-se então que a vida é morte, e que a morte é criação e amor. A morte, que é destruição, é criação e amor; essas três coisas estão sempre juntas, são inseparáveis. Ao artista só preocupa a expressão, coisa muito superficial, e ele não é criador. A criação não é expressão, transcende o pensamento e o sentimento, é livre da técnica, livre da palavra e da cor. E essa criação é amor.

PERGUNTA: Como poderão viver as futuras gerações, se o indivíduo morrer a cada minuto?

KRISHNAMURTI: Parece-me, se permitis dizê-lo, que entendestes mal. Preocupa-vos realmente o que irá acontecer às gerações vindouras? O amor é incompatível com o gerar filhos? Sabeis o que significa amar realmente alguém? Não me refiro à concupiscência. Nem à identificação completa de um com outro, em que a pessoa se sente arrebatada, enlevada. Isso é relativamente fácil quando somos impelidos pela emoção. Não é disso que estou falando. Refiro-me àquela chama que existe quando vós e o outro finais completamente. Mas parece que mui poucos de vós tendes conhecido esse estado; muito poucos de vós

tendes findado, ainda que por um momento. Se sabeis realmente o que isso significa, não há questão nenhuma relativa às gerações futuras. Em verdade, se as ulteriores gerações vos preocupassem realmente, teríeis escolas diferentes, uma espécie de educação completamente diversa, sem emulação e sem todas as outras coisas que tolhem.

PERGUNTA: Se, enquanto vivemos, não sabemos o que é a Verdade, como poderemos sabê-lo depois de mortos?

KRISHNAMURTI: Senhor, que é a Verdade? A Verdade não é uma coisa que vos foi descrita pela Igreja, pelo sacerdote, pelo vizinho, ou por um livro; não é uma idéia ou uma crença. É algo vital, novo; vós tendes de descobri-la; ela está para a descobrirdes. E para a descobrirdes deveis morrer para as coisas que já conheceis. Para verdes uma coisa com muita clareza, verdes a roca, a flor, outra pessoa, sem interpretação, deveis morrer para a palavra, para as lembranças da pessoa. Sabereis então o que é a Verdade. A verdade não é uma coisa remota, algo misterioso que só poderá ser descoberto quando estivermos fisicamente mortos, no céu ou no inferno. Se deveras sentísseis fome, não poderíeis satisfazer-vos com explicações sobre a comida. Desejaríeis alimento, e não a palavra "comida". Do mesmo modo, se desejais descobrir a verdade, então a palavra, o símbolo, as explicações são meras cinzas, sem nenhuma significação.

PERGUNTA: Percebo que a pessoa precisa estar livre do medo para possuir essas energia; entretanto, a certos respeitos, o medo me parece necessário. Como sair deste círculo vicioso?

KRISHNAMURTI: Ora, uma certa porção de medo físico é necessária, pois, do contrário, poderíamos acabar sob um ônibus. Em certo grau, a autoproteção instintiva é necessária. Mas, além desse ponto, não deve haver temor de espécie alguma. Não estou empregando a palavra "deve" como uma ordem, mas porque é inevitável o seu emprego. Parecemos não perceber a importância, a necessidade de nos libertarmos interiormente do medo. A mente que teme não pode marchar, para descobrir, em direção alguma. E a razão por que não percebemos isso é o termos erguido tantas muralhas de segurança em torno de nós e temermos o que poderá acontecer se essas garantias, essas defesas forem destruídas. Dizemos: "Que me acontecerá se nenhuma defesa tenho contra minha mulher, meu marido, meu vizinho, meu

patrão?". Pode não acontecer nada, ou pode acontecer tudo. Para se descobrir a verdade a esse respeito, é preciso estar-se livre da resistência, do medo.

PERGUNTA: Quando vos estamos ouvindo, talvez estejamos vivendo nesse estado, mas por que não vivemos nele sempre?

KRISHNAMURTI: Vós me estais escutando porque sou perseverante; porque sou enérgico e gosto disso de que estou falando — não é verdade? Não é, apenas, que eu goste de falar a um auditório, pois isso nenhuma importância tem para mim. Descobrir o que significa "viver com a morte" é amar a morte, compreendê-la, penetrá-la completamente, totalmente, a cada minuto do dia. Assim, vós me estais escutando, porque vos estou forçando a observardes a vós mesmos. Mas, depois, vos esquecereis de tudo. Retornareis à velha rotina e direis: "Como poderei sair desta rotina?". Assim, é realmente muito melhor não escutar nada do que criar outro problema sobre como continuar noutro estado. Vós tendes bastantes problemas: guerras, os vizinhos, os maridos, esposas, filhos, vossa ambições. Não lhes acrescenteis mais um. Ou deveis morrer completamente, conhecendo a necessidade, a importância, a urgência disso; ou podeis continuar do mesmo modo. Não crieis mais uma contradição, mais um problema.

PERGUNTA: E que dizeis da morte física?

KRISHNAMURTI: Toda máquina não se gasta? Um maquinismo, ainda que precisamente ajustado, ainda o melhor lubrificado, não deixa de se desgastar. Alimentando-se corretamente, fazendo exercícios, tomando medicamentos adequados, o homem poderá viver cento e cinqüenta anos; mas a máquina acaba tornando-se imprestável, e tereis de enfrentar então este problema da morte. Tendes o problema no começo, e tendes o problema no fim. Portanto, é muito mais judicioso, mais sensato, mais racional resolver o problema agora e ficar livre dele de uma vez.

PERGUNTA: Que devemos responder à criança que faz perguntas sobre a morte?

KRISHNAMURTI: Só podeis responder à criança se vós mesmo souberdes o que é a morte. Só podeis dizer à criança que o fogo queima, porque já vos queimastes, vós mesmo. Mas não podeis dizer à criança

o que é o amor, ou o que é a morte, podeis? Tampouco podeis dizer-lhe o que é Deus. Se sois católico, cristão, cheio de crenças e dogmas, respondereis de acordo com isso; mas isso é puramente vosso condicionamento. Se, interiormente, vós mesmo tiverdes entrado na "mansão da morte", sabereis então realmente o que dizer à criança. Mas, se nunca experimentastes o que significa morrer, verdadeiramente, interiormente, então qualquer resposta que derdes à criança não terá validade alguma; será apenas um amontoado de palavras.

19 de setembro de 1961.

PARIS — VIII

Autoconhecimento

NESTA palestra temos de falar sobre matéria muito vasta e isto poderá ser um tanto difícil, ou melhor, talvez "estranho". Vou servir-me de certas palavras que poderão ter para vós um significado e, para mim, significado inteiramente diferente. Para comungarmos realmente em todos os níveis devemos ter compreensão mútua das palavras que empregamos e dos seus significados. A meditação, que pretendo examinar junto convosco, tem para mim imensa significação, ao passo que, para vós, talvez seja uma palavra comum. Talvez, para vós, signifique um método para se alcançar um resultado, chegar a alguma parte; e poderá constar de repetição de palavras e frases para serenar a mente, e de uma atitude súplice. Mas, para mim, a palavra "meditação" tem extraordinário significado; e para examiná-la a fundo, como pretendo fazer, temos primeiramente de compreender a faculdade de criar ilusões.

Quase todos nós vivemos num mundo quimérico. Todas as nossas crenças são ilusões, sem validade alguma. E para se despojar a mente de todas as formas de ilusão e do poder de criar ilusões, requer-se percebimento claro e penetrante, capacidade de raciocinar com acerto, sem fugas nem desvios. Um intelecto sem temor, que não se oculta atrás de desejos secretos, um intelecto tranqüilo, sem conflito algum — esse intelecto, essa mente é capaz de perceber o que é verdadeiro, de ver se Deus existe. Não me refiro à palavra "Deus", mas ao que esta palavra representa, algo que transcende as medidas das palavras e do tempo — se tal coisa existe. Para se *descobrir*, é óbvio que devem terminar todas as formas de ilusão e o poder de

criar ilusões. E despojar a mente de todas as ilusões é, para mim, a *propriedade* da meditação. Eu *sinto* que através da meditação se penetra num vasto campo de extraordinários descobrimentos — não invenções, não visões, porém algo inteiramente diferente, realmente existente além do tempo, além das coisas fabricadas pela mente humana em sua busca secular. Se uma pessoa deseja realmente descobrir, por si própria, deverá lançar a base correta, e a base correta é a meditação. O copiar um padrão, o seguir um sistema, o observar um dado método de meditação — tudo isso é sobremodo infantil, imaturo demais; é mera imitação e não conduz a parte alguma, ainda que produza visões.

A base correta para se descobrir se existe uma realidade além das crenças que a propaganda inculcou na mente de cada um, essa base só pode ser criada pelo autoconhecimento. O conhecer a si mesmo é, exatamente, meditação. Conhecer a si mesmo não é conhecer o que se *deveria ser*; pois isso não tem validade, nem realidade, e não passa de mera idéia ideal. Mas compreender *o que é*, compreender o fato real — o que somos — momento por momento, isso requer que se liberte a mente de seu condicionamento. Pela palavra "condicionamento" entendo tudo o que a sociedade nos impôs, tudo o que a religião nos inculcou, pela propaganda, pela insistência, pela crença, pelo medo do céu e do inferno. Inclui o condicionamento referente à nacionalidade, ao clima, aos costumes, à tradição, à cultura como francês, hindu ou russo, e às inumeráveis crenças, superstições, experiências que constituem todo o *fundo* (*background*) em que vive a consciência e que se consolidou em conseqüência de nosso desejo de segurança. É a investigação e a destruição desse fundo que constitui a base correta para a meditação.

Sem liberdade não se pode ir muito longe; apenas divagamos para a ilusão, e isso nada significa. Se desejamos descobrir se existe ou não a Realidade, deveras almejamos levar a cabo este descobrimento — sem ficarmos apenas a brincar com idéias, por mais agradáveis, intelectuais, razoáveis ou aparentemente sensatas que sejam — necessitamos de liberdade, cumpre estar livre de conflito. E isso é dificílimo. É relativamente fácil fugir ao conflito; pode-se seguir um método, tomar uma pílula, um calmante, uma bebida, e perder a consciência do conflito. Mas o penetrar profundamente a questão do conflito requer atenção.

Atenção e concentração são duas coisas diferentes. Concentração é exclusão, é estreitar a mente ou o intelecto, para focá-la na coisa que se deseja estudar, observar. Isso é facilmente compreensível. E a concentração de exclusão cria distrações, não é verdade? Quando desejo concentrar-me e minha mente foge para outra coisa, essa outra coisa é uma distração e, por conseguinte, há conflito. Toda concentração implica distração, conflito e esforço. Por favor, não vos limiteis a seguir minhas palavras, minhas explicações, mas segui realmente vossos próprios conflitos, vossas distrações, vossos esforços. Esforço implica conflito, não? E só há esforço quando se deseja ganhar, alcançar, evitar, buscar ou rejeitar.

Este — se se me permite dizer — é um ponto muito importante, que cumpre compreender, isto é, que a concentração é exclusão, resistência, limitação da força pensante. A atenção não é idêntico "processo", absolutamente. A atenção é "inclusiva". Só se pode estar atento quando não há barreiras para a mente. Isto é, posso ver os rostos de todos vós na minha frente, ouvir vozes lá fora, notar o ruído ou o silêncio do ventilador, ver os vossos sorrisos e acenos de cabeça — a atenção abrange tudo isso e mais ainda. Mas, se meramente vos concentrais, não podeis incluir tudo isso, porquanto isso seria distração. Na atenção não há distração. Na atenção pode haver concentração, mas esta concentração é sem exclusão. A concentração, ao contrário, exclui a atenção. Isso talvez seja algo novo para vós; mas, se o experimentardes vós mesmos, vereis que existe uma qualidade de atenção capaz de escutar, de ver, de observar sem nenhum senso de identificação; nela, há visão completa, observação completa e, por conseguinte, nenhuma exclusão.

Estendo-me um pouco a este respeito porque acho muito importante compreender que quando a mente, o intelecto, está em conflito a respeito de qualquer coisa — a respeito de si própria, de seus problemas, seu vizinho, sua segurança — não pode ser livre. Assim, deveis vós mesmos descobrir se é possível, vivendo-se neste mundo — tendo-se de ganhar a vida, de viver a vida de família, com sua entediante rotina diária, suas ansiedades, o "sentimento de culpa" — se é possível penetrar muito profundamente, ultrapassar a consciência e viver sem conflito interior.

O conflito, por certo, existe quando desejamos "vir a ser" alguma coisa. Existe, quando há ambição, avidez, inveja. E é possível viver

neste mundo sem ambição, sem avidez? Ou o homem está destinado inapelavelmente a ser perpetuamente ávido, ambicioso, desejoso de preenchimento e sentindo-se frustrado, ansioso, "culpado", etc.? E é possível eliminar tudo isso? Porque, se não for eliminado, não se pode ir muito longe, uma vez que isso restringe o pensamento. E eliminar da consciência todo esse processo de ambição, inveja, avidez, é meditação. A mente ambiciosa não tem nenhuma possibilidade de saber o que é o amor; a mente entibiada pelos desejos mundanos nunca pode ser livre. Não quer isso dizer que a pessoa deva viver sem teto, sem comida, sem roupa, sem um certo grau de conforto físico; significa apenas que a mente ocupada com a inveja, o ódio, a avidez — seja avidez de conhecimentos, de Deus, seja de mais roupas — por se achar em conflito, jamais pode ser livre. E só a mente livre pode ir muito longe.

Conhecer a si mesmo é o começo da meditação. Sem conhecerdes a vós mesmos, o repetirdes uma quantidade de palavras da Bíblia, do *Gita*, ou de qualquer dos chamados livros sagrados, nenhuma significação tem. Isso poderá satisfazer a mente, mas uma pílula dá o mesmo resultado. Pelo repetir uma frase mais e mais vezes, torna-se o cérebro naturalmente quieto, sonolento e embotado; e como resultado desse estado de insensibilidade, de embotamento, pode-se ter alguma espécie de experiência, obter certos resultados. Mas a pessoa continua ambiciosa, invejosa, ávida, e cria inimizade. Assim, o aprender a conhecer a si própria, aquilo que a pessoa realmente é, é o início da meditação. Estou empregando a palavra "aprender" porque quando se está aprendendo, no sentido em que emprego a palavra, não há acumulação. O que chamais "aprender" é o processo de acrescentar mais e mais ao que já se sabe. Mas, para mim, no momento em que adquirimos, acumulamos, essa acumulação se torna conhecimento, e conhecimento não é "aprender". O aprender nunca é acumulativo; ao passo que a aquisição de conhecimento é um processo de condicionamento.

Se desejo aprender a conhecer-me, descobrir realmente o que sou, tenho de estar vigilante a todas as horas, a todos os minutos do dia, para ver como me estou exprimindo. Estar vigilante não é condenar ou aprovar, porém ver o que somos de momento a momento. Pois o que nós somos está sempre a modificar-se, — não é verdade? — nunca é estático. O conhecimento é estático; já o aprender a conhe-

cer o movimento da ambição nunca é estático, senão vivo, sempre movediço. Dessarte, aprender e adquirir conhecimento são duas coisas diferentes. O aprender é infinito, é um movimento em liberdade; o conhecimento tem um centro que está sempre acumulando e só conhece um movimento, que é o de acumular mais, de escravizar-se mais.

Para seguir esta coisa a que chamo "eu", com todas as suas nuanças, suas expressões, seus desvios, suas sutilezas, sua astúcia, deve a mente estar muito clara e vigilante, porquanto o que sou está sempre a mudar, a modificar-se, não é assim? Eu não sou o mesmo de ontem ou de há um minuto, porque cada pensamento e cada sentimento está modificando, moldando a mente. E se só vos interessa condenar ou julgar, de acordo com vossos conhecimentos acumulados, vosso condicionamento, não estais então seguindo a coisa, não a estais acompanhando, observando. Por conseguinte, o aprender a conhecer-vos importa muito mais que o adquirir conhecimentos acerca de vós mesmos. Não se pode ter um conhecimento estático a respeito de uma coisa viva. Pode-se ter conhecimento de algo passado e acabado, porque todo conhecimento está no passado; é estático, já morto. Mas uma coisa viva está sempre a mudar, sempre a sofrer modificações; ela difere a cada minuto, e vós tendes de segui-la, para conhecê-la. Não podeis compreender o vosso filho se continuamente o estiverdes condenando, justificando, ou com ele vos identificando; tendes de observá-lo, sem julgamento, quando ele dorme, quando chora, quando brinca — a todas as horas.

Assim, o aprender a conhecer a vós mesmo é o começo da meditação; aprendendo a conhecer-vos, ir-se-ão eliminando todas as ilusões. E isso é absolutamente essencial, pois, para se descobrir o que é verdadeiro — se existe a verdade, algo imensurável — não pode haver ilusão. E há ilusão quando há desejo de prazer, de conforto, de satisfação. Esse processo, naturalmente, é bem simples. Desejando satisfação, criais a ilusão e aí ficais atolado para o resto da vida. Aí estais satisfeitos; e a maioria das pessoas estão satisfeitas com o crerem em Deus. Assusta-as a vida, a insegurança, a agitação, a agonia, a "culpa", a ansiedade, as misérias e tristezas da vida; assim estabelecem, finalmente, algo a que chamam Deus, aonde se acolhem. E tendo-se rendido à crença, têm visões, e se tornam santos, etc. Isto não é investigar se existe ou não uma realidade. Ela poderá existir e poderá

não existir; compete-vos descobri-lo. E para o descobrirdes, precisais de liberdade no começo e não no fim — livres de todas essas coisas, tais como a ambição, a avidez, a inveja, a fama, o desejo de ser importante e todas as demais infantilidades.

Deste modo, ao aprenderdes sobre a vossa pessoa, estais penetrando em vós mesmo, não apenas no nível consciente, mas também no nível profundo, inconsciente, e trazendo à luz todos os secretos desejos, buscas, impulsos, compulsões. Destrói-se então o poder de criar ilusões, porque está lançada a base correta. Quando a mente, o intelecto, se examina, se observa a si mesmo no movimento do viver, nunca deixando sem exame e compreensão um só pensamento ou sentimento, então tudo isso, em sua totalidade, é percebimento. É estardes cônscio de vós mesmo, inteiramente, sem condenação, sem justificação, sem escolha — como quem olha o próprio rosto ao espelho. Não podeis então dizer: "Eu desejava ter um rosto diferente"; ele lá está, tal como é.

E com essa autocompreensão, o intelecto — que é mecânico e está sempre "tagarelando", reagindo a todas as influências, todos os desafios — se torna muito quieto, embora sensível e vivo. Ele não está morto; tornou-se um intelecto ativo, dinâmico, vigilante, mas, ao mesmo tempo, tranqüilo, silencioso, porque nenhum conflito tem. Está em silêncio porque eliminou, compreendeu todos os problemas que para si criara. Afinal, um problema só se torna existente quando uma dada questão não foi bem compreendida. Quando o intelecto examinou e compreendeu perfeitamente a ambição, acabou-se o problema da ambição. E, assim, o intelecto se tranqüilizou.

Podemos agora prosseguir, juntos, deste ponto, ou verbalmente ou fazendo realmente a viagem, e experimentando deveras — e isso significa eliminar completamente a ambição. Não se pode eliminar a ambição ou a avidez a pouco e pouco; aqui não há "mais tarde" nem "no ínterim". Ou a eliminamos totalmente, ou ela de modo nenhum é eliminada. Mas, quando se alcança o ponto em que não há mais avidez, nem inveja, nem ambição, o intelecto está então sumamente tranqüilo, sensível e, portanto, livre — e tudo isso é meditação; e então, mas não antes, pode-se ir mais longe. Ir mais longe, sem se ter chegado a este ponto, é mera especulação, sem nenhuma significação. Para se ir mais longe, cumpre estabelecer esta base, a qual

é realmente virtude. Não é a virtude da respeitabilidade, a moralidade social de uma dada coletividade, porém uma coisa extraordinária, pura, verdadeira, a qual se torna existente sem nenhum esforço e é, essencialmente, humildade. A humildade é essencial, mas não pode ser cultivada, desenvolvida, praticada. Dizer para si mesmo: "Serei humilde" é pura insensatez; é vaidade encoberta pela palavra "humildade". Mas há uma humildade que vem à existência naturalmente, inesperadamente, sem ser buscada; e nela não existe conflito, porque essa humildade nunca está subindo degraus, nunca está desejando.

Ora, quando se alcança este ponto, onde reina silêncio completo, onde o intelecto está inteiramente tranqüilo e é, portanto, livre, verifica-se um movimento todo diferente.

Ora, compreendei, por favor, que esse estado é, para vós, especulativo. Estou falando de algo que não conheceis e que, por conseguinte, pouco vos significa. Mas falo porque ele tem significação em referência ao todo, à totalidade da vida. Porque, se não soubermos distinguir entre o que é verdadeiro e o que é falso, se não descobrirmos se existe ou não a verdade, a vida se torna extremamente superficial. Quer nos denominemos cristãos ou budistas, quer nos denominemos hinduístas ou seja o que for, a vida da maioria de nós é bem superficial, vazia, monótona, mecânica. E com a mente mecanizada queremos descobrir algo inefável. Uma mente insignificante a buscar o imensurável continua insignificante. Por conseguinte, a mente embotada deve transformar-se. Estou, pois, falando a respeito de algo que podeis ter visto ou não ter visto; mas importa aprendê-lo, porquanto essa realidade inclui a totalidade da consciência, inclui toda a ação de nossa vida. Para descobrir isso, a mente deve tornar-se completamente quieta, *não* mesmerizando a si própria, *não* por meio de disciplina, repressão, ajustamento; tudo isso significa, apenas, substituir um desejo por outro.

Não sei se já vos ocorreu isto: estar com a mente serena. Não aquela espécie de tranqüilidade encontrável na igreja, ou o sentimento superficial que experimentais quando caminhais pela rua ou passeais num bosque, ou quando estais ocupado com o rádio ou a cozinha. Essas coisas exteriores podem absorver-vos — e de fato absorvem — produzindo uma certa forma de serenidade temporária. Isso é semelhante ao que acontece com o garoto entretido com um brinquedo;

o brinquedo é tão interessante que absorve sua energia e pensamento; mas isso não é tranqüilidade. Refiro-me à tranqüilidade que se verifica quando a totalidade da consciência foi compreendida e já não há buscar, desejar, tatear no escuro e, por conseguinte, ela se tornou perfeitamente serena. Nessa serenidade há um movimento completamente diferente; esse movimento é atemporal. Não tenteis reter estas frases, porque elas em si nada significam. Nosso intelecto, nossos pensamentos resultam do tempo; assim, pensar a respeito do atemporal nenhuma significação tem. Só quando o intelecto se tranqüilizou, quando já não busca, nem evita, nem resiste, porém se acha totalmente tranqüilo por ter compreendido todo este mecanismo, só então, nessa tranqüilidade, se manifesta uma vida de espécie diferente, um movimento que transcende o tempo.

PERGUNTA: Não existe esforço correto?

KRISHNAMURTI: Para mim não existe esforço correto nem esforço incorreto. Todo esforço produz conflito, não é verdade? Quando amais uma coisa, nisso não existe esforço nem conflito, existe? Percebo que se torna necessária uma imensa transformação neste mundo. Com tantos líderes políticos em toda a parte — comunistas, capitalistas, autoritários — é indispensável a transformação interior do homem. Há necessidade de mutação; e desejo averiguar exatamente o que significa a transformação. Ela pode ser produzida por meio de esforço? Quando empregais a palavra "esforço", ela implica — não é verdade? — um centro de onde estais fazendo um esforço para modificar algo. Eu desejo modificar minha ambição, destruí-la. Ora, qual a entidade que deseja destruir a ambição? A ambição é coisa separada da entidade? A entidade que está observando a ambição e procurando modificá-la, transformá-la noutra coisa, é, por conseguinte, ainda ambiciosa; portanto, isso não é modificação nenhuma. O que produz mutação é, simplesmente, o observar, o ver, sem julgar, sem avaliar — o simples observar. Mas esse ver, esse observar é impedido porque estamos condicionados para condenar, justificar, comparar. É o descondicionamento do intelecto que produz mutação.

É preciso perceber todo o absurdo de se estar condicionado, influenciado — pelos pais, pela educação, pela Igreja, pela propaganda de dez mil anos ou de dois mil anos. Interiormente, existe um centro que se formou em torno de tudo isso; o centro é isso mesmo. E quando esse centro verifica que uma coisa é desvantajosa, procura tornar-se

outra coisa que lhe parece mais vantajosa. Mas nós somos impedidos de perceber isso por causa de nosso condicionamento como cristãos, ingleses, alemães; da influência de outras pessoas; de nosso próprio escolher; do exemplo, dos heróis, etc. Tudo isso impede a mutação. Mas o compreender que estamos condicionados, o perceber o fato, sem astúcia, sem desejo de vantagem — perceber, simplesmente, não verbal ou intelectualmente, porém realmente, em contato emocional com esse condicionamento — depende de escutarmos o que se está dizendo. Se agora escutais, no momento em que se está dizendo a coisa, estais em contato emocional com o fato; e então não há escolha: é um fato, tal como um choque elétrico. Mas vós não desejais esse choque emocional, porque vós vos defendeis, vos protegeis verbalmente, dizeis: "Que será de mim, se eu tudo perder, psicologicamente?" Mas o homem que deseja realmente descobrir, que tem fome disso, tem de libertar a mente de todas as influências e de toda a propaganda.

Estranha ver como a propaganda se tornou importante em nossas vidas. Ela existe há séculos, mas atualmente se está tornando cada vez mais generalizada — as falas insinceras — o proselitismo — a Igreja a martelar incessantemente as suas palavras... E estar livre de tudo isso significa observar cada pensamento, cada emoção que surge de momento a momento, tratar de conhecer tudo isso. Vereis então que, quando observais completamente, não há nenhum processo de prolongar deliberadamente o período do descondicionamento: este se verifica imediatamente e, por conseguinte, não há necessidade de esforço algum.

PERGUNTA: Como podem as pessoas, inclusive eu próprio, ter esse amor da realidade?

KRISHNAMURTI: Vós não o podeis ter, senhor; não o podeis comprar. Para os que não conhecem o amor, não há sacrifício ou barganha que o traga. Como se obtém o amor? Por meio de exercício, de esforço, da ordem de amar, dia após dia, ano após ano? A simples amabilidade não é amor; mas o amor inclui a amabilidade, a delicadeza, a consideração para com outro. Vede, o amor não é um resultado final; e no amor não há apego. Só vem o amor quando não há medo. Um homem pode ser casado, viver com sua família, e amar sem apego. Mas isso é incrivelmente difícil; requer vigilância de todas as horas.

PERGUNTA: A energia necessária à investigação sobre a morte difere da energia requerida para a meditação?

KRISHNAMURTI: Expliquei há dias que para se viver com a morte ou viver com qualquer coisa — com a esposa, o marido, os filhos, o vizinho — necessita-se de energia. Requer-se energia para se viver com uma coisa bela ou com uma coisa feia. Se não tendes energia para viver com a beleza, vos acostumais com a beleza. E se não tendes energia para viver com uma coisa feia, essa fealdade vos corrompe, vos corroe. E da mesma maneira, o viver com a morte — que significa morrer para todas as coisas, cada dia, cada minuto — requer energia. E então não há medo à morte, conforme já examinamos antes. Essa mesma energia é necessária à autocompreensão. Como podeis compreender-vos, se para tanto não tendes energia? Nasce essa energia quando não há medo, nem apego à vossa propriedade, vosso marido, vossa esposa, vossos filhos, vossa pátria, vossos deuses e crenças. Tal energia não pode ser dosada; precisamos dela toda inteira para examinarmos esta coisa. Não há diferença entre energias: só há energia.

PERGUNTA: Qual a diferença entre concentração e atenção?

KRISHNAMURTI: Este cavalheiro deseja saber qual a diferença entre concentração e atenção. Entrarei na questão muito sucintamente. Onde há concentração há "pensador", e o pensador se separa do pensamento e, por conseguinte, tem de concentrar-se no pensamento a fim de modificá-lo. Mas o próprio pensador resulta do pensamento. O pensador não difere do pensamento. Não havendo pensamento, não há pensador.

Ora, na atenção não há pensador, nem observador; a atenção não parte de um centro. Experimentai isso; prestai atenção a tudo o que vos cerca; escutai os vários ruídos, vede os movimentos das pessoas enquanto falamos, o tirar um lenço do bolso, o olhar para um livro — tudo isso se está passando agora. Nesta atenção não há pensador, e, por conseguinte, não há conflito, nem contradição, nem esforço. Observar exteriormente é relativamente fácil, mas estar atento interiormente para cada pensamento, cada gesto, cada palavra, cada sentimento, isso requer energia. Com essa atenção, estamos livres de todo o mecanismo do pensar; e só então é possível transcender a consciência.

21 de setembro de 1961.

PARIS — IX

Perenidade Espiritual

Esta é a última palestra. Discorrerei sobre o sofrimento e a mente religiosa. Há sofrimento em toda a parte, exterior e interiormente. Vemo-lo tanto nas altas como nas baixas camadas sociais. Ele existe há milhares de anos, diversas teorias já se conceberam a seu respeito e as religiões dele já falaram muito; entretanto, ele continua. É possível extinguir o penar, ficar realmente, interiormente, de todo livre dele? Não existe só o sofrimento da velhice e da morte, mas também o sofrimento do insucesso, da ansiedade, da culpa, do medo, o sofrimento causado pela contínua brutalidade, pela crueldade do homem para com o homem. Pode-se extirpar a causa desse sofrimento — não em outrem, mas em nós mesmos? Ora, por certo, se desejamos efetuar qualquer transformação, ela deve começar em nós mesmos. Afinal, não há separação entre o indivíduo e a sociedade. Nós somos a sociedade, o "coletivo". Como franceses, russos, ingleses, hindus, somos o resultado de reações coletivas, desafios e influências coletivos. E no transformar esse centro individual, talvez se possa alterar a consciência coletiva.

A meu ver, a presente crise não é tanto uma crise do mundo exterior, mas uma crise existente na consciência, no pensamento, em nosso ser inteiro. E acho que só a mente religiosa pode resolver esse sofrimento, pode dissipar inteira e completamente todo o processo do pensamento e o resultado que o pensamento produz, na forma de sofrimento, medo, ansiedade e culpa.

Já tentamos tantas maneiras de nos livrarmos do sofrimento: freqüentar a igreja, refugiar-nos em crenças e dogmas, aderir a várias

atividades sociais e políticas — e inumeráveis outras maneiras de fugir a essa perpétua corrosão do medo e do sofrimento. Só a mente religiosa pode resolver o problema. E por "mente religiosa" entendo algo completamente diferente da mente, do intelecto que crê na religião. Não há religião onde há crença. Não há religião se existe dogma, perpétua repetição de palavras, palavras, palavras, sejam em sânscrito, sejam em latim, sejam noutra língua qualquer. "Ir à missa" é uma forma de entretenimento como outra qualquer; não é religião. Religião não é propaganda. Quer vosso intelecto seja condicionado pela "gente da igreja", quer pelos comunistas, é a mesma coisa. Religião é algo inteiramente diferente de crença e não crença; e desejo penetrar bem na questão relativa à mente religiosa. Fique, portanto, bem claro para nós que religião não é a fé que professais: isso é muito infantil. E onde não há madureza, não pode deixar de haver sofrimento. Requer-se muita madureza para se descobrir o que é uma mente verdadeiramente religiosa. Esta não é, por certo, a mente que crê, nem aquela que segue qualquer espécie de autoridade, seja a do maior dos instrutores, seja a do chefe de determinada seita. Assim, evidentemente, a mente religiosa está livre de todo sectarismo e, por conseguinte, de toda autoridade.

Posso digressionar agora um pouco, para dizer umas breves palavras a respeito de outra coisa? Alguns de vós vindes escutando estas palestras com bastante assiduidade, nestas últimas semanas. E se vos fordes daqui com uma grande coleção de conclusões, com um novo conjunto de idéias e frases, ir-vos-eis de mão vazias, ou com as mãos cheias de cinzas. Conclusões e idéias, de qualquer espécie que sejam, não resolvem o sofrimento. Assim, espero sinceramente que não fiqueis apegados às palavras mas viajeis junto comigo, a fim de podermos ultrapassar as palavras e descobrir, por nós mesmos, o que é real e, daí, empreender viagem para mais longe. O descobrimento do que existe em nós mesmos, como fato e realidade, faz nascer uma reação e ação de natureza completamente diferente. Espero, pois, não leveis convosco as cinzas das palavras, da memória.

Como dizia, a mente religiosa está livre de toda autoridade. E é muito difícil estar livre da autoridade — não só da autoridade imposta por outrem, mas também da autoridade da experiência que acumulamos, que é do passado, que é tradição. E a mente religiosa não tem crenças, não tem dogmas; ela se move de fato para fato e é, por-

tanto, uma mente científica. Mas a mente científica não é a mente religiosa. A mente religiosa inclui a mente científica; mas a mente treinada no saber científico não é mente religiosa.

A mente religiosa se interessa pela totalidade — não por uma determinada função mas, sim, pelo total funcionamento da existência humana. O intelecto se interessa por determinada função; especializa-se. Ele funciona especializadamente, como cientista, médico, engenheiro, músico, artista, escritor. São estas técnicas especializadas, limitadas, que criam a divisão, não só exterior, mas também interiormente. O cientista, provavelmente, é considerado como a pessoa mais importante de que necessita a sociedade hoje em dia, tal como o é o médico. A função, portanto, se torna de suma importância; e a ela está ligada a posição, e posição é prestígio. Assim, onde há especialização tem de haver contradição e uma limitação, e esta é a função do intelecto.

Cada um de nós, por certo, funciona dentro de uma estreita rotina de reações autoprotetórias. É aí que tem nascença o "eu", o "ego" — no intelecto, com suas defesas, agressões, ambições, frustrações e sofrimentos.

Há, pois, uma diferença entre o intelecto e a mente. O intelecto é "separativo", "funcional", não pode ver o todo; ele funciona dentro de um padrão. E a mente é a totalidade que pode ver o todo. O intelecto está contido na mente; mas o intelecto não contém a mente. E por mais que o pensamento se purifique, se requinte e se controle, ele de modo nenhum pode conceber, formular ou compreender o todo. É a capacidade da mente que percebe o todo, e não o intelecto.

Mas nós desenvolvemos o intelecto num grau espantoso. Toda nossa educação se restringe ao cultivo do intelecto, porque há vantagem no cultivo de uma técnica, na aquisição de conhecimento. A capacidade de perceber o todo, a totalidade da existência — esta percepção não tem o móvel da vantagem; por esse motivo a desprezamos. Para nós, função importa mais que a compreensão. E só há compreensão quando há o percebimento do todo. Ainda que o intelecto seja capaz de discernir a razão, o efeito, a causa das coisas, o sofrimento não pode ser resolvido pelo pensamento. É só quando a mente percebe a causa, o efeito, o processo total, e passa além, é só então que tem fim o sofrimento.

Para a maioria de nós, a função se tornou muito importante porque a ela está ligada a posição, a situação, a classe. E quando a

posição se torna existente em virtude da função, há contradição e conflito. Como respeitamos o cientista e desprezamos o cozinheiro! Como veneramos o Primeiro Ministro, o General, e desconsideramos o soldado! Vemos, pois, que há contradição quando a posição está aliada à função; há distinção de classes, lutas de classes. Uma sociedade poderá procurar extirpar as classes, mas enquanto a posição acompanhar a função, tem de haver classes. E é isso o que todos desejamos. Todos desejamos posição, que significa poder.

Como sabeis, o poder é uma coisa extraordinária. Todos o ambicionam: o eremita, o general, o cientista, a dona-de-casa, o marido. Todos desejamos o poder: o poder que o dinheiro confere, poder para dominar, o poder do saber, o poder da capacidade. Ele nos dá posição, prestígio, e é isso que desejamos. E o poder é coisa má, seja o poder do ditador, seja o poder da esposa sobre o marido ou do marido sobre a esposa. É mau, porque força outrem a submeter-se, a ajustar-se; e nesse processo não há liberdade. Mas nós o ambicionamos, muito sutilmente ou muito cruelmente; e é por isso que buscamos o saber. O conhecimento é importantíssimo para a maioria de nós, e temos na mais alta consideração o homem ilustrado, com suas sutilezas intelectuais, porque ao saber se associa o poder.

Tende a bondade de *escutar*, não apenas a mim, mas à vossa mente, vosso intelecto e coração. Observai-os, para verdes com que avidez a maioria de nós deseja esse poder. E, quando há busca de poder, não há aprender. Só a mente "inocente" pode aprender; só a mente jovem, fresca, se deleita em aprender, e não a mente, o intelecto pejado de saber, de experiência. A mente religiosa, pois, está sempre aprendendo, e não há fim ao aprender. Aprender não é acumulação de conhecimentos. No conservar e aumentar o saber, deixamos de aprender. Segui isto até o fim.

Quando se observam todas essas coisas, pode-se ficar cônscio de um extraordinário sentimento de isolamento, solidão. Em geral, temos experimentado ocasionalmente esse sentimento de estar completamente só, fechado, sem relação com nenhuma coisa ou pessoa. E ao se perceber isso, sente-se medo; e quando existe medo, apresenta-se imediatamente o impulso, a ânsia de fugir-lhe. Segui tudo isso interiormente, porque não estou aqui pronunciando uma conferência; estamos, realmente, jornadeando juntos. E se puderdes fazer essa

viagem, saireis daqui com uma mente bem diversa, um diferente intelecto.

Temos de passar por esse sentimento de solidão, mas não o podeis fazer se tendes medo. Essa solidão é, em verdade, criada pela mente, com suas reações autoprotetórias, suas atividades egocêntricas. Se observardes vosso próprio intelecto, vereis como vos estais isolando em tudo o que fazeis e pensais. Tudo isso que se relaciona com "*meu* nome, *minha* família, *minha* posição, *minhas* qualidades, *minhas* aptidões, *minha* propriedade, *meu* trabalho" — vos está isolando. Assim, tendes a solidão, e não a podeis evitar. Vós tendes de passar por ela de maneira tão real como passais por uma porta. E para passardes por ela, tendes de "viver com ela". E "viver com a solidão", "passar pela solidão", significa alcançar uma coisa muito superior, um estado muito mais profundo, que é o "estar só" — completamente só, sem conhecimento. Com isso não quero dizer que nos privemos do conhecimento mecânico superficial, necessário à existência diária; o intelecto não precisa ser completamente drenado, mas o que quero dizer é que o conhecimento que adquirimos e armazenamos não deve ser usado para nossa própria expansão e segurança psicológica. Com a palavra "solidão" me refiro a um estado não atingível por nenhuma espécie de influência. Já não é um estado de isolamento, porque o isolamento foi compreendido; compreendeu-se todo o processo mecânico do pensar, da experiência, do desafio e reação.

Não sei se já refletistes alguma vez sobre este problema do desafio e reação. O intelecto está sempre reagindo a toda espécie de desafio, consciente ou inconsciente. Toda influência se imprime no intelecto, e o intelecto reage. Tende a bondade de seguir isto, porque, se penetrardes mais profundamente, vereis que não há mais desafio nem reação — mas isso não significa que a mente se acha adormecida. Pelo contrário, está completamente desperta, tão desperta que já não necessita de nenhum desafio e nem há necessidade de nenhuma reação. Esse estado, em que não há na mente desafio ou reação, porque ela compreendeu todo o processo — esse estado é "solidão". Assim, a mente religiosa compreende tudo isso, passa por tudo isso, não através do tempo, mas pelo imediato percebimento.

O tempo traz compreensão? Tereis compreensão amanhã? Ou só há compreensão no presente ativo, agora? Compreensão é ver uma dada coisa totalmente, imediatamente. Mas essa compreensão é impe-

dida pela avaliação, sob qualquer forma. Todo verbalizar, condenar, justificar, etc., impede o percebimento. Dizeis: "Precisa-se de tempo para compreender. Preciso de muitos dias para isso". E durante "estes muitos dias" o problema vai lançando raízes mais profundas na mente, e se torna muito mais difícil erradicá-lo, seja qual por esse problema. A compreensão, pois, está no presente imediato e não em prazos de tempo. Quando percebo uma coisa com toda a clareza, imediatamente, há compreensão. O "imediato" é que importa, e não o adiamento. Se bem percebo o fato de que sou colérico, ciumento, ambicioso, etc., se o percebo sem emitir opinião, avaliação, ou juízo, então o próprio fato começa a operar imediatamente.

Assim, a qualidade da "solidão" é o estado próprio de uma mente de todo desperta. Ela não está pensando em termos de tempo. E isso é verdadeiramente extraordinário, como vereis se o investigardes. A mente religiosa, pois, não é uma mente "evolucionária"; porque a Realidade está fora do tempo. Importa realmente compreender isso, se chegastes até aí em vossa viagem de descobrimento.

Notai que o tempo cronológico e o tempo psicológico são duas coisas diferentes. Nós estamos falando sobre o tempo psicológico, a exigência interior de mais dias, mais tempo para realizar algo — e isso sugere o ideal, o herói, o intervalo entre o que sois e o que deveríeis ser. Dizeis que para transpor esse intervalo, lançar uma ponte sobre ele, necessita-se de tempo; mas tal atitude é uma forma de indolência, porque podereis ver essa coisa imediatamente, se lhe derdes toda a vossa atenção.

À mente religiosa, portanto, não interessa o progresso, o tempo; ela se acha num estado de constante atividade, mas não no sentido de "vir a ser" ou "ser". Podeis verificar isso agora, embora provavelmente não o desejeis fazer. Porque, se o fizerdes, vereis que a mente religiosa é destrutiva; pois sem destruição não há criação. Há destruição, quando a totalidade da mente aplicou sua atenção ao que *é*. O perceber o falso como falso, percebê-lo completamente, é a destruição do falso. Não é a ação destrutiva dos comunistas, dos capitalistas — nenhuma dessas infantilidades. A mente religiosa é destrutiva e, por ser destrutiva, é criadora. Criação é destruição.

E não há criação quando não há amor. Para nós, o amor é uma coisa estranha. Vós dividistes o amor em paixão, concupiscência, amor carnal e amor divino, amor da família, amor da pátria, e continuais

por aí além a dividi-lo e tornar a dividir. E na divisão, há contradição, conflito e sofrimento.

O amor, para a maioria de nós, é paixão, concupiscência; e neste próprio processo de identificação com outro há contradição, conflito, e o começo do sofrimento. E, para nós, o amor se extingue. O fumo (criado por esse processo) — o ciúme, o ódio, a inveja, a avidez — destrói a chama. Mas onde está o amor, aí está a beleza e a paixão. Deveis ter paixão, mas não traduzais prontamente esta palavra em "paixão sexual". Por "paixão" entendo a "paixão da intensidade", essa energia que de pronto percebe as coisas, claramente, ardentemente. Sem paixão, não há austeridade. A austeridade não é mera renúncia, nem o possuir restrito, ou autocontrole, pois tudo isso é sem importância, insignificante. A austeridade vem com o desprendimento, e no desprendimento, há paixão e, por conseguinte, beleza. Não a beleza criada pelo homem; não a beleza artística, embora eu não queira dizer que aí não haja beleza. Mas refiro-me a uma beleza que transcende o pensamento e o sentimento. E esta só pode surgir quando há alta sensibilidade intelectual, bem como corpórea e mental. E não pode haver sensibilidade dessa natureza e qualidade quando não há completo desprendimento, quando o intelecto não se está abandonando inteiramente à totalidade daquilo que a mente percebe. Porque só com esse abandono há paixão.

A mente religiosa, pois, é a mente destrutiva. E é a mente religiosa que é mente criadora, porque o que a interessa é a totalidade da existência. O seu criar não é como a ação criadora do artista, porque a este só interessa um certo segmento da existência e ele procura expressar o que aí sente, assim como o homem mundano procura expressar-se nas atividades de seus negócios — embora o artista se considere superior a qualquer outro. A criação, pois, se verifica quando há compreensão da totalidade da vida, e não de uma única parte dela.

Agora, se o intelecto alcançou este ponto e compreendeu todo o processo da existência, descartando-se de todos os deuses que o homem fabricou, de seus salvadores, seus símbolos, seu céu, seu inferno, então, como há completa solidão, poder-se-á empreender uma jornada de todo diferente. Mas é necessário chegar até aí, antes de se poder negar ou afirmar a existência de Deus. Daí por diante, há o verdadeiro descobrimento, porque o intelecto, a mente destruiu completamente tudo o que conhecia. Só então é possível penetrar no

"desconhecido"; só então se apresenta o Incognoscível. Ele não é o Deus das igrejas, dos templos, das mesquitas; não é o Deus de vossos temores e crenças. Existe uma realidade que só pode ser encontrada na compreensão total do processo integral da existência, e não de apenas uma parte dela.

Então a mente, como vereis, se torna sobremodo quieta e tranqüila, e o intelecto também. Não sei se já alguma vez notastes o vosso intelecto em funcionamento, se vosso intelecto já alguma vez percebeu a si mesmo em ação! Se estivestes assim atento, sem escolha, negativamente, deveis ver que o intelecto está perenemente "tagarelando", "falando sozinho" ou sobre alguma coisa, acumulando e armazenando conhecimentos. Está em ação a todas as horas, conscientemente, nos níveis superficiais, e também profundamente, em sonhos, sugestões, comunicações de idéias, etc. Ele está sempre em movimento, mudando, atuando; jamais tranqüilo. E é necessário que a mente, o intelecto se mantenha sereno, quieto, sem nenhuma contradição, nenhum conflito. Do contrário, é inevitável a "projeção" da ilusão. Mas, quando a mente e o intelecto estão completamente tranqüilos, sem movimento algum — após terem-se apagado todas as formas de visão, influência e ilusão — então, nessa tranqüilidade, a totalidade irá mais longe, em sua jornada, para receber aquilo que não é mensurável pelo tempo, o Indenominável, o Eterno, o Imperecível.

PERGUNTA: O problema todo não consiste em eliminar algo que *não é*, a fim de receber aquilo *que é*?

KRISHNAMURTI: Ora, buscar confirmação é um tanto absurdo, se permitis dizê-lo. Isso de que estivemos falando não necessita ser confirmado. Ou assim é — e está certo; ou não é assim — certo está também. Mas não podeis buscar confirmação da parte de outro, vós mesmo tendes de descobrir.

PERGUNTA: O estado mental em que não há desafio e reação é equivalente à meditação?

KRISHNAMURTI: Eu disse muito precisamente que não há meditação quando não há autoconhecimento. O lançamento da base correta, que é a meditação, significa estar livre da ambição, da inveja, da avidez, e da adoração do êxito. E se, depois de lançada a base correta, formos mais longe, mais profundamente, não haverá mais desafio nem reação.

Mas esta é uma longa jornada, que não se faz no tempo, que não se faz em dias e anos, porém no rigoroso autoconhecimento.

PERGUNTA: Não existe um medo não resultante do pensamento?

KRISHNAMURTI: Dissemos que existe o medo instintivo, físico. Quando vemos uma cobra, ou um ônibus passa em disparada, recuamos — e esta é uma autoproteção natural, salutar. Mas todas as formas de autoproteção psicológica conduzem à insanidade mental.

PERGUNTA: No morrer, não há um novo existir?

KRISHNAMURTI: No morrer, conforme verificamos, não há "vir a ser", e não há ser. É um outro estado, em todos os sentidos.

PERGUNTA: Por que não nos encontramos sempre nesse estado maravilhoso?

KRISHNAMURTI: O fato verdadeiro é que não vos encontrais nele. O que sois é tudo resultado de vosso condicionamento. Investigar, com total compreensão do que sois, é lançar a base correta para novos descobrimentos.

Receio que o que sucedeu foi que não *escutastes* nada do que estivemos falando. Esta é a última palestra, e seria lamentável se escolhêsseis as partes que vos agradam e levásseis para casa essas cinzas. O que estivemos dizendo, da primeira à última palestra, é um só todo. Não pode haver escolhas ou preferências. Ou tendes de levar tudo, ou nada absolutamente. Mas, se tiverdes lançado a base correta, podereis ir muito longe — mas não, como eu disse, em prazos de tempo; "longe", no sentido da realização de uma imensidade não definível em palavras, nem em tintas, nem no mármore. Sem este descobrimento nossa vida é vazia, sem profundidade e insignificante.

24 de setembro de 1961.

KRISHNAMURTI

Jiddu Krishnamurti nasceu na Índia do Sul, em 1895, e foi educado na Inglaterra. Embora não tenha ligações com nenhuma organização filosófica ou religiosa nem se apresente com títulos universitários, vem fazendo conferências para grupos de líderes intelectuais, nas maiores cidades do mundo, há já várias dezenas de anos.

Além dos volumes editados pela Cultrix, numerosas publicações, de palestras e conferências suas, já foram lançadas em português pela Instituição Cultural Krishnamurti, com êxito igual ao obtido quando lançadas em espanhol, francês, alemão, holandês, finlandês e em vários outros idiomas além do original inglês.

*

Obras de Krishnamurti
Publicadas pela
EDITORA CULTRIX
(*em traduções de Hugo Veloso*)

A Educação e o Significado da Vida
A Primeira e Última Liberdade
Comentários Sobre o Viver
Reflexões Sobre a Vida
Diálogos Sobre a Vida
A Cultura e o Problema Humano
Uma Nova Maneira de Agir
Liberte-se do Passado
A Suprema Realização
O Mistério da Compreensão
A Importância da Transformação
O Passo Decisivo
Fora da Violência
A Mutação Interior
O Homem Livre
O Descobrimento do Amor